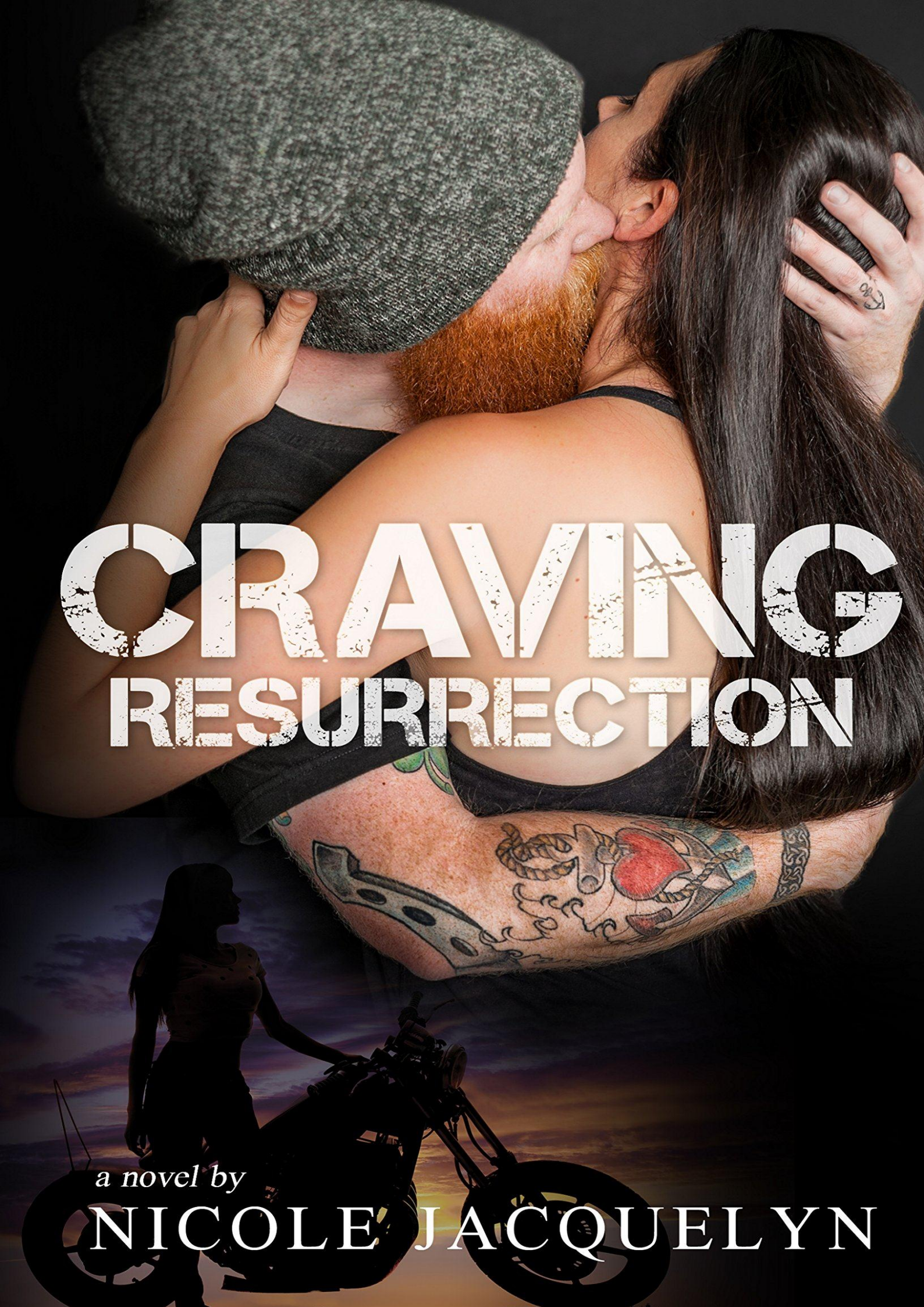
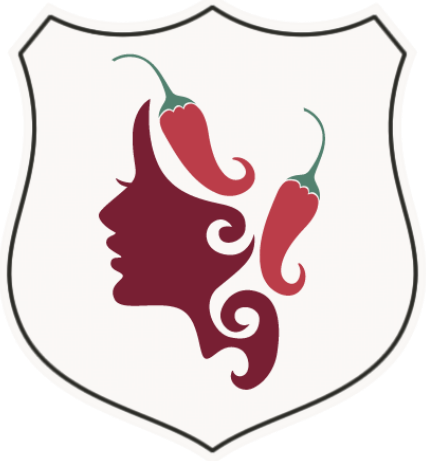

CRAVING
RESURRECTION
a novel by
NICOLE JACQUELYN



Nicole Jacquelyn

#4 Craving Resurrection

Série The Aces

Craving Resurrection Copyright © 2014 Nicole Jacquelyn

SINOPSE

A história de Poet e Amy.

O futuro de Patrick Gallagher foi traçado - e não inclui Amy Henderson ou o IRA.

Ela era tudo que ele nunca quis. Muito jovem. Também ingênua.

Infelizmente, ele não podia deixar de estar fascinado pela garota que se refugiou em seu antigo quarto, ficando com sua mãe com mais frequência do que não.

Ela parecia uma pintura renascentista e argumentava como um advogado. Ele não podia resistir a ela, e em pouco tempo, ele nem sequer quis isso.

Em vez disso, ele a amava incondicionalmente... então ele se casou com ela.

Mas ele não poderia ter se preparado para o que aconteceu depois.

Ações, não importam quão grandes ou pequenas elas sejam, tem consequências - e quando o IRA vem batendo, ele é sugado para uma vida que ele nunca tinha antecipado.

Escolhas foram feitas.

Corações foram quebrados.

Confiança foi quebrada.

Vidas foram perdidas.

Através de tudo isso, ele a amava.

Era um amor que durou décadas.

Épico.

Intenso.

Inquestionável.

Inquebrável.

A SÉRIE

Série The Aces - Nicole Jacquelyn



Prólogo

AMY

Eu não estava nervosa enquanto atravessava o portão aberto, embora eu tivesse esperança de ter seguido as indicações certas e que o assassino do machado não estivesse à minha espera no final da estrada. O meu novo Prius estava tão ridiculamente quieto que eu conseguia ouvir cada esmagar dos galhos debaixo dos pneus. Eu até conseguia ouvir os grilos chiando nas árvores à minha esquerda, embora isso fosse possível com as quatro janelas do meu carro abaixadas. Eu odiava dirigir com as janelas fechadas nessa altura do ano. Tudo em Oregon cheirava tão bem na Primavera, com o cheiro de novas flores a florescer e com o cheiro de chuva quase sempre presente no ar. Era tudo tão diferente do que aquilo que eu tinha vivido nos últimos estranhos vinte anos que eu não conseguia ter o suficiente.

A estrada se dividiu como ele disse que faria, e no final à esquerda estava o grande edifício que eu estava à procura. Eu dei um grande suspiro de alívio quando eu vi a linha de motos encostadas nela. Eu estava no lugar certo. Patrick tinha dado indicações bastante vagas quando tínhamos conversado dois meses atrás, mas eu não achava que ele imaginava que eu viria ao clube, especialmente sem falar com ele primeiro.

O seu número tinha queimado um buraco no meu bolso imaginário durante meses, mas eu tinha me recusado a ligar. Eu queria estabelecer a minha vida antes de lidar com a merda dele, e eu pensava que isso não era sem sentido. Infelizmente, ele não concordava.

Eu não liguei, mas o homem não me dava descanso, me ligando e me mandando mensagens durante meses. Depois de várias mensagens que eu não conseguia decifrar, eu finalmente percebi que os seus polegares deviam ser grandes demais para o pequeno teclado. Acrescentando ainda o corretor, o que eu recebia eram mensagens que pareciam ter sido escritas por uma criança de cinco anos, o que era ridículo considerando o quão instruído ele era. Demorou menos de uma semana para que as mensagens mudassem e eu me perguntasse por

que eu ainda não tinha ligado. A única razão pela qual eu sabia disso tudo era porque ele não estava satisfeito com as mensagens; todas as chamadas eram também seguidas por mensagens de voz evasivas.

Como se ele tivesse o direito de esperar algo de mim.

Eu balancei a cabeça enquanto saía do carro e colocava o meu loiro cabelo prateado por cima do meu ombro. Eu puxei metade dele num espesso e solto rabo de cavalo perto da base do meu pescoço, e por um segundo, eu desejei ter trazido um elástico maior para que eu pudesse puxá-lo para cima para não cair tanto nos olhos. Uma bandana também não teria resolvido o problema.

Deus, no que eu estava pensando?

Eu tinha trabalhado muito para estar onde eu estava, e eu estava confortável em minha própria pele por um longo fodido tempo. Eu não estava prestes a me tornar consciente com algo tão estúpido como a forma como eu parecia. Eu era forte, capaz e inteligente, essas eram as coisas que interessavam. Apesar disso, eu parecia bastante bem para uma mulher que tinha mais de quarenta anos de idade. A ioga tinha me mantido elegante e uma vida saudável tinha mantido a minha pele firme e os meus seios elevados. Eu não ia me diminuir, pelo amor de Deus. Eu não iria me diminuir por ninguém.

Uma porta estava aberta na direita de um estacionamento que estava fechado à noite, e eu andei com os meus ombros erguidos e o meu queixo elevado. Eu sabia que eu deveria estar com medo de entrar num local cheio de motoqueiros que eu não conhecia, mas eu não estava.

Eu realmente não tinha medo de nada. Eu acho que pode ser o que acontece quando você vive através de algo que você nunca imaginou que você iria sobreviver. Tudo parecia insignificante em comparação.

O lugar estava cheio, com homens vestidos de couro por toda a sala e mulheres jovens seminuas de várias formas, tamanhos e etnias sentadas em colos e se exibindo para quem quisesse olhar. Bom Deus parecia uma casa de fraternidade com homens velhos. Eu tenho quase a certeza que já vi um filme assim...

Concentração.

— Amy, você está linda, como sempre. — disse uma voz profunda atrás de mim, fazendo com que eu me virasse.

— Charlie. — sorri enormemente quando reconheci o seu rossto, muito mais velho do que eu me lembrava. — Você não parece surpreso em me ver.

— Não estou surpreso por te ver, estou mais surpreso com o que você está vestindo. — respondeu ele enquanto sorria e se inclinava para beijar a minha bochecha. — Eu sabia que ele te viu há poucos meses atrás, mas ele não disse uma palavra sobre reconciliação. Quando você virou uma fodida ambientalista?

— Provavelmente na mesma época em que você virou presidente.

— Porra, tanto tempo? Por favor, me diga que você ainda se depila. — ele se inclinou para levantar o meu braço e verficar os pêlos da minha axila e eu não pude deter uma gargalhada alta que saiu da minha boca.

— Não seja um idiota.

— Ah, posso ver que ainda cuida disso. — ele piscou, apertando o meu braço gentilmente. — Eu me lembro de quando Poet falava e falava sobre a forma como você depilava a sua buceta.

— Cala a boca, porra! — Deus, eu não conseguia acreditar que ele ainda me envergonhava com as suas palavras idiotas.

— Quem no inferno... — disse uma nova voz que vinha do meu lado, eu suspirei profundamente e me virei para ver quem tinha falado. Ela usava um top da Harley e calças decoradas e eu achava que a conhecia de algum lugar. — Puta merda. *Amy*?

— Olá, Vera. — eu senti minha garganta ficar apertada enquanto o seu rosto se abria em num sorriso enorme.

— Mas que porra você esta fazendo aqui? Merda, você parece bem! — ela cheirava a baunilha e cigarros enquanto enrolava os seus braços magros em mim, e eu não podia evitar abraçá-la também. Eu sentia falta desses dois. Talvez se as coisas tivessem sido diferentes... não, eu não podia pensar nisso.

— Olha para o seu cabelo! — disse ela, passando os dedos pela minha cabeça.

— Merda, está fantástico! Você está aqui para ver Poet?

— Poet? Esse é o nome que ele usa? — perguntei, rolando os meus olhos.

— Nome de estrada. Outra pessoa escolheu.

— Certo. — assenti. — Sim, onde é que ele está?

— Eu vou buscá-lo. — disse Charlie rapidamente com um pequeno sorriso.

— Slider, — advertiu Vera.

— Slider? — bufei. — Eu nem quero saber da onde veio isso. Não se preocupe, me diga onde é que ele está. Eu não dou a mínima para o que ele está fazendo. Eu só preciso falar com ele rapidamente.

Char... Slider passou a mão sobre seu cabelo penteado para trás, e me deu um aceno de cabeça cauteloso antes de colocar a mão entre as minhas costas para me conduzir através da sala.

— Vem me ver antes de ir embora! — disse Vera quando a deixamos para trás.

— Ok!

Ele me conduziu por uma porta e a um corredor que corria o comprimento do edifício, parando em alguns quartos na frente, onde eu podia ouvir alguém rindo através da porta.

— Poet, abra, irmão! — chamou Slider enquanto eu deslizava entre ele e a moldura da porta e entrava no quarto antes que ele pudesse me deter.

Patrick não deve ter nos ouvido, porque ele estava na cama, recostando contra a cabeceira da cama com um pequeno sorriso no rosto enquanto uma mulher em apenas um fio dental contava algum tipo de história com gestos animados. Ela era jovem, eu podia ver isso, e ela tinha uma tatuagem tribal em sua parte inferior das costas onde ele estava traçando com os dedos de uma mão.

Owhm, que lindo.

— Eu senti a sua falta, ele disse. — eu comentei em voz alta em um sotaque espesso, andando pelo quarto enquanto a sua cabeça se levantava. — Como é que eu vivi tanto tempo sem você? Vem para casa comigo, linda.

Me sentei na ponta da cama e suspirei dramaticamente. — Tudo mentira.

— Quem diabos é você? — ela perguntou com os olhos

arregalados, enquanto Slider ria, não se movendo da entrada do quarto.

— Jesus Cristo! — assobiou Poet, tirando a vagabunda do seu colo.

— Eu nunca amei ninguém da mesma maneira que te amo, moça. — a minha voz caiu no seu sotaque novamente, tornando o meu tom de voz mais sério.

Eu balancei a minha cabeça lentamente enquanto parava, finalmente olhando para ele e engolindo um nó, o deixando ver como me sentia em relação à situação em que estavámos. A sua mandíbula enrijeceu e os seus olhos se tornaram tristes enquanto ele me olhava, milhares de palavras não ditas entre nós.

Quando Slider percebeu que o espetáculo já não era engraçado e saiu do quarto, eu me permiti olhar fixamente para a mulher que me olhava com aborrecimento, os seus longos cabelos vermelhos mal cobrindo os seus peitos falsos. Eu queria olhar de volta e zombar da gravidade desafiando os seus seios e quadris pequenos, mas eu não deixei os meus olhos desviarem dela.

Eu fiz o meu caminho para dentro do quarto, interrompendo o momento privado, e ela não tinha qualquer motivo para ficar embaraçada. Eu me recusei a fazer com que ela se sentisse ainda mais desconfortável. Ela parecia bastante agradável quando fez Patrick sorrir, e apesar de uma parte de mim a detestar, ela não tinha feito nada para que ela merecesse o meu desrespeito.

Por causa dessas coisas, eu respondi tão gentilmente quanto pude.

— Eu sou a mulher dele.

Capítulo um

AMY

Em toda a minha vida, eu tinha sido normal. Corpo normal: quadris médios, um metro e sessenta de altura, com pés 37-38, seios médios nos meus bons dias ou depois de um big Mac extra. Eu não era gorda nem magra, mas em algum lugar no meio termo. Características comuns: olhos castanhos normais e um nariz um pouco largo demais para o meu rosto, lábios cheios, mas nada digno de menção, e um dos meus dentes da frente era um pouco torto o que causava uma ligeira sobreposição que eu odiava e, portanto, o meu sorriso em cada foto desde que eu tinha sete anos e quando nasceram os meus dentes do siso era de boca fechada.

As únicas coisas que me destacavam - não que elas fossem muito interessantes - eram os dois dedos que faltavam na minha mão esquerda e o meu longo cabelo negro. Eu não conseguia me lembrar de alguma vez ter tido os dedos, então eu não sentia realmente falta deles, e eu tinha herdado o meu cabelo do meu pai. Eu o amava e o mantinha bastante longo. Eu nunca o cortei muito, apenas nas pontas a cada seis meses para mantê-lo saudável e assim eu não me parecia como um membro de alguma seita com o cabelo pendurado na bunda. Era brilhante e espesso e acabava abaixo das alças do sutiã, assim eu podia fazer tudo o que quisesse com ele. Tranças francesas, coques elegantes, um longo e sedoso rabo de cavalo, eu tinha aprendido a fazer todos.

Essa era uma das poucas coisas que eu controlava, e me dava algo para esconder por detrás de cada nova escola e cidade nova para a qual nos mudávamos. Eu já tinha vivido em quinze cidades diferentes até ter dezassete anos, e a mais recente era Ballyshannon, Irlanda.

Nos mudamos para a cidade poucos meses antes do início do verão, e era certo dizer que era a cidade em que tive mais dificuldades em me ambientar. Eu vivi na América durante toda a minha vida, mas eu tinha dupla nacionalidade na Irlanda porque a minha mãe era uma cidadã irlandesa. Ela tinha ido para a escola nos Estados Unidos, conhecido o meu pai lá, e o resto era estória.

Eu sempre soube que tinha dupla nacionalidade, mas nunca a tinha utilizado. Eu era americana, caramba. Era aonde eu era compreendida, onde era marginalmente confortável, onde acreditava que viveria toda a minha vida.

Eu tinha começado a frequentar uma escola católica privada só para mulheres algumas semanas antes e ainda não fazia ideia de como ia passar nas minhas aulas. Os sotaques dos meus professores eram tão espessos que eu mal os conseguia entender, os meus colegas olhavam para mim como se eu fosse uma anormal cada vez que eu falava, e a forma como eles calculavam as minhas notas era completamente diferente das outras escolas onde eu tinha ido. Parecia que eu ia ficar presa no inferno da escola católica pelo resto da minha fodida vida.

A única coisa que eu não detestava eram os uniformes, apesar da saia xadrez e da blusa branca do uniforme parecerem que eu estava vestida para uma filmagem pornô. Dava a todo mundo uma espécie de igualdade - *estamos todos vestidos para o pornô* - que eu não tinha nas minhas escolas anteriores. Era insana a forma como a moda mudava entre as escolas grandes nas cidades do interior e escolas pequenas. Eu não sabia a quantidade de vezes em que fui para a escola no primeiro dia parecendo uma completa estranha comparada com todo o pessoal. Claro que, na minha nova escola tudo o que eu tinha que fazer era abrir a boca e a bandeira da esquisitice balançava novamente.

Eu estava a caminho de casa, contando os 128 dias que faltavam para o meu 18º aniversário e me perguntando como é que poderia guardar dinheiro para voltar para os Estados Unidos, quando uma voz me chamou dos degraus de uma casa um pouco abaixo da que alugamos.

— Gostaria de entrar para tomar um chá?

Eu não percebi, imediatamente, que a mulher estava falando comigo. Eu nunca a tinha visto antes, mas quando ela repetiu a pergunta, a minha cabeça se levantou e ela olhava diretamente para mim.

— Eu?

— Bem, eu não vejo mais ninguém, não é?

Eu procurei pela rua deserta em confusão, mas ela estava certa. Nós eramos as únicas na vizinhança. Não consigui mentir, a primeira coisa que me passou pela cabeça foi 'alerta, estranho!' o que era

ridículo, vendo que a mulher era uns centímetros mais baixa que eu e magra como um espeto. Eu, provavelmente, conseguiria lidar com ela. Mas porque raios é que ela estava me convidando para entrar em sua casa?

Eu me aproximei enquanto ela esperava pacientemente, e não consegui evitar sorrir para ela quando ela sorriu. Ela era engraçada, provavelmente, um pouco mais velha que os meus pais, com rugas de orelha a orelha, ela parecia... Solitária. Havia uma exaustão sobre ela que não vinha de um dia duro de trabalho, mas de uma vida difícil.

— Você normalmente convida estranhos para comerem em sua casa? — perguntei enquanto me aproximava.

— Ah, não! Mas eu vi você por aí. Com a cabeça em um livro, sempre escondida por detrás do seu cabelo.

Eu bufei por causa da sua descrição bastante certa.

— Tenho sempre um lanchinho para o meu menino quando ele chega da escola. Os mais novos precisam disso depois de um dia duro. Por isso pensei em te oferecer o mesmo, se quiser.

— Sou velha o suficiente para arranjar a minha própria comida, — disse eu com um sorriso, achando ela simpática. — E eu nem sequer sei o seu nome!

— Peg, — ela respondeu com as sobrancelhas levantadas, esperando que eu respondesse de volta.

— Eu sou Amy. Prazer em te conhecer, Peg.

Ficamos em silêncio, paradas enquanto eu considerava o seu pedido estranho e ela me observava como um falcão.

— Bem, — ela bufou, acabando finalmente com o silêncio constrangedor. — Que tal você fazer o dia de uma mulher velha e me dar alguém com quem lanchar?

Eu sabia o que ela estava fazendo, me tentando fazer pensar que me alimentar não era sobre mim, mas não consegui evitar assentir lentamente. — Você não é assim tão velha, — eu disse. — Mas... está bem, se você tem certeza.

Eu me perguntei se ela sabia mais sobre a minha vida do que ela deixava transparecer enquanto eu a seguia para dentro da casa pequena, mas me ocorreu rapidamente que isso realmente não

interessava. Os meus pais só chegariam em casa daqui a quatro horas, então ninguém notaria a minha ausência. Eu tinha aprendido nos últimos dezessete anos e meio como descobrir pessoas com motivos ocultos - estava tudo nos olhos - e ela não parecia ter nenhuma outra razão para me convidar a entrar. Ela estava, claramente, à procura de um pouco de companhia, e quem era eu para recusar? Eu não tinha mais nenhum lugar para estar.

Eu aprendi bastante sobre Peg enquanto comíamos, principalmente porque a mulher era uma tagarela. Eu até gostava da forma como ela preenchia o silêncio, porque Deus sabe que eu não tinha muito a dizer. Ela era escocesa, o que explicava o sotaque que não era como os outros que eu tinha ouvido, mas ela vivia na Irlanda há mais de vinte anos, por isso o seu sotaque era uma mistura estranha entre o irlandês e o escocês. Ela tinha vindo com o marido para a sua cidade natal depois de se casarem, e apesar de nunca ter tido uma resposta clara, parecia que ela ainda estava casada, mas que eles não viviam juntos há algum tempo. O seu filho, Patrick, que Peg pensava que caminhava sobre as águas, estava na universidade estudando literatura, e ela trabalhava no supermercado local há quase tanto tempo quanto ela vivia na Irlanda.

Ela falava e falava e falava, e antes que eu percebesse, quase duas horas se passaram. Eu sabia que minha mãe estaria em casa a qualquer minuto, e embora eu não achasse que ela iria notar a minha ausência, eu não queria arriscar. Quem sabe o quão ruim ela perderia as estribeiras se ela soubesse que eu não tinha ido para casa direto da escola. Meus pais nunca tinha tido regras claras para mim, mas de vez em quando, eu sem querer fazia algo que eles não gostavam e as punições eram severas.

— É melhor eu ir para casa, — eu disse reluntantemente, cortando Peg enquanto ela continuava falando sobre o seu bonito filho. — A minha mãe deve estar em casa a qualquer momento, e ela vai se preocupar se eu ainda não estiver lá.

As sobrancelhas da Peg franziram durante um momento como se ela soubesse, exatamente, o que eu não estava dizendo, mas tão rapidamente quanto apareceram, desapareceram e ela sorriu brilhantemente.

— Bem, isso foi adorável, — ela disse enquanto saíamos da mesa. — Quer voltar amanhã?

Eu tirei a minha mochila do chão, pensando sobre a minha

resposta antes de me voltar para ela. — Eu gostaria disso.

— Talvez amanhã você consiga me dizer um pouco mais sobre você. Parece que não te deixei dizer uma única palavra.

— Eu não me importo, — eu disse timidamente, corando quando percebi que ela reparou que eu mal disse uma palavra durante a tarde inteira.

— Eu te vejo amanhã, moça! — ela exclamou enquanto eu corria pelos seus degraus de cimento em frente à casa.

Eu fiz o meu caminho para casa com 15 minutos de sobra antes que a minha mãe entrasse pela porta da frente, e fosse discretamente me ver fazendo minha lição de casa na minha cama quando ela veio me verificar.

A minha mãe era linda. E ela tinha certeza disso, com as suas idas semanais ao cabeleireiro e com os seus exercícios diários para se manter em forma. Mas era um tipo superficial de beleza, que parecia que iria quebrar com um único movimento errado. Eu pensava que a merda que ela e o meu pai cheiravam tinha algo a ver com isso.

— Oh, bom, você está em casa.

— Onde é que eu deveria estar? — perguntei, girando para olhar para ela.

— Verdade. — ela passou as mãos sobre o vestido azul claro que ela estava usando, fazendo com que nada estivesse fora do lugar depois de sua curta caminhada para casa do escritório de corretores de imóveis onde ela era recepcionista. — O seu pai e eu temos um convidado mais tarde, então não se esqueça de ficar no seu quarto após você pegar alguma coisa para jantar.

— Ok, — respondi secamente, me recusando a mostrar qualquer emoção.

— Termine o seu dever de casa.

Ela saiu da sala e eu escutei a porta do quarto se fechar antes que eu deixasse cair a minha cabeça para a cama e lutava para não chorar. Fazia meses desde que eles tinham tido qualquer visitante, e eu estava esperando que tudo estivesse terminado desde que nos mudamos para uma nova cidade. Eles me colocaram em uma escola privada católica, pelo amor de Deus, e nós começamos a ir à missa todos os domingos novamente pela primeira vez em anos. Eu me deixei

acreditar que as coisas seriam diferentes.

Estúpida. Estúpida. Estúpida.

Pelo menos eu tinha o chá na Peg no dia seguinte, o que era alguma coisa. Eu me inclinei para trás e voltei para a lição de matemática no qual eu estava trabalhando, mas eu não era capaz de me concentrar.

Tão animada como eu estava em visitar Peg, eu não poderia evitar a preocupação que se reunia na boca do meu estômago. Nossa casa era pequena, e eu ia ter que descobrir como me tornar invisível tanto quanto possível quando o visitante chegasse. Eu nem sequer sabia se eu poderia estar no meu quarto, que compartilhava uma parede com ambos a sala e o quarto deles.

Olhei para minha janela e cheguei à conclusão de que eu iria sair depois do jantar. As noites eram ainda muito quentes, e se eu levasse a minha lanterna, eu seria capaz de ler enquanto eu estava lá fora. Eu não tinha certeza quanto tempo eu tinha que me esconder, mas eu estava esperando que eu ainda pudesse dormir um pouco desde que eu tinha escola no dia seguinte. Com essa decisão tomada, só havia uma coisa para se preocupar.

Como diabos eu iria discutir a minha vida com Peg sem insinuar tudo sobre a vida dos meus pais? Eu não sabia direito sobre os costumes irlandeses, mas eu tinha certeza de que a contratação de prostitutas mais jovens não era considerada um comportamento normal para casais com filhos.

Se Ballyshannon era qualquer coisa como as cidades anteriores em que eu vivi, nada de bom viria das pessoas se soubessem sobre suas atividades extracurriculares.

Ninguém poderia saber.

Capítulo dois

AMY

Eu esperei até que eu ouvi meu pai voltar para casa naquela noite e as vozes começaram a filtrar no meio da parede ligada ao quarto dos meus pais antes que eu agarrasse ao meu edredom, uma lanterna e minha cópia esfarrapada de Fahrenheit 451 e subi para a minha janela. Havia uma mancha espessa de grama abaixo dela entre nossa casa e um lado que me proporcionou um pequeno casulo seguro quando eu me inclinei contra a parede.

Enrolei meu edredom em volta de mim, o puxando para cima sobre a minha cabeça para que eu pudesse ligar a lanterna sem chamar a atenção para mim, enquanto eu lia. Não era o ideal; eu preferia estar lá dentro, mas funcionou. Eu estava contente que nossa casa tinha apenas uma história, ou eu teria estado entrando em um cano de esgoto para fugir.

Eu li a maior parte do livro antes que os meus olhos se cansassem, mas eu ainda não tinha visto ou ouvido alguém vir em nossa porta da frente. Eu não tinha certeza se era tão tarde, mas eu sabia por experiência própria que, por vezes, os 'visitantes' ficavam a noite. Eu só tenho que esperar aqui fora.

Eu acordei com um suspiro algum tempo mais tarde, quando senti alguém apertando o meu ombro. Meus pés estavam congelados, e eu estava encharcada.

— O que em nome de Deus você esta fazendo aqui, Amy?— Peg repreendeu enquanto esfregava os meus ombros tremendo.

— Eu não queria que os meus pais soubessem que eu estava acordada lendo, então eu escapei aqui ontem à noite... eu devo ter adormecido. — a mentira passou em meus lábios com facilidade, mas a expressão de Peg me disse que ela não acreditava em mim.

— Você se lembra quando eu disse que eu tinha visto você por aí, querida? — ela perguntou em voz baixa.

— S-sim. — eu estava gaguejando enquanto ela me olhava.

— Eu vejo a maioria das coisas que acontecem por aqui. Provavelmente vem por causa da idade... — ela deixou afundar enquanto meus olhos se arregalaram. — Vi que você correu de alguém ontem à noite.

Engoli em seco, mas permaneci em silêncio.

— Também vi ela saindo uma hora atrás, — ela me disse com um aceno de cabeça. — Volte para o seu quarto antes que você encontre a morte.

Eu me levantei, muito aliviada que ela não tinha me feito quaisquer perguntas sobre isso. Eu lhe dei um abraço impulsivo antes que eu pegasse a minha lanterna que tinha rolado um pouco do meu esconderijo e me arrastei para dentro. Então eu fechei a janela quando ela se afastou como se nada tivesse acontecido.

Quando eu olhei para o meu relógio, eram quatro da manhã. Graças a Deus, eu ia ter algumas horas de sono em uma cama real antes que eu tivesse que me levantar de novo para a escola. Eu estava tão exausta, eu não podia sequer pensar em como era horrível que Peg soubesse o meu segredo.

* * *

Eu estava distraída durante todo o dia na escola, minha ansiedade sobre o que Peg tinha me visto fazendo me deixando nervosa e desfocada. Eu não tinha certeza do que iria acontecer. Será que ela contaria a todos? Ballyshannon não era uma pequena cidade, mas parecia bastante unida. Deus, minha vida estaria terminada se alguém soubesse, especialmente se as devotas famílias católicas irlandesas e os meus colegas descobrissem.

Na medida em que eu andava para casa naquela tarde, eu conseguia sentir o comichão em meus pulsos e no topo das minhas mãos. Eu achava que isso era uma coisa de família; tanto a minha mãe quanto eu lidávamos com a manifestação física de estress. Eu alternava entre coçar e esfregar os meus braços através da minha blusa enquanto passava pelos degraus de Peg.

— Pensei que viesse para o chá!

Eu parei abruptamente, e virei à cabeça na sua direção. — Oh... Um...

— A oferta continua.

— Ok. — respondi, me virando na direção da casa dela.

Eu não conseguia perceber porque é que ela continuava a ser tão simpática comigo. Ela devia fazer alguma ideia de que algo se passava. Não havia nenhuma maneira de que ela tivesse interpretado mal a situação da noite anterior; ela tinha praticamente soletrado quando me encontrou.

Peg manteve a porta aberta enquanto eu entrava lentamente.

— Senta que eu fiz um bolo de caramelo!

— Porque você esta sendo simpatica comigo? — perguntei calmamente enquanto a seguia para dentro da cozinha. — Eu sei o que você viu.

— O que tem isso a ver com o resto?

— Bem... eu pensei que você não queria me ver novamente, depois de... você sabe. — eu respondi. Estava tão desconfortável, e os meus braços coçavam quase até aos cotovelos.

— Menina. — ela suspirou quando parou de se mover pela cozinha e pôs um prato de bolo na minha frente, antes que eu me sentasse na outra ponta da mesa. — O que os seus pais escolhem não tem nada a ver com o que eu sinto por você.

— Como você se sente em relação a mim? — o bolo estava, negligentemente, sobre a mesa enquanto eu olhava para ele, com medo de olhar para ela.

— Bem, pelo que percebi você é esperta. — seus olhos encontraram os meus. — É carinhosa, pensativa, bonita, e só alguém tão doce quanto você iria atender aos caprichos de uma velha como você fez.

— Você não é tão velha assim. — respondi automaticamente.

— Não tem nada de errado, e não importa o que os seus pais decidam fazer em sua casa. — ela sorriu gentilmente para mim, e se esticou para pegar a minha mão. — Agora, chega de falar sobre esses seus pais pervertidos.

Eu pensei em sua opinião sobre os meus pais, e ri nervosamente quando pisquei.

— Bem, só mais uma coisa. — ela pôs a mão no bolso e tirou de lá uma chave, a colocando na mesa em minha frente. — Você não pode passar as noites lá fora, especialmente quando o tempo começar a ficar frio.

Eu olhei para a chave e para ela em confusão, antes que a sua oferta se tornasse clara.

— Você não me pode me dar à chave de sua casa! Ficou doida? Eu podia roubar tudo que você tem! Eu podia... Eu poderia te matar enquanto você dorme! Você não me conhece!

Ela riu diante da minha indignação, e abanou as mãos para longe do seu corpo como se literalmente afastasse os meus comentários.

— Não tem nada para roubar! — ela disse. — Você planeja me matar em minha cama, bem você podia fazer isso se entrasse pela janela, não podia?

— Eu não posso ficar com a chave da sua casa, — eu disse teimosamente. — Não. Nem pensar.

— Você vai ficar com ela, — retrucou. — Vai usar se for necessário, e se não precisar, bem, então eu terei alguém para regar as minhas plantas quando eu sair de férias.

— Você vai sair de férias?

— Bem, eu ainda não fui, mas isso não significa que eu não vá no futuro.

— Jesus Cristo, — resmunguei, fazendo com que Peg batesse na minha testa. — Mas que diabos?

— Não traga o nome do Senhor em vão nessa casa. Isso não tem negociação.

— Deus – merda - desculpa! — assobiei e desviei quando ela tentou fazer o mesmo. — Eu não vou fazer de novo!

— Bem, então está bem. Agora podemos comer? Você disse que ia me contar algo sobre você no outro dia.

Eu observei enquanto ela pegava o pedaço de bolo e se sentava na minha frente como se a menos de cinco minutos não tivéssemos

discutido. A mulher era, obviamente, louca, mas eu não conseguia deixar de achar isso cativante. Ela podia ter a minha confiança mais do que qualquer outra pessoa, mas eu também podia perceber que ela não era idiota. Ela sabia exatamente o que estava fazendo quando me deu a chave.

Também era bastante reconfortante que ela só tivesse dito uma única regra, mesmo que ela fosse tão pequena como não dizer o nome do Senhor em vão. O seu castigo tinha sido rápido e eficaz, e eu sabia que isso iria acontecer no futuro se eu deslizasse e dissesse novamente. Não era como se doesse muito, mas isso chateava Peg. O pensamento de desapontá-la ou machucá-la era suficiente para que eu não repetisse novamente quando estivesse ao lado dela e a palmada era mais como um lembrete.

O meu peito ficou mais leve quando ela disse para eu continuar.

— Bem, eu nasci em Cheyenne, Wyoming...

* * *

Depois dessa primeira semana, Peg e eu estabelecemos uma rotina. Eu parava lá todos os dias depois da escola, e ela esperava sempre na porta quando eu ia para casa. Ela se tornou a primeira pessoa em quem eu mais confiei durante toda a minha vida, e em pouco tempo, eu não conseguia imaginar a minha vida sem ela.

Nós não falavámos sobre o que se passava na minha casa; eu me recusava a falar sobre isso e ela era compreensiva demais para mencionar, mas eu reparei na maneira como ela me olhava atentamente depois das visitas dos meus pais.

Mas eu ainda não usei a sua chave.

Parecia que eu tiraria vantagem dela, mas depois eu fiquei muito assutada dela se preocupar se ela soubesse que estava cada vez pior. Ela devia ter reparado nas mulheres - e agora homens - que entravam e saiam da nossa casa tarde da noite, mas ela nunca disse nada e eu também não.

Não foi até quase dois meses depois que eu finalmente a usei, correndo em direção à sua casa às duas da manhã.

— Tudo bem, querida? — ela perguntou urgentemente, me puxando para dentro de casa antes que eu pudesse apanhar a chave da corrente em volta do meu pescoço. Ela devia ter estado me observando.

Naquela noite, os meus pais tinham dois visitants. Pelos diferentes tons de voz, adivinhei que era um homem e uma mulher, o que não era fora do comum. Contudo, enquanto eu me sentava contra a cabeceira da minha cama, com os dedos nas orelhas e um livro em meus joelhos, reparei num movimento com o canto do meu olho. Em seguida com horror, observei a minha maçaneta girar lentamente e silenciosamente.

Se não fosse pelo pequeno bloqueio que comprei na loja de ferragens, no final da rua, e que eu instalei sozinha, quem quer fosse que tentava entrar às escondidas no meu quarto teria conseguido. Eu congelei até a maçaneta deixar de girar, me levantei e depois praticamente corri em direção à segurança e a Peg.

— Eu estou bem. Eu estou bem. — repeti várias vezes, tentando convencer a ambas. — Eu apenas me assustei. Eu deveria voltar. Eu exagerei.

— Nem pensar! — ela gritou. — Você não vai a lugar nenhum hoje à noite.

Eu ainda estava em estado de choque, eu apenas observei enquanto ela trancava a porta da frente e me pegava pela mão.

— Você pode dormir no segundo quarto.

— Mas os meus pais...

— Eles não vão saber nada a menos que você queira que eles saibam. — ela me assegurou, puxando a corda acima da sua cabeça para ligar a luz do pequeno quarto. — Eu te acordarei quando eu for trabalhar e você pode voltar para o seu quarto.

— Eu não...

— Não discuta comigo! — ela falou, tentando encontrar uns lençóis e uma colcha para a cama. — Você vai passar a noite aqui, onde eu sei que estará segura.

— Provalmente eu exagerei, — repeti enquanto ela segurava o cobertor e o levantava para que eu deslizasse por debaixo dele. — Não era grande coisa.

— Não me interessa se você estava pensando em monstrinhos verdes. Algo te assustou, e eu finalmente posso dormir uma noite em paz sabendo que você está segura debaixo do meu próprio teto. — ela se inclinou para baixo para beijar a minha testa, algo que eu não me lembro da minha mãe alguma vez ter feito, e desligou a luz.

— Durma, minha menina.

Eu adormeci com facilidade naquela noite, o cheiro da casa da Peg e a suavidade da cama e dos lençóis me confortando como nunca antes tinha acontecido. Ela me acordou na manhã seguinte tal como disse que faria quando saiu para trabalhar, o que me deu bastante tempo para me esquivar de volta para a janela do meu quarto antes que eu fosse para a escola. Depois dessa noite, um padrão foi estabelecido.

No momento em que tivemos visitas novamente, eu não esperei para correr para a casa da Peg e escorregar na cama macia que comecei a amar e ouvir a mais importante influência paternal que eu tinha ressonando suavemente no quarto ao lado. Isso não acontecia todas as noites, nem todas as semanas, mas cada vez que os meus pais pagavam a uma prostituta para visitar a nossa casa, eu ia para a Peg. E todas às vezes, ela me encontrava na porta.

Eu nunca sequer tive que usar a chave que ela me deu nos meses que se passaram; ela sempre esperava para me deixar entrar.

Capítulo três

AMY

— Whoa! Quem diabos é você?

A voz veio da beirada da cama e me acordou, e assim que abri os olhos, congelei em horror. O rosto do homem estava sombreado enquanto ele se inclinava, e eu não consegui sequer gritar antes que a luz do quarto se acendesse.

— Patrick! Pare de assustar a pobre menina e se afaste da cama! — criticou Peg, imediatamente me acalmando. Oh, Deus, Patrick. Eu conhecia esse nome. Peg falava do seu filho o tempo todo.

Eu me virei para dar a Peg um pequeno sorriso grato, mas os meus olhos se voltaram para o homem quando ele chutou o lado da cama.

— Quem diabos é essa? Agora abriga desconhecidos, mãe? — perguntou ele zangado, me olhando com uma carranca. Porra, o seu sotaque era tão grosso que eu demorei alguns segundos para perceber o que ele tinha dito... e agora eu estava chateada.

— Vá se foder, — eu gritei.

— Patrick! — criticou Peg ao mesmo tempo.

— Ah, ela fala? — perguntou ele sarcasticamente, fazendo cara feia para mim.

Eu o encarei de volta silenciosamente, não desejando entrar numa discussão com o filho pródigo. Eu sabia que eu era uma intrusa, e fiquei imediatamente aterrorizada ao perceber que a sua presença poderia estragar a segurança que eu tinha encontrado em Peg. Mesmo que ele fosse um idiota, ele era filho dela e eu era a lamentável vizinha cujos pais estavam muito ocupados com prostitutas e drogas para perceber que eu tinha saído.

— Patrick Gallagher, essa é a minha casa e se não parar de olhar para essa menina assim, eu vou te bater, — assobiou Peg,

surpreendendo a nois dois.

— Mas que diabos, mãe?

— Fora!

Ele não olhou novamente para mim, mas abanou os braços no ar, fazendo com que eu me assustasse enquanto ele saia do quarto. Mas que idiota.

— Você está bem? Ele não te assustou, não é? — perguntou Peg depois dele ter saído do quarto.

— Uh, um bocado! — eu ri nervosamente. Isso era o jeito dela dizendo para eu sair? Merda.

— Ignore-o. O meu filho só tem papo. Você tem escola daqui a quatro horas. Tente dormir mais um pouco, ok?

O meu queixo caiu quando ela desligou a luz e se encostou à porta. Ela acabou de me mandar dormir? Como é ela poderia fazer isso? E porque é que ela não me mandou sair?

Me afundei no colchão e puxei os lençóis até ao queixo enquanto a minha mente andava em círculos, pensando sobre o que tinha acontecido. Eu podia ouvir as vozes na cozinha ao mesmo tempo em que a Peg batia os potes e as panelas, mas eu não tentei sequer ouvir o que eles estavam dizendo.

Eu estava ocupada demais tentando ignorar a agitação na minha barriga enquanto me lembrava do queixo quadrado de Patrick e dos seus lábios cheios quando ele olhou para mim. Suas bochechas estavam coradas com raiva, mas eu não reparei nisso porque estava ocupada olhando para as suas sardas. Bom Deus. Sardas. Ele era um idiota, mas era o idiota mais bonito que já tinha visto.

* * *

Eu devo ter adormecido em algum momento, porque quando eu finalmente acordei na manhã seguinte, eu poderia dizer pela forma como o sol brilhava através da janela que estava bastante atrasada para a escola. Peg sempre me acordava quando ela ia para o trabalho para que eu pudesse voltar para casa para tomar banho, mas eu não estava surpreendida que ela estivesse esquecido. Ela não via o filho há meses,

e eu tinha a certeza que depois da cena inicial, ela andava nas nuvens com a sua chegada. Ela falou sobre Patrick o tempo todo, e eu sabia que ela tinha sentido a sua falta.

Eu escorreguei os meus pés nas minhas sandálias enquanto apanhava o meu cabelo em um rabo de cavalo. Deus, eu odiava as manhãs. Eu me arrastei enquanto fazia a cama, amassando a almofada mais macia que eu já senti e alisando a colcha remendada. Eu tentava não desarrumar nada quando estava na Peg. Ela trabalhava bastante, e normalmente estava exausta quando chegava em casa, eu tentava não tornar as coisas mais difíceis para ela. Ela dizia que a minha presença na sua vida era uma dávida de Deus, e eu não queria que ela mudasse a sua opinião tendo que limpar tudo depois que eu saísse de lá. Alguns minutos depois, entrei com os olhos turvos na sala de estar.

— Dia.

Eu parei no meio da sala, com os meus olhos arregalandos quando olhava o peitoral e os cabelos de Patrick na cama.

Sardas no peito.

Bom Deus, ele tinha sardas no peito.

— Minha mãe está na loja.

O meu olhar caiu na xícara de café que ele segurava, os seus longos dedos completamente à sua volta, e eu engoli nervosamente. Eu precisava sair antes que eu desmaiasse ou fizesse xixi em mim mesma. — Okay. — resmunguei enquanto passava por ele e ia em direção à porta.

— Ei, Amy, certo?

A minha cabeça se levantou em surpresa. Porque ele ainda estava falando comigo?

— Peço desculpas pela madrugada. Eu não estou em casa tanto quanto deveria, e a culpa disso se misturou com a surpresa de encontrar uma mulher na minha cama, bem, eu pensei que talvez estivessem tirando proveito da boa natureza da minha mãe. Estúpido, certo? A mulher não é nenhuma tola. — ele disse as últimas palavras com um sorriso, balançando a cabeça. — Me desculpa?

— Certo, ok. — respondi rapidamente antes que ele tentasse tirar as desculpas.

Ele tinha sido um completo idiota, mas eu realmente não poderia culpá-lo por isso. Se eu tivesse uma mãe tão doce quanto Peg, eu estaria tentando manter as sanguessugas longe dela também. Além disso, eu não tinha certeza de quanto tempo ele estaria lá, e eu estava apavorada se não trabalharíamos em algum tipo de cessar-fogo, então eu estaria presa em casa com meus pais por toda a sua visita.

— É melhor eu ir para casa, — eu disse com um aceno de cabeça, me movendo em direção à porta da frente novamente.

— Minha mãe disse que você devia estar na escola hoje. Seus pais não ficarão com raiva se você não for?

Depois de tomar um momento para decifrar suas palavras, rapidamente percebi que ele tinha feito à mesma pergunta que tinha estado martelando ao redor da minha cabeça desde que eu tinha acordado com a luz do sol na janela. — Eu posso lidar com isso.

— Você não precisa ir para casa até mais tarde, eles não vão saber, né?

Por que diabos o sotaque em suas palavras era estupidamente quente? Eu tinha ouvido isso dessa forma por meses. Não era como se fosse novo.

— Uh...

— Você pode fica aqui se você quiser.

Meu queixo caiu, e ele corou quando viu minha reação às suas palavras.

— Porra, garota. Eu não estou tentando entrar em suas calças. Apenas quero te ajudar. Eu sou velho demais para você.

Isso significava que se eu fosse mais velha, ele estaria tentando entrar em minhas calças? Espere, como é que essa conversa se transformou em entrar em minhas calças? Minhas mãos começaram a suar enquanto ele se empurrou para fora do sofá.

— O que - — minhas palavras sairam tremidas enquanto eu dava um passo para frente e de repente estávamos muito próximos um do outro. — Quem disse que eu quero você?

— Linda, você pode tentar olhar para mim e se convencer disso. Ficou olhando para o meu peito desde que saiu do meu quarto e me ver deixou sua voz um pouco... irregular. — ele sorriu com suas bochechas

com covinhas e piscou antes de andar em torno de mim.

— Seu quarto? — minha voz parecia estrangulada enquanto eu virava para vê-lo ir embora.

— Desde que eu era um bebê, — ele respondeu com uma risada. — Estou indo para um chuveiro. Fique aqui até eu sair, nós vamos encontrar algo para fazer hoje.

A porta do banheiro se fechou atrás dele enquanto eu estava congelada. Eu estava dormindo em sua cama? Meu Deus. Não é de admirar que ele tinha me acusado daquela maneira.

Eu caí no sofá com um acesso de raiva e deixei o meu rosto cair em minhas mãos. Eu estava dormindo em sua cama com mais freqüência do que ele nos últimos dois meses. Ah, merda! Se eu tivesse estado babando em seu travesseiro? E o mais importante, se ele estivesse hospedado, isso significava que eu tinha que ficar em minha casa?

Não era como se eu pudesse pedir para ele dormir no sofá para que eu pudesse tomar o seu quarto. Ele nem sequer cabia no maldito sofá. Ele não ficou muito, mas eu juro que em seus músculos tinham músculos, e ele era grande demais para o sofá pequeno de Peg.

Eu balancei as minhas mãos para longe do meu rosto em frustração e, para meu horror, eles foram imediatamente recebidos pequenos cabelos. *Ah não.* Estendi a mão, os abanando ao lado do meu rosto e poderia ter chorado quando eu senti mais cabelo escovar em minhas palmas. Merda! Eu tinha puxado meu cabelo em um rabo de cavalo, mas eu ainda não tinha pensado em domar os pequenos cabelos perto do meu rosto. Normalmente eu não fico perto de qualquer um antes de tomar banho. Como eu poderia saber que ele estaria à espreita?

Eu sabia o que eu iria ver se eu olhasse no espelho: um show de horror com um friz maldito ligeiramente em direção ao teto, como chifres do diabo.

Não admira que ele não quisesse entrar em minhas calças. Eu parecia uma idiota.

A porta do banheiro guinchou. — Não saia, ok? — ele chamou calmamente da porta aberta, me fazendo atirar um olhar assustado em sua direção.

— Patrick... — eu me cubro, forçando minhas mãos em meu colo

para que eu não tentasse escovar os meus cabelos e chamar ainda mais atenção para eles.

— Meus amigos me chamam de Trick, — ele respondeu com outra piscadela.

Quando ele fechou a porta do banheiro de novo, eu sai do sofá e corri para a porta da frente. Se eu não saísse antes que ele terminasse o banho, eu teria a sensação de que eu seria apenas mais uma menina que perdeu todo o senso comum com a visão do sorriso de Patrick Gallagher.

Uma coisa era achá-lo gostoso, mas isso era outra coisa bem diferente, na verdade, passar um tempo com ele... especialmente quando eu parecia uma porcaria.

Capítulo quatro

AMY

Eu estava enganada quando pensei que iria conseguir evitar o Patrick enquanto ele ficava na casa da sua mãe.

Eu não tinha sido apanhada nessa manhã. Minha mãe deixou uma nota dizendo que ela tinha ido ao meu quarto, mas que a minha porta estava trancada e por isso ela assumiu que eu estava dormindo e me deixou em paz. Aparentemente, ela e o meu pai estariam jantando fora, então eu estava por conta própria. Como se eu não fizesse isso desde que eu tinha dez anos.

Eu passei a maior parte do dia fazendo os trabalhos que negligenciei na noite anterior, e tentei arranjar alguma desculpa por ter faltado à aula. Era uma sexta-feira, então eu não teria que aturar as irmãs durante alguns dias. Esperançosamente, eu conseguiria imitar a assinatura da minha mãe até segunda-feira.

Às três horas dessa tarde, quando eu estava lendo em minha cama, eu quase me mijei quando alguém começou a bater na minha janela. Quando me virei para ela, encontrei o rosto sorridente de Patrick Gallagher quase pressionado contra o vidro. Puta merda.

— O que você esta fazendo aqui? — assobiei enquanto abria a janela.

— Mamãe queria que eu viesse te buscar. Ela acha que você ficou zangada por causa do que aconteceu e que foi por isso que não veio para o chá.

— Merda, eu não percebi que era tão tarde. — me afastei da janela para ir buscar meus sapatos e a minha camisola favorita. — Eu já vou!

Ele desapareceu da janela e eu amarrei o cabelo antes de passar uma das minhas pernas pela abertura da janela, me abaixando para passar o meu corpo por ela.

— Que merda você está fazendo?

A minha cabeça se levantou em surpresa e bateu duramente no peitoril da janela com surpresa.

— Eu disse que eu já estava indo! — continuei descendo e saltei para o chão antes de esfregar o machucado no topo da minha cabeça.

— Me desculpe por assumir que você iria usar a porta da frente como uma pessoa normal.

— Desculpas aceitas.

Eu me recusei a olhar diretamente para ele quando passei por ele, muito embaraçada, para encontrar os seus olhos e completamente irritada com o fato que ele me tinha surpreendido duas vezes. Eu desejei que ele se fosse para que eu pudesse voltar para a minha vida relativamente segura e normal. Antes que eu chegasse lá, o meu braço foi agarrado firmemente e eu tive que olhar para ele.

— Existe alguma razão para não gostar de mim, ou você odeia em geral todos os homens? — o seu rosto estava perto o suficiente do meu e eu conseguia cheirar o seu hálito de menta, e por um momento eu tive medo de hiperventilar e de desmaiar como uma das donzelas ruborizadas dos meus romances.

— Eu... eu não te odeio, — gaguejei de volta, o meu coração batendo com força. — Eu nem sequer te conheço.

O seu aperto se tornou mais brando e apesar de que eu podia sair do alcance dele, eu não o fiz. Ele estava olhando para mim fixamente, catalogando cada expressão do meu rosto, eu estava congelada.

— Você sumiu essa manhã.

— Eu tinha coisas para fazer em casa.

— Você toma banho e passa o dia todo lendo em vez de passar seu tempo com um novo amigo?

— Estava me espionando?

Ele riu, espremendo o meu bícipes antes de se virar para mim e pôr o seu braço em volta dos meus ombros, me puxando em direção a Peg.

— Não precisei espiar, só adivinhei. Eu conheço o tipo. Pela sua reação, eu aposto que estou certo. — ele soltou os meus ombros e pôs a

mão no fundo das minhas costas para me guiar pelas escadas da frente na casa de Peg.

— Que tipo? — perguntei eu, tentando me concentrar na conversa quando a sua mão deslizou um pouco mais para baixo.

— O meu tipo, — ele sussurrou quando passamos pela porta da frente.

Peg escolheu esse momento para sair da cozinha, uma pequena toalha sobre o seu ombro. — Amy! Peço desculpa por ter me esquecido de acordar você hoje de manhã!

— Está tudo bem! — eu assegurei para ela quando Patrick se moveu para se sentar no sofá. — Eu estava mesmo cansada, de qualquer maneira.

— Bem, vem comer, já que não foi à escola. Fiz sua comida favorita!

— Como foi no trabalho? — eu perguntei enquanto seguia Peg para fora da pequena sala de estar. — Você parece muito cansada.

— Eh, eu estou sempre cansada! — ela se aproximou no canto e depois se voltou com uma torta. — Torta de morango!

— Santa... — me baixei quando a sua mão voou na direção da minha cabeça. — Você se lembrou! Obrigada!

Eu saltei nos meus pés e quando ela posou os três pratos na mesa, eu passei os braços em volta da sua cintura e a levantei do chão. — Você é fantástica, sabia?

— Doce menina, — ela murmurou contra o meu cabelo. — Agora abaixe para que possamos comer.

Nos sentamos em volta da mesa, conversando e rindo como sempre fizemos, mas agora tinha um significado diferente com Patrick ali. Era difícil não olhar para a sua boca enquanto ele contava histórias sobre a sua escola e da loja de mecânica onde trabalhava, e também era igualmente difícil não gemer mortificada sempre que Peg olhava para nós dois com um pequeno sorriso em seu rosto. Eu não tinha certeza do que ela via sempre que nos via conversando, mas o que quer que fosse parecia com se ela sabia de algo que eu não sabia.

— Ja são cinco, Amy. — Peg me alertou de repente, enquanto eu sorria para Patrick. Espera, o quê?

Eu saltei, embaralhando os meus pés com as pernas na cadeira e mal as desembrulhando antes que a cadeira caísse.

— Mas que diabos? — Patrick perguntou em confusão.

— Os pais dela estarão em casa em breve, filho. — Peg explicou calmamente.

— E?

— Eu tenho que estar em casa antes deles, — eu expliquei rapidamente.

— Por quê?

— Eu não sei, eu apenas tenho que estar. — eu escorreguei gentilmente a cadeira de volta em seu lugar na mesa e levei o meu prato para a pia antes de começar a sair.

— Você não está autorizada a ter amigos? — ele insistiu, me seguindo para a pequena pia.

— Sim, eu estou...

— Me diz um.

— Peg.

— Parece que isso não conta, não é? Você corre para sua casa para que os seus pais não descubram que você passa o tempo aqui.

— Não é nada disso! — eu bufei, rapidamente secando o copo em minhas mãos. — Eu apenas tenho que estar lá antes deles.

— Então eles sabem onde você fica depois das aulas?

Eu cerrei a mandíbula quando a minha irritação aumentou. Porque é que ele insistia nisso?

— Não.

— Bem...

— Patrick, deixa pra lá, — Peg advertiu da mesa enquanto eu me afastava.

— Porque seus pais não sabem que você está aqui? Por que o segredo? — ele perguntou novamente, ignorando completamente a sua mãe. — Você tem vergonha?

Lágrimas de frustração começaram a se formar em meus olhos quando ele se moveu comigo, se recusando a me deixar passar.

— Não quer que os seus pais americanos saibam que você passa o seu tempo com pessoas mais pobres?

Eu estendi a mão e empurrei o seu peito, aproveitando o seu momento de surpresa para passar por ele. Quando cheguei na porta para a liberdade, me virei para ele.

— A minha mãe é irlandesa, seu idiota. — eu disse, levantando o queixo.

Eu tirei o meu olhar do dele e vi Peg sobre o seu ombro. — Peço desculpa, Peg. Obrigada pela torta. Estava fantástica. Te vejo mais tarde.

Ainda bem que ele não tentou me seguir, porque eu estava puta quando rastejei pela janela do meu quarto. O telefone estava tocando na sala de estar, e eu corri o mais rápido que podia para atendê-lo, o pegando justamente quando a secretaria eletrônica começou a responder.

— Olá?

— Não é assim que se atende ao telefone, Amy.

— Olá, mãe. O que está acontecendo?

— Porque você está sem fôlego?

— Eu estava fazendo exercícios.

— Oh, é bom que você não queira ficar gorda.

Houve um silêncio constrangedor enquanto ela esperava que eu concordasse com ela. Isso não iria acontecer.

— Bem, eu liguei apenas porque o seu pai conheceu uns colegas no trabalho e eles nos convidaram para sair.

— Ok, bem, que horas vocês voltam para casa?

— Honestamente, Amy? Eu disse a você que não estaremos em casa hoje à noite. Nós iremos voltar amanhã no meio da manhã. Você já tem quase dezoito. Você consegue passar uma noite sozinha, pelo amor de Deus.

Ela usou o nome de Deus em vão como se não fosse nada, e isso

me lembrou da casa da qual eu tinha saído. Repentinamente, eu não me interessava se eles voltariam ou não.

— Oh, ok. Eu te vejo amanhã então. — eu resmunguei.

— Fale mais alto!

— Ok, eu te vejo amanhã, — anunciei ofensivamente. Eu me sentia chateada, sabendo que eu não a veria por quase vinte e quatro horas.

— Você está parecendo uma criança, porra.

A linha clicou e ela se calou.

— Adeus, mãe! Se divirta! — eu disse sarcasticamente para a ligação terminada.

Eu pus o telefone no lugar certo e passeei pela casa, repentinamente insegura. Estava muito quieto, e eu tinha a noite toda só para mim...

Eu sorri largamente e movi os braços, livremente, em alegria. Depois de me levar para a sala de estar e ligar uma música pus uma camisola esfarrapada, e fui para a cozinha fazer o jantar. Eu raramente usava a cozinha durante muito tempo, e mesmo que tivéssemos todos os vegetais e frutas que eu gostava, eu nunca fazia nada elaborado ou divertido. A minha noite seria espetacular.

No momento em que eu fiz o ensopado de carne a partir do zero, eu estava praticamente tonta. Eu mal podia esperar para ter a minha própria casa, para não ter que me preocupar com o barulho ou com os cheiros que enchiam a casa - o qual era um dos problemas da minha mãe. Eu estava pensando em correr até Peg para ver se ela iria querer algum ensopado quando ouvi alguém bater na porta da frente.

Eu me perguntava quem seria, talvez Peg ou Patrick? Eu realmente não conhecia mais ninguém. Quando abri a porta, definitivamente não era alguém que eu conhecia.

Eu, no entanto, reconheci a voz dele.

Capítulo cinco

AMY

— Ei, Allie, certo? — disse o homem com um sorriso, entrando em casa antes que eu pudesse dizer uma palavra.

Ele não era enorme, e era bem fisicamente, mas a sua voz fazia com que a minha pele se arrepiasse. Eu não queria que ele estivesse dentro de casa. Eu realmente não o queria perto de mim, mas ele se aproximou tanto que a minha reação imediata foi dar um passo atrás, seguido por outro, e rapidamente ele já tinha atravessado o limiar.

— O que você esta fazendo? — eu perguntei, tentando esconder o pânico em minha voz. Eu era praticamente uma adulta, e essa era a minha casa. Eu apenas precisava lhe dizer para desaparecer para que ele saísse.

— A sua mãe me mandou uma mensagem dizendo que você estaria em casa hoje à noite. Queria que eu viesse verificar você, para ter certeza que estava segura? — ele perguntou, elevando as mãos na sua frente.

— Bem, eu estou segura. Já pode ir.

— Sem pressa. — ele encolheu os ombros, virando a cabeça para a cozinha, — Algo cheira bem.

— Eu na realidade estava me preparando para sair, por isso... — a minha polidez natural era a única coisa que me impedia de gritar e dizer para ele sair dali, mas as minhas mãos tinham começado a tremer de incerteza enquanto ele olhava para mim.

O seu sorriso era encantador, e eu sabia que ele estava tentando não parecer ameaçador tanto quanto era possível, mas o fato de que eu me lembrava da sua voz foi o que trouxe de volta a minha repulsa. Ele tinha que sair. Ele tinha que sair da minha casa.

— Ei, ei, não há necessidade de ficar nervosa, querida, — ele balbuciou suavemente, andando na minha direção. — A sua mãe disse

que era a sua primeira vez. Nós podemos ir com calma.

Ele se aproximou para pôr uma mão no meu ombro, e eu fiz um som estrangulado com a minha garganta perante a sua implicação, o empurrando para longe.

Não. Os meus pais eram negligentes, com toda a certeza, mas ela não mandaria um garoto de programa para a nossa casa se eles não estivessem. Eles sempre tinham a certeza de que eu estivesse segura. Eu abanei a cabeça em negação. Ele estava errado. Ele estava mentindo.

— Eu quero que você saia. Agora mesmo. — eu pedi baixinho, minha voz tremendo.

— Vamos conversar um pouco primeiro, está bem?

— Eu não quero conversar. Saia. — quando ele chegou mais perto, eu abracei a mim mesma, me recusando a dar outro passo atrás por ter medo de que ele me seguisse e entrasse ainda mais para dentro de casa.

— Eu fui pago pela noite inteira, amor, — ele me assegurou, — Então vamos fazer isso pelo bem de nós dois.

Oh, Deus, ele foi *pago*?

Os meus olhos se encheram de água quando ele chegou mais perto, a sua persistência fazendo com que eu me sentisse como um animal encurralado. Eu não queria que ele estivesse perto de mim. Porque é que ele não saiu quando eu pedi?

Eu não sei por que é que não lutei mais, porque é que não gritei no topo dos pulmões e corri em direção à porta da frente. Talvez fosse porque eu nunca tinha estado numa posição em que eu tinha que lutar. Eu nunca me imaginei nessa situação, então eu nunca me preparei para isso. E com toda a honestidade, eu não acreditava que ele fosse me forçar a fazer algo que eu não queria. Eu estava em completa negação, apesar do meu instinto estar gritando para que eu fizesse alguma coisa.

Ele tinha acabado de pôr os seus dedos na minha coxa quando eu ouvi um barulho vindo da porta da frente.

— Amy, meu amor, o jantar está pronto?

Eu nunca estive tão feliz por ver alguém em toda a minha vida.

Patrick atravessou a porta da frente como se ele fosse o dono do

lugar, o seu corpo parecendo ainda mais largo do que a última vez que eu o vi há horas atrás. Ele tinha se trocado também, dessa vez ele estava em tênis velhos, calções largos e uma camiseta cavada que realçava os músculos do seu peito, ombros e braços. *Santo inferno.*

— Eu agradeceria se você tirasse as mãos da minha garota, — grunhiu Patrick irritado quando entrou em casa.

A mão do homem saiu tão rapidamente que fez com que eu sentisse o ar mudar com o seu movimento.

— É apenas negócio, amigo, — replicou o homem, dando um passo atrás.

— Bem, eu sei que ela não precisa do seu negócio, então saia daqui, porra. — a voz de Patrick se tornou cada vez mais grossa, e eu podia ver as suas mãos em punho ao seu lado.

— Sim, ok. Sem problema.

O homem cambaleou em direção à porta, quase tropeçando nos seus pés, mas antes que ele saísse, Patrick o chamou novamente.

— Pegue o seu dinheiro e não diga uma fodida palavra.

— Tudo bem. — ele assentiu.

Ele saiu em alguns segundos eu senti o meu corpo inteiro começar a tremer quando a porta se fechou atrás de si.

— Que merda foi essa? — Patrick falou para mim, a sua voz ecoando contra as paredes.

— Eu não sei!

— Você não sabe?

— Ele simplesmente apareceu! — eu estava tentando não entrar em choque. Eu queria gritar com ele por ele ser um idiota... mas eu não conseguia. Eu estava tão grata que ele tivesse aparecido no momento certo. E eu não me importava se iria parecer uma banana, ou fraca, ou uma completa idiota, eu queria que ele me segurasse para que eu sentisse fisicamente que tudo estava bem.

— Porque diabos você o deixou entrar na sua maldita casa?

— Eu não deixei! Eu apenas... ele... e depois... — eu estava tentando explicar. Eu conseguia ouvir claramente as palavras na minha cabeça, mas eu não conseguia fazer com que elas saíssem. E então,

finalmente, eu quebrei, os meus dentes começaram a tremer enquanto os meus olhos se enchiam de lágrimas.

— Aw, babe. — Patrick suspirou vindo em minha direção, me abraçando com uma mão nas minhas costas e outra na minha nuca. — Shhh, está tudo bem agora, amor. Está bem. Shhh.

— Ele me assustou pra caralho! — falei contra o seu peito. — Porra!

Eu senti quando ele abafou uma pequena risada no meu cabelo perante a minha explosão.

— Eu aposto. — ele resmungou, — Fodido bastardo grosseiro.

Eu respirei fundo e me inclinei para trás. — Eu estou acabada. Puta merda. Eu estou bem. Eu estou bem. — eu ri uma risada auto depreciativa. — Não é como se algo tivesse acontecido. Certo? Eu sou uma fodida chorona.

— Você sabia quem ele era, baby? — ele perguntou gentilmente, afastando o cabelo do meu rosto com uma mão enquanto continuava a me segurar.

— Não, quer dizer, eu reconheci a voz dele, eu acho…

— Então você tem razão de ficar chateada ou com um pouco de medo. A minha mãe me falou sobre os seus pais. Ele está com eles, então você tem uma boa razão para estar preocupada. — advertiu ele. — Eu poderia matá-lo por você ter o deixado entrar.

— Ele apenas entrou…

A sua cabeça se virou na direção da porta e olhou para lá silenciosamente durante algum tempo, antes de mudar de assunto.

— Você cozinhou? — ele perguntou com uma sobrancelha arqueada, a sua covinha espreitando enquanto os seus lábios se inclinavam para cima.

— É apenas um ensopado de carne. É uma das receitas que conheço de cabeça. — eu pulei para fora dos seus braços e andei em direção à cozinha. — Mas você não vai receber nenhum pedaço.

— Porque não, diabos?

— Porque você foi um completo idiota antes!

— Ah, eu vim para cá e iria me desculpar… outra vez. Eu

planejava fazer isso, mas então o seu homem apareceu.

— Ele não é nada para mim.

— Parecia que ele queria ser o seu primeiro, — ele argumentou com um relincho.

— Oh, meu Deus! Agora é que você não vai ganhar nada mesmo, seu idiota!

— Eu estava brincando com você, garota. Não precisa ficar irritadinha.

— Peg já comeu? Eu ia ver se ela queria um pouco de ensopado. Eu não sei se a receita daria para alimentar cerca de quatro pessoas, — eu repliquei, ignorando completamente o comentário anterior. Eu desliguei o fogão e agarrei umas toalhas de mão para poder levantar a panela pesada. — Eu posso levar o ensopado até lá.

Ele se moveu atrás de mim enquanto eu falava e antes que pudesse agarrar as alças, ele me empurrou para fora do caminho. — Você não vai conseguir levar uma panela pesada de ensopado todo o caminho até à minha mãe, sua lerda. — depois pegou a panela como se ela não pessasse nada a abanou a cabeça para que eu me mexesse.

Quando estavámos lá fora, eu tranquei a porta da frente enquanto ele esperava pacientemente. Ele me observava como um falcão, mas a sua expressão estava completamente relaxada. Isso era estranho.

— Tenho alguma coisa no meu rosto? — eu perguntei, limpando a minha boca e minhas bochechas quando me juntei a ele no caminho e começamos a andar. — Porque é que está me encarando?

— Estou apenas contente por ter estado lá para você, isso é tudo, — ele respondeu em voz baixa. — Eu vou manter um olho aberto, está bem? Você não vai ser incomodada novamente.

— Obrigada. — eu engoli com dificuldade. — Quer dizer, eu acho que ele não vai voltar. E você?

— Não vou dizer nada. Fica lá em casa hoje, não há razão nenhuma para dormir naquela casa enquanto os seus pais estão fora.

— Eu puderia dizer algo em contrário, mas eu realmente não quero ficar lá sozinha, — eu confessei timidamente.

— É com uma boa razão. Aquelas fechaduras são uma merda. —

ele balançou a cabeça enquanto eu subia os degraus da frente de sua casa e abria a porta de Peg.

— Eu não posso ficar aqui para sempre, você sabe disso.

— Eu vou me certificar que você esteja segura, mesmo que eu não esteja lá. — ele disse, passando cuidadosamente por mim para não me queimar com a panela. Então ele parou e virou a cabeça para encontrar os meus olhos. — Eu não vou deixar que qualquer coisa te aconteça, — ele prometeu.

Eu assenti lentamente, os meus olhos nunca deixando os seus. Era uma promessa estúpida; ele estava na escola a maior parte do tempo e os meus pais eram aqueles que me puseram naquela situação em primeiro lugar. Tinha se passado apenas algumas horas desde que tínhamos nos visto e durante grande parte delas eu estava completamente irritada por ele ter sido um completo idiota... e mesmo assim eu ainda acreditava em cada palavra que ele tinha dito.

— Você esta bem, querida? — perguntou Peg, se levantando do sofá quando nós entramos.

— Eu estou bem, eu fiz o jantar.

— O que aconteceu, porque aquele homem estava...

— Deixa pra lá, mãe, — Patrick a cortou severamente.

— Mas Patrick...

— Eu disse para deixar pra lá. — ele olhou para Peg numa conversa silenciosa que eu não conseguia entender. Depois, para minha surpresa, ela deixou pra lá. Só assim.

— Bem, estou feliz que esteja aqui, — ela disse com um sorriso, — E ainda trouxe o jantar!

Ela me empurrou para a cozinha, conversando sobre nada em particular, e eu me senti começar a relaxar. Havia algo em relação a ela que tornava tudo mais facil - como se nada de mal fosse acontecer quando eu estivesse com ela. Quando nos sentamos para comer, as coisas se tornaram cada vez mais confortáveis. Nós não falamos sobre o que se tinha acontecido naquela noite, conversamos sobre histórias engraçadas e fofocas locais. Foi o melhor jantar que eu já tinha tido.

— Bem, vai querer ir ou não? — Patrick perguntou enquanto eu olhava para a minha tigela vazia.

— O quê? — eu estava tão perdida em meus pensamentos que não tinha ouvido a sua primeira pergunta.

— Eu vou jogar basquete com alguns amigos. Quer vir?

— Basquete?

— Isso foi o que eu disse. Você é um papagaio?

— Você é tão idiota!

— Jesus Cristo, porr-mãe!

— Não use essa linguagem na minha casa, Patrick Gallagher! — Peg gritou tentando bater em sua cabeça novamente.

— Está bem! — ele se levantou da mesa. — Vamos lá.

— Jogar basquete? — eu ainda não entendia. Ele era a pessoa mais impróvavel que eu imaginava jogando esse jogo. Quer dizer, ele tinha uma corrente ligada a um cinto que segurava a sua carteira no bolso de trás... uma corrente, pelo amor de Deus.

— Kevie vai lá estar? — Peg perguntou enquanto colocava os nossos pratos na pia.

— Sim, acho que sim. — ele ainda me encarava.

— Vá, então, — ela me disse com um sorriso. — Saia daqui um pouco, sim?

Capítulo seis

AMY

A vizinhança tinha um campo externo de basquete que eu não tinha notado. Era só a quatro quadras de distância, mas não era no meu caminho para a escola, por isso não era surpreendente que eu não o tivesse visto. Eu mal saía de casa a menos que eu tivesse que ir ao supermercado ou à escola. Deus, isso era patético.

Quando chegamos, eu fiquei surpresa por ver só uma pessoa à nossa espera, driblando a bola de basquete entre as mãos. Ele era mais baixo que Patrick, e tinha cabelo loiro que era conservadoramente curto. Ele estava vestido para o jogo com calças de treino e uma camiseta cinza, e quando nos viu chegar, o seu rosto se iluminou com um sorriso brilhante.

— Trick! — ele gritou alegremente, andando rapidamente na direção de Patrick e o abraçando firmemente. Eu os ouvi murmurar, mas não percebi o que diziam, e no momento que os apanhei, eles se viraram para mim, um dos braços de Patrick estava em volta dos ombros do outro homem.

— Essa é Amy, — Patrick apresentou, — Amy, esse é Kevie. Fique longe dele, ele é um completo idiota.

— Cretino, — replicou Kevie, empurrando Patrick para longe. — Olá, Amy. É um prazer te conhecer.

Ele estendeu a mão, mas antes que eu pudesse estender a minha, Patrick baixou a mão do outro homem. — Nada disso.

Nós olhamos para ele como se ele estivesse louco, mas o rosto de Patrick estava sem expressão.

— Eu não posso apertar a mão dela? — perguntou Kevie duvidosamente, as suas sobrancelhas franzidas.

— Você não vai tocar nela.

Eu sabia que a minha boca estava aberta. Eu sabia, e mesmo

assim eu não conseguir fechá-la até que Patrick me agarrou pelo braço e me puxou para o seu lado.

— Patrick... — Kevie estava tentando não rir, mas ele não conseguiu evitar sorrir.

— Pare com isso. — Patrick ordenou antes de se virar para mim. — Se sente ali, sim? — ele perguntou, com uma voz gentil. Eu o segui durante algum tempo, antes de virar a minha cabeça novamente para Kevie.

— Também foi bom te conhecer! — eu gritei, depois tropeçando em Patrick quando ele se virou para mim.

— Não, — ele disse rapidamente, o seu rosto se baixando até que quase nos tocamos.

— Qual é o seu problema?

— Eu não devia ter trazido você aqui, — ele resmungou, os seus olhos varrendo o meu rosto.

— Então eu vou voltar! Deus, porque é que eu te dou oportunidade para ser um idiota? — eu tentei me afastar, mas a sua mão veio e se enrolou no meu cabelo.

— Eu não quero que ele olhe para você, eu não quero que ele te toque. Eu não te devia ter trazido. Eu devia ter te deixado com a minha mãe.

— Ele é mau? Ele parece simpático. — eu me levantei na ponta dos pés para tentar ver Kevie por cima do ombro de Patrick.

— Mantenha os seus olhos em mim.

— Você está sendo um idiota. Mas que inferno? — eu levantei a mão e tentei tirar os seus dedos do meu cabelo. Toda a situação era apenas estranha. Ele estava agindo como se eu estivesse me despindo ou algo assim, como se Kevie fosse dar encima de mim... oh, merda. Ele estava com ciúmes.

— Você está com ciúmes? — perguntei incrédula. — Você está louco?

— Eu não estou com ciúmes, porra!

— Oh, Sim. Sim, está sim. — eu bufei.

— Você é a porra de uma dor na bunda! E não bufe, isso faz com

que você pareça uma porca.

— Eu aposto que Kevie iria gostar se eu bufasse, — eu respondi arrogantemente, — Ei, Kev...

A sua mão deslizou do meu cabelo e tapou a minha boca antes que eu pudesse acabar com a minha frase. Eu podia ouvir Kevie rindo como se fôssemos à coisa mais engraçada que ele já tinha visto.

— Cala a boca! — Patrick gritou de volta para ele.

— Deus, porque é que eu ligo pro que você faz? — ele perguntou em voz baixa. Ele parecia tão confuso que eu senti um pouco de pena dele. — Apenas se sente ali, está bem? Eu venho te buscar quando acabar.

A sua mão se afastou do meu rosto se arrastou pelo meu pescoço enquanto eu engolia em seco.

— Você quer que eu apenas me sente aqui?

— Você pode assistir.

— Oh, que coisa boa.

— Você pode ficar calada por dois segundos?

— Provavelmente não.

— Sua... argh.

Ele se afastou, puxando Kevie bruscamente quando chegou ao pé dele e roubou a bola de basquete de suas mãos.

Eu estava surpresa com a fluidez de seus movimentos quando eles começaram o jogo. Eles não jogavam por pontos, e se Kevie não olhasse na minha direção, eles não jogariam de forma agressiva. Era mais coreografado do que isso. Eles se moviam em torno um do outro como se o já tivesse feito isso um milhão de vezes, bloqueando e driblando e passando a bola através de um aro com uma rede velha.

Quando eles terminaram, o céu tinha escurecido e a minha bunda estava dormente. Patrick também tinha tirado a sua camisa.

Merda.

— Está pronta? — ele perguntou enquanto tirava a sua camiseta da cintura e limpava o rosto com ela.

— Eu nasci pronta. — eu gemi, esfregando a minha bunda quando me levantava.

— Precisa de ajuda com isso? — ele disse com um sorriso afetado.

— Não, eu não preciso. Oh, ei, Kev… — a minha voz estava tão doce quando os meus olhos encontraram os de Kevie e antes que eu acabasse a frase, Patrick tinha dado um passo em frente e colocado o ombro na minha barriga, me atirando para cima do seu ombro até que eu estivesse na mesma posição que um saco de batatas.

— Me abaixe, seu idiota! — eu gritei. — Foi tão bom te conhcer, Kevie! Nós devíamos fazer alguma… — eu parei com um fôlego entrecortado quando Patrick estapeou duramente a minha bunda. Bem, pelo menos já não estava mais dormente.

— Prazer em te conhcer também, querida, — Kevie me disse com um sorriso, dando um passo atrás quando Patrick girou. — Está se perdendo, Trick.

— Cristo. — a mão de Patrick ficou tensa na minha coxa. — Eu sei. Eu te vejo em breve, sim?

— Domingo?

— Cai fora.

Patrick começou a andar para longe enquanto o riso de Kevie atravessava o campo. Quando chegamos ao segundo campo, eu comecei a me sentir nauseada e a urgência em lamber as costas apetitosas de Patrick enquanto elas se flexionavam por debaixo de mim estava começando a se tornar difícil de ignorar.

— Já pode me colocar para baixo? — eu perguntei calmamente. — Esta começando há ficar um pouco desconfortável.

— Merda, — ele resmungou, me deslizando para frente do seu corpo. — Desculpa, provavelmente estou fedendo.

— Você cheira bem, mas está agindo como um louco. — eu esfreguei as mãos na minha camisa e comecei a andar. — O que diabos foi aquilo?

— Eu não sei. — as suas bochechas ficaram vermelhas quando ele olhou para mim. — Eu não queria que ele te tocasse.

— Sim, eu percebi, — eu repliquei secamente. — Isso não faz sentido nenhum. Foi você quem me trouxe aqui.

— Eu sei. Eu apenas… o pensamento revirou o meu estômago.

Nós ficamos em silêncio pelo resto do caminho até Peg. Não havia muito a conversar depois disso. Eu não sabia muito sobre os detalhes, mas parecia que ele gostava de mim. Bastante. E apesar de saber isso, eu não gostava do jeito possessivo que ele estava agindo, eu não gostava. Ninguém tinha sido possessivo e protetor comigo antes, e em menos de 24 horas Patrick tinha mostrado os dois comportamentos.

— Estão em casa! — exclamou Peg. — Como estava Kevie?

— Ele está bem, mãe. — disse Patrick, os seus olhos passando de sua mãe para mim.

— Ele é um bom rapaz. — Peg se virou para mim com um sorriso. — Eu o vejo todos os domingos, mas não do mesmo jeito de quando ele joga no campo com Patrick todos os dias.

— Você vê Kevie todos os domingos? — eu perguntei. — Bem, é ótimo que ele te venha visitar quando Patrick não está aqui.

— Ele não me visita, querida. — Peg me corrigiu enquanto Patrick empalidecia. — Eu o vejo quando vou assistir a missa.

Levou algum tempo para perceber o que ela tinha acabado de dizer, a minha mente ainda pensava no comportamento estranho de Patrick. Depois percebi e o meu queixo caiu. Eu me virei para Patrick, que parecia querer que o chão o engolisse. — Kevie é *padre*?

Capítulo sete

PATRICK

Eu me virei no meu lugar, tentando encontrar uma posição confortável no sofá da minha mãe. Ela tinha aquela estúpida coisa a mais tempo do que eu me conseguia lembrar e eu não conseguia ficar confortável lá desde que eu tinha doze anos. Porra, eu ia dormir no chão.

Eu desdobrei o cobertor que usava em volta das pernas e me levantei. Eu deveria ir para o chão e dormir onde estava, mas ainda tinha que mover uma mesa para me esticar. Parecia que quanto mais velho ficava, menor a casa da minha mãe parecia.

O dia tinha sido tão estranho, eu apenas queria dormir e esquecê-lo.

Amy... Cristo. Eu não tinha antecipado isso. A minha mãe parecia mais otimista quando eu liguei, mas eu não sabia por que. Quando encontrei Amy na minha cama na noite anterior, eu fiquei tão assustado que quase gritei como uma menina. Eu nunca tive uma mulher naquela cama - eu respeitava a minha mãe demais para isso - então diante da visão dela não só levantou os pêlos da minha nuca, mas também fiquei duro instantaneamente. O que havia com pensamento de foder uma mulher em um local tabu que soava tão atraente?

Mesmo no escuro, eu sabia que ela era bonita. Não de forma tradicional, talvez, mas ainda assim bonita. Os poetas escreviam sonetos sobre o seu tipo de beleza. O tipo que não apontava exatamente, mas do qual não era possível desviar o olhar. E aquele cabelo... merda. A primeira coisa que eu pensei quando ela se sentou e ele caiu pelas suas costas foi como é que ele se sentiria contra as minhas coxas. Agora o pensamento fazia com que eu me sentisse um completo idiota.

Quando a encontrei com aquele sujo fodido mais cedo, a única coisa que me impediu de matá-lo foi a minha ignorância sobre a

situação.

Eu não andava direto para as coisas cegamente. Nunca.

Exceto, que parecia que era exatamente isso que eu estava fazendo com Amy. Eu não sabia nada sobre ela e ainda assim eu agi como um homem possesso mais cedo naquela noite, com um dos meus melhores amigos. Eu lutei, ajudei, flertei, protegi e a chateei durante todo o dia e ela pegou o que eu lhe disse e atirou de volta.

Nada disso fazia sentido.

Eu estava olhando para parede, tentando perceber o que no inferno estava acontecendo quando a porta do meu quarto se abriu devagar, e a luz se acendeu. O que ela estava fazendo? Eu esperei calmamente que a luz desligasse, mas isso não aconteceu. Porque é que ela não estava dormindo?

Antes que eu pudesse me impedir, eu estava batendo calmamente na porta e a abrindo lentamente. Se ela não queria que eu entrasse no quarto, ela tinha bastante tempo para me impedir...

Santo Deus.

Ela estava sentada de pernas cruzadas no meio da minha pequena cama de infância, usando uma roupa de dormir fina que só chegava ao topo das suas coxas. Os seus braços estavam levantados, e os meus olhos estavam nos seus peitos, claramente livres do sutiã e se movendo gentilmente enquanto ela mexia no cabelo.

Deus estava me punindo. Essa era a única explicação.

Quando os meus olhos finalmente chegaram ao seu rosto, eu inalei duramente. Ela prendeu o cabelo num penteado elaborado que se enrolava, e pela primeira vez eu conseguia ver cada ângulo e plano do seu rosto e pescoço. Linda. Tudo sobre ela, desde a forma como ela estava sentada, até ao monte de cabelo escuro, até aos seus olhos olhando para mim com surpresa.

Era o que bastava para mim. Foi o que bastou.

— Eu não conseguia dormir, — ela murmurou timidamente. — Eu estava testando um novo penteado que encontrei numa revista. Como é que ficou?

Enquanto ela virava a cabeça para que eu pudesse ver o resto do penteado, ela ajeitou alguns fios soltos, e eu perdi o controle da minha

boca.

— Foi difícil para você fazer isso com os seus dedos nesse estado?

Eu tive o desejo enorme de cortar a minha própria língua quando ela se virou rapidamente para mim.

— Eu... uh, não. — ela riu desconfortavelmente e deslizou a mão para debaixo da coxa para escondê-los. — Eu não me lembro de alguma vez os ter feito, então...

— Peço desculpa. Eu não devia ter dito isso.

— É uma pergunta normal, — ela disse razoavelmente. — Eu tenho a certeza que as pessoas estão curiosas... elas apenas não costumam perguntar sobre isso.

Ela levantou a outra mão e começou a desfazer o penteado, e eu engoli em seco quando o seu cabelo deslizou para baixo e ao redor dos seus ombros. Eu dei um passo em frente, observando de perto quando ela passou a mão pelo comprimento. Depois eu percebi que ela ainda estava auto conscientemente em esconder a mão debaixo da coxa.

— Não faça isso, — eu ordenei roucamente. — Não as esconda.

— Eu apenas pensei...

— O que quer que esteja pensando está errado.

Ela estava desconfortável e tentando não mostrar isso e eu estava bastante envergonhado. Eu fiz com que ela se sentisse daquela maneira - o que nunca tinha sido a minha intenção. Eu não devia estar aqui com ela, não quando eu estava tentando me controlar, mas de repente eu não queria deixá-la sozinha sem antes tentar arranjar a bagunça que eu tinha feito.

Eu baixei minha mão e puxei a que estava debaixo de sua perna, mantendo os meus olhos nos seus quando a levantei entre nós. Ela manteve o contacto visual e manteve a sua mão relaxada na minha, mas a sua pulsação estava acelerada em seu pescoço. Esfregando o polegar ao longo da sua palma, eu finalmente olhei para a sua mão.

Dois dos seus dedos, o mindinho esquerdo e o dedo anelar faltavam. Eles não tinham desaparecido completamente, mas acabavam no meio, dando a impressão que ela apenas os tinha curvado. A pele era macia, mas lá tinha uma pequena cicatriz e se ela fizesse um punho, provavelmente não se notaria que ela não tinha dois dedos.

Enquanto eu olhava, ela finalmente tentou puxar a mão com um gemido de frustração. Ela não queria que eu olhasse e o seu embaraço era claro, mas eu não ia deixá-la se afastar.

E mais uma vez, eu perdi todo o senso de mim mesmo e fiz algo estúpido.

— O quê? — ela engasgou enquanto eu colocava o seu dedo anelar na minha boca e corria a minha língua por ele, acabando o movimento com um beijo suave. Eu repeti a ação com o seu mindinho, movendo a sua mão para cima de modo que eu pudesse beijar a sua palma.

— Eu fui um idiota e essa é a centésima vez que eu me desculpo desde que nos conhecemos. — eu disse, mantendo a sua mão perto do meu rosto para que ela sentisse cada fôlego na sua palma. — Fui insensível em perguntar sobre os seus dedos dessa maneira. Com toda a honestidade, eu não tenho ideia porque eu fiz essa pergunta. Não é da minha conta, e o seu cabelo parecia fantástico, então à pergunta era irrelevante.

— Eu acho que talvez você seja a pessoa mais estranha que eu já conheci.

— Eu não costumo ser assim, acredite.

— Você ainda está agarrando a minha mão.

— Aceita o meu pedido de desculpas?

— Não há nada para aceitar. Você estava apenas curioso.

— Eu te deixei desconfortável.

— Apenas porque pensei que isso te dava nojo.

— Que me enojava?

— Sim, que você se enojava.

— Não há nada em você que seja nojento.

— Porque é que ainda está segurando a minha mão?

— Eu não faço ideia. — e ainda mesmo assim eu não larguei.

Ela ficou em silêncio durante algum tempo por causa das minhas palavras, olhando para onde a minha mão agarrava a dela. Eu não sabia por que eu ainda não tinha soltado. Eu disse a mim mesmo que

era porque ainda precisava provar do fato de não ter dois dedos não me incomodava. Se eu apenas estivesse tentanto assegurar isso, eu não teria entrelaçado os nossos dedos.

— Você que ficar aqui durante algum tempo? — ela perguntou subitamente, a voz rouca.

— É tarde, amor, porque você não está dormindo? — eu mal disse essas palavras, eu rezei para que ela não mudasse de ideia e me pedisse para sair.

— Eu não consigo dormir. — ela deu de ombros como se não fosse grande coisa, mas os seus olhos se fechavam de exaustão. — Vamos lá, você está caindo da cama.

Ela se pôs debaixo dos lençóis, agarrando a minha mão firmemente até que ela se acomondou contra a parede atrás dela. Eu não resisti quando ela me puxou para o lado dela, embora eu soubesse que era uma má ideia do caralho. Eu tinha vinte e dois anos e de acordo com a minha mãe, ela ainda não tinha dezoito, nada de bom viria do fato de estar na cama com ela no meio da noite, especialmente quando ela estava vestida com bem pouco.

— Eu estive num acidente de carro quando tinha dois anos, — ela me contou quando que me estabeleci. — A minha mãe me disse que a minha mão atravessou o vidro e foi assim que eu perdi os meus dedos.

— Isso deve ter doído como o inferno.

— Eu não me lembro. Eles apenas... nunca estiveram lá, sabe? — ela endireitou os dedos nos meus e olhou para a sua mão. — Eu acho que a maioria das pessoas percebe, mas ninguém diz nada.

— Exceto idiotas que dizem tudo o que passa pela cabeça.

— Nah, apenas você.

— Agora você me pegou... — virei à cabeça para olhar para ela, e ela estava sorrindo maliciosamente. — Você tá brincando comigo?

— Um pouco, talvez.

— Quando é o seu aniversário? — lá estava eu e a minha boca outra vez, perguntando uma merda que não precisava de resposta e que eu nem sequer devia estar pergutando.

— O quê? Oh, no próximo mês.

— Dezoito, certo?

— Sim. Dezoito anos não é muito diferente de ter dezessete anos.

Dezoito era muito diferente de dezessete aos meus olhos.

— Pelo menos você vai ser um adulto legal, certo? Você vai poder sair de casa pra longe dos seus pais horríveis.

— Para onde eu iria? Não é como se eu tivesse um emprego ou qualquer dinheiro, — ela zombou, balançando a cabeça.

— As coisas se resolvem. Você não vai ficar aqui para sempre.

— Você saiu de casa quando tinha dezoito anos?

— Não, eu tive que ficar mais dois anos. Eu fui para a universidade quando a minha mãe foi promovida e conseguia pagar esse buraco de merda ela mesma.

— Você trabalhou, certo? Como um mecânico?

— Sim. Pagava a renda do meu apartamento e as despesas restantes. Embora não sobrasse muito depois disso.

— Oh. — ela recostou sua cabeça contra a parede, mas seus olhos estavam fechados e cada vinte segundos mais ou menos ela caia um pouco para o lado até que ela se empurrava de volta para cima. Ela parecia tão doce dessa maneira, com a boca relaxada e com os cabelos escovando as maçãs do rosto. Eu me imaginei deitado e me envolvendo em torno dela para que eu pudesse passar meus dedos pelos seus cabelos até que ela adormecesse completamente. Eu sabia que era melhor não, embora. Esse caminho me levaria direto para o inferno

— Porque você não dorme amor? — eu perguntei, fazendo com que a sua cabeça se levantasse novamente.

— Não, fique mais um pouco. Eu não estou cansada.

— Eu vi você adormecendo enquanto estávamos sentados. Você está cansada.

— Eu não consigo deixar de pensar no homem que apareceu na minha casa. — ela sussurrou groguemente. — Cada vez que fecho os olhos, penso que ele vai voltar.

— Você não está em casa, você sabe que ele não vai conseguir chegar até você. — eu disse gentilmente, a minha garganta se fechando com o pensamento dela com medo em minha cama. Ela não devia ter

qualquer razão para ter medo, especialmente enquanto estava embrulhada em meus lençóis.

— Há uma janela. — a sua voz estava tão baixa que eu mal a conseguia ouvir, mas quando finalmente percebi o que ela disse, eu tive que me impedir de xingar em voz alta. Havia uma janela aos pés da minha cama, a qual era pequena para que eu pudesse rastejar por ela durante a adolescência. O fato de que ela estava com medo de que uma pessoa acima dos dez anos pudesse rastejar pela janela era uma prova de que ela estava muito assustada. Ela escondia bem, não havia dúvidas em relação a isso, mas a verdade aparecia frequentemente na escuridão da noite, principalmente quando alguém estava tão cansado que as suas barreiras se tornavam inexistentes.

— Aqui, amor. — eu disse calmamente, apesar do meu sangue ferver. Eu queria encontrar aquele pedaço de merda e matá-lo, mas eu tinha coisas mais importantes para me preocupar naquele momento. Eu passei os dedos pelo cabelo dela, até ela descontrair. — Durma, eu não vou deixar ninguém te incomodar hoje. Você tem a minha palavra.

Ela se aconchegou em mim e eu tive que deixar de olhar para ela quando ela encolheu as pernas. Ela estava usando um short no qual eu não tinha reparado quando entrei, mas eles não escondiam mais do que um pouco das suas longas e macias pernas. Eu puxei o cobertor para cima dela, de forma que pudesse escondê-las. Cristo.

Ela estaria com dores de manhã depois de dormir naquela posição, mas eu disse a mim mesmo várias vezes que não interessava. Eu não iria me aconchegar mais com ela. A visão dela estendida na cama podia fazer desaparecer qualquer sentido de decência que me restava.

Eu não iria conseguir dormir com ela ao meu lado. E mesmo que tivesse acontecido qualquer confusão antes, isso havia desaparecido. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que estava completamente fodido.

Capítulo oito

AMY

Eu acordei com um peito duro debaixo da minha cabeça e com dedos passando pelo meu cabelo.

Patrick.

Abrindo os olhos cautelosamente, eu fiz um inventário dos nossos corpos. Eu estava no meu lado com uma mão no seu peito e a outra entre nós. Em algum momento durante a noite, devíamos ter deslizado para a cama, porque ele estava de costas na cama com os pés no chão. Ele não devia estar confortável, mas a sua respiração indicava que ele ainda não tinha acordado.

Tão calmamente e gentilmente quanto pude, eu desenrosquei os seus dedos do meu cabelo e deslizei para fora da cama. Eu não conseguia acreditar que ele tinha passado a noite inteira comigo, e eu estava bastante apreensiva enquanto entrava na sala de estar.

Peg estava lá e não havia nenhuma maneira de que ela não tenha reparado que Patrick não estava onde deveria estar quando ela o deixou ontem à noite.

Era fácil escolher entre estar na cama com Patrcik quando ele acordasse e enfrentasse Peg. Eu deixei o quarto silenciosamente, fechando a porta atrás de mim enquanto seguia o barulho vindo da cozinha.

— Quer o café da manhã? — Peg perguntou enquanto pousava a frigideira.

— Eu provavelmente deveria ir andando. — eu precisava me afastar antes que algo ocorresse mal e eu morresse de vergonha.

— Fique! Hoje há um café da manhã especial!

Antes que eu pudesse perguntar o porquê que o café da manhã era especial, eu senti uma mão deslizar pela minha cintura.

— Bom dia, mãe, — Patrick disse quando passou por mim. Ele se inclinou para beijar a sua testa, e ela sorriu como se ele tivesse descoberto a cura para o cancro.

— Dormiu bem?

— Tenho um fodido nó no pescoço.

— Eu aposto, — disse Peg intencionalmente, sorrindo afetadamente para mim. — Bem, se sentem! A comida está pronta!

Sentamos à mesa enquanto eu tentava evitar os pares de olhos que se fixaram em mim. *Nada para ver aqui, pessoal.*

— Nós vamos fazer uma oração, Patrick, — Peg ordenou, agarrando as nossas mãos.

Ótimo, agora eu teria que segurar a mão dele novamente, quando tudo o que eu queria era ir para casa e lavar os dentes e tentar superar a minha mortificação. Eu levantei a minha mão e agarrei a sua. Eu tentei não mostrar qualquer tipo de reação, mas eu parei de respirar quando ele passou o polegar pelos meus dedos. Os que faltavam.

Os meus olhos encontraram os seus quando ele começou a oração.

— Abençoa-nos, Senhor, e a esse presente que nós...

A oração foi interrompida quando a porta da sala de estar se abriu atrás de mim e a voz de um homem chamou em saudação.

— Margaret! Você está aqui?

A mão de Patrick soltou a minha quando ele se levantou. As veias no seu pescoço engrossaram de repente, o seu rosto como pedra.

— Que merda você está fazendo aqui, pai? — ele perguntou com raiva, me surpreendendo.

— Olha como fala, rapaz, — o homem disse com um olhar severo.

— Você não é bem vindo aqui.

O meu olhar se manteve entre os dois até que senti o aperto da mão de Peg. Quando me virei para olhar para ela, as suas normalmente bochechas rosadas estavam pálidas e ela estava congelada e olhando por cima do meu ombro.

— Um homem não pode visitar o filho no seu aniversário? —

perguntou o homem jovialmente.

Os meus pensamentos sobre a sua completa falta de noção desapareceram quando vi a sua mão se mexer, um movimento familiar porque eu já tinha visto o seu filho fazer repetidamente. Ele estava nervoso, talvez até assustado. Ele olhou para Peg, e eu pude sentir a tensão no ar quando Patrick agarrou a borda da mesa como se isso fosse à única coisa que o impedisse de agir.

— Margaret, amor…

— Olhos em mim, seu velho bastardo, — rugiu Patrick, fazendo com que eu saltasse da cadeira.

Peg começou a pressionar as unhas na minha mão, o seu corpo ainda congelado e com uma emoção que eu não conseguia apontar. Terror? Eu não sabia se era isso. Havia algo lá, mas eu não fazia ideia do que era.

Quando o marido de Peg se aproximou da mesa, eu me movi instintivamente. A minha cadeira deslizou, e pela primeira vez desde que o homem chegou, ele olhou para mim quando me pûs à frente de Peg, bloqueando a visão que ele tinha dela. O meu braço estava torcido de forma estranha já que Peg não parecia pronta para largá-lo, mas eu me recusei a ignorá-lo. Em vez disso, eu olhei para os seus olhos e levantei o queixo.

— Desculpe querida. Eu não reparei que você estava aí. É a garota de Patrick?

— Não fale com ela, — Patrick assobiou enquanto se afastava da mesa.

— Ela é adorável, — ele replicou, olhando para nós dois.

— Eu juro por tudo o que é mais sagrado, velho, mais uma palavra…

Uma borda selvagem passou na voz de Patrick, a qual tirou Peg do seu estupor, porque, com um pequeno aperto na minha mão, ela saiu de trás de mim.

— Robbie, já chega. — a sua voz soou como um chicote, cortando através da pequena cozinha. — Patrick, leve Amy para casa.

— Mãe…

— Faça como eu te digo, — ela revidou de volta, passando em

minha frente.

Os seus olhos se encontraram por um momento, outra conversa silenciosa entre eles. Enquanto eu engolia em seco, Patrick assentiu, agarrando a minha mão bruscamente e me puxando para fora de casa.

— Aquele era o seu pai? — eu perguntei sem fôlego, praticamente correndo atrás dele na calçada. — É o seu aniversário?

— Eu não tenho tempo para isto, — ele replicou laconicamente, — Está com a sua chave?

Eu assenti silenciosamente, devidamente constrangida. Ele estava suando, e eu sabia que não era por causa do caminho apressado até a minha casa. Eu estava perdendo alguma coisa; a razão pela qual o Patrick estava tão frenético para chegar a minha casa.

Me virei e abri minha porta da frente, e então ele estava de repente diante de mim correndo pela casa enquanto eu ficava estupidamente na porta.

— Está tudo bem. Tranque a porta e não saía de casa até que eu venha te buscar, — ele disse me dando um pequeno beijo na testa. Ele começou a descer os degraus antes de se virar para mim. — E fecha a sua fodida janela!— depois disso ele saiu.

Eu tinha estado tão ansiosa para chegar em casa quando acordei, mas de repente eu não tinha certeza do que fazer comigo mesma. Eu tranquei a porta depois que ele saiu e fiquei no meio da sala de estar, olhando em volta como se eu nunca a tivesse visto. Eu senti que devia tomar banho ou algo do gênero, mas eu não conseguia me afastar da porta da frente.

E se ele voltasse? E se ele precisasse de mim? E se Peg precisasse de mim e eu não ouvisse à campainha tocar? As perguntas eram estúpidas. Eu sabia que Patrick era capaz de resolver as coisas sozinho, mas isso não parecia acalmar o meu coração.

Eu não tinha certeza do que tinha acontecido na casa de Peg, mas eu sabia que era ruim. Peg não via o marido há anos, e ela me disse que preferia dessa maneira. Eu tinha percebido pelos comentários dela que a vida do seu marido não era algo que ela quisesse partilhar.

É por isso que ele estava ali?

A minha mente voltou para o rosto que Patrick fez quando Robbie entrou pela porta, e de repente eu me lembrei da forma como olhava o

homem que estava comigo no dia anterior. Eu me virei para o lado e caí no sofá, pondo a mão à frente da boca enquanto pensava na quantidade de emoções que observei em Patrick durante o curto espaço de tempo.

Santo Deus, no que é que a minha vida se tinha tornado? A minha memória voltou ao momento em que acordei com Patrick gritando comigo, o seu peito nu, à forma como me chateou em nosso caminho para a casa de Peg, ao homem que apareceu no dia anterior por causa dos meus pais, à forma como Patrick apareceu e fez com que o homem desaparecesse... e finalmente na forma como ele beijou os meus dedos.

O meu estômago se apertou com a memória.

Capítulo nove

AMY

Eu já tinha tomado banho há muito tempo e estava sentada no sofá quando finalmente ouvi baterem na porta da frente. Já deviam ser três da tarde, e os meus pais tinham ligado dizendo que não vinham jantar, e eu tinha estado passeando pela casa como um animal enjaulado durante horas. Uma parte de mim estava furiosa com o fato de Patrick e Peg terem me expulsado e me terem ordenado ficar em casa, mas a outra parte - uma voz baixa na minha cabeça - estava me dizendo que era melhor ficar longe dos Gallagher. Algo se passava com eles e era muito maior do que a estranha amizade que tínhamos, e eu já tinha problemas suficientes com os quais tinha que lidar.

Eu corri para a porta e tirei o trinco, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa a mais, a porta foi aberta e lá estava Patrick. A sua camisa estava esticada, e os seus braços estavam cruzados, fazendo com que os músculos inchassem. Ele parecia... desalinhado, despenteado.

Quando os meus olhos encontraram os seus, eu engoli duramente. Ele estava chateado. Realmente chateado, e eu não sabia o porquê. Mas antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, as suas mãos estavam na minha cintura e ele me puxou bruscamente para dentro de casa. Ele fechou a porta atrás dele antes de me prender contra a parede.

— Porque diabos você abriu a porta antes de saber quem era? — ele gritou antes de agarrar a minha mandíbula. — Podia ser qualquer um! Coisas más acontecem quando não se tem cuidado, Amy! Você não mora na América. Isso é a Irlanda, certo? Não há lugares seguros na Irlanda.

A sua voz sussurrou as últimas palavras, e os seus olhos se fecharam como se ele estivesse com dor. Eu sabia que as coisas na Irlanda corriam mal e que se podiam tornar pior. Eu via os artigos no jornal e na televisão o tempo todo... mas nunca tinha sentido nada do gênero na minha vida. Eu era uma adolescente americana que

raramente saía de casa, por isso esses problemas não tinham nada a ver comigo. O que diabos se passava? A minha garganta se apertou enquanto o observava tentando se controlar, e sem qualquer pensamento consciente, pus a mão em sua bochecha.

Os seus olhos se abriram e a sua boca tocou a minha, o meu fôlego engatando quando a sua língua deslizou em minha boca. Ele tinha sabor de menta e o seu fôlego era quente contra o meu rosto quando ele se inclinou e mordeu o meu lábio inferior.

— Me toque. — ele gemeu freneticamente, encostando a testa na minha e pondo a minha mão na parte de trás do seu pescoço.

Eu não tinha certeza do que estávamos fazendo, mas a força do seu beijo acendeu alguma coisa em meu cérebro, porque sem qualquer pensamento consciente, com uma mão agarrei um punhado do seu cabelo enquanto colocava a outra em sua volta e me encostava. As suas mãos deslizaram pelos meus lados, eventualmente passando pela minha bunda, apertando-a gentilmente enquanto nos beijavámos. Eu não tinha certeza se deveria estar com vergonha na forma que as suas mãos deslizavam ou pelo fato de que eu me agarrei a ele como um macaco, então eu deixei pra lá e passei a mão por baixo de sua camisa e raspei as unhas nas suas costas.

Enquanto Patrick gemia contra a minha boca e pressionou seu quadril contra o meu, ouvimos a porta da frente sendo aberta e mais uma vez o som de alguém limpando a garganta. Eu rasguei meu rosto para olhar em direção ao intruso e meu rosto ficou quente.

— Trick, — Kevie chamou enquanto Patrick deixava a testa cair em meu ombro e relaxava as suas mãos contra mim, mantendo-as nas minhas calças.

— Desaparece daqui, — ele murmurou contra o meu peito, fazendo com que os meus mamilos enrijecessem. Ótimo, agora os meus mamilos estavam cutucando através da minha camisa, e na frente de ninguem menos do que um padre.

Eu empurrei Patrick, e ele finalmente ergueu a cabeça. Ele tinha esfriado em poucos segundos, uma vez que tinha ouvido a voz de Kevie, e não havia nenhum vestígio do desespero ou raiva que ele tinha mostrado quando ele chegou.

— O que você está fazendo aqui?

— Recebi uma ligação de seu pai, Robbie, dentro do Maloney's

para uma cerveja, passei por sua mãe. Ela me enviou até aqui.

— Bem, está tudo bem, *Padre Kevin*. Vá batizar alguns bebês ou então abençoar alguma maldita casa.

— Eu não estou aqui como padre, — Kevie replicou quieto, incapaz de conter os traços de mágoa e desespero em sua voz. — Estou como seu amigo.

— Um amigo não teria parado o que eu estava fazendo.

Kevie olhou entre Patrick e eu, sua mandíbula apertada. — Um bom amigo teria.

Patrick empurrou, e seu olhar voou em direção onde eu ainda estava de pé sem firmeza contra a parede. Eu não entendi metade do que eles estavam falando, mas eu sabia que no mesmo instante Patrick lamentou o que tinha feito. Ele parecia envergonhado.

— Sinto muito, garota.

— Você está arrependido? — eu perguntei desconfortável.

— Amy-

Eu balancei a cabeça enquanto ele tentava falar comigo, mas eu não podia me forçar a dizer outra palavra. Eu estava tão envergonhada, eu só queria sair. Não só o padre do bairro tinha nos pego fazendo isso como uma adolescente com tesão que eu era, mas com algumas palavras escolhidas, ele de alguma forma fez Patrick se arrepender e agora eu me sentia como uma idiota completa.

— Eu...

— Realmente? Isso é sobre o que você quer falar? — eu praticamente gritei as palavras.

— Hum, não. Eu realmente não...

— É hora de você ir. — me mudei para a porta, abrindo-a, olhando para os homens, impaciente. — Bem, — eu varri o meu braço em direção à rua.

As narinas de Patrick queimaram em minha atitude, mas Kevie parecia estar rindo silenciosamente enquanto ele passava por mim com um aceno de cabeça. Deus, aquele padre era diferente de qualquer outro que eu já conheci.

— Vamos falar sobre isso em breve, — Patrick ordenou quando

ele parou na porta. — Eu não deveria ter…

— Não, provavelmente não, — eu respondi antes que ele pudesse terminar a frase. — Mas isso não é uma grande coisa.

Ele suspirou em frustração como o punho cerrado, — Você tem dezessete anos.

— Quase dezoito, mas quem está contando? — eu acenei minha mão novamente para que ele saísse, mas antes que eu pudesse fugir, ele estava segurando meu queixo e me forçando a encontrar os seus olhos.

— Nós estaremos discutindo isso. Não é nada do que você pensa, mas eu preciso voltar e verificar a minha mãe e os seus pais vão estar em casa logo.

Eu teria o prazer de cair no meio de um buraco negro, naquele momento, enquanto ele ficou lá olhando para mim e eu tentei bravamente não chorar. Patrick tinha me dado o primeiro beijo que eu tive em dois anos, e dentro de instantes tinha esmagado completamente qualquer prazer que eu tinha tido. Ele não tinha apenas me dito que estava arrependido, eu poderia dizer, olhando para ele que ele realmente estava arrependido. Não importava qual fosse a sua razão para lamentar o beijo, ele tinha contaminado isso.

— Certo. Vejo vocês em breve, — eu disse com um aceno de cabeça, puxando o meu rosto.

Ele saiu sem dizer uma palavra, e depois que ele se foi, eu passei mais tempo do que eu deveria ter encostada na porta da frente fechada enquanto eu olhava para a parede que ele me pressionou. O momento mais incrivelmente sexy de toda a minha vida tinha sido algo do qual ele tinha vergonha.

Decidi então que eu ia evitá-lo o tanto quanto eu podia, até que ele fosse para a escola novamente. Nós não precisávamos conversar; seria melhor para todos se agíssemos como se nada tivesse acontecido.

Infelizmente, Patrick Gallagher tinha outras ideias... e tanto quanto eu odiava admitir, eu estava começando a perceber que ele normalmente conseguia o que queria.

Capítulo dez

AMY

— Eu vou para a cama, — eu falei para meus pais, da porta do meu quarto.

Eu não tinha certeza por que eu ainda fazia coisas assim, informado meus movimentos como se eles realmente se importassem de uma forma ou de outra. Eu acho que tinha se tornado um hábito, uma forma de fazê-los me perceber de alguma maneira. Mesmo que eles não se importassem com o que eu estava fazendo, eles não podiam escapar do conhecimento se eu desse a eles deliberadamente. Era um *vá se foder* sutil que não era perceptível a partir do meu tom ou maneira, mas estava lá.

Eles murmuraram de volta em resposta à medida que se aninhavam no sofá, o braço do meu pai enrolado em torno dos ombros da minha mãe em um show raro de intimidade. Isso me fez estremecer em repulsa, sabendo que ela deve ter o deixado muito feliz durante seu tempo longe para ele tratá-la com tanta delicadeza. Me recusei a deixar minha mente contemplar o que ela poderia ter feito com seus 'novos amigos' que justificassem tal comportamento.

Eles tinham chegado em casa logo depois que eu tinha terminado o sanduíche que foi o meu jantar, minha mãe rindo baixinho como uma menina jovem enquanto o meu pai a levava através da porta. Eu tinha certeza que qualquer outra criança no planeta teria se sentido confortada pela cena, mas isso só fez o meu estômago revirar em apreensão. Ele estava satisfeito com ela, e ela estava brilhando em sua aprovação, e eu odiava saber que tudo o que tinha acontecido era provavelmente pior do que eu poderia imaginar.

Nenhum de meus pais disse uma palavra sobre o homem que tinham enviado para a casa no dia anterior. Diferente do avaliador olhar que minha mãe me deu quando ela passou por mim no corredor depois, nem uma palavra foi dita sobre o que eu tinha feito naquele fim de semana. Era como se nada tivesse mudado, como se o pouco de

confiança que eu tinha neles não tivesse desaparecido completamente como uma nuvem de fumaça de um cigarro em um dia ventoso.

Como eles não tinham traído sua própria filha, pagando um estranho para tirar sua virgindade.

Pela maior parte, eu estava feliz que eles não tinham tentado discutir o assunto comigo, não que eu pensei que meu pai diria uma palavra sobre isso. Mas uma pequena parte de mim se ressentia do fato de que a minha mãe continuou como se nada tivesse acontecido. E se tivesse sido horrível? E se o homem que eles me enviaram tivesse me machucado? Eles não tinham ideia do que tinha acontecido com o cara que tinha enviado, e eles não parecem se importar. Mesmo não sendo algo surpreendente, eu não podia negar que doía como o inferno.

Adormeci facilmente naquela noite, as expressões cansadas dos meus pais me despojando da minha preocupação sobre os visitantes na casa. Eu não deveria ter estado tão confiante em seus planos uma vez que as coisas tinham mudado tão rapidamente, mas os acontecimentos do dia deixaram todo o meu corpo lento, como se eu tivesse passado horas chorando. Mesmo estando com medo, eu não teria sido capaz de ficar acordada. Eu estava exausta.

Quando meu colchão afundou mais tarde naquela noite, meu primeiro pensamento quando eu acordei foi nojo absoluto que tivessem quebrado o bloqueio da minha porta. Mas antes que o nojo pudesse se voltar para medo, meus braços estavam presos por mãos apoiadas em meus ombros, puxando meus cobertores contra o meu peito. Hálito quente ventilou meu rosto quando eu abri minha boca para gritar.

— Vai acordar seus pais se você gritar, — uma voz familiar sussurrou, — Sou só eu, amor.

Eu relaxei na cama quando alívio correu através de mim.

— O que diabos você está fazendo aqui? — eu assobiei, empurrando os cobertores que me seguravam. — Como você entrou?

— Eu disse pra você trancar a fodida janela.

— Me deixe levantar

Ele ficou em silêncio por um momento, enquanto ele considerava meu pedido. — O que você está usando aí?

— Você está me zoando? — fiz uma pausa, esperando por uma resposta que nunca veio, então xinguei em voz alta. — Uma camisola de alças e calcinhas, seu pervertido. Feliz?

— Nada de sutiã?

Minha boca ficou boquiaberta como um peixe enquanto eu olhava para ele, meu rosto aquecimento. — Você é tão esquisito. Não, eu não estou usando sutiã, que mulher dorme com sutiã?

— Eu estou me segurando por um fio aqui, sim? — ele advertiu, se inclinando para mais perto até que eu podia ver seus olhos pelo luar entrando pela minha janela. — Eu sei que você não está vendo muito agora, mas me olhos já se ajustaram para o escuro. Eu fiquei te olhando dormir e não vou fazer isso novamente, ok? Senão minhas boas intenções vão voar pela janela.

— Ok, — eu respondi. Ele estava falando sério, e eu estava uma mistura de extremamente satisfeita com as suas palavras e completamente mistificada por elas. — Você me quer, — eu comentei estupidamente para verificar.

— Cristo. — ele se inclinou e esfregou o rosto barbado ao longo do meu, seus lábios escovando meu queixo. — Eu daria qualquer coisa para subir nesses lençóis, mas eu não vou.

— Por que não? — minha voz era muito alta na noite tranquila, e ele me calou, colocando a mão sobre a minha boca, sem querer, me libertando dos cobertores.

— Eu não tenho nenhum argumento pra você, mas você poderá não saber lidar em precipitar isso, — ele puxou a mão da minha boca e correu os dedos suavemente através do cabelo na minha testa.

— Desculpa! Deus, você não faz qualquer sentido. Por que diabos você está fazendo isso? — meu corpo estava aquecido pelo jeito que ele estava me tocando, e parecia realmente cruel continuar a mover sua mão ao longo do lado do meu rosto quando ele não tinha intenção de seguir adiante. Eu empurrei minha cabeça para o lado e para longe de seus dedos. — Pare com isso.

Ele prendeu a respiração pelo meu movimento, e sua cabeça inclinou para o lado enquanto olhava os cobertores que tinham escorregado do meu peito algumas polegadas. Eles não estavam expostos, meus seios estavam ainda totalmente cobertos, mas uma vasta extensão de meu pescoço e clavícula estavam subitamente

nus. Ele empurrou enquanto processava o que estava vendo, o que foi realmente apenas um pedaço inocente de pele. No entanto, a expressão em seu rosto era como se eu tivesse ficado nua.

— Puta merda, — ele murmurou, levantando a mão para correr em toda a minha garganta. — Não tem ideia alguma de como é bonita, tem?

Sua voz estava grossa com luxúria, e meu coração começou a correr em emoção. A tensão entre nós parecia ficar mais forte enquanto ele continuava a correr os dedos por toda a pele do meu peito, às vezes tão incrivelmente suave que eu mal podia senti-lo e outras vezes áspero o suficiente para que eu soubesse que haveria marcas leves de unhas de onde ele tinha arrastado em mim. Ficamos em silêncio enquanto nossos olhos se encontraram e ficaram lá, mas nenhum de nós se moveu enquanto ele continuava a me acariciar.

Finalmente, eu não aguentava mais. Minhas pernas estavam tensas debaixo dos cobertores, meus joelhos inclinando ligeiramente para fora, e eu precisava tanto arquear meus quadris para tentar encontrar algum atrito que a restrição estava fazendo o meu corpo quebrar em suor. Antes que ele pudesse me parar, eu empurrei os cobertores para a minha cintura, a noite fria um alívio que fizeram arrepios correrem sobre meus ombros e meus mamilos endureceram firmemente contra minha blusa fina.

Ele gemeu profundamente em sua garganta e o som me deu uma pausa, percebendo o quão longe eu estava empurrando ele e o controle que ele estava exibindo enquanto ele tentava se conter. Sua mão no meu pescoço começou a tremer, enquanto observava-o deslizar para baixo para o topo da minha camisa. Seus olhos percorreram o que eu tinha descoberto, ele se levantou e se virou para mim, sua mão nunca me deixando.

Seus olhos finalmente encontraram os meus enquanto ele subia em cima de mim, sem remover os cobertores que nos separavam da cintura para baixo. Minhas pernas instintivamente se abriram enquanto seus quadris encontraram os meus. Talvez eu devesse ter ficado mais nervosa do que estava, mas eu estava com quase dezoito anos de idade. Eu não era ignorante aos relacionamentos masculinos/femininos e tudo o que eles faziam, e eu nunca tinha estado tão atraída por alguém. Eu queria ele ali, entre as minhas pernas e apesar de eu não ter estado pronta para ter relações sexuais com ele, eu sabia que no fundo do meu intestino eu não iria chegar tão longe. Eu confiei em

Patrick implicitamente, e não importava o quão duro eu o empurrasse, ele nunca iria mais longe do que eu estava confortável.

— Você vai me matar, — disse ele em voz baixa quando ele se mexeu encima de mim.

Seus lábios encontraram os meus antes que as palavras tivessem completamente saído e sua língua estava na minha boca, esfregando contra a minha. Ele tinha gosto de cigarros, algo que eu nunca imaginei que eu iria gostar, mas eu não poderia conseguir o suficiente dele. Havia algo sobre a maneira como ele me tocou, o modo como ele segurava minhas costas, embora eu tenha deixado claro que isso seria o máximo que iria acontecer - me excitou ainda mais. Ela me deu a coragem que eu não teria tido. Eu deixei de lado os cobertores na minha cintura, a necessidade de sentir sua pele era tão forte que eu gemi em sua boca enquanto minhas mãos escorregaram sob a parte dianteira de sua camiseta onde foi aberta entre nós.

— Tão linda, — ele sussurrou enquanto seus lábios deixaram os meus e tocaram suavemente contra o meu queixo.

Inclinei a cabeça para trás para lhe dar melhor acesso quando ele se mudou para minha mandíbula. A sensação me deixou queimando e arrepiada, e quando senti o raspar suave de seus dentes, eu não conseguia parar de rolar meus quadris contra os seus. Os cobertores ainda estavam entre nós, criando uma barreira que eu odiava, mas quando eu tentei empurrá-los para fora do caminho, seus quadris se projetavam acentuadamente para baixo, imediatamente me dando o atrito que eu desejava e prendendo os cobertores mais firmemente entre nós.

— Vamos deixar isso aí, — ele ordenou, sem dar mais explicações.

Os nossos quadris se moviam em conjunto quando ele segurou minhas mãos em meus ombros, se erguendo com os cotovelos. Eu odiava as poucas polegadas que nos separavam. Eu não estava mais consciente de qualquer coisa, exceto a necessidade de estar mais perto, para esfregar meu corpo contra o dele e se sentir mais de sua pele.

— Por favor, Patrick, — eu sussurrei em seu ouvido quando ele mordeu suavemente no meu. — Vamos tirar os cobertores. Isso é tudo. — eu trouxe meus joelhos para cima, tanto quanto eu podia e os abri em uma tentativa de sentir mais dele, e minha respiração ficou presa quando eu consegui.

— Querendo tirar os cobertores, — ele repreendeu em meu ouvido, sua voz assumindo um pouco do sotaque estranho de Peg, — É tudo que ela quer.

— Por favor. Está bem. Por favor. — eu não me importava como eu soei. Eu precisava dele *agora.* Eu queria quebrar seu controle tanto que ele me daria o que eu queria. Eu arqueei meu peito para cima - meu golpe de misericórdia - e, assim como eu sabia que eles iriam, as tiras finas da minha parte superior da blusa ficaram presas sob os meus ombros e a frente se estendeu tão longe que os meus seios estalaram a partir do topo. Quem teria sabido que ter uma blusa tão velha me deixaria metade nua que se eu torcesse apenas do jeito certo viria a calhar algum dia?

Patrick congelou completamente encima de mim, antes de levantar lentamente o rosto para me olhar nos olhos. Ele estava com raiva. Com tanta raiva que eu imediatamente corei de vergonha.

Ele fechou os olhos com força, suas narinas e boca puxaram em uma careta antes de perder a batalha que ele estava lutando em sua cabeça. Eu o vi, minhas mãos ainda presas nas suas sob os lençóis quando sua cabeça inclinou para baixo e seus olhos se abriram, olhando para os meus seios. Ele não se moveu, mas, surpreendentemente, ele nem sequer precisou.

Sabendo que ele estava olhando para mim acabou com qualquer constrangimento que eu senti e imediatamente aumentou o meu desejo ainda mais. Comecei a mover meus quadris contra os seus, à espera de sua resposta e, depois de um momento, ele empurrou contra mim novamente. Quando o fez, sua cabeça se moveu e de repente meu mamilo esquerdo estava entre seus lábios e ele estava chupando contra o céu da boca. Minha respiração ficou presa enquanto tentava ficar quieta, mas era quase impossível manter os ruídos na minha boca. Tudo parecia *tão* bom.

Até que de repente, não era mais.

Patrick baixou os quadris, me prendendo contra a cama e mordeu meu mamilo duro o suficiente para que não fosse muito doloroso, mas não foi agradável também. Isso é quando eu perdi a batalha contra o som e soltei um gemido triste e dolorido.

— Não se mecha de novo, ok? — ele perguntou duramente quando ele soltou meu mamilo. — Eu deixei tudo claro, mas você foi empurrando e empurrando.

Seu tom era mordaz, e eu imediatamente senti lágrimas atingirem a traseira de meus olhos enquanto eu tentava puxar minhas mãos das dele. De repente me senti nua, o pensamento de seu olhar nos meus seios me deixou tremendo e me fez entrar em pânico.

— Solta! — eu engasguei. — Solta! Solta! Solta!

Minhas palavras ganharam velocidade e volume enquanto eu dizia uma e outra vez, mas levou apenas segundos antes do seu olhar se voltar de surpresa para horror. Ele soltou minhas mãos como se estivessem em chamas, e sua boca estava aberta quando eu puxei a minha parte superior da blusa e empurrei seu peito.

— Me deixe em paz, — eu funguei, assim que eu estava coberta de novo. — Me deixe em paz. — eu trouxe meus braços em meu peito para me proteger, enrolando minhas mãos em punhos no meu pescoço.

— Não, — ele disse em voz baixa, trazendo uma mão para o lado do meu rosto e deixou lá assim que eu tentei me afastar. — Você entendeu errado, amor.

Sua voz era tão suave que a minha respiração engatou, mas baixei os olhos. Eu não queria enfrentá-lo. Eu só queria que ele saísse, para que eu pudesse me enrolar em uma pequena bola e fingir que eu não tinha sido uma idiota.

— Amy, olhe para mim, — ele ordenou. — Eu não vou me mover até que você faça isso.

Eu o odiei um pouco mais naquela hora.

Quando eu finalmente forcei os meus olhos para os dele, o olhar que o meu encontrou era solene.

— Tem dois tipos de mulheres nesse mundo, — ele me disse, esfregando o polegar ao longo da minha bochecha. — As que são para foder e as que são para casar.

Meu corpo sacudiu, e eu não queria nada mais do que dar um tapa no rosto dele. Eu senti as lágrimas secarem em pequenas linhas duras onde tinham corrido pelo meu rosto.

— Por mais que eu te queira, você não é uma foda rápida, — disse ele com firmeza, abaixando o rosto perto do meu. — Eu te conheci desde o momento em que te encontrei, mas eu continuo brincando com fogo, só para estar perto de você. Eu sabia que era melhor não te beijar esta noite, eu sabia que as coisas iriam ficar fora de controle.

— Isso é estupido.

— Verdade. Não teria nada melhor do que entrar em você, querida. Mas isso não está certo.

— Você gritou comigo. — minha voz estava trêmula e eu funguei novamente.

— Eu sinto muito. — ele inclinou a cabeça até que nossas testas se tocaram, fechando os olhos. — Não é de você que eu estou com raiva. Me perdoe — seus lábios encontraram os meus suavemente em arrependimento, e eu suspirei contra sua boca, meu corpo começando a relaxar.

Ele era como um hipnotizador, controlando minhas emoções com um pequeno movimento ou palavra. Eu sabia disso, mas eu não conseguia parar. Era como se meu corpo seguisse o seu, minhas emoções espelhadas às suas.

Assim que sua boca se elevou da minha, ele se arrastou da cama. Quando ele se levantou, eu não podia deixar de olhar para seus quadris onde ele ainda estava duro e empurrando contra o zíper da calça jeans.

— Eu vou ir embora depois de ir para igreja com mamãe na parte da manhã, então você provavelmente não vai me ver de novo antes de eu ir. — ele disse, correndo os dedos pelos cabelos. — É provavelmente o melhor.

— Então, isso, nós, acabou? — perguntei, rolando de lado para vê-lo indo em direção à porta.

— Eu não disse isso.

Eu finalmente olhei para longe de seu corpo e encontrei seus olhos em confusão. — Você acabou de dizer-

Ele balançou a cabeça uma vez, as minhas palavras se afastaram. Se virando para abrir a porta, ele olhou para mim mais uma vez sobre seu ombro. — Eu tenho que me casar com você.

Capítulo onze

AMY

Eu sabia desde domingos anteriores à procura de Peg nos bancos da igreja que essa era diferente, mas isso não me impediu de procurar por qualquer sinal dela ou Patrick no dia seguinte. Ele me deixou cambaleando na noite anterior, questionando tudo entre nós em um replay infinito que não tinha me permitido dormir. Ele teria que *se* casar comigo? Eu tinha dezessete anos, pelo amor de Deus. Eu nem sequer tinha minha carteira de motorista na Irlanda *ou* na América. Eu ainda não tinha completado o ensino médio!

Eu também não poderia envolver minha mente em torno da ideia da existência de duas categorias para mulheres - para foder ou casar. Não estávamos nos anos cinquenta mais. A revolução sexual mudou as coisas, e, francamente, a ideia de salvar a virgindade para o casamento parecia arcaico. Quem queria esperar para dormir com alguém até depois de se casarem? E se eles fossem horríveis na cama? Então você estava preso com eles para a vida, especialmente se você fosse católica. Não haveria escapatória.

Eu fiquei avoada durante toda a missa, minha mente vagando e fazendo com que o meu coração corresse em raiva e confusão. Minha desatenção realmente não importava, embora; nós todos nos levantamos ao mesmo tempo, respondemos ao mesmo tempo, ajoelhamos ao mesmo tempo, recebemos a comunhão ao mesmo tempo. Serviços católicos eram ensaiados assim, sempre o mesmo, nunca surpreendente ou diferente.

Os dias depois se passaram devagar, especialmente depois que eu percebi que Patrick já deveria ter ido embora da casa de Peg e estava em seu caminho de volta para a faculdade. Era como se uma faísca que tinha estado queimando em meu peito enquanto eu sabia que ele estava perto de repente desapareceu, e os dias se espalharam diante de mim sob uma nuvem irlandesa sombria. A única luz do sol durante esses dias foi Peg.

Nós caímos de volta para a nossa rotina normal muito rapidamente depois que Patrick tinha ido embora. Eu encontrava Peg na mesma hora todos os dias depois da escola e corria para sua casa sob a cobertura da escuridão nas noites de entretenimento dos meus pais. A única coisa diferente sobre aqueles momentos em Peg foram os dias que ela recebia uma carta de Patrick. Elas sempre tinham uma ou duas palavras para mim nelas, nada profundo ou embaraçoso, apenas algo que me garantiu que eu ainda estava em seus pensamentos. Ela me deixava lê-las às vezes, e outras vezes ela lia em voz alta, nunca me deixando sequer olhar para a página. Eu sabia que essas cartas continham coisas que ela preferia que eu não soubesse, e eu odiava quando ele escrevia. Eu queria ver as suas palavras, o pequeno manuscrito cursivo que às vezes parecia ter sido escrito enquanto ele estava pensando rápido demais para que seus dedos o acompanhassem e ele nem sequer teve tempo para apagar ou começar de novo. *Eu* precisava ver uma ou duas linhas que tinham sido escritas especialmente para mim.

No dia do meu aniversário, eu me senti especialmente pra baixo. Meus pais tinham me dito na noite anterior que tinham planos para o jantar, e eu temia a hora que eu sabia que eles tentariam conversar educadamente comigo como se eles se importassem com o que acontecia na minha vida. Eles tiveram companhia na noite anterior, e eu tinha segurado o máximo de tempo que pude antes dos ruídos em seu quarto se tornarem tão altos que eu, mais uma vez, subi pela minha janela. Posteriormente, a minha relutância em correr para Peg tinha feito nós duas ficarmos acordadas até tarde da noite, eu porque tinha muito medo de ir dormir e Peg porque ela estava com muito medo *de eu* dormir. Eu tinha prometido a ela quando saí de casa naquela manhã que eu não iria fazer isso novamente, e as bolsas sob seus olhos me fizeram sentir como uma completa idiota quando ela tinha saído para o trabalho.

Peg não estava esperando por mim enquanto eu caminhava para casa naquele dia, e meu intestino apertou em preocupação quando cheguei à varanda da frente. Ela estava bem? Mesmo se estivesse chovendo, ela estava geralmente, pelo menos, de pé na porta enquanto eu fazia meu caminho para a casa dela. Ela nunca tinha estado ausente nos dois meses desde que Patrick tinha ido embora de novo para a faculdade.

— Peg? — eu chamei, batendo em sua porta antes de girar a maçaneta lentamente para encontrá-la desbloqueada. — Peg? Você está em casa?

— Aqui, querida! — ela chamou da cozinha. A respiração que eu estava segurando imediatamente me deixou em bufar de alívio.

Assim que cheguei à cozinha, eu fui cumprimentada com a visão de um pequeno bolo com velas de aniversário. — Parabéns! — ela gritou tão alto que eu tinha certeza de que os vizinhos do outro lado da rua ouviram.

Minha boca levantou em um sorriso enorme quando olhei ao redor da cozinha. Ela pendurou uma bandeira feita em casa e serpentilhas, e eu poderia ter chorado pela dificuldade que eu sabia que ela tinha ido.

— Eu não posso acreditar que você fez tudo isso. — meu coração estava leve quando eu encontrei seus olhos.

— Claro que fiz! Minha menina faz dezoito anos hoje. É motivo de celebração! — ela levou o bolo para a mesa e deixou lá, com cuidado para não deixar as velas queimarem. — Me desculpe não ter te esperado na porta. Eu queria deixar as velas acesas quando você entrasse! Bem, apague elas, então.

Deixei minha mochila no chão quando eu me aproximei dela, mas eu não estava com pressa para soprar as velas. Eu não tinha tido velas de aniversário em anos. Eu queria saborear o momento, olhar para tudo apenas um segundo para que eu pudesse me lembrar de cada detalhe mais tarde. Quando finalmente me inclinei para apagar, ela começou a bater as palmas, um largo sorriso no rosto.

— Eu amo você, — eu disse a ela, a voz cheia de admiração.

— Menina doce, — ela murmurou com um olhar suave, — Eu amo você também.

Nós nos sentamos e comemos o bolo amarelo que ela tinha feito, e assim que eu terminei, ela levantou de sua cadeira para pegar um pequeno embrulho do sofá.

— Você não tem que- — eu comecei desconfortavelmente.

— Ah, eu queria. É o dia do seu nascimento, o dia que Deus achou que deveria te trazer a terra, para que 17 anos mais tarde você caminhasse até a mim. Vale a pena celebrar, e vale a pena um presente. — ela me entregou o pacote mole e se levantou, com expectativa esperando que eu abrisse.

Eu não poderia evitar a aparência de confusão ou o surgimento de um sorriso que bateu no meu rosto.

— Um avental. Você fez isso? É lindo!

— Sim, eu fiz. É hora de você começar a aprender um pouco mais na cozinha. Nós vamos começar as aulas após a escola amanhã. Você já é uma adulta, você precisa ser capaz de alimentar sua família com algo mais do que espaguete cozido e... não que isso seja algo para se envergonhar.

— Eu amo isso.

— Sério? Tem certeza? — perguntou ela, nervosa.

— Tenho certeza.

— Certo. Bem, então, mais um presente para você.

— Peg, você não precisava-

— Oh, este não é meu, — ela respondeu com um sorriso furtivo, me entregando um envelope fino. — Vá para a sala de estar enquanto eu limpo isso. Tenha um pouco de privacidade, sim?

Para Amy em seu aniversário estava escrito na frente do envelope com uma letra familiarizadamente bagunçada. Eu mal consegui chegar até o sofá antes de eu cuidadosamente abrir, com medo de arruinar até mesmo o envelope.

Amy,

A que distância as estrelas parecem, e quão longe é o nosso primeiro beijo...

Eu gostaria de acreditar nessas palavras para mim mesmo, mas eu vou ser honesto e dizer que eles vêm de WB Yates. Não tente encontrar o resto do poema, é um pouco deprimente. Apenas estas poucas palavras me parecem lembrar de você.

Espero que você esteja bem. Mamãe diz que você está gastando muito tempo com ela. Isso é bom. Gastar tanto tempo com ela tanto quanto você pode, é bom para ela e isso mantém você longe dos seus pais.

Espero que você tenha um aniversário maravilhoso, querida.

Eu gostaria de poder te escrever páginas e páginas, mas se eu começar a fazer isso, eu sei que eu não vou ser capaz de parar. Eu nunca vou terminar qualquer trabalho feito dessa forma.

Saiba que eu estou pensando em você constantemente, especialmente em seu dia especial. Eu gostaria de poder estar com você para comemorar.

Se cuide, amor.

Patrick

Eu li a sua carta uma e outra vez, deixando-a se infiltrar em meu cérebro até que eu poderia recitá-lo palavra por palavra. Ele me chamou de querida e amor. Meu coração disparou enquanto eu o imaginava sentado a uma mesa pequena em algum lugar, imaginando o poema certo a as palavras para escrever. Ele não tinha rabiscado nenhuma letra, como se ele tivesse escolhido cuidadosamente cada palavra antes de escrever.

— Amy, é quase cinco, — Peg me avisou quando ela colocou a mão em cima da minha cabeça. — Melhor guardar isso por agora e ir para casa.

— Eu gostaria de não precisar disso, — eu murmurei, dobrando o papel de volta e deslizando-o em seu envelope.

— Eu sei. Fizeram planos especiais esta noite?

— Meus pais estão me levando para jantar, — eu respondi quando eu peguei minha mochila e guardei a carta lá dentro.

— Bem, eu tenho certeza que vai ser lindo. — soou como se ela estivesse tentando convencer a nós duas.

— Provavelmente não. Eu duvido que vá terminar até a noite, no entanto. Mesmo se *eles* não trouxessem pessoas para o meu aniversário. — eu me inclinei para abraçá-la e respirei profundamente. — Muito obrigado pelo meu bolo e meu presente.

— De nada. — ela acariciou minhas costas duas vezes e, em seguida, me empurrou para longe suavemente. — Vá em frente então. Me conte sobre o jantar amanhã.

Saí de casa com um nó no estômago que, mesmo pensar na minha carta não poderia afugentar. Eu não pertencia aos meus pais

mais. Peg sabia disso, e eu sabia disso. No entanto, eu continuava a ter de voltar para eles, e cada vez se tornava mais difícil fazer isso.

No momento em que os meus pais me pegaram para o jantar, a carta debaixo do meu colchão se tornou outra coisa que me deprimia. Eu adorei cada sentimento e carta curva... mas isso me deixou com mais saudade de Patrick. Eu queria ouvir sua voz. Eu queria sentir o cheiro de fumaça de cigarro e sentir os calos nos seus dedos roçando meu rosto. E eu odiava que eu estava gastando meu jantar de aniversário com duas pessoas que não tinham dado a mínima para mim por tanto tempo quanto eu conseguia lembrar.

— Por que tão triste? — minha mãe perguntou quando nos sentamos no restaurante mais badalado em Ballyshannon. Eu odiava que eles tinham me levado para lá. Era mais para mostrar do que qualquer outra coisa. Eles queriam ver e serem vistos; os pais amorosos que levaram sua filha para um jantar caro para o seu aniversário. Isso foi nojento.

— Nenhuma razão. — eu sorri para o garçom quando ele saiu, então brinquei com meus talheres.

— Bem, se anime! Você tem dezoito anos! Toda menina não espera com impaciência o dia em que ela faz dezoito anos?

Eu sorri levemente em um esforço para fazê-la parar de falar. Sua voz era forte e desagradável na sala silenciosa, o sotaque americano que ela tinha tão cuidadosamente desenvolvido levando as pessoas a olhar para a nossa mesa. Exatamente pela razão que ela tinha feito isso.

— Um adulto legal agora, hein? — meu pai perguntou em voz apropriada para o restaurante em que estávamos sentados. — Como se sente?

— Praticamente a mesma de ontem.

Não demorou muito para o garçom voltar com nosso pedido, e logo depois estávamos comendo as refeições em silêncio, a sessão de perguntas e respostas tinha acabado. Não era como se eles me ignorassem, eles simplesmente não tinham mais nada a dizer. Quando você tem pouco interesse na pessoa do outro lado da mesa, deixa uma conversa praticamente impossível.

Não foi até que a sobremesa foi servida que meu pai mais uma vez começou a falar, e o chão parecia como se estivesse desabando debaixo de mim.

Capítulo doze

PATRICK

— Eu cometi um erro, — Robbie nos disse, se sentando pesadamente na cadeira desocupada de Amy. — Eu não tenho certeza se isso aconteceu, mas rapazes...

— O que diabos você fez, pai? — meu estômago estava revolto com a visão dos ombros curvados de meu pai. Eu nunca o tinha visto menos do que completamente confiante, não importava a situação, mesmo o dia em que minha mãe o tinha expulsado depois que ela descobriu que ele tinha estado passando o tempo com os irmãos O'Halloran. Ele argumentou, então foi embora.

Ele poderia ter ficado. Eu tinha visto em seu rosto que ele sabia que poderia fazer mamãe mudar de ideia, mas ele não tentou. Seu respeito por ela e uma dose considerável de orgulho o havia forçado a sair de casa naquele dia, e eu só o tinha visto esporadicamente através de minha infância. Não foi até que eu comecei na faculdade que comecei a vê-lo com mais frequência, nossos caminhos se cruzando de uma forma que eu sabia que não tinha sido por acaso.

Eu já estava lamentando ter posto os olhos sobre ele novamente.

— Eu tinha um emprego, era simples, não é? Entre, faça, saia. Mas não aconteceu desse jeito. Saia, tudo bem. Mas foda-se se esses bastardos não me fizeram parecer um idiota. — ele apoiou os cotovelos na mesa, abrindo e fechando os punhos enquanto olhava para eles. Quando seus olhos se levantaram para encontrar a mamãe, eu sabia que era ainda pior do que eu imaginava. — Eu não sou mais confiável, — ele sussurrou.

Mamãe fez um barulho triste em sua garganta e levantou os dedos trêmulos para descansar contra sua testa. Meu corpo de repente pareceu como se os músculos fossem estourar, minha pele muito apertada para o meu corpo.

— O que quer dizer, pai? — perguntei, batendo o punho na mesa. — O que você acabou trazendo pra cima da gente?

— Eu não trouxe nada para cima de vocês, — ele respondeu calmamente, levantando a mão para minha mãe, que tinha começado a chorar. — Eu não estou certo do que vai acontecer agora. Eu tenho que encontrar uma maneira de me por no caminho de volta. Se eu não conseguir... bem, eu queria ver minha esposa.

Mamãe fungou e virou a mesa, deixando meu pai puxá-la para o seu colo. Quando ela continuou a chorar, ela puxou sua cabeça para seu peito e todo o seu corpo pareceu murchar no dela. Eu não podia ver isso.

Levantei da mesa em silêncio e eles não perceberam que eu saí da casa.

Eu pensei sobre as palavras do meu pai enquanto eu bebia em um bar perto da minha casa. Eu tinha estado lá há pouco tempo, apenas depois de ter terminado os meus exames, os quais eu tinha certeza de que tinha passado na média. Como um rapaz poderia se concentrar em seu curso quando tantas outras coisas estavam acontecendo ao redor dele era um mistério para mim, mas eu tinha continuado até que o prazo tinha terminado. Eu não teria que refazer os exames, pelo menos era alguma coisa.

Eu deveria ter estado comemorando, mas foda-se se eu poderia comemorar qualquer coisa naquele ponto. Eu tinha visto o meu pai algumas vezes desde o dia na cozinha da minha mãe, mas mal tínhamos dito uma palavra um ao outro. Nós basicamente passávamos um pelo outro na rua perto da universidade. Ele não pertencia a qualquer lugar perto de lá, mas eu nunca mencionei isso. Eu sabia que ele estava se fazendo visível para me assegurar que as coisas não haviam mudado. Ele ainda estava vivo. Por quanto tempo? Isso era uma incógnita.

Eu não queria saber o que estava acontecendo. Fiquei contente, é claro, que ele ainda estava vivo, mas eu não queria ser puxado para dentro de sua vida e da sombra que pairava acima dele. Eu era um erudito, por amor de Cristo. Eu acreditava em uma Irlanda unificada, sim, mas a luta entre nós não iria nos levar a lugar nenhum. Eu acreditei que as coisas mudariam quando começássemos a usar as nossas palavras, em vez de nossos punhos, um ideal que a minha mãe tinha ironicamente imposto em mim quando eu tinha brigado com Kevie quando criança. A força bruta poderia mudar a ideia de um homem, claro que podia, mas quando dois adversários eram tão claramente parecidos e sem vontade de desistir? Isso levou a uma longa e sangrenta batalha desnecessária. Uma que eu não queria fazer parte.

Meu corpo se sentiu lânguido quando eu derrubei o último gole da minha bebida contra meus lábios e eu estava relaxado pela primeira vez em meses, até que três homens entraram no pub. Minhas costas se endireitaram à sua chegada e todos meus músculos se retesaram em preparação. Eu os conhecia. O menor dos três era o líder, mais alto no rank do que o meu pai, mas não no topo. Seus dois seguidores eram maiores, musculosos e pareciam estúpidos e quando eu olhei mais perto percebi que o loiro era de Ballyshannon. Irmão mais velho de Kevie.

Eu tinha estado nesse pub mais vezes do que eu poderia contar, mas eu nunca tinha visto ele antes. Eu estupidamente pensei que eu poderia evitar tudo lá, que o pequeno pub apenas a duas ruas de distância da universidade era de alguma forma protegida das coisas que eu tentei ignorar. Idiota, talvez, mas eu tinha estado frequentando o lugar por mais de dois anos e foi a primeira vez que eu tinha visto algo que podia me impedir de voltar.

Meu corpo ficou mais tenso quando o cara pequeno se inclinou por trás de uma ligeira mulher loira que estava rindo alegremente com seus amigos.

Ela congelou com uma mão no ar quando ela ouviu sua voz. Ela o conhecia, mas era claro que ela não gostava dele. Seus olhos se arregalaram quando ela encarou em sua direção, mas eu sabia que ela não estava me vendo. Eu estava enfiado no final do bar, e seus olhos estavam desfocados quando ela começou a acenar com a cabeça para tudo o que ele estava dizendo. Quando seus dedos começaram a cavar em seu ombro, levou tudo o que tinha para não me levantar do meu banquinho.

Em vez disso, eu a observei soltá-la e ir para uma mesa separada com seus homens. Quando ele ficou confortável, chamando a garota alto o suficiente para que todo o lugar pudesse ouvi-lo, ela começou a pedir desculpas para seus amigos com um pequeno sorriso, o desconforto visível em seu rosto. Ela saiu poucos minutos depois, e em um momento de estupidez absoluta, eu a segui.

— Senhorita, está bem? — eu perguntei calmamente quando eu cheguei até ela a poucos quarteirões de distância.

Ela gritou em resposta, girando para me encontrar com as mãos em uma pose defensiva. Eu a assustei... e Cristo, ela era linda.

— Por que diabos isso te importa? — ela repreendeu, soltando os braços quando ela olhou para o meu rosto. Tenho certeza de que eu

parecia um idiota enquanto eu olhava para ela. Ela era impecável. Cachos cor de mel estavam selvagens e indomáveis em torno de seu rosto em forma de coração e cobrindo parcialmente grandes olhos castanhos com cílios longos e uma boca com o lábio inferior mais cheio. Seu suéter grosso escondia a maior parte do seu torso de mim, mas não conseguia disfarçar seus altos seios e cintura fina que afunilava para baixo para uma bunda que parecia grande demais e redonda para combinar com o resto dela. Perfeição. Ela era absolutamente perfeita de uma forma que deixava homens de boca aberta e deixava as mulheres com uma carranca na defensiva.

— Eu conheço você, — disse ela. Então, de repente, ela estava corando. Seu rosto corado era ainda melhor.

— Huh?

— Temos algumas aulas juntos. Eu sou Moira Murphy.

— Desculpe, bonita, não está soando nenhum sino. — o rosto dela caiu e eu poderia ter me chutado. Porra. Eu devia ter mentido.

— Oh, bem... — ela passou a mão pelo seu cabelo encaracolado e riu desconfortavelmente. — Certo, bem, sim, eu estou bem e obrigada por perguntar. Eu vou para casa agora.

Ela se afastou de mim e começou a caminhar rapidamente pela rua escura antes de puxar minha cabeça para fora da minha bunda e pará-la novamente. Eu não podia deixá-la ir embora. — Minha casa é na esquina, — eu disse a ela, inclinando a cabeça para o lado e dando a ela o meu sorriso mais encantador. — Se você não estiver pronta para ir para casa ainda.

As coisas estavam um pouco confusas enquanto eu esperava por sua resposta. Eu tinha estado tão cansado de esperar. Eu sabia que estava brincando com fogo, mas o pensamento de foder com esse homem no pub - a personificação de todas as razões pela qual eu não tinha tido um pai enquanto eu crescia, era muito delicioso para resistir. Eu queria atacar. Eu queria transar com ela tão bem que eu arruinaria o idiota que tinha arruinado a noite dela. E, francamente, eu quis esquecer por um tempo que a merda ao meu redor estava ficando mais espessa e eu estava com tanta saudade de casa que eu mal podia seguir com os planos que eu tinha desde a escola primária.

Ela foi construída para o sexo e a forma como ela me disse que sabia quem eu era me deixou confiante. Ela tinha me visto, e ela gostou do que viu.

Moira olhou para trás na direção em que veio por um momento, então bufou desafiadoramente. — Tudo bem, — respondeu ela, a voz confiante.

Logo, o único pensamento em minha mente era a chance improvável que o meu nível de consumo prejudicaria minha capacidade. Quanto mais tempo nós estávamos do lado de fora, mais distorcida minha cabeça se tornava, a última dose que tomei tinha finalmente me alcançado. Eu não tinha certeza de como nós chegamos em meu apartamento com a forma como eu estava me sentindo. Tenho certeza de que tinha sido pura vontade da minha parte. A mulher tinha curvas em todos os lugares certos, e uma maneira de mover o corpo dela que me garantiu que ela sabia exatamente como ela parecia.

Eu estava com tanto tesão por ela no momento em que chegamos em casa, que nós nem sequer chegamos à cama antes que eu estivesse dentro dela. Eu estava frustrado e irritado e à procura de qualquer coisa que fizesse eu me sentir melhor. Fomos vorazes, nós dois, e eu estava apenas bêbado o suficiente para pensar que ela me achou tão atraente como eu a achei. Nenhuma vez me ocorreu que ela teria um motivo diferente para rasgar as roupas do meu corpo.

Eu descobri mais tarde que nós dois estávamos correndo de coisas naquela noite - o peso das responsabilidades, medo, ameaças, preocupações, e no seu caso, opressão. Nos exploramos mutuamente durante toda a noite, a necessidade entre nós não deixando espaço em nossos cérebros para qualquer coisa além da saciedade. Exatamente o que eu esperava.

Não era até a manhã seguinte, quando acordei com o telefone tocando no meu balcão, que o peso esmagador das minhas responsabilidades e promessas não ditas quebrou através da névoa de luxúria e álcool. Ela já tinha ido embora, mas meus lençóis cheiravam a sexo e ao perfume que ela estava usando, um lembrete do que eu tinha feito.

Enquanto eu subia nu da cama retorcida, eu esfreguei minha mão pelo meu rosto. A interação no bar tinha sido uma indicação clara de que ela estava de alguma forma ligada à vida que eu estava tentando tão arduamente ficar longe, e a nova preocupação era como um peso nas minhas entranhas. Ela era uma garota legal, as poucas vezes que tinha falado quando nossas bocas não estavam ocupadas me levou a acreditar que ela era inteligente, e ela tinha um senso de humor seco que estava em desacordo com seu rosto doce. Se a vida era diferente, havia uma boa chance de que eu teria a perseguido. A sua

personalidade, no entanto, não se mudava os fatos. Meu único recurso era de recusar a reconhecer o que tinha acontecido e não correr atrás dela novamente.

Com a decisão tomada, eu tropecei até o telefone. Eu cheguei longe demais para deixar seios grandes e uma buceta quente foder minha vida.

— Sim?

— Patrick, é a mamãe.

— Mãe, por que você está me ligando... — me virei para verificar o relógio na caixa ao lado de minha cama. — Sete da manhã, porra?

Minha respiração parou enquanto ela permanecia em silêncio, nem mesmo me castigando pela minha língua.

— Eu acho que há algo de errado com Amy.

Jesus Cristo. Em todas as minhas recriminações naquela manhã, eu não queria pensar sobre a garota esperando por mim em Ballyshannon. Isso iria destruí-la. Eu não tinha feito nenhuma promessa, mas Cristo, eu tinha deixado implícito um monte de coisas. Era mais um motivo no topo de uma lista grande que me convenceu de que eu tinha que esquecer que a noite anterior tinha acontecido.

De repente, o plano pareceu como se estivesse fechando em torno de mim.

— Os exames acabaram, estou indo para aí.

Capítulo treze

AMY

O tempo foi passando a um ritmo alarmante, não importava como eu tentava retardá-lo, e eu tinha certeza de que me esconder no meu quarto não estava ajudando. Eu passei mais tempo do que o habitual com Peg, também, mas que parecia tornar as coisas ainda mais difíceis, então eu tinha parado de fazer um esforço. Ela estava preocupada, mas ela não me empurrava para respostas.

Eu não estava pronta para falar sobre isso. Se eu não dissesse isso em voz alta, eu poderia tentar fingir que não estava acontecendo.

Meus pais estavam ocupados demais com o seu calendário social de costume, o que significava que eu estava dormindo em casa todas as noites. Eu odiava e adorava ao mesmo tempo, desejando que estar com Peg enquanto me agarrava ao meu pequeno quarto, como um pedaço de madeira no oceano. Eu não podia ver um jeito de sair da situação, *não* havia nenhuma maneira de sair, e ainda assim eu continuei a orar todas as noites por algum tipo de ajuda.

E, de repente, a ajuda chegou.

Eu acordei esta manhã depois de uma noite de sono inquieto com a minha cama se movendo quando alguém se sentou ao meu lado. Isso estava se tornando familiar. O aroma de hortelã, fumaça de cigarro e algo estranho atingiu minhas narinas antes de eu até mesmo abrir meus olhos, e eu senti uma protuberância crescer em minha garganta. Eu reconheci o cheiro.

— Ei, querida, — ele sussurrou, escovando meu cabelo para longe do meu rosto. — Hora de acordar.

Minha respiração ficou presa com a ternura em sua voz, e meu coração começou a bater forte no meu peito. Embaraço que ele me encontrou suja e despenteada do sono guerreou com imenso alívio que ele finalmente estava lá. Eu tinha sentido tanta falta dele.

Era estranho, realmente, como um fim de semana tinha mudado completamente a forma como eu via as coisas. Eu já não ia junto com a sensação de apatia que eu tinha desenvolvido ao longo dos últimos anos. Quando sua vida muda tão frequentemente, é fácil parar de se preocupar com as novas pessoas que encontra e os novos lugares que você vai. Se você sabe que mais cedo ou mais tarde você vai ter que sair de algum lugar com nenhuma escolha a respeito de quando ou por que, você aprende a ver tudo em uma névoa facilmente mutável e esquecível. É um mecanismo de defesa, se você não se apaixonar por um lugar, você não está triste por deixá-lo.

Patrick tinha de alguma forma trago tudo em detalhes vívidos. Quando eu via alguma coisa, eu queria dizer a ele sobre isso. Eu queria discutir sobre o dono da mercearia, onde Peg trabalhava. Eu queria reclamar sobre o padre na minha escola que tinha uma carranca perpétua em seu rosto. Eu queria puxá-lo para a chuva e pular nas poças com ele só para vê-lo rir. Eu queria discutir livros e sobre a política, e da forma como meus dedos doíam quando estava frio lá fora.

Eu apenas senti falta dele.

— Ei. — meus olhos se abriram e eu limpei minha garganta arranhada enquanto eu o olhava. Ele estava vestindo um moletom e jeans, seu cabelo escondido sob um gorro de tricô que eu sabia que Peg tinha feito para ele dois Natais atrás. Parecia algum tipo de bandido, com o gorro puxado para baixo e seu rosto sujo... e ele nunca foi tão atraente.

— Você parece uma merda. — ok, talvez não tão atraente.

— Obrigada, idiota. — eu fechei os olhos e tentei em vão puxar os cobertores mais para cima dos meus ombros. — Você pode ir embora agora.

— Ái, não haja assim.

— Bem, você parece um criminoso, — eu resmunguei.

Bom retorno, Amy. Fantástico. Sério.

Ele começou a rir, e eu não poderia deixar de seguir, empurrando meu rosto no meu travesseiro. Sua risada era mais profunda do que sua voz regular, grossa e gutural, como se tivesse saído do fundo de sua barriga, e o barulho era contagiante.

— Levante e vamos, — ele ordenou quando seu riso acabou. — Seu cheiro e seu cabelo estão...

Meu rosto queimou quando suas palavras sumiram. Eu sabia como eu parecia. Como merda – assim como ele havia dito. Mas eu não tinha sido capaz de encontrar vontade para cuidar de mim até que eu acordei com ele ao meu lado. De repente, minha recusa em sair da cama parecia boba e imatura.

Eu não disse uma palavra enquanto eu empurrava os cobertores para baixo e saia da cama, ignorando sua ingestão aguda de respiração. Eu tinha usado muito pouco para a cama, apenas uma blusa e algumas roupas íntimas e mesmo sabendo como eu parecia e cheirava realmente mal, eu ainda estava descobrindo um monte de pele.

Tomar banho levou um tempo. Eu não tinha raspado as pernas em mais de uma semana e... ah, merda minhas axilas! Eu não tinha levantado meus braços, tinha? Nojento. Eu demorei um inferno para tirar os nós do meu cabelo comprido e eu também escovei os dentes. Duas vezes. Deus sabe que eu precisava. O tempo todo eu me perguntava o que ele estava fazendo ali, na minha casa. Tinha sido um pouco mais de uma semana desde o meu aniversário, e de sua carta. Eu sabia que ele tinha testes na escola que ele não poderia faltar. Ele já tinha acabado? Minha escola estava há apenas alguns meses até a graduação, e meu estômago apertou com o pensamento.

O que diabos eu iria fazer?

Quando voltei para o meu quarto em uma blusa flanela quente e calças de brim, Patrick havia arrumado minha cama. A roupa estava enrolada em uma bola, e ele estava sentado no colchão nu, se inclinando com os cotovelos sobre os joelhos e sua cabeça inclinada em direção ao chão.

— Tudo limpo, — eu anunciei em voz baixa, agarrando sua atenção. — O que você está fazendo aqui, afinal?

— Você tem olheiras sob seus olhos, e eu acabei de te encontrar dormindo como morta as onze de manhã, — ele disse, ignorando a minha pergunta. — O que está acontecendo, Amy?

— Nada. — minha resposta foi muito rápida, muito afiada e definitiva para passar como nada além de uma mentira.

Ele procurou meus olhos por um longo momento, então seu olhar viajou para baixo do meu corpo lentamente antes de encontrar os meus novamente. — Mamãe está preocupada com você.

— Eu-

— Ela me ligou essa manhã, aos prantos, me dizendo que há algo errado com você, — sua boca firmou em uma linha reta quando ele olhou para longe de mim. — Então chego aqui e te encontro dormindo como morta no mesmo do dia. — ele se levantou e eu dei um passo involuntário para trás. Eu tinha esquecido como ele era muito maior do que eu, e mesmo que não me assustasse, ele me deixou incrivelmente ciente do pequeno tamanho do meu quarto. — Eu posso ver que algo está acontecendo, sim? Eu posso dizer pelo seu olhar. Então, por que não vamos cortar essa besteira, e me diga logo antes que eu perca a cabeça.

Meu queixo caiu quando eu percebi o quão tenso ele estava. Suas mãos estavam flexionando em seus lados, e sua cabeça estava inclinada em questão enquanto ele me olhava. Eu poderia até ver seu peito subindo e descendo duramente debaixo de sua camisa, quase como se ele tivesse estado correndo.

As palavras vieram caindo para fora da minha boca sem pensar.

— Eu tenho dezoito anos. Meus pais estão se mudando. Estão querendo voltar pros Estados Unidos, eu acho. Eu não tenho certeza e eles não me contaram. Mas eles disseram que eu não posso ir com eles. Bem, eles não disseram isso exatamente, foi meio que implícito, 'Você é uma adulta agora e pode cuidar de você mesmo, então estamos nos mudando'. Eles não especificamente me chutaram para fora. Eles disseram que eu poderia ficar nesta casa, se eu quisesse, mas eu não posso pagar o aluguel e eu não tenho um emprego e eu ainda tenho um par de meses na escola e eu não sei o que eu vou fazer. — na verdade dizer as palavras em voz alta trouxe um alívio tão grande que eu disse a última frase em um longo lamento, minhas palavras rolando umas sobre as outras, e quando eu tinha acabado, eu podia sentir um soluço borbulhando em minha garganta. — Por que eles fariam isso?

Ele não disse uma palavra quando ele se aproximou, e antes que eu pudesse tomar outra respiração, ele deslizou uma mão na minha cintura e a outra sob a minha bunda, me impulsionando até que eu estava enrolada nele. Eu enterrei meu rosto em seu pescoço quando ele começou a andar pela casa, conversando em voz baixa e beijando minha testava.

— É por isso que você estava dormindo o dia todo? Shhh. Shhh, podemos corrigir isto.

Eu não tenho certeza se ele mesmo fechou a porta da frente quando nós saímos, suas longas pernas comendo a distância entre a minha casa e a de Peg rapidamente. Estava anormalmente calmo quando entramos, e eu me lembrei que Peg estava no trabalho por mais algumas horas, mas eu não disse uma palavra quando ele deu a volta no sofá e se sentou pesadamente. Sua mão estava esfregando para cima e para baixo as minhas costas, em movimentos longos, e eu não queria lutar com ele quando ele pegou uma perna e depois a outra em torno de sua cintura e inclinou em seus lados, então eu estava encachada em suas coxas. Eu estava mais confortável dessa forma, a posição parecendo nada sexual quando eu me enterrei ainda mais fundo na frente de sua camisa.

Eu fui consolada de uma forma que eu nunca tinha sido antes. O alívio de dizer a alguém que eu iria em breve ser uma sem-teto fez a situação *parecer* menos, de alguma forma, como se apenas a narração tivesse deixado as coisas menos assustadoras.

Meu corpo ficou frouxo quando ele silenciosamente esfregou minhas costas e o cansaço que parecia ser meu companheiro constante ao longo da última semana penetrou ainda mais fundo em meus poros. Eu não tinha certeza de como ele pensou que poderia consertar as coisas. Eu olhei para o problema de uma centena de ângulos diferentes e tentei encontrar uma solução... mas sua confiança era um bálsamo para meus nervos.

Enquanto eu me afastava com o rosto ainda pressionado contra seu pescoço, eu estava sobrecarregada com gratidão que ele estava lá. Eu também percebi que ele cheirava um pouco diferente. A perfume!

Capítulo catorze

PATRICK

— Você a expulsou de casa, mãe.

— É esse o problema, então?

— Ela começou a chorar quando eu perguntei a ela sobre isso.

— Ah. Ela sabe que pode ficar aqui.

— Obviamente que não, uma vez que a pobre menina nem sequer estava saindo da cama de tão preocupada.

Suas vozes eram baixas, mas eu ainda ouvia cada palavra depois que Peg veio andando pela casa depois do trabalho. Eu ainda estava no colo de Patrick, e minhas pernas estavam doloridas de estar na mesma posição por muito tempo, mas eu não queria me mover. Ele não tinha percebido que eu estava acordada, e eu estava gostando da sensação de uma de suas mãos no meu cabelo e a outra descansando nas minhas costas.

— Bem, parece que ela está descansando um pouco agora.

— Ela estava, até que você veio batendo na porta.

Eu sacudi com as suas palavras e ri um pouco por ter sido pega. Sua mão deslizou para fora do meu cabelo para que eu pudesse me inclinar para trás, e quando abri os olhos, a única coisa que eu podia ver era o rosto de Peg.

Sua mandíbula estava definida em uma linha teimosa, e suas mãos estavam em seus quadris enquanto ela olhava para mim.

— Nós vamos embalar suas coisas e trazer você esta noite, — anunciou ela com um aceno. — Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso.

Ela pisou na direção de seu quarto quando Patrick começou a rir debaixo de mim, e eu congelei quando seu corpo sacudiu com suas

risadas. Ele estava esfregando contra mim em todas as maneiras que eu tinha ignorado quando ele tinha nos jogado no sofá antes.

— Bem, isso foi... — eu não tinha certeza do que dizer. Meu espanto deve ter aparecido no meu rosto, porque ele de repente parou de rir.

— Eu não disse a você que eu iria acertar isso? — perguntou ele calmamente, colocando a palma da mão contra a minha bochecha.

— Mas por que ela-

— Se você não percebeu, minha mãe te adotou. Não tem como voltar agora. Você está presa.

— Mas eu não posso pagar o aluguel, eu não posso nem comprar uma escova de dente-

— Você não vai pagar o aluguel.

Eu empurrei meu corpo para longe dele e fiquei de pé, correndo os dedos pelo meu rabo de cavalo. Eu simplesmente não podia viver lá sem pagar nada. Fez doeu meu estômago só de pensar em me aproveitar da situação assim. Peg e eu nos dávamos bem, mas ela não estava exatamente rolando de alegria. Alimentar outra pessoa seria uma pressão sobre o pouco dinheiro que lhe restava.

— Eu posso ver as rodas girando em sua cabeça. Pare. — ele se levantou, então ele estava olhando para o meu rosto. — Nós vamos ajeitar isso depois.

Em seguida, ele virou a cabeça na direção do quarto e gritou para sua mãe. — Precisamos de caixas!

— Nós temos algumas na loja. — ela respondeu quando ela voltou, em seguida, olhou para os meus pés. — Você precisa de alguns sapatos.

Antes que eu percebesse, estávamos no carro pequeno de Peg e no nosso caminho para o dono da mercearia, onde escolhemos caixas o suficiente para embalar meu quarto inteiro. Com as caixas empilhadas ao meu lado no banco de trás, voltamos para minha casa. Arrumar minhas poucas lembranças de infância e livros com a ajuda de duas outras pessoas foi surreal.

Eu tinha embalado minhas próprias coisas durante anos quando nós tínhamos nos mudado de um lugar para outro. Meus pais sempre

haviam fornecido o que eu precisava, caixas e embalagens e jornal para embrulhar as coisas, mas isso tinha sido entregue com o entendimento de que eu iria fazer o trabalho sozinha. Nós sempre alugávamos lugares que já tinham móveis, então não havia cama ou armários para lidar, e embalar era bastante rápido. Logo, o quarto estava, mais uma vez, nu como o momento em que eu tinha entrado pela primeira vez no seu interior.

Peg foi embora para cozinhar o jantar e jogar minha roupa de cama na máquina de lavar, e eu estava sentada na minha cama esperando por Patrick para vir me ajudar com o último par de caixas quando ouvi a voz estridente da minha mãe no corredor.

— Quem diabos é você?

Eu não ouvi a resposta de Patrick, mas seus passos batendo nunca falharam enquanto ele fazia o seu caminho de volta para o meu quarto.

— Está pronta, amor? — ele perguntou quando ele passou pela porta, minha mãe em seus calcanhares.

— Amy? — a voz da minha mãe estava incrédula enquanto olhava ao redor do quarto. — O quê?

— Nós só temos essas duas caixas, — eu disse a ela baixinho, minha garganta apertada em apreensão. — Eu posso voltar e limpar o chão e a janela amanhã.

— Não, você não vai, — Patrick entrou na conversa com um olhar furioso.

— O que você quer dizer? O que você está fazendo? — perguntou minha mãe.

Olhei para ela em confusão quando ela entrou no quarto. — Você disse que eu só tinha duas semanas, então eu estou... — eu bati as mãos no ar, insegura de como falar para não deixá-la puta.

— Você está se *mudando?* — ela perguntou em tom acusador, seus olhos arremessando entre mim e Patrick.

— Cristo, mulher! O que você espera quando expulsa uma pessoa? — Patrick gritou.

— Eu não fiz isso!

Meus olhos arregalaram enquanto eu olhava para a minha mãe e tentava compreender o que estava acontecendo. *Ela tinha*. Ela tinha me chutado para fora. Ela e meu pai me disseram que eu precisava de algum outro lugar para viver. Por que ela estava agindo como se eu fosse à culpada? Será que Patrick acreditou nela?

— Vamos, amor. — Patrick disse baixinho, erguendo o queixo em direção à última caixa na minha cama.

— Amy Jennifer Henderson, você não vai a lugar nenhum! — mamãe sussurrou para mim, dando mais um passo para dentro do quarto. — Coloque essa caixa para baixo!

Comecei a tremer, o tom de sua voz me fazendo questionar a minha interpretação dos acontecimentos das últimas duas semanas. Não era como se meus pais tivessem mencionado uma vez, de passagem, que eu precisava encontrar outro lugar para viver. Eles tinham me lembrado disso todos os dias enquanto o tempo passava, então por que ela estava se comportando como se ela não tivesse ideia do que eu estava falando?

— Vamos, Amy. — Patrick ordenou novamente, me sacudindo para fora do meu estupor. Dei dois passos para frente, parando abruptamente quando as unhas da minha mãe cavaram em meu bíceps.

Ela abriu a boca para falar, mas ela não disse uma palavra antes de Patrick estar lá, deixando cair à caixa que ele estava segurando e segurando o pulso da minha mãe tão apertado os nós dos dedos dele ficaram brancos.

— Não toque nela novamente.

Ela soltou imediatamente, os olhos arregalados quando ela tropeçou de volta para o corredor e eu estava congelada no lugar enquanto eu a observava segurar seu pulso ferido contra o peito. A situação estava se deteriorando tão rapidamente, eu não sabia o que fazer. Eu queria confortá-la, mas ela estava olhando para mim como se ela me odiasse até mesmo enquanto seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

De repente, a mão de Patrick era firme contra a minhas costas, e ele estava me levanto pelo corredor.

— Seu pai vai buscá-la! — ela gritou para nossas costas. — Espere até que eu dizer a ele o que você fez, sua puta! Volte aqui, Amy!

— mamãe gritou, completamente puta enquanto continuávamos a andar através da casa. Felizmente, a presença de Patrick ao meu lado a impediu de me seguir, porque eu não tinha certeza do que ela teria feito do contrário.

Senti as lágrimas rolarem pelo meu rosto quando nós batemos no ar frio lá fora, e eu não pude evitar o arrepio que percorreu meu corpo. Ameaças da ira do meu pai tinham sido algo que eu me encolhia na maior parte da minha vida, e não tinha magicamente parado de sentir medo só porque eu estaria dormindo em outro lugar naquela noite. Ela tinha sido tão horrível, e eu não entendia. Eu estava fazendo o que eles queriam! Eu tinha feito tudo o que ela me disse, e ela me tratou como se eu tivesse prejudicado ela de alguma forma.

— Ela me disse que eu tinha que me mudar, — eu disse, olhando para o rosto furioso de Patrick. — Eu juro, eles me disseram que eu só tinha mais duas semanas.

— Eu sabia que ela estava mentindo, — ele respondeu, me dando um aceno tranquilizador. — Ela está simplesmente louca porque ela não teve a satisfação de te botar para a rua.

Minha respiração parou em sua observação, as ações dela de repente tão transparentes que causam uma dor no meu peito. Como alguém poderia ser tão vingativo, eu me perguntava, estar com tanta raiva que eles eram capazes de chutar sua filha para fora sem ter para onde ir? Será que eles estavam esperando que eu pedisse a eles para me deixar ficar? Eu tinha frustrado qualquer cenário que eles tinham imaginado, era por isso que ela estava tão brava. Isso só deixou suas ameaças sobre o meu pai vindo atrás de mim mais assustadoras.

Peg estava andando em torno da cozinha quando entramos na porta, e ela não nos percebeu quando Patrick puxou a caixa dos meus braços e a colocou no sofá.

— Você nunca vai voltar para lá, — prometeu ele, me puxando em seus braços.

— Eles são minha família, — eu lembrei a ele calmamente. Bem ou mal.

— Você tem uma nova. — sua voz era firme e um pouco crua, e assim que ele terminou de falar, ele baixou os lábios nos meus, e me beijou duramente. — Eu vou levar suas caixas para o quarto.

Então ele foi embora, me deixando cambaleando.

Estava tudo acontecendo tão rápido que eu não poderia me estabelecer em uma emoção antes de uma outra aparecer e nublar minha cabeça. Eu estava agradecida, tão esmagadoramente grata que Peg ia me deixar ficar com ela... mas eu estava confusa e com medo também.

Mesmo que eu tinha recebido pouco dos meus pais ao longo dos anos em termos de estabilidade, eles ainda eram meus pais. Eles ainda me criaram e mantiveram um teto sobre minha cabeça e comida na minha barriga. Eu imaginava encontrar um lugar para viver e ainda ser capaz de ter algum tipo de contato com eles, algum tipo de rede de segurança, mas a reação da minha mãe com a minha partida foi uma clara indicação de que qualquer relacionamento tinha ido embora. Eles não me queriam.

Eu conhecia Peg por apenas alguns meses, e embora ela nunca tivesse me dado razão para duvidar dela, eu ainda sabia na parte de trás da minha cabeça que ela poderia me colocar para fora de casa em um país desconhecido. Se meus pais - as duas pessoas que deveriam me amar mais do que qualquer outra coisa - não me queriam por perto, por que Peg seria diferente?

Capítulo quinze

AMY

— Amy, você vai se atrasar! — Patrick gritou através da porta do banheiro enquanto eu alisava meu uniforme sobre meus quadris.

Era o meu primeiro dia de volta à escola desde que eu me mudei para Peg, e por algum motivo eu estava nervosa. Peg tinha contatado a escola para que eles soubessem que eu estava morando com ela no caso de meus pais tentaram causar problemas, e eu sabia que ela estava fazendo o que achava melhor, mas o pensamento de todo mundo sabendo que meus pais tinham me expulsado me fez sentir como se eu fosse vomitar. Só Deus sabia que tipo de histórias as pessoas poderiam inventar da minha vida.

— Eu estou pronta, — eu murmurei, passando por ele para pegar minha mochila.

— Está parecendo doce e inocente.

— Cale a boca.

— Como uma boa menina, indo para a escola na hora certa.

— Cale a boca, Patrick!

— Quantas vezes eu te pedi para me chamar de Trick? Espero que você ouça melhor em sala de aula do que fora dela. — sua voz estava brincando, e eu sabia o que ele estava fazendo, mas eu ainda deixei isso chegar até mim.

— Desculpe, *Papai,* — eu respondi, abrindo a porta e passando através dela antes que ele pudesse responder.

— Ugh, não me chame disso. — ele respondeu, fechando a porta atrás de nós antes de correr para chegar até a mim. — Esse não é meu nome.

Sua voz era de nojo e eu tive que rir. — Por que Trick?

— Porque não é papai.

— Você é louco.

— Eu acho legal, ok? — Patrick respondeu timidamente. — Quando eu tinha uns onze anos, eu achava o melhor apelido do mundo e eu me recusava a atender por qualquer outro nome naquele ano.

— Um ano inteiro? — o pensamento de Patrick quando criança torcendo seu nariz e se recusando a atender a qualquer coisa, a não ser o nome que ele tinha escolhido - me deu um ataque de risos.

— Estamos quase lá, se você não quer que as Irmãs tenham algo para fofocar, pare de rir, — advertiu ele quando um rubor começou a subir em seu pescoço.

O calor nos olhos dele não deixou dúvidas quanto ao show que ele estava prestes a fazer, então eu pressionei meus lábios com força, a fim de segurar o riso. Ele era tão... encantador. Toda vez que eu pensava que eu o conhecia, ele me dava algo mais em que pensar.

Ele também tinha tirado a minha mente das borboletas nervosas em meu estômago.

— Aqui estamos, — ele anunciou com um floreio quando chegamos à escola. Pela primeira vez desde que eu comecei lá, eu odiei que a caminhada tinha sido tão curta.

— Obrigada, Patrick, — eu disse suavemente, me inclinando para beijar sua bochecha antes de me virar e caminhar rapidamente para a porta da frente da escola.

— Eu não sabia que você seria a única dando às Irmãs ao para fofocarem! — ele me chamou, sorrindo enquanto eu virava minha cabeça para olhar.

Eu virei para trás e estendi a mão como se para alisar a parte de trás do meu cabelo com a mão esquerda, enrolando o meu dedo indicador por baixo. Um sorriso espalhou pelo meu rosto enquanto eu o ouvi gargalhar atrás de mim.

— Não é como nós isso fazemos aqui! — eu levantei meu dedo indicador de volta, e enquanto eu caminhava para dentro do prédio, eu o ouvi gritar, — É sim! — quando uma das irmãs o silenciou.

* * *

A escola foi praticamente como eu suspeitava. As pessoas estavam falando de mim. Eu ouvi os sussurros nos banheiros quando as meninas não sabiam que eu estava lá... mas, surpreendentemente, todas me deixaram em paz. Eu tive a impressão de que as meninas estavam quase com medo de mim, o que fez muito pouco sentido. Elas não tinham dado a mínima por eu ser uma exótica americana quando eu comecei, e eu não conseguia encontrar uma razão do porque de depois de fazer dezoito anos angariar mais reação.

Não foi até a segunda semana de Patrick me levando para a escola que eu finalmente entendi o que era a falação.

— Olá, Trick, — uma das garotas populares chamou flertadoramente quando ela passou por mim e Patrick na frente da escola. Nós ficávamos esperando na frente da escola até o último minuto antes de nos separarmos. Eu acho que ele estava ficando ansioso para deixar Ballyshannon, já que a sua viagem para casa estava demorando mais do que o planejado.

Ele acenou para ela com um sorriso, e eu cerrei os dentes com tanta força que eu ouvi minha mandíbula fazer barulho.

— O que diabos foi isso?

— O quê? — ele olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças. — Caitlin?

— Você a conhece?

— Nós nos conhecemos. Sim. — sua voz se tornou divertida, e em vez de chutá-lo nas bolas como eu queria, eu tentei me afastar. Foi uma reação exagerada a um aceno de cabeça, mas me irritou do mesmo jeito. Eu não conseguia parar a onda de ciúme que rolou em cima de mim.

Estávamos encapsulados em nossa própria pequena bolha por mais de uma semana, e ele tinha me dado uma visão irrealista do nosso relacionamento. Em nossa bolha, era só eu, Patrick, Peg e às vezes Kevie. Até aquele momento, eu não tinha tido que lidar com outras meninas competindo por sua atenção, e sabendo que Caitlin tinha provavelmente o conhecido muito mais do que eu, me deixou puta.

Foi completamente ilógico, mas isso não tornava a coisa menos real. *Eu* era a pessoa que dormia em sua cama, embora ele dormisse no sofá. *Eu* era a única que estava aprendendo a fazer suas comidas

favoritas. *Eu* era a única a ajudar Peg a colocar suas cuecas e camisas para secar no quintal pequeno. *Eu* o conhecia melhor do que ninguém, e me deixou puta que Caitlin achava que ela poderia flertar com ele na minha frente. Pior ainda, ele deixou.

Ele era *meu*.

— Amy? O que é? — ele colocou seu braço em volta da minha cintura, fazendo com que uma das freiras olhasse para nós. — Por que está com raiva?

— Eu não estou.

— Está sim. — ele me virou e procurou meu rosto por um momento, antes de sorrir maliciosamente. — Você está com ciúmes.

— Eu não estou!

— Ah sim. Está sim. E você não tem nenhuma razão para estar. — ele agarrou minha mão e começou a me puxar para a calçada, para longe da escola. Não importava o quão duro eu tentava me afastar, seu aperto não diminuiu, e logo tínhamos virado a esquina e estávamos em um beco.

— Vou me atrasar!

Ele não me respondeu, mas assim que a última palavra saiu dos meus lábios, sua boca estava na minha, suas mãos cavando em meu cabelo. Sua língua me lambeu, esfregando contra a minha, e eu gemi quando meu corpo relaxou no seu.

— Você não tem nenhuma razão para ter ciúmes, — ele me disse entre beijos. — Eu quero você.

— Então por que você não me beijou em mais de uma semana? — perguntei, sem fôlego. Nossas mãos estavam circulando sobre qualquer coisa que pudéssemos alcançar sem arrancar a nossa roupa, e de alguma maneira eu me encontrei empurrado contra o tijolo frio atrás de mim enquanto seus quadris estavam nos meus.

— Pode imaginar isso? — ele gemeu em meu pescoço, passando as mãos sob minha saia, onde encontrou as minhas coxas. — Se eu tocar em você em casa, enquanto ninguém está por perto? Não vai haver ninguém para nos impedir.

— Ótimo, — eu sussurrei, correndo a mão pelas suas costas.

— Não. — suas mãos encontraram as minhas aonde eu tinha começado a baixar até sua bunda, e as trouxe para cima, prendendo meus pulsos em cada lado da minha cabeça. — Nós conversamos sobre isso.

— Não significa que eu concordo com isso

— Você não vai perder a virgindade como uma prostituta sem meu anel em seu dedo, — ele respondeu sombriamente.

Eu engasguei em estado de choque, e se ele não tivesse estado com as minhas mãos presas, eu teria batido nele.

— Você é um idiota!

— Quer saber como eu conheço Caitlin? — ele perguntou com raiva. — *Todo* mundo conhece ela.

— Eu te odeio.

— Você me ama, e você vai se casar comigo. Tudo que eu estou te pedindo é para esperar.

— Esperar? Você vai esperar? Você, obviamente, já fez sexo! — uma emoção que eu não poderia decifrar brilhou em seu rosto antes dele começar a encarar. Ele se recusou a dar o braço a torcer, e me senti ficar mais e mais furiosa até que eu não conseguia parar as palavras de derramarem da minha boca. — Isso é besteira e você sabe disso, — eu disse, as palavras saindo altas e raivosas. — Talvez devêssemos parar o que estamos fazendo agora e nos encontrar novamente quando estivermos no mesmo patamar.

— O que diabos isso quer dizer? — as veias do pescoço dele incharam quando ele se inclinou mais perto do meu rosto.

— Exatamente o que eu disse.

— Se outro homem te tocar eu o mato, — ele sussurrou de volta, com mais raiva do que eu jamais vi. — Volte para a escola.

Ele se afastou da parede e se foi embora sem dizer uma palavra quando eu me inclinei contra a parede congelada. Eu odiava o jeito que ele tomava todas as nossas decisões, mas eu sabia que ele estava fazendo o que ele achava que era melhor. Eu não sei por que eu disse aquelas coisas; eu não queria mais ninguém. Eu me arrependi imediatamente das minhas palavras, mas meu orgulho não permitiu que eu o chamasse para impedi-lo de ir embora.

Em vez disso, eu apenas fiquei naquele beco por longos minutos, miserável e tentando não chorar.

* * *

Eu estava tão atrasada para a escola que eu deveria ter ido para casa, mas eu estava com muito medo de ver Patrick novamente. Eu sabia que seus sentimentos não eram incomuns; ainda havia um monte de homens que preferiam suas esposas virgens quando se casassem. Apenas parecia injusto. Por que ele podia fazer sexo com quem ele quisesse, enquanto qualquer tipo de promiscuidade percebida da minha parte ele me rotularia como uma prostituta? Era tão frustrante! Naquela manhã, quando ele disse que tinha *conhecido* Caitlin, eu não tinha pensado sobre a maneira como ele disse isso - como se ele *fosse* um dos muitos que ela teve relações sexuais. A única coisa que eu tinha registado foi que ela o conhecia de uma forma que eu não, e isso me matou. Eu só queria estar mais perto dele e eu queria parar de me sentir frustrada o tempo todo.

Eu queria me amarrar a ele dessa forma final, então eu saberia que ele não me deixaria.

Eu mal consegui passar através do dia, tão desfocada e deprimida que me perguntaram repetidamente se eu estava bem. Eu não estava, não em qualquer sentido da palavra. Minhas mãos e braços haviam irrompido em coceira dentro da primeira hora de aula, e o desconforto físico me deixou ainda mais miserável.

Eu mal podia acreditar, mas eu estava começando a sentir falta da previsibilidade da minha vida antes de eu ter me mudado para a Irlanda. Meus pais tinham sido horríveis, mas pelo menos com eles eu tinha uma sensação de familiaridade. Eu tinha sido capaz de navegar nesse mundo no piloto automático, segura na minha posição e, eventualmente, o conhecimento de que eu estaria sozinha e as coisas iriam melhorar.

Quão errada eu tinha estado sobre a vida adulta. Ser chamado de 'adulto' não facilitava as coisas, só queria dizer que seus problemas eram muito mais difíceis de resolver. Até o momento que eu caminhava da escola para casa, eu tinha decidido que eu estava pronta para me desculpar com Patrick sobre tudo o que eu tinha dito e feito naquela manhã.

Ele se tornou meu melhor amigo, meu único amigo, assim como sua mãe. Se eu fosse honesta, o pensamento de estar com outra pessoa não tinha seriamente passado pela minha cabeça. Eu só queria ele. Se eu tivesse que ceder a fim de que isso acontecesse, eu faria isso. Pelo resto de Patrick - a parte encantadora, doce e protetora dele que eu sabia que nunca iria me machucar – valeria a pena tolerar o homem das cavernas controlar que tinha me deixado tão irritada.

Eu tinha que acreditar nisso. Eu tinha que acreditar que as partes boas seriam maiores que as partes ruins e, se eu tivesse sorte, um dia eu pararia de me preocupar sobre o pensamento de acordar e ele ter ido embora.

Capítulo dezesseis

PATRICK

Minha cabeça estava uma bagunça.

Havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo para me concentrar em apenas uma, e me senti como se, a qualquer momento, eu perderia completamente a pouca compreensão que eu tinha sobre a minha sanidade mental.

Eu tinha falado com Kevie quase todas as noites sobre a merda acontecendo com o meu pai, e as coisas não pareciam boas. O irmão mais velho de Kevie era um soldado bastante elevado na luta por uma Irlanda unificada, e as conversas que eles tiveram durante as breves viagens à casa de sua mãe não dava ao meu pai nenhuma luz favorável. O pensamento do irmão mais velho de Kevie vindo em qualquer lugar perto da minha cidade natal, onde minha mãe ou Amy poderiam se deparar com ele a qualquer momento fez minha pele arrepiar, mas eu estava grato por qualquer notícia que eu poderia receber.

Eu ainda não tinha certeza sobre o que exatamente papai tinha feito, mas algo tinha acontecido para fazer os meninos interrogá-lo. Não era bom. Lealdade era um bem precioso entre os homens, e se você não tem isso, você pode muito bem ter um alvo pintado em sua testa.

Também recebemos ligações no telefone de casa a qualquer hora, e no minuto que mamãe ou eu atendíamos, a linha ficava muda. Era a porra de um incômodo na melhor das hipóteses, e algo muito mais sinistro na pior das hipóteses. Eu não tinha certeza quem a pessoa estava procurando quando ligava, mas eu tinha dois palpites. Se fosse meu pai que eles estavam esperando para entrar em contato, isso significava que ele estava ferrado. Não era bom para ninguém. E se fosse os pais de Amy, bem, eu esperava que eles sumissem para que pudéssemos ter um pouco de paz. Tanto quanto eu sabia, eles já não tinham uma filha.

Além disso tudo, as aulas estavam começando novamente em breve, e eu precisava voltar para a faculdade. Meu chefe na loja mecânica tinha me deixado ficar um tempo longe, mas isso não iria durar muito mais tempo também. Eles não poderiam simplesmente manter o meu lugar indefinidamente. Não era o melhor emprego do mundo, mas eu gostava dos rapazes com quem trabalhava e era fácil. Eu não podia me dar ao luxo de deixar o emprego.

A ideia de deixar a minha mãe e Amy desprotegidas me deixava mal, mas eu não podia ficar com base em um mau pressentimento. Eu tinha uma vida, escola e trabalho. Eu não podia simplesmente deixar isso pra lá sem nenhuma razão sólida, apesar de todos os dias se tornar cada vez mais difícil imaginar voltar atrás. Mas o que eu faria em Ballyshannon? Trabalhar como mecânico? Esse não era o plano e não tinha sido por mais tempo do que eu poderia lembrar. Eu não conseguia sustentar a família com o salário de um mecânico sem viver como eu tinha vivido quando criança e eu tinha jurado fazer melhor para mim do que o meu pai. Minha esposa não teria que trabalhar para colocar a porra de comida na mesa, e os meus filhos não usariam esmolas da igreja.

Amy merecia coisa melhor do que isso. Ela merecia ser mimada.

As últimas duas semanas com ela havia me mostrado coisas que eu nem tinha percebido que eu tinha perdido.

Ela gostava de fazer seu cabelo em estilos intrincados, mas ela raramente usava-os para fora da casa, preferindo usar solto se ela tinha que interagir com as pessoas.

Ela era teimosa, acreditando que ela estava sempre certa, mas disposta a dar o braço a torcer para deixar os outros felizes.

Ela ria de comerciais na televisão que não eram feitos para serem engraçados, e lia romances e clássicos alternadamente. Ela parecia gostar dos dois de forma igual.

Ela amava as sardas no rosto e no peito, e se ela não achava que eu estava prestando atenção, ela rastrear os em meus braços.

Ela era uma contradição, vulnerável e incrivelmente segura de si. Ela sabia exatamente quem ela era e não se escondia desse conhecimento, mas ela não gostava do exame minucioso de outros.

Ela tratava minha mãe como a rainha da Inglaterra.

Ela me tratava como um rei... quando ela não estava me dando uma dura sobre quase tudo o que eu fazia e dizia.

Poderíamos conversar por horas e nunca acabar com coisas para dizer, mas raramente poderíamos concordar em alguma coisa.

Ela podia ignorar completamente as coisas que ela não queria enfrentar, e tinha contornado qualquer menção de seus pais.

Ela me desafiava e fazia meu sangue queimar até que eu não sabia que caminho tomar.

Deus, aquela garota me deixava louco.

Era como se tudo o que ela fazia fosse meu oposto, nos puxando juntos como ímãs. Ela me fazia esquecer algumas coisas e me lembrava de outras, e sua presença me deu uma paz que eu não sentia desde que eu era criança. Ela me acalmou de uma maneira que ninguém mais tinha sido capaz de fazer. Ela era simplesmente... Tudo. Tanto a minha bússola e o norte verdadeiro.

De repente, cheguei à conclusão de que eu a amava mais do que qualquer um no mundo - eu incluído.

Eu tinha estado a maior parte da noite tentando descobrir como eu iria proteger Amy e minha mãe, minha mente bolando diferentes planos e rejeitando-os, enquanto o telefone tocava esporadicamente. Eu me sentia como morto vivo enquanto eu a escoltava para a escola. Meu corpo doía das horas que eu passava no chão da sala da minha mãe e eu tinha estado meio temperamental, ansioso com a perspectiva de deixá-la sozinha, e levou tudo que eu tinha que esconder essa merda dela. Ela não precisava se preocupar com coisas que ela não poderia mudar, e eu não queria isso. Era meu trabalho como seu homem protegê-la dessa merda.

Então, eu tinha colocado um rosto alegre quando ela acordou e nós tínhamos quase chegado à escola sem a minha fachada ruir. Eu poderia ter me chutado por entrar na situação no beco, mas para ser justo, a Amy ciumenta tinha sido uma visão. Ela tinha estado carrancuda, com o rosto corado, e eu não queria nada mais do que a levar para casa e acabar com esse ciúme dela, provar de uma vez por todas que ela não tinha nada para se preocupar.

Eu não poderia, no entanto. Ela tinha que esperar. Eu sabia que, eventualmente, quando nossos filhos fossem velhos o suficiente para perguntar, ela iria querer dizer a eles com a consciência tranquila que

tínhamos esperado até que nós tivéssemos feito nossos votos. Ela pode estar cheia de hormônios e grandes ideias agora, mas no minuto em que acabasse, ela teria arrependimentos.

Ela era meu ideal, a mulher mais linda que eu já tinha visto e eu sabia que era perigoso colocá-la em um pedestal, mas eu não podia evitar. Ela não era uma mulher que você fodia antes de dizer seus votos na frente de um padre, não importa o quão zangado isso a deixasse.

Amy não queria esperar e ela achava que eu era um idiota por fazer isso. Eu a amava, mas ela simplesmente continuava empurrando e empurrando, e eu finalmente tive o suficiente naquela manhã. Eu estava tendo dificuldades em manter minhas mãos longe dela, e ela não estava fazendo isso nem um pouco fácil. Eu estava cansado, preocupado, e excitado com nenhum alívio à vista... e então ela decidiu empurrar um pouco mais longe.

Me ameaçando com outros homens? Ela estava louca? Pode ter sido a pior ideia que já tivera. Eu tinha visto vermelho quando ela começou a falar sobre como ela, como ela chamou isso? *No mesmo patamar?*

Ela ia deixar alguém tocá-la só sobre o meu cadáver e nenhum momento antes.

Meu estômago estava revolto quando eu tinha deixado Amy naquele beco, mas eu nem sequer parei para olhar para ela. Eu não podia. Se eu fizesse, eu sabia que o olhar em seu rosto teria me feito voltar, pegando ela nos braços e nós estaríamos andando por essa linha fina novamente, ou eu faria algo para assustá-la, como colocá-la sobre meu joelho e bater nela.

Eu odiava machucá-la, mas se eu fosse honesto comigo mesmo, tinha que admitir que eu também estava puto sobre suas ameaças e me senti bem em deixá-la preocupada. Até onde ela pensava que poderia empurrar antes que eu empurrasse de volta? A tensão na casa, tanto sexual e o medo de algo terrível acontecer, deixou todos nós no limite. Eu entendi que ela estava sentindo, mas isso não lhe dava permissão para vomitar veneno em cima de mim.

Honestamente, eu nem sabia se Amy sentia o peso opressivo do medo da minha mãe. Eu não tinha dito uma palavra sobre as coisas que aconteceram com o meu pai, e eu duvidava que minha mãe tivesse falado alguma coisa com ela enquanto estava trabalhando ao redor da casa como se ela não pudesse encontrar o suficiente para fazer até que ela caia na cama, exausta. Parecia que Amy andava com a cabeça nas

nuvens, completamente ignorante do que estava acontecendo ao seu redor. Será que ela não percebeu que eu estava me desgastando como uma camisola de malha? Eu tentei protegê-la, mas eu não conseguia entender como ela perdia os sinais de que algo estava surgindo no horizonte. Mamãe estava agindo como uma maníaca, Kevie estava aparecendo sem aviso prévio toda hora, e eu tinha bolsas sob os olhos pela falta de sono – contudo, Amy andava por aí alegremente como se tudo estivesse certo em seu mundo.

No momento em que cheguei em casa, eu estava quase tonto com a falta de sono e caí na cama em um estupor. Eu não conseguia me lembrar quanto tempo tinha passado desde que eu tinha conseguido uma boa noite de descanso, e parecia que o peso do mundo estava caindo sobre mim de uma vez. Eu nem sequer tive tempo para apreciar o cheiro de Amy em meus lençóis antes de dormir.

Até o momento que eu acordei, eu podia ouvir as minhas duas mulheres favoritas conversando na cozinha e minha raiva tinha esfriado completamente. Após um pouco de sono, as coisas sempre me pareciam um pouco mais claras.

Só levei alguns momentos para perceber que eu tinha dormido o dia inteiro e eu nem tinha ido buscar Amy na escola. Ela deve ter se perguntado onde eu estava e se eu ainda estava zangado com ela. A culpa pesava sobre meus ombros enquanto eu caminhava lentamente para fora do meu quarto.

— Agora coloque seus braços aí dentro, — mamãe disse suavemente quando eu pisei em silêncio na cozinha. — Isso vai ajudar seus braços um pouco, eu tenho certeza disso.

Amy murmurou algo de volta que eu não pude entender, porque elas estavam de costas para mim, e levei um minuto para compreender as palavras da mamãe.

— O que tem errado com os braços dela?

Amy saltou, mas mamãe apenas se virou para mim com um sorriso.

— Ah, acordou, então! Com fome?

— Não, eu não estou com fome. O que há de errado com os braços dela? — eu caminhava na direção delas rapidamente, imaginando todos os tipos de ferimentos horríveis.

— Não é nada, — disse a voz rouca de Amy, ainda olhando para a pia. — Apenas algumas coceiras.

— Coceira? — eu parei, em pé estupidamente no meio da cozinha. Alguma coisa estava errado. O que era? Mamãe estava sorrindo como sempre, mas eu sentia a tensão que ela estava tentando ignorar.

Amy estava fazendo nenhum movimento para me olhar.

— Amy, meu amor. — dei mais um passo na direção dela e observei ombros cheios de tensão. — Amor?

— Eu vou dar um pulo na mercearia, esqueci-me da couve para o jantar de hoje à noite, — mamãe comentou calmamente enquanto ela se movia para longe de nós.

Assim que a porta se fechou atrás dela, dei um passo para frente de novo até que o meu peito estava nivelado com as costas de Amy.

— Eu estou bem, Trick, — disse ela, dando de ombros. — Apenas coceira.

— Você pegou alguma coisa? — circulei meus braços ao redor de sua cintura e olhei por cima do ombro enquanto ela curvava um pouco mais para dentro da água escura, seus antebraços quase planos contra o fundo da pia.

— Não, eu fico assim às vezes.

Seus braços estavam vermelhos como um tomate e pelo que pude ver, cobertos de grandes manchas vermelhas.

— O que em nome de Deus? — eu levantei um de seus braços para fora da água, embora ela tenha puxado contra o movimento. Quando seu antebraço saiu da pia, eu não conseguia parar o ruído que veio da minha garganta. Era muito pior do que eu pensava e parecia incrivelmente doloroso. — O que e fizeram?

— Nada! Apenas acontece.

— Essa porra não apenas acontece! Seus braços estão inchados com quase o dobro do tamanho!

— Não é tão ruim. Pare de ser tão dramático, — ela retrucou, tentando puxar seu braço da minha mão. Quando ela engasgou com dor pelo meu agarre firme, eu imediatamente soltei. Merda. Meus dedos haviam deixado pequenas marcas brancas em sua carne que rapidamente ficou vermelho de novo diante dos meus olhos.

Ela assobiou quando ela colocou a mão na água, e eu agarrei sua barriga em resposta, tentando prepará-la. Seus braços pareciam que estavam em chamas, e eu ainda não conseguia entender o que havia acontecido.

— Fale comigo, querida. Me conte o que aconteceu.

— Eu já disse a você, — ela respondeu devidamente. — Isso acontece às vezes. Eu tenho urticária, coceira e já que eu estava usando a blusa de manga curta do uniforme durante todo o dia, sempre que eu coçava, eles pioravam.

— Por que está com coceira?

— Simplesmente acontece.

— Mentira. Eu nunca vi isso em você antes.

— Sim, você viu, eles simplesmente não eram tão ruins como estão agora. Eles geralmente desaparecem depois de um tempo.

— *Por que,* Amy? — nossas vozes ficaram mais baixas quanto mais à gente falava, como se isso pudesse nos impedir de gritar, então, desta vez, estávamos praticamente assobiando um para o outro.

— Me dá isso quando fico estressada ou se eu estou chateada.

— Estresse?

— Sim.

— Ficou estressada por quê?

Ela ficou em silêncio com isso, e minha mente correu através dos últimos dias, me perguntando se tinha acontecido alguma coisa. Seus pais tentaram entrar em contato com ela? Eram eles que tinham ficado ligando toda hora? Eles haviam deixado a casa, eles estavam se mudando no meio da noite, provavelmente porque deviam dinheiro a alguém e ninguém tinha ouvido falar deles desde então. Não, ela teria me dito se fosse algo parecido.

Ela não disse uma palavra enquanto eu tentava pensar em uma razão para seu estresse. Quando me lembrei da nossa briga naquela manhã, meu intestino apertou em apreensão.

— Eu fiz isto. — não era uma pergunta.

— Não! Não, foi apenas o estresse, — ela respondeu, recuando.

— Eu te machuquei.

— Eu te machuquei de volta.

Meus braços apertaram ao redor dela e ela suspirou quando eu descansei meu rosto contra seu pescoço.

— Desculpas, meu amor, — eu sussurrei contra sua garganta. — Eu fui cruel.

— Não, eu fui uma vadia. Eu fiquei empurrando. Você me pediu para parar e eu ignorei. Eu não deveria ter dito que eu estaria com outra pessoa. — as palavras dela derivaram em um sussurro.

— O dia que você parar de empurrar é o dia que você não vai me querer mais. Isso não é algo que eu queira que aconteça querida. — a beijei suavemente debaixo da orelha. — Eu estava cansado, e eu poderia sentir as boas intenções velejando para longe no vento, e eu tive que nos parar. Eu entendi tudo errado.

— Eu não entendo porque-

— Eu sei que você não entende. Mas não pode ser apenas o suficiente, por enquanto, me permitir tomar essas decisões? — minhas palavras foram exatamente o que eu deveria ter dito naquela manhã... mas minhas mãos errantes estavam completamente contradizendo tudo o que eu estava tentando dizer.

— Eu não quero ninguém além de você, — ela disse baixinho quando eu mordi suavemente em seu pescoço.

— Eu sei.

Meus braços ainda estavam envoltos solidamente em torno de sua cintura, mas eu não pude resistir à tentação da curva inferior de seus seios. Eles eram pesados contra meus braços quando ela se inclinou sobre a pia, e sem pensar, meus polegares tinham começado a deslizar para trás e para frente contra seus lados. Ela era tão completa, curvilínea e perfeita.

Meus quadris estavam encostados em sua bunda, e eu sabia o momento exato em que ela percebeu que meu pau duro tinha ficado como pedra. Ela congelou, quase sem respirar enquanto eu beijava seu pescoço, correndo minha língua contra o pulso. Ela tinha um gosto tão bom, um pouco salgado com um toque de algo doce. Eu não podia deixar de imaginar a minha boca em outras partes do seu corpo, lugares onde eu sabia que o sabor seria ampliado.

Quanto mais tempo ela permanecia congelada, mais eu queria descongelá-la. Meus pensamentos foram consumidos com a ideia de deixá-la quente e disposta contra mim, e por alguns momentos eu esqueci a frustração que eu tinha experimentado naquela manhã sobre Amy me empurrando para mais. Eu não conseguia pensar em nada a não ser o fato de que ela não estava respondendo a mim como normalmente fazia, e eu queria - não, eu *precisava* dela, especialmente depois de suas palavras naquela manhã. Por que ela não estava arqueando seus quadris como ela costumava fazer, ou estava inclinando o pescoço para me dar melhor acesso?

— Patrick? Precisamos parar, — ela sussurrou, puxando seus quadris para longe de mim timidamente.

As palavras foram como um balde de água gelada sendo jogado sobre minha cabeça,

O que diabos eu estava fazendo? Minhas mãos estavam cobrindo completamente seus seios, apertando meus dedos contra a carne macia, e eu soltei tão rapidamente que eu pude vê-los saltar um pouco quando eu olhei por cima do ombro. Depois de tudo o que eu tinha dito, todas as decisões que eu tinha feito para nós dois a respeito do sexo e da briga que tivemos naquela manhã que a tinha deixado tão chateada ao ponto de deixa-la com coceira...

Eu era o único que deveria impedir que as coisas fossem longe demais. *Eu* era o único que deveria protegê-la.

— Sinto muito, — eu murmurei, tropeçando para trás enquanto eu corria minhas mãos sobre o meu rosto.

— Está tudo bem. Eu apenas...

— Você deve estar confusa comigo por dar sinais mistos, não é? Porra. — eu balancei a cabeça em desgosto.

— Eu simplesmente não sabia o que fazer.

— Eu sei amor. A culpa foi minha.

Me sentei pesadamente em uma cadeira da cozinha e apoiei os cotovelos sobre os joelhos. Cristo. Eu não tinha certeza de quanto tempo mais eu poderia viver assim. Eu queria ela. Tanto. E eu sabia que não poderia viver comigo mesmo se eu a tomasse.

Eu estava vivendo com a mulher que eu queria, acima de todas as outras, mas eu não podia me permitir tocá-la do jeito que eu queria. Eu

mal podia tocá-la sem ficar tão excitado que eu tinha dificuldade em lembrar por que eu me segurava. Era uma fodida posição para se estar.

— É hora de eu voltar.

— O quê? — ela se virou para mim com surpresa, água respingando sobre o chão em torno dela. — Não! Nós vamos apenas ser mais cuidadosos. Eu posso-

— Amor, não é nada que você está ou não está fazendo. Eu tenho que voltar para a faculdade e trabalho. Não posso ficar aqui para sempre e morar com a mamãe.

Ela ficou lá na cozinha, torcendo as mãos vermelhas e os olhos cheios de lágrimas, enquanto pequenas mechas de cabelo enrolado caíam em volta do seu rosto.

Ela era tão bonita como a imagem da Nossa Senhora que mantinham na igreja. Sua beleza era muito mais profunda do que o seu rosto ou corpo; era uma manifestação de sua inocência, a doçura que ela mostrava a todos, a lealdade inabalável que ela dava para os outros, embora nunca tivesse sido dada a ela.

E por alguma razão, ela me amava. Ela não tinha dito as palavras, mas eu sabia. Ela mostrava isso em cada ação, em cada sorriso secreto e cada pequena escovada da sua mão contra mim, quando ela pensava que ninguém estava olhando.

Ela era toda bagunçada e emocional e pragmática e sarcástica e possessiva e bonita, e eu não poderia ficar mais um dia sem fazê-la minha.

Eu sabia com clareza repentina que eu não ia a lugar nenhum antes de acalmar as dúvidas que eu sabia que estavam correndo por sua cabeça.

Levantei da mesa lentamente, meus olhos nunca deixando os dela e ela fungou mesmo quando ela ergueu o queixo orgulhosamente. Ela não me implorou para ficar ou tentou me fazer mudar de ideia – não era o jeito dela.

Ela não implorava. Estava abaixo dela fazer isso.

Ela esperava tudo, assim como deveria. Sorte para ela, eu iria dar a ela qualquer coisa.

Eu me aproximei e levantei as mãos, descansando-as nas laterais de sua garganta, meus polegares traçando sua delicada mandíbula.

— Case-se comigo. — não era uma pergunta.

O relógio na cozinha assinalou pelo menos quinze vezes enquanto ela olhava para mim com os olhos arregalados. Eu tinha a surpreendido.

— Casar com você? Você está louco? — ela disse finalmente.

— Não. Case-se comigo.

— Eu tenho dezoito anos. Eu ainda nem terminei o ensino médio! Eu não posso apenas-

— Case-se comigo.

— Pare de dizer isso!

Ela agarrou meus braços firmemente em suas mãos esguias, suas unhas cavando, e eu não pude deixar de sorrir alegremente. *Finalmente,* finalmente, algo em minha vida parecia bom. Isso *parecia* certo. Eu me juntaria a ela para que ela nunca mais tivesse que pensar em uma vida sem mim.

A porta da frente se abriu e minha mãe caminhou a passos largos para a cozinha, fazendo uma pausa quando nos viu.

Checkmate.

— Case-se comigo.

Mamãe engasgou em delírio, e os olhos de Amy se fecharam em derrota.

Em seguida, seus lábios se inclinaram apenas uma fração.

— Case-se comigo, — eu sussurrei de novo, puxando seu rosto para o meu.

— Tem certeza? — ela sussurrou de volta, abrindo os olhos. — Absolutamente? Isso não é um jogo, Patrick Gallagher, você não pode simplesmente mudar de ideia.

— Eu estou mais certo do que qualquer coisa na minha vida.

Seus olhos mudaram de lado a lado, em busca de algo em meu olhar, e eu sabia quando ela tinha encontrado o que quer que ela estivesse procurando. — Ok.

— Ok?

— Ok, eu vou me casar com você.

Ouvi minha mãe bater as palmas alegremente, mas eu não conseguia me concentrar em nada além das bochechas coradas e olhos excitados de Amy.

Beijei-a com força, empurrando os meus lábios contra os dela enquanto eu pressionava minha língua entre seus dentes. Eu ignorei o fato de que nós tínhamos uma audiência e estávamos de pé na cozinha da minha mãe. Nada importava, além dela.

Eu respirei fundo, sentindo seu aroma e o cheiro da aveia que ela tinha colocado na água quando uma de suas mãos envolveu meu braço e a outra enrolou na parte de trás da minha cabeça. Suas unhas cravaram em meu couro cabeludo enquanto eu me levantava e a puxava comigo até que seus pés mal tocassem o chão.

Eu queria que ela se lembrasse como ela se sentiu naquele momento - amada de todo o coração, ainda que precariamente na ponta dos pés e se inclinando sobre mim para se equilibrar enquanto eu controlava os nossos movimentos.

Capítulo dezessete

AMY

— Você ainda vai embora? — eu sabia que estava de boca aberta como um peixe, mas eu tive dificuldade em tentar esconder minhas emoções. Fui pega de surpresa. Nós tínhamos acabado de decidir nos casar, e eu pensei que teríamos mais tempo para eu apenas relaxar sob a emoção.

— Eu ainda tenho responsabilidades, amor. Mais agora do que nunca.

Patrick continuou a embalar sua pequena mochila, puxando camisetas e meias da gaveta da cômoda que tínhamos partilhado.

— Mas eu pensei, — minhas palavras se interrompem quando eu percebo o quão ridícula que eu tinha sido. É claro que ele não estava indo embora para ficar longe de mim. Eu tinha assumido isso.

— Eu só tenho mais algumas aulas antes de eu terminar. Vai passar rapidamente, especialmente enquanto você está terminar seus próprios estudos e planejando o nosso casamento. — ele olhou para mim com um sorriso, e eu não pude deixar de espelhá-lo.

Nós tínhamos discutido nossos planos a noite toda, aninhados no sofá enquanto Peg estava em uma cadeira ao lado de nós. Não parecia real, ainda, a ideia de me casar. Onde é que viveríamos? Qual seria a sensação de adormecer ao lado de Patrick e acordar na mesma maneira? Será que o sexo seria tão impressionante como eu tinha estado imaginando, ou o estardalhaço era tudo mentira?

Eu tinha mil perguntas e poucas respostas, mas eu não podia deixar de estar animada. Eu estava me casando. *Casando.* Eu nunca me sentiria novamente como uma hóspede que tinha ficado tempo demais. Eu pertenço a Patrick. Ele *pertence* a mim.

— Eu estarei em casa novamente em algumas semanas. Mamãe diz que ela tem certeza que Padre Mark estará ansioso para começar a preparar as coisas e ele provavelmente vai deixar Kevie fazer a

cerimônia, especialmente desde que você esteve dormindo em minha casa por tanto tempo, — comentou ele com um olhar astuto enquanto ele fechava o zíper da sua mochila. — Você tem menos um mês para encontrar um vestido e algumas roupas sexy.

— Menos de um mês, — eu disse baixinho para mim quando eu caí para a beira da cama. — Parece tão longe e tão perto ao mesmo tempo.

— Eu me casaria com vocês amanhã, — ele respondeu calmamente, sentado ao meu lado e pegando a minha mão na sua. — Vai te dar tempo para ter certeza.

— Eu tenho.

— Nós veremos.

Eu me encostei contra a colcha fria, arrastando-o comigo até que estávamos deitados lado a lado com os pés pendurados na beirada da cama. Eu podia sentir o calor dele do meu joelho e ombro, e pela primeira vez eu não sentia a urgência de conectar nossos corpos plenamente. Fiquei feliz em estar apenas respirando o mesmo ar que ele e apertando os dedos entre os meus.

— Onde vamos viver? — eu perguntei com ar sonhador, rolando a cabeça para o lado para que eu pudesse vê-lo. — Quantas crianças teremos?

— Aqui, por enquanto, eu suponho, mas eu estarei indo e voltando para a universidade por um tempo. — ele apertou meus dedos entre os seus. — Me desculpe, eu não tenho mais para te dar ainda.

— Está bem.

— Não está, mas eu te prometo, algum dia você vai ter tudo que quiser. Uma vez que eu terminar a faculdade, eu vou encontrar um bom trabalho e vamos sair daqui. Vou comprar uma casa com um jardim onde você vai poder se deitar ao sol e ver as rosas florescerem.

— E Peg? — eu adorei este jogo que estávamos jogando. Eu queria saber todos os seus sonhos, todas as coisas que ele imaginou para nós. Eu queria, pelo menos uma vez, imaginar um felizes para sempre.

— Vamos levá-la conosco. Talvez eu vá ser contratado na Escócia e podemos leva-la para lá por um tempo.

— Ela adoraria isso.

— Haram.

— Ela poderia tomar conta dos nossos filhos, enquanto nós vamos em jantares românticos.

— Ficar com eles a noite para que eu possa te foder em todos os quartos da nossa casa. — seu polegar começou a massagear meus dedos, não hesitando sobre os desaparecidos, como se ele nem sequer os notassem mais.

— Eu vou acabar grávida de novo por causa de toda essa foda.

— Cristo, é sexy quando você fala isso.

— Foco. Nós estávamos falando sobre nossas crianças. Quantos teremos?

— O quanto eu puder colocá-los em sua barriga.

— Dois.

— Seis.

— Três.

— Quatro.

— Ok, quatro.

Nós ficamos ali, sorrindo um para o outro por um longo tempo, o futuro cheio de possibilidades e promessas. Eu sabia que as coisas não seriam fáceis, a vida raramente era, mas eu não poderia imaginar que fosse menos do que perfeito se eu estava com Patrick.

Ele poderia me deixar puta em alguns momentos, e eu não poderia tê-lo amado mais. Nós nos encaixávamos de alguma forma. Sua enorme necessidade de cuidar das mulheres em sua vida correspondia a minha necessidade de segurança, como se fôssemos duas peças de um quebra-cabeça.

— Tem certeza de que você tem que ir amanhã? — eu perguntei em voz baixa, temendo a resposta.

— Se eu não for amanhã, eu vou acabar não indo. A atração de ficar vai ser muito forte para resistir, — respondeu ele, se virando para o seu lado para que ele pudesse escovar os dedos pelo meu cabelo. — Eu sei que tem sido difícil esperar…

— Agora não temos.

— Sim, nós temos. Ainda tem um tempo até o casamento, nós não estaremos antecipando os votos. — ele levantou uma sobrancelha para mim. — Seja paciente, meu amor. Menos de um mês e eu vou estar acordando todos os dias com seu cabelo bonito ao meu redor.

Eu ri como uma idiota pelo quadro que ele pintou, e ele sorriu para mim com indulgência, enquanto esperava que eu terminasse. Ninguém nunca tinha olhado para mim do jeito que Patrick fazia - como se tudo o que eu dizia e fazia fosse à coisa mais importante do universo e ele não queria perder um momento.

— O que você faria se eu viesse pelo corredor com o meu cabelo cortado até o queixo? — eu provoquei.

— Eu me casaria com você, te beijaria duro e depois espancaria sua bunda antes mesmo de nós chegarmos na recepção.

— Você não faria!

— Sim, eu faria.

— Você está zoando. Você nunca me bateu.

— Vou te fazer uma pergunta então. Você acha que minha mãe não iria te bater?

— Não. De jeito nenhum.

— Mas ela te belisca toda vez que diz o nome de Deus em vão, não é?

— Isso é completamente diferente!

— Não é diferente se aconteceu com seu marido.

— Mentira! — me sentei em irritação. — Eu não sou uma criança que você pode simplesmente bater quando faz algo errado!

— É um bom argumento... — ele resmungou quando ele se sentou ao meu lado.

— Não seja um idiota.

— Você se sentiria culpada por dias porque me deixou com raiva?

— Claro que não. Mas e você? Tenho que bater em você quando você fizer algo errado? — as palavras soaram ridículas quando eles saíram da minha boca, o que me irritou ainda mais porque não havia

soado ridículo quando ele ameaçou a mesma coisa. Arrogante e controlador, sim, mas não ridículo.

— Querida, eu não tenho nenhuma dúvida que você vai me bater mais do que algumas vezes durante o nosso casamento, — disse ele com um sorriso. — E eu vou te deixar, porque a culpa vai estar me comendo vivo.

— Você planeja errar muito?

— Vou tentar o meu melhor, mas eu sou um homem, sim? Eu tenho certeza que vou fazer algumas merdas.

Ele estava usando o sorriso encantador que eu sempre tive dificuldade em resistir, e depois de um momento eu estava sorrindo de volta. Ele era tão... ugh, eu nem sequer tinha palavras para descrever o jeito que ele me fazia sentir.

Ele me rebentava com todas as emoções, e era uma novidade que eu não conseguia ter o suficiente. Eu tinha estado flutuando pelo que parecia ser toda a minha vida, nunca pertencendo a qualquer lugar ou a qualquer um, e dentro de poucos meses, Peg e Patrick tinham mudado completamente tudo.

— Você parece cansada, amor, — ele disse gentilmente, me puxando para fora das minhas reflexões. — Eu vou para o sofá para que você possa descansar um pouco.

Ele se inclinou para pressionar um beijo suave nos meus lábios, mas o momento em que seus lábios tocaram os meus, a urgência que tinha faltado enquanto discutimos o nosso futuro voltou como uma enxurrada de sensações.

— Não vá ainda, — eu sussurrei contra seus lábios, — Você está indo embora pela manhã. Não vá ainda.

— Amy, — disse ele em advertência, gemendo enquanto eu levantava da cama e imediatamente subia em seu colo. — Isso não é uma boa ideia.

— Nós vamos nos casar, — eu o lembrei, beijando através de sua mandíbula. — E você está me deixando amanhã. Hoje à noite nós devemos comemorar.

— Você não tem nenhuma ideia de como é difícil não tirar a roupa e entrar em você? Você está brincando com fogo, com noivado ou não.

— Você só disse que não poderíamos ter relações sexuais...

— Sim, — ele vaiou a palavra enquanto eu fazia meu caminho para o lóbulo da sua orelha. — O que exatamente você pensa que vamos fazer esta noite?

A pergunta me deixou perplexa. O que eu estava procurando? Eu não tinha certeza, mas eu sabia que eu queria mais. Mesmo que ele não pudesse me dar tudo, eu queria algo.

E, francamente, eu estava ficando cansada de sempre ser a atacante.

— Eu não sei, — eu respondi honestamente, me inclinando para trás para que eu pudesse encontrar seus olhos. — Você é a pessoa experiente.

— Ah, então é a minha decisão?

— Bem...

— É o que você disse.

— Puta que pariu, Patrick, — eu suspirei, — Se eu te deixasse... — minhas palavras foram interrompidas como se eu tivesse sido acertada bem no meio da testa. Eu fiquei completamente atordoada por um momento; nós estávamos tendo o que eu pensei que era uma conversa séria e aquecida e ele me estalou na testa?

Devo ter parecido tão chocada quanto eu me sentia, porque Patrick começou a rir histericamente por tudo o que ele viu no meu rosto.

— Que diabos? — eu gritei depois de um momento de silêncio completo, jogando meu peso corporal contra ele até suas costas voltarem para a cama. Eu me mexi para segurá-lo enquanto ele continuava a rir debaixo de mim, ineficazmente tentando lutar comigo enquanto eu estava em sua cabeça.

— Você não deve ficar xingando, Amy, — ele tentou repreender através de sua risada, — Eu não quero uma esposa com essa boca suja.

— Ha, ha. Você é tão engraçado, — eu disse de volta com respiração pesada enquanto eu lutava através da cama. — Não posso dizer porra, mas posso dizer- — fiz uma pausa, antes de gemer sem fôlego, — Me foda agora, Patrick.

Ele congelou debaixo de mim, exatamente como eu sabia que ele iria, e eu cantei em delírio quando meu dedo encontrou o meio da sua testa com um baque duro. Ha! Um pouco de distração e a vitória era minha.

Ele nem sequer pestanejou quando eu o atingi, mas no momento eu que coloquei meus braços sobre minha cabeça em uma dança da vitória modificada, ele estava me rolando debaixo dele.

— Diga isso de novo, — ele me pediu seriamente, prendendo meus braços acima da minha cabeça.

— O quê?

— Diga, 'Me foda Patrick', — ele ordenou, mudando minhas mãos em um punho. — Diga.

Sua mão livre deslizou para baixo da minha perna para pegar embaixo do meu joelho, e antes que eu percebesse, ele estava me puxando até sua cintura e arqueando seu corpo no meu. Nossas respirações ainda estavam fortes a partir da brincadeira, e meu peito estava apertado enquanto eu tentava me aclimatar à mudança de humor e a sensação dele contra mim.

— Diga isso, — ele sussurrou, esfregando os lábios sobre os meus, em seguida, se afastando enquanto eu tentava aprofundar o beijo.

— Me foda agora, Patrick, — eu sussurrei de volta, as palavras soando muito mais obscenas quando eu não estava brincando.

— Você precisa disso, querida? — perguntou ele enquanto sua mão deslizava sob minha blusa e enrolava em volta do meu peito. — Eu não estive cuidando de você. Eu estava sendo cuidadoso. — ele revirou os quadris contra os meus e a sensação de mil alfinetadas parecia incendiar através da metade inferior do meu corpo. — Eu não tenho que ser tão cuidadosos mais, — disse ele com outro rolar de seus quadris. — Eu posso te dar um pouco, agora que eu sei que muito em breve eu vou estar tão fundo, que você vai me sentir por dias. Vou te fazer se sentir bem um pouco, sim? — outro rolar. — O que você tem feito sem mim? Você cuidou de si mesma na minha cama? — outro rolar. — Tirou esses shortinhos e rolou ao redor dos meus lençóis?

Se ele não tivesse exatamente no ponto certo para fazer a minha mente ficar distorcida, eu provavelmente teria me importado que suas

palavras estivessem fazendo minhas bochechas ficarem vermelhas de vergonha.

— Não! — argumentei, levantando meus quadris para encontrar os seus. Minhas mãos ainda estavam presas acima da minha cabeça quando eu puxei e seus dedos começaram a apertar o meu mamilo mais e mais, a sensação acrescentando ao que estava acontecendo lá embaixo. — Eu não faço isso.

— Você não usa seus dedos? — ele perguntou em dúvida.

— Aqui não! Sua mãe está aqui!

— Minha mãe está aqui agora, e eu não te ouvi tentando me parar. — eu choraminguei quando ele se inclinou para trás e ergueu as mãos do meu corpo, mas eu não fiquei desapontada por muito tempo. Ele só estava se inclinando para trás para que ele pudesse pegar a parte superior da minha blusa e puxar sobre a minha cabeça em um movimento suave. — Você vai me parar?

Eu balancei a cabeça em silêncio, enquanto ele jogava a camisa ao lado da cama, mas quando ele se inclinou para mim novamente, eu encontrei a minha voz. Estava rouca, como se eu estivesse gritando e soou quase arranhado para os meus ouvidos. — A sua também, — eu pedi.

Sua covinha apareceu quando ele sorriu para mim em sinal de aprovação, então com pouco alarde, ele agarrou sua camiseta por trás de sua cabeça e tirou, jogando no chão. Sua pele era suave, com apenas um punhado de cabelo no meio do peito, e eu corri meus dedos por ele por um momento antes dele pegar minhas mãos, prendendo-as em cima da minha cabeça novamente.

— Mãos fora, sim? — ele disse. — Eu vou parar, mas- — ele não terminou o que ele estava prestes a dizer, ao invés disso, ele se lançou em direção ao meu peito com um gemido e puxou meu mamilo em sua boca.

Ele chupou duro, então suavemente em um ritmo confuso que eu não poderia seguir, em seguida, mordeu com força antes de acalmar minha pele com a língua. Meus quadris instintivamente moveram para cima em busca dele, e ele me encontrou com um golpe duro.

— Mantenha elas ali, — ele ordenou, empurrando minhas mãos para baixo para que eu entendesse o que ele estava me dizendo. — Cristo, você é gostosa.

— Cuidado com a boca, — eu disse sem fôlego quando ele mudou para o meu outro seio, dando a ele a mesma atenção que o primeiro. Sua mão deslizou até minha coxa, esfregando para o meu joelho e, em seguida, se volta lentamente.

— Me cale, — ele desafiou, se movendo para pressionar a boca na minha. Seu peito esfregou contra os meus enquanto nós nos contorcíamos na cama, e os meus seios, ainda molhados de sua sucção encontraram pouca resistência à medida que deslizaram cima e para baixo com a força de seus impulsos. Minha respiração começou a engatar na minha garganta quando a pressão sobre o meu clitóris se intensificou, mas antes que eu pudesse chegar ao pico eu estava ansiando, ele se afastou, me deixando frustrada e incrédula.

Se ele me deixasse, eu poderia matá-lo.

— Shhh, — ele murmurou em minha boca. — Eu preciso te sentir.

Sua mão escorregou pelo lado dos meus shorts, me fazendo congelar tanto em antecipação quanto nervosismo. As coisas estavam indo ao desconhecido, e mesmo querendo, eu ainda estava um pouco apreensiva...

Quando seus dedos alcançaram o elástico da minha calcinha e na junção das minhas coxas, eu prendi a respiração.

— Não dentro. Não esta vez, tudo bem? Vamos guardar isso, — disse ele com ternura, se inclinando em seu antebraço para pegar meu rosto.

Eu pulei quando seus dedos finalmente deslizaram sobre minha pele lentamente, mas seus olhos estavam nos meus enquanto ele explorava, e logo eu estava relaxando na cama. As pontas dos seus dedos calejados sobre minha carne pareceu mil vezes melhor do que o que eu estava recebendo através de nossas roupas e eu estava no limite novamente apenas alguns minutos mais tarde.

— Ah, querida, — disse Patrick, sua voz quebrando um pouco antes dele limpar a garganta. — É uma sensação boa, não é? Você está tão inchada e molhada. Quase lá, sim?

Eu balancei a cabeça uma vez antes de deslizar no esquecimento, meus braços envolvendo em torno de seu pescoço sem pensar enquanto eu montava as ondas. Eles pareciam ir e ir, aumentando à medida que ele movia sua boca de volta ao meu peito, e puxou cada mamilo. A

sensação durou muito mais tempo e era muito mais forte do que quando eu tinha tentado fazer a mesma coisa sozinha, e assim que eu tinha acabado, eu estava ansiosa para fazer isso novamente.

— Uau. Demais, Patrick, — eu avisei começando a me afastar de seu toque quando a pressão se intensificou.

— Eu sei, — ele me assegurou, colocando a mão completamente sobre mim em um aperto firme. — Depois de um tempo dói um pouco, né?

— Sim. Caramba. — eu puxei sua boca com a minha, lambendo sua boca, até que, eventualmente, ele deslizou a mão completamente fora dos meus shorts. Eu podia senti-lo se mover em cima de mim, mas eu não entendia o que ele estava fazendo até que ele puxou seus lábios para longe e olhou para baixo.

Eu segui o olhar para vê-lo deslizando os dedos uns contra os outros, e esfregando o polegar para cima e para baixo que estavam completamente lubrificados do meu corpo. Foi um pouco humilhante no início, mas quanto mais tempo ele olhava para sua mão, menos eu me sentia assim. Ele estava literalmente me esfregando em sua pele, e eu tinha a sensação de que se ele não tivesse apoiado em cima de mim com um braço, ele teria estado esfregando as mãos como se estivesse aplicando loção.

— Isso é meio nojento, — eu murmurei, não me preocupando em me afastar.

— Não é. É adorável.

— Adorável?

— Olhe para isso, — disse ele, levantando a mão até que ele estava mais perto dos nossos rostos e eu mal podia sentir o cheiro de mim mesmo. — Cheire isso.

— Isso é o que seu corpo fez para se preparar para mim. Isso vai te fazer me levar facilmente, sem dor. Vai me fazer entrar facilmente, me dizendo o quão excitada e quão pronta pra mim você está. Isso não só te prepara, mas o cheiro disso – a sensação disso - irá me preparar também. Um olhar, um aspirar, um pequeno toque, e eu vou estar duro como pedra. — ele olhou para mim enquanto eu olhava para ele com os olhos arregalados. — Adorável.

— Adorável, — eu sussurrei de volta.

Eu sabia por que ele tinha me obrigado a esperar, por que ele tinha ido tão longe para manter nossas mãos acima da nossa roupa e nossos beijos castos. Porque, quando ele falou, eu não queria nada mais do que para levá-lo para o meu corpo.

— Eu amo você, — eu disse a ele.

— Eu sei.

Capítulo dezoito

PATRICK

Deixei a casa da minha mãe após uma hora de despedidas com Amy. Era como se o momento em que me levantei para sair pela porta, eu só precisava de mais um beijo, ou ela também - e o ciclo começou tudo de novo. Depois que eu tive minhas mãos por todo seu corpo na noite anterior, era quase impossível mantê-los fora dele naquela manhã.

Eu conhecia o cheiro dela, a maneira como ela se sentia em minhas mãos, o jeito que ela ficava em silêncio e parada antes de gozar, tremendo, impotente. Eu tinha mostrado uma contenção incrível em não tomar o que eu queria tanto, mas com o fim da nossa abstinência à vista, eu me recusava a ceder.

Ela tinha sido tudo o que eu poderia ter imaginado na noite anterior, um toque hesitante aqui e ali, mas de outra forma quase agressiva no jeito que ela tinha se movido contra mim. Havia muitas coisas que eu amava sobre ela, mas eu sabia que se nós não desencadeássemos sexualmente, seria um casamento infeliz para nós dois. Eu nunca duvidei da nossa química, mas a química e a vontade de chegar conseguir o que você queria na cama não eram absolutamente a mesma coisa. Felizmente, parecia que Amy eu tínhamos conseguido os dois.

Até o momento que eu voltei para o meu apartamento naquela tarde, eu já estava me torturando por viver castamente com Amy. Eu já sentia falta dela. Eu sentia falta do calor da casa de minha mãe, o som dela instruindo Amy sobre como preparar pratos diferentes, a forma como a minha mulher escovava inocentemente contra mim como se ela precisasse apenas de um pequeno toque. Eu senti falta disso, e o plano que tinha uma vez sido nada de *reconfortante,* não parecia mais.

Deixei minha mochila perto da porta, agarrando uma cerveja da geladeira. Comecei as aulas novamente no dia seguinte, seguido por meu trabalho na garagem, mas naquela noite eu não tinha absolutamente nada para fazer. Eu fiz o meu caminho para a minha cama bagunçada e coloquei a minha cerveja na mesa de cabeceira que

estava coberta de manchas das muitas cervejas que tinha estado lá antes. Eu iria deitar na cama e ler, então caminhei para minha estante para pegar uma cópia esfarrapada das maiores obras de Robert Frost. Era a única coisa que poderia ser capaz de tirar a minha mente de Amy e me permitir relaxar.

Mas quando eu puxei os lençóis e caí na cama, um perfume vagamente familiar encontrou minhas narinas. Eu pulei para trás, meu estômago agitando quando eu derrubei minha cerveja em uma tentativa de fugir da cama.

Eu tinha esquecido.

Como eu tinha esquecido?

Essa menina loira. Moira.

Mãe de Deus, o que eu tinha feito?

Engoli em seco, olhando para a cama com horror antes de rasgar os lençóis e jogar no chão. Eu não queria isso em qualquer lugar perto de mim. Eu me forcei a não entrar em pânico enquanto eu checava a lixeira, encontrando camisinhas usadas e os respectivos invólucros que deixei lá antes. A visão me deixou literalmente doente, até que minha boca estava aguando tanto que eu tive que engolir uma e outra vez até que a náusea dissipou.

Eu tinha que me livrar de tudo isso. Eu tinha que limpar como se nunca tivesse acontecido, pensei enquanto eu tentava enfiar os lençóis na direção da pequena lixeira. Eu pensei em minhas decisões ruins enquanto estava em Ballyshannon apenas uma vez e foi durante a discussão com Amy no beco, mas naquela época eu não tinha tido conhecimento de quanto eu poderia ter fodido.

Iríamos nos casar em breve, e estávamos planejando nossas vidas. Se Amy soubesse que eu tinha fodido uma mulher apenas algumas horas antes de ter ido até ela, ela estaria completamente devastada. Ela nunca iria querer me ver novamente. Eu poderia argumentar que nós ainda não estávamos juntos, mas eu sabia que era uma merda. Havia expectativas lá, muito antes de eu ter trazido Moira para o meu apartamento. A desculpa de que eu não tinha feito nenhuma promessa era desprezível; era usar semântica para tentar justificar o meu comportamento, não levando em conta os sentimentos de Amy, ou os meus.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei ali, olhando para o nada, mas eventualmente ficou escuro antes de me mudar de novo. Eu deslizei meus pés de volta em minhas botas e coloquei o meu casaco antes de pegar a caixa cheia de más decisões e levá-la para fora até o lixo que estava do lado de fora meu prédio. Joguei ele lá com uma maldição, sabendo que não seria tão fácil me livrar da culpa que parecia estar queimando como chamas dentro do meu peito. Como eu poderia ter feito uma coisa dessas?

Eu não estava prestando atenção enquanto eu caminhava até as escadas para o meu apartamento, então eu não notei os dois homens do lado de fora da minha porta até que eu estava quase em cima deles. Eu parei de surpresa quando eles bloquearam meu caminho, e quando eu olhei para cima, minha surpresa se transformou em pavor.

— Malcolm, — eu cumprimentei com um aceno de cabeça.

— Trick, — ele respondeu, sua expressão não revelando nada.

— Eu posso te ajudar com alguma coisa? — eu olhei entre o irmão mais velho de Kevie e seu companheiro.

— Estava procurando por seu pai, — Malcolm me informou. — Como cortesia, nós viemos aqui primeiro.

A ameaça subjacente não foi tão sutil quanto ele gostaria de acreditar. Se eu não poderia ajudá-lo, ele iria até a minha mãe.

— Acabei de vir de casa esta noite, — eu respondi: — Eu não tenho visto meu pai em semanas. Ele sabe que você está procurando por ele?

— Ele sabe.

— Se eu vê-lo, eu vou deixá-lo saber.

— Faça isso.

Eu balancei a cabeça novamente, em seguida, esperei em silêncio enquanto eles me observavam para qualquer sinal de que eu estava mentindo. Depois de anos ouvindo as outras crianças zoando sobre a forma como a minha mãe tinha ‘chutado meu pai para fora da cidade’, eu tinha aprendido a esconder meus sentimentos muito bem. Eles não iriam conseguir nada de mim.

— É bom te ver, Trick, — disse Malcolm depois que ele decidiu acreditar em mim, me batendo no ombro como se fôssemos velhos amigos.

— Você também, — eu respondi.

Eu os assisti andar com confiança pelo corredor e descer as escadas antes de desbloquear minha porta da frente e entrar. Jesus. Eu estava tendo uma noite do caralho.

Eu fui até meu celular, e quando eu o agarrei, notei que minhas mãos tremiam com os nervos contidos. Eu abri e apertei novamente e novamente antes de ligar para minha mãe.

Amy atendeu o telefone.

— Olá?

Sua voz era como um soco no estômago.

— Olá, meu amor.

— Patrick! Eu não achei que você ligaria tão cedo!

— Eu sinto falta de vocês. — eu tive que limpar minha garganta duas vezes antes que eu pudesse conseguir as palavras.

— Eu sinto falta de você também, baby.

— Baby?

— Isso foi estranho? Eu pensei em experimentá-lo.

Ela era tão boba. Tão completamente despretensiosa. Pela primeira vez em muito tempo, eu senti um caroço na minha garganta como se eu estivesse prestes a chorar.

— Não. — eu limpei minha garganta novamente. — Não, eu gosto.

— Ok. Sim, eu também.

— O que você está fazendo?

— Me preparando para assistir um pouco de TV com sua mãe enquanto ela tenta em vão me ensinar a tricotar. O que você está fazendo?

Eu olhei para a cama nua e engoli em seco. — Apenas tomando uma cerveja e ficando pronto para ler um pouco antes de dormir.

— Você já vai para a cama? Você tem oitenta anos e uma fratura no quadril?

— Não, eu tenho vinte anos, – tenho aula e trabalho amanhã. Tenho que descansar enquanto eu puder.

— Eu mal posso esperar até que você não esteja tão ocupado. — ela parou por um momento. — E estar em casa comigo o tempo todo. Eu realmente mal posso esperar por isso.

— Eu também, amor. É melhor eu ir para a cama, mas eu queria ouvir sua voz por um momento.

— Estou tão feliz que você ligou, — ela respondeu suavemente.

— Eu também. — eu esfreguei minha mão pelo meu rosto enquanto meus ombros caíam. — Mamãe está por aí?

— Sim. Ela está aqui. Quer falar com ela?

— Por favor.

— Ok. Eu te amo, Patrick.

— Eu amo você também.

— Essa é a primeira vez que você realmente disse isso.

— E não vai ser a última.

— Legal. Aqui está a sua mãe.

Houve uma pausa e algum embaralhar antes de mamãe pegar o telefone, e eu ouvi atentamente enquanto ela repreendia Amy por errar um ponto antes de dizer olá.

— Ei, mamãe, — eu respondi.

— Olá, meu rapaz! Chegou bem em casa?

— São e salvo. Mas eu tive um par de visitantes não muito tempo atrás.

— Oh? — na superfície, sua voz parecia indiferente, mas eu podia ouvir o pânico através dela.

— Malcolm estava aqui procurando pelo pai.

Ela bufou ao telefone.

— Eu disse a ele que acabei de chegar a Ballyshannon e eu não o vi em semanas... mas Malcolm mencionou passar por aí, — eu avisei, apenas o pensamento disso me fazendo querer correr de volta para casa.

— Ah. Eu posso lidar com Malcolm. Troquei as fraldas desse menino, — ela retrucou.

— Mãe, ele não é um menino-

— Eu sei disso meu filho. Mas eu sei que não há nada para ele aqui. Vou dizer a ele o mesmo se ele vier.

— Por favor, tenha cuidado, mãe. Esses homens não estão de brincadeira.

— Sim, eu vou.

— Fique de olho em Amy também?

— Claro. Nós temos um casamento para preparar.

— Eu vou falar com vocês em breve, mamãe. Me liga se precisar.

— Eu irei.

Ela desligou sem outra palavra, e eu fiquei mais uma vez sozinho em um lugar que eu de repente odiava com uma cama que eu não queria chegar perto.

O mês seguinte não chegaria rápido o suficiente.

Capítulo dezenove

AMY

Minha futura esposa,

Os dias não podem se mover rápido o suficiente para o meu gosto. É como se cada minuto levasse uma hora e cada dia um mês.

Eu tive dificuldade em me concentrar nas aulas e quase deixei cair um motor no meu pé no trabalho ontem. Como você se sentiria sobre um noivo em muletas com o pé engessado? Pode ser uma possibilidade distinta quando eu voltar para casa para você.

Sim, voltar para você. Meu apartamento se tornou neste lugar deprimente aonde eu chego e lamento a minha solidão como um herói de Emily Bronte. Eu nunca senti tanta falta da casa de mamãe como sinto agora, sabendo que é onde você dorme toda noite.

Alguns dias eu me pergunto por que diabos eu nos fiz esperar até que nos casamos, e outros eu estou cheio de expectativas e um sentimento de justeza que a nossa noite de núpcias será a nossa primeira vez juntos.

Eu soo como uma mulher, não é?

Ignore minhas divagações. Estou cansado.

Lembre-se que você só tem algumas semanas restantes na escola. Não vá ofender os Padres agora, ou você pode nunca sair de lá... mesmo se você achar que ele estava tentando olhar por debaixo da sua saia (até mesmo escrever isso me faz ranger os dentes.) Embora, eu tenha certeza que quando você receber essa carta, você já tenha chegado à mesma conclusão.

Sua raiva me faz lembrar de O Roxinol e a Rosa de Oscar Wilde:

- E a sua boca, ela nunca sorri,

Por um longo, longo tempo.

Então, ela ondulou toda com o riso,

Cinco minutos depois.

Não há muito mais tempo, meu amor e eu estarei lá com você.

Eu vou matar todos os seus dragões.

Amor, Patrick

As semanas passaram voando em um ritmo rápido. Havia tanta coisa para fazer e tantos pequenos detalhes para finalizar que pareceu como se eu estivesse decidindo coisas do casamento enquanto dormia. Nós tínhamos decidido fazer um pequeno serviço, apenas para aqueles mais próximos a Peg e Patrick, e mesmo sabendo que Peg esperava algo maior, fiquei aliviada. Todas as minhas tentativas de contato com os meus pais tinham sido em vão, então eu não teria ninguém do meu lado da igreja, exceto alguns dos meus professores de escola.

Meus bancos seriam preenchidos com pessoas de vestes preto e branco... pelo menos eu sabia que nenhum deles iria tentar ofuscar a noiva.

Falei com Patrick, pelo menos, duas vezes por semana, às vezes mais, e nós enviamos toneladas de cartas um para o outro, às vezes sobrepostas de que modo uma pergunta em uma de minhas cartas já tinha sido respondida antes que eu soubesse que ele tinha recebido a que eu tinha enviado. Ele não tinha sido capaz de visitar durante o mês, como ele esperava, mas as coisas que nós conversamos enquanto estávamos longe um do outro parecia ter criado um vínculo mais forte, de qualquer maneira. Era muito mais fácil de escrever nossos sentimentos no papel - os nossos medos e esperanças para o futuro, que parecíamos ter discutido muito mais do que jamais tinha cara a cara. Uma parte de mim também se divertia com o fato de que eu estava recebendo dezenas de cartas de amor que eu poderia guardar para sempre. Ocasionalmente, suas cartas continham apenas algumas linhas, um poema ou algo que ele não podia esperar para me contar, mas outras vezes elas eram longas e sinceras e me fez sentir como a mulher mais sortuda do mundo.

Ele finalmente voltou para casa na noite anterior ao nosso ensaio na igreja, e tinha sido extremamente difícil manter nossas mãos longe um do outro. Quando eu tinha o avistado, saindo de uma moto que eu nunca tinha visto antes, Peg tinha agarrado meu braço, a fim de não me deixar correr para seus braços.

Ele se abriu para mim em suas cartas, e eu não queria nada mais do que puxá-lo para dentro de mim e me enrolar em torno dele.

Jantar com Peg tinha sido uma lição de tortura, já que ela nos fez sentar em frente ao outro. Ela foi inflexível que nos comportássemos, e pela primeira vez, ela se tornou uma espécie de polícia da moralidade para nos manter castos. Eu acho que todos nós ficamos com medo de que depois de esperar tanto tempo, Patrick e eu não seríamos capazes de evitar. O pensamento é que estávamos tão perto de estar casados, que poderia parecer que já tinha acontecido.

Eu poderia dizer honestamente que eu tinha contemplado encontrar uma maneira me encontrar com ele sozinho mais de uma vez. A tensão na mesa era quase insuportável, e para ajudar, Peg tinha convidado Kevie para comer com a gente. Ele estaria oficiando o serviço no dia seguinte, e se explodir de orgulho fosse uma possibilidade real, teríamos que catar os pedaços de Peg da igreja.

No momento em que Patrick saiu naquela noite, nós mal nos tocamos e só tínhamos dito algumas palavras um para o outro que foram interrompidas. Eu entendi o que Kevie e Peg estavam tentando fazer, mas não significava que eu concordava com isso. Eu não tinha visto o meu noivo em um pouco mais de um mês, e nos foi dado absolutamente nenhum espaço para nos reconectar ou mesmo trocar um 'eu te amo' antes que ele fosse arrastado por Kevie.

No momento em que entrei no chuveiro na manhã seguinte, eu estava amarrada firmemente com nervos e o fato de que eu não tinha tido qualquer momento com Patrick deixou as coisas infinitamente pior. Ele estava tendo dúvidas? Ele estava tão nervoso quanto eu estava? Com medo que ele estava fazendo a coisa errada? E o meu pensamento mais terrível era: ele tinha se arrependido em me pedir em casamento e agora se sentia preso, tentando fazer a coisa certa?

Íamos nos casar. Casar. E eu ainda nem sequer tinha terminado a escola. Eu não tinha visto o mundo. Eu não tinha subido a escada corporativa ou me embriagado ou tido relações sexuais. Eu tinha feito nada para me dar qualquer experiência de vida... mas ainda assim, eu ainda estava tonta de excitação.

Era uma sensação estranha, me perguntando se eu estava fazendo a coisa errada, mas ainda disposta a entrar de cabeça. Fazia minhas mãos tremerem e suarem e minha barriga sentia-se como ela estivesse lotada com centenas de borboletas.

Eu raspei minhas pernas e axilas antes de olhar meu corpo, mordendo o interior da minha bochecha. A revista que eu estava lendo tinha mencionado aparar o cabelo lá embaixo para parecer mais atraente, mas eu não tinha nada para prepará-la e eu senti vergonha de pedir a Peg onde as pequenas tesouras estavam. Olhei para trás e para frente entre a navalha e meus pêlos pubianos por um momento antes se ensaboar com sabão e tomar uma respiração profunda.

Talvez se eu apenas corresse a navalha ligeiramente sobre a parte superior do cabelo iria reduzir um pouco. Eu poderia deixar apenas um pouco menos espesso e raspar as bordas um pouco para que parecesse mais uniforme. Corri a navalha levemente sobre o sabonete espumante, saindo com uma quantidade de cabelo nojento que eu rapidamente joguei pelo ralo.

Tudo bem que não foi tão ruim.

Eu fiz isso de novo e de novo, até que eu tinha certeza de que as coisas iriam parecer fantásticas. Eu coloquei a navalha sobre a borda da banheira e fui para o chuveiro me enxaguar. Isso não foi tão ruim. Eu me curvei para dar uma olhada mais de perto.

Então eu gritei em horror.

Meu Deus.

Meu Deus.

Merda.

Merda.

Porra!

Estava desigual. Desigual! Parecia que minha vagina tinha sarna!

Minhas mãos começaram a tremer enquanto meus olhos se encheram de lágrimas. O que eu fiz?

— Está tudo bem? — Peg chamou do outro lado da porta.

— Não! — eu gritei de volta.

Antes que eu pudesse mudar minha resposta, Peg tinha invadido e puxado à cortina do chuveiro. Eu não podia sequer levantar a cabeça para olhar para ela, meus olhos congelados no meu tufo mutilado de cabelo.

— O que em nome de Deus você fez? — ela perguntou incrédula.

— Eu não sei! — eu gemi, finalmente olhando para cima. — Eu tentei cortar! Eu só queria cortar!

— Por que diabos você fez isso?

— Eu li em uma revista!

— Eu disse a você para parar de ler essas coisas idiotas!

— Eu sei! Meu Deus. Nós temos que adiar o casamento. Temos que... — eu balbuciava freneticamente, a água escorrendo pelo meu rosto. — Patrick não pode me ver desse jeito!

— Ahh, ele vai te ver muito pior.

— Não na minha noite de núpcias, porra!

Uma pequena risada borbulhou em sua garganta quando ela olhou para baixo, e eu sabia que eu não ficaria nua em qualquer lugar perto de Patrick em muito tempo.

— Você tem que tirar tudo, — ela me informou como se fosse a coisa mais razoável do mundo.

— O quê?

— Tire tudo. Você não pode deixar como está, — respondeu ela, gesticulando na direção dos meus quadris.

— E se eu me cortar?

— Você tem que ir com *muito,* muito cuidado.

Ela puxou a cortina do chuveiro enquanto eu ficava de boca aberta pelo que ela tinha falado.

— E acelere isso, nós temos uma hora antes temos que sair para a igreja! — ela respondeu antes de bater a porta atrás dela.

Eu não tive escolha.

Eu ensaboei e peguei a navalha novamente.

Depois de algumas pinceladas, algumas contorções muito interessantes e ficar sem água quente, eu finalmente raspei tudo o melhor que pude. Me senti estranha sem a proteção do meu cabelo, e toda vez que minhas coxas deslizavam contra os meus lábios era como uma pequena sacudida, me lembrando do que eu tinha feito.

Meu longo chuveiro tinha seriamente reduzido meu tempo de preparação, e Peg se esforçou para me preparar. Ela secou e escovou meu cabelo enquanto eu fazia a minha maquiagem, reclamando o tempo todo da minha decisão de deixá-lo muito longo e 'abrangendo as belas linhas do meu vestido'. Eu não poderia cortar, no entanto. Patrick gostava do meu cabelo solto. Ele não conseguia manter os dedos longe. Deixei ele solto.

Estávamos com cinco minutos de atraso e ambas estavam coradas com esforço quando nós finalmente deixamos a casa, mas a curta distância de carro para a igreja de Peg era tempo suficiente para acalmar ambas as nossas bochechas aquecidas. Peg chegou entre os assentos e agarrou minha mão com força antes de descer do carro.

— Não há necessidade de ficar nervosa.

Eu estava trêmula quando entramos pela porta lateral para que ninguém me visse, mas quando cheguei às grandes portas de madeira na parte de trás da igreja, um sentimento de calma antinatural se instalara sobre mim.

Eu estava pronta.

Capítulo vinte

PATRICK

Eu estava na frente da igreja, desconfortável e suando enquanto eu esperava Amy chegar. Eu tinha passado a manhã sentado no pequeno apartamento de Kevie perto da igreja, bebendo Guinness para firmar minhas mãos e correndo mais e mais a minha decisão de me casar com Amy na minha cabeça.

Eu estava nervoso. Preocupado que eu não estava fazendo a coisa certa, que ela era muito jovem, que eu era muito jovem, que vivíamos em um lugar onde a vida nunca seria fácil, que ainda teria que viver separados por meses, se eu acordaria na manhã seguinte lamentando o casamento - que ela, de alguma forma, descobriria sobre Moira e ela nunca me perdoasse, mas ela estaria presa a mim, de qualquer maneira.

Eu nunca expressei as minhas dúvidas para Kevie. Fomos o primeiro casal que ele já tinha casado, e pelo jeito que ele andava pelo chão murmurando para si mesmo na noite anterior, eu sabia que ele estava quase tão nervoso quanto eu. Se eu dissesse qualquer coisa, eu o deixaria no limite. Eu tinha medo que ele sentisse a necessidade de adiar o casamento para nos aconselhar ou se recusar a realizar o casamento completamente.

E mesmo que meu estômago estava em nós enquanto eu subia os degraus para entrar no vestíbulo de St. Joseph, eu não podia suportar a ideia de esperar mais um dia para me casar com Amy. A ideia de nunca fazê-la minha - de viver sem ela, me fez entrar em pânico de uma maneira que eu não tinha desde que meu pai nos deixou.

Havia pessoas enchendo os cinco primeiros bancos da igreja, mas eu não encontrei os olhos de ninguém quando eu fiz meu caminho para o altar para esperar. Eu não podia. Eu estava completamente focado em fazer a minha parte e não estragar essa primeira parte de nossas vidas juntos.

Eu estava usando meu único terno, uma coisa de lã que dava

coceira era pequeno demais para meus ombros, e a nova camisa branca e gravata cinza escura abaixo dela parecia como se estivesse me estrangulando. A gola era muito apertada, mas eu não tinha dito uma palavra quando Amy o trouxe para mim na noite anterior. Ela meticulosamente passou tudo sob o olhar atento da minha mãe, e ela tinha estado tão orgulhosa que eu não coragem de dizer uma palavra.

Infelizmente para minha futura esposa, a camisa que ela tinha estado tão orgulhosa estava cada vez mais enrugada enquanto eu suava e me remexia enquanto esperava. Eu tentei parar meus movimentos, mas nada ajudou. Eu estava muito ansioso - tão ansioso que eu podia sentir o suor escorrendo pelas minhas costas e sob o cós da calça. Minhas axilas estavam ainda piores, e de repente eu estava com medo de que eu tivesse que levantar os braços durante a cerimônia e todo mundo iria ver os pontos molhados gigantes que eu estava tentando esconder. Eu não tinha que levantar minhas mãos, tinha? Eu tinha ido a centenas de casamentos em minha vida, mas eu não conseguia me lembrar.

Eu fechei meus olhos, em seguida, abri antes que alguém me visse. Minha compostura normal parecia ter completamente me abandonado.

— Não bloqueie seus joelhos, — Kevie sussurrou do lado de sua boca. — É um bom jeito de desmaiar.

Eu concordei com gratidão, desbloqueando-os e dobrando levemente. Eu tinha começado a me sentir um pouco fora, e eu me disse que deveria ter sido o problema. Só mesmo o meu melhor amigo para ver o que eu tentava não deixar ninguém ver.

Virei à cabeça para sussurrar de volta - eu realmente queria saber se eu tinha que levantar os braços durante a cerimônia, mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, o órgão começou a tocar e minha cabeça se virou para olhar para frente da Igreja.

E, de repente, lá estava ela, em um longo vestido branco e um véu que só me dava pequenos vislumbres de seu rosto.

Eu já não me sentia como se eu fosse desmaiar. Em vez disso, enquanto ela se movia para mim, eu me senti como se eu pudesse voar.

Capítulo vinte e um

AMY

Não me lembro de nada sobre a cerimônia, exceto pelo fato de que ela continuou por muito tempo quando tudo que eu queria fazer era beijar meu marido e durante a troca do anel, nós deslizamos o anel de Peg no meu dedo e, em seguida, tiramos. Minha mão era a com problema, e sem junta para segurá-la firmemente, usar uma aliança de casamento era praticamente impossível. Meu dedo anelar permaneceria nu.

Durante cada música, cada leitura, e todas as orações, eu olhava para Patrick. Eu não conseguia ver mais nada. Ele parecia tão bonito em seu terno. Seu pobre pescoço parecia em carne viva do amido que eu coloquei em seu colarinho, suas mãos se mexeram durante toda a cerimônia, e eu assisti uma pequena gota de suor descer pela linha fina, mas nada disso importava. Ele estava me prometendo o sempre.

Finalmente, Kevie nos abençoou como um casal casado, ainda que fosse estranho vê-lo em suas vestes. O beijo de Patrick foi curto e doce no final do serviço, apenas um beijo de boca fechada, mas o modo como sua mão segurou meus dedos firmemente à medida que nos viramos para os nossos convidados, foi mais do que bom. Nossos votos foram selados e abençoados, mas eu não achei que qualquer um de nós estava disposto a deixar um ao outro por um segundo sequer. Fazia muito tempo desde que tínhamos sido capazes de nos tocar, que até segurar nossas mãos me acalmou.

Eu não podia sair da igreja rápido o suficiente depois que tínhamos feito o nosso caminho até o altar. As pessoas tinham nos parado para nos felicitar mais e mais, e, embora foi muito doce, no momento em que as freiras da minha escola tinham feito fila para dizer olá, eu poderia ter matado alguém. Será que ninguém vê nossa impaciência para fugir? Será que eles não se lembram de como era a sensação de ser recém-casados?

Nossa pequena recepção estava sendo realizada na pequena casa de Peg, e quando chegamos ao carro, à maioria dos convidados já

estavam indo também. Peg tinha conseguido uma carona com Kevie antes de sermos capazes de deixar a igreja. Eu esperava que nós tivéssemos um momento para nós mesmos antes que a casa estivesse cheia de gente, mas isso não ia acontecer. Parecia como se o universo estivesse trabalhando contra nós.

— Você está linda, esposa. — disse Patrick depois de minutos de silêncio absoluto no carro. — Eu nunca vi nada mais bonito.

— Você não está muito ruim também.

Ele fez um som de desgosto. — Esse fodido terno está me fazendo suar como você nem imagina.

— Eu percebi, — eu respondi com uma pequena risada.

— É?

— Até mesmo seu rosto está suando!

— Será que mais alguém viu?

— Só Kevie.

— Bem, então está tudo bem.

— Por que isso importa?

— Porque eu me senti como um maldito idiota lá, suando como um porco.

— Bem, você não parece idiota.

— Ainda bem que ninguém estava olhando para mim, uma vez que você chegou, — ele brincou.

Eu sorri para ele alegremente, enquanto observava a estrada, e eu não podia acreditar na minha sorte incrível. Estávamos quase na casa de Peg quando Patrick se virou para uma rua que era vagamente familiar. Quando ele parou o carro e estacionou, eu olhei para ele com surpresa.

— Você estava esperando por um jogo de basquete? Me desculpe, eu não trouxe um comigo. Não poderia caber sob o vestido.

— Se você estivesse tentando esconder uma bola de basquete em seu vestido nós teríamos uma pequena explicação a dar, — ele respondeu, rindo enquanto ele puxava a sua gravata. — Cristo, eu não consigo desfazer esse botão. Está muito apertado.

— Aqui, deixa que eu faço, — eu ofereci, me inclinando em direção a ele para deslizar os dedos pelo tecido abaixo do seu pomo-de-adão. — Meu Deus, como você consegue respirar?

— Eu não estava respirando até que eu vi você.

— Ah.

— Cale a boca.

Lutei com o botão durante um minuto antes dele conseguir se libertar, em seguida, correr os dedos sobre seu pobre pescoço. Havia marca onde o colarinho estava apertando sua carne.

— Por que diabos você abotoou tão apertado? — eu o repreendi.

— Casada a menos de uma hora e ela já está toda mandona.

— Estamos casados, — eu sussurrei, meus lábios se curvando em um sorriso.

— Nós estamos.

Ele ergueu as mãos para segurar minha cabeça e, em seguida, seus lábios estavam nos meus. Eu gemi quando ele deslizou sua língua em minha boca, então relaxei meu pescoço até que ele estava apoiando completamente o peso da minha cabeça entre as mãos.

— Eu queria fazer isso no primeiro segundo que vi você, — disse ele enquanto corria os lábios em meu queixo. — Estar perto de você e não poder te tocar é uma tortura.

— Eu sei, a cerimônia durou uma eternidade, — eu reclamei.

— Mas chegou ao fim.

— Você é meu agora.

— Ainda não. — ele riu sombriamente. — Mas depois eu serei.

Estremeci enquanto seus lábios suavemente chupavam meu pescoço. Meus mamilos endureceram debaixo do meu vestido e eu me senti ficar úmida, a sensação me lembrando do incidente no chuveiro mais cedo.

— Nós temos que voltar para sua mãe, — eu lembrei ele sem fôlego enquanto ele trabalhava seu caminho de volta em direção à minha boca. — Todo mundo está esperando. — sua boca encontrou a minha novamente, o beijo lento e surpreendentemente suave, antes de

se afastar.

— Por que fazem festas depois do casamento? Parece uma maneira terrível de começar a vida de casados, cercado por pessoas para entreter ao invés de foder como coelhos.

— Você é tão romântico.

— Eu sou romântico, — ele respondeu imediatamente, ofendido. — Eu te escrevi cartas de amor.

— Oh, é o que elas eram? — eu provoquei quando ele virou o carro de volta e saiu do lote vazio.

— Sim, elas são. Eu escrevi poemas!

— Você copiou poemas de outras pessoas.

— Eu sou um estudioso, não um escritor. Você não iria querer quaisquer poemas que eu tinha tentado escrever.

— Ah, então você já tentou antes? Já enviou a alguma menina suas pobres tentativas de poesia?

Os convidados tiveram a gentileza de deixar um espaço vazio para estacionarmos em frente da casa e, depois que Patrick tinha estacionado, ele se virou para mim, sua expressão séria.

— Eu não tenho escrito cartas para ninguém além da mamãe. Nunca. Exceto você.

— Por que não? — eu perguntei enquanto ele descia do carro sem dizer mais nada, se movendo ao meu lado para me ajudar a sair.

— Porque você era a mulher que eu estava indo me casar, — ele respondeu, então me beijou rapidamente, deslizando sua língua contra a minha apenas uma vez antes de pegar minha mão. — Agora vamos comemorar por um tempo, para que possamos sair e comemorar sozinhos mais tarde.

A recepção foi muito divertida, mesmo que eu estava ansiosa para ficar sozinha com Patrick. Peg me agarrou quando passamos pela porta, e passou horas me apresentando a todos que tinham vindo nos ver, desde o casal dono da mercearia que Peg trabalhava, até os vizinhos que tinham se mudado anos antes. Era estranho ver Peg e Patrick interagindo confortavelmente com tantas pessoas, e isso me lembrou de quão isolados tínhamos sido.

Patrick decolou para o canto do quintal, logo que Peg me afastou, e ele encontrou meus olhos algumas vezes enquanto eu me misturava, mas nós não tivemos a chance de conectar mais do que isso. Havia tantas pessoas na casa e no quintal de Peg que era difícil até mesmo se mexer de um lugar para outro sem ter que parar e conversar.

Quando eu finalmente fiz meu caminho de volta para ele, eu hesitei alguns metros de distância. Era como olhar para uma pessoa que eu nunca tinha visto antes.

Em algum momento ele tinha trocado sua camisa branca e colocado uma camiseta verde acinzentada, a gravata tinha ido, o botão da gola desfeita e as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ele parecia muito mais confortável do que ele parecia antes, e tão bonito como sempre, mas havia algo um pouco fora. Suas bochechas estavam mais otimistas do que o habitual e ele estava sorrindo enorme enquanto gesticulava violentamente com uma mão, a outra ao redor do pescoço de uma garrafa de cerveja. Eu não pude deixar de sorrir quando ele riu alto, mas antes que eu pudesse avançar, eu o vi apoiar seu braço contra a parede ao lado dele.

Por um momento, eu não conseguia identificar o que estava me incomodando. Então eu percebi com clareza repentina que o meu novo marido estava ficando completamente bêbado.

Fiquei feliz que ele estava se divertindo. É verdade. Mas eu senti uma protuberância crescer em minha garganta enquanto ele continuava a rir com os seus amigos, acenando com a cabeça em agradecimento quando um deles entregou outra cerveja. Eu sabia que era completamente egoísta, mas eu queria que ele parasse. Eu não queria ele se divertindo com seus amigos, como se ele estivesse em um pub - eu queria que ele estivesse tão ansioso como eu estava para finalmente nos afastar dos olhares indiscretos e estar em uma cama.

Fiquei ali em silêncio, observando-os rir e zombar um com o outro, até que finalmente um dos caras me notou e acenou com a cabeça em minha direção. Patrick se virou para mim com aquele mesmo sorriso largo, antes de começar a passear em direção a mim.

— Minha bonita e linda esposa! — ele cumprimentou alto, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

— Ei. Se divertindo? — eu tentei igualar a sua felicidade, mas não devo ter tido sucesso porque seus lábios perderam a curva quando ele olhou para mim.

— Estou me divertindo muito, — ele respondeu com cautela. — Você não?

— Claro. Peg esteve me apresentando pelas últimas duas horas para as pessoas que eu provavelmente nunca verei outra vez, meus pés estão me matando por causa desses sapatos estúpidos, eu estou com fome, mas cada vez que chego na cozinha eu sou parada por alguém e eu não consigo comer e eu ainda não falei com você desde que chegamos aqui, e agora você está bêbado, e se eu estou sentindo o que eu acho que eu estou sentindo, você acabou de derramar cerveja no meu vestido de noiva. — minha voz nunca perdeu sua alegria enquanto eu falava, mas suas sobrancelhas se uniram como se ele estivesse tentando decidir se eu estava brincando. — Eu estou me divertindo pra caramba.

Eu cheguei atrás de mim para encontrar a sua mão, e tirei a garrafa de seus dedos antes que ele pudesse fazer mais qualquer dano. — Eu vou encontrar sua mãe para ver se ela pode me tirar esse vestido.

— Espere, — ele ordenou, me puxando de volta contra ele. — Eu queria tirar.

Eu suspirei, olhando ao redor do quintal enquanto as pessoas nos observavam. — Eu não acho que você iria ser capaz de fazer isso, Patrick, — eu disse a ele em voz baixa.

— Não tem nada a ver. — seus dedos enrolaram em meu cabelo, puxando firmemente enquanto sua mão alcançava meu couro cabeludo. — Eu bebi um pouco, mas eu não estou bêbado.

— Está tudo bem. Sério. Eu só vou ver se sua mãe pode me ajudar. Estou muito desconfortável nesse vestido.

— Eu disse a você que eu quero tirar.

Ele se inclinou e me beijou duro, deslizando sua língua em minha boca com pouca finesse. Sua técnica não importava nem um pouco com o meu corpo, no entanto. No minuto em que seus lábios fecharam sobre os meus, eu relaxei nele. Ele tinha fumado não muito tempo antes e o sabor da cerveja que ele tinha bebido misturado com o sabor sutil de tabaco, me incendiou. Eu nem sequer notei os gritos e assobios até que Patrick começou a balançar e de repente eu estava segurando-o, em vez do contrário.

— Patrick, — chamei, puxando a minha boca para longe quando

ele tentou se endireitar.

— Você faz minha cabeça girar, — ele me informou com um sorriso torto. — Quer conhecer os rapazes? Eu quero mostrar minha linda esposa.

Meu coração afundou quando eu percebi que ele não tinha ouvido uma palavra que eu disse, mas eu sorri de qualquer maneira. — Certo. Me dê um par de minutos, ok? Eu vou encontrar sua mãe rapidinho.

— Tudo bem, meu amor. — ele me beijou carinhosamente na testa, em seguida, pegou sua cerveja da minha mão e girou para se afastar.

Como eu poderia estar puta quando ele estava se divertindo tanto? Ele era um bêbado adorável, e a maneira como ele geralmente olhava para mim parecia ser ampliado com o álcool, transformando de amor a quase adoração. Não, eu não estava puta, não realmente.

Eu só estava esmagadoramente decepcionada e magoada.

Esfregando minha mão esquerda sobre a parte superior da minha direita, eu vasculhei a multidão por Peg, mas não podia vê-la, então eu me dirigi para a porta de trás. Quando cheguei lá, percebi que as pessoas tinham começado a ir e havia apenas alguns retardatários no interior da casa. Pena que as pessoas no quintal pareciam que iam ficar por um tempo.

Minhas mãos começaram a queimar quando eu bati na porta de Peg, e olhei para baixo para ver alguns vergões que apareceram quando ela abriu a porta. Eu não conseguia parar as lágrimas que rolavam pelo meu rosto.

— O que está errado, doce menina? — ela perguntou, me puxando para dentro e fechando a porta. — Eu só estava trocando para algo um pouco menos extravagante para que eu pudesse começar a limpar.

— Você poderia me ajudar a trocar? — eu perguntei em voz baixa.

— Bem, você não quer-

— Eu quero me trocar agora, — eu interrompi. — Este vestido está começando a sentir realmente pesado e meus pés doem... eu só quero tirá-lo.

— Bem, tudo bem então. — ela abriu a porta e marchou pelo quarto enquanto eu seguia atrás dela, e logo estávamos no meu quarto.

— Vire-se para que eu possa chegar a esses botões.

Mais algumas lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto ela desabotoava meticulosamente cada pequeno botão nas minhas costas, e eu tentei não me lembrar de como eu imaginava ouvir um som rasgando enquanto Patrick perdia a paciência com os pequenos pedaços de plástico e tecido. Eu ri quando eu tirei o vestido, imaginando a frustração de Patrick.

— Bem, se eu soubesse que eu seria a única fazendo isso, eu teria te aconselhado a escolher um vestido com zíper, — Peg comentou com mau humor, me fazendo bufar.

— Se você acabar de desfazer um pouco mais, eu posso tirá-lo do meu quadril.

— Ok, me dê mais um minuto... pronto, veja se isso vai funcionar.

Eu tirei as mangas dos meus ombros e assisti em silêncio enquanto o vestido se abria na frente e, em seguida, lentamente começou a ceder. Então, eu cerrei minha mandíbula e empurrei o corpete para baixo sobre meus quadris até que ondulava no chão em volta de mim. Saí e me sentei na cama, silenciosamente desafivelando meus sapatos e esfregando meus pés doloridos.

Peg foi para a porta, virando quando eu finalmente falei.

— Seria muito rude se eu ficasse aqui por um tempo? — perguntei. — Eu estou com uma dor de cabeça.

Ela procurou meus olhos antes de concordar duas vezes. — Tudo bem, querida. Deite um pouco. As únicas pessoas restantes estão bêbadas demais para se preocupar onde a convidada de honra está.

Depois que ela se foi, eu tirei o sutiã azul que eu tinha comprado para minha noite de núpcias e coloquei um par de calças de moletom de Patrick e uma grande camisa de flanela que estava enfiada na bolsa que ele tinha deixado na noite anterior. Elas cheiravam a ele, e eu puxei minha cabeça para o pescoço da camisa como uma tartaruga para que eu pudesse cheirar. Era o melhor aroma do mundo.

Eu rastejei debaixo dos lençóis que eu não tinha pensado que eu estaria dormindo, e não levou muito tempo antes de eu adormecer com lágrimas escorrendo ocasionalmente pelo meu rosto.

Mas que noite horrível de casamento – o sol ainda nem tinha baixado e eu estava na cama sozinha.

Capítulo vinte e dois

AMY

Acordei mais tarde sentindo Patrick se sentar na beirada da cama, mas eu não abri meus olhos. Eu não queria vê-lo. A memória da recepção estava gravada na minha mente, e eu distraidamente percebi que minhas mãos pareciam melhor, o que significava que os vergões tinha ido embora.

— Eu sei que você está acordada.

— Estou surpresa que você está, — eu respondi, abrindo meus olhos.

Ele estava curvado, virado um pouco para longe de mim, olhando para as mãos que estavam correndo ao longo do cetim do meu sutiã descartado. Ele ainda estava usando o que ele tinha antes, mas seu cabelo parecia como se ele tivesse passado as mãos por ele, e o sorriso pateta tinha ido embora.

— Sinto muito, — disse ele, finalmente, levantando seu rosto para que ele pudesse encontrar os meus olhos. — Os rapazes foram me dando bebidas, e eu não tinha bebido assim em muito tempo entre estudar e trabalhar... que eu perdi a noção do tempo.

— É assim que sempre vai ser? — eu perguntei em voz baixa. — Eu ficando de lado enquanto você sai e faz o que bem entender com os seus amigos?

— Claro que não.

— Eu não conhecia qualquer dessas pessoas, Patrick.

— Eu nem pensei.

— É o nosso dia de casamento. Ou era...

— Ainda é. São dez horas.

— Você me ignorou no dia do nosso casamento. — as palavras saíram ilegíveis enquanto eu tentava falar através do caroço na minha garganta.

— Ah, amor. Não faça isso. Não chore.

Ele largou meu sutiã enquanto se levantava, e vi quando ele desabotoou a camisa e a puxou de suas calças antes de tirar. Em seguida vieram os sapatos e as meias, e, finalmente, ele estava desabotoando suas calças e empurrando-as por suas coxas, até que caiu no chão com todo o resto.

Eu o deixei puxar os cobertores e rastejar no meu lado, e foi um ajuste apertado na pequena cama, enquanto ficamos de frente a frente.

— O que você está usando?

— Eu não achei que teria companhia.

— Cristo, como você não está suando?

Ele chegou sob os cobertores e empurrou para baixo minhas calças.

— O que você está fazendo?

— Eu sei que você está com raiva. Eu não estou tentando transar com você, — ele respondeu com desgosto.

— Então o que você está tentando fazer? — eu perguntei quando ele se inclinou sobre mim e desabotoou minha camisa.

— Eu só preciso te sentir. — ele abriu os lados da camisa de flanela, em seguida, alisou suas mãos pelos meus lados. — Tem sido muito tempo desde que eu senti sua pele lisa.

— Como você sabia que eu estava aqui? — perguntei quando ele se deitou de costas e puxou meu corpo contra o seu lado.

— Você achou que eu não iria notar que minha esposa sumiu?

— Você parecia ocupado.

— Eu não estava. — seu braço apertou em torno das minhas costas.

— Eu aposto que sua mãe te disse.

— Sim.

— Ela brigou com você?

— Eu achei que ela iria me matar na frente de todas aquelas pessoas.

— Ótimo.

— Você não pode pedir a minha mãe para lutar suas batalhas. — ele estendeu a mão para puxar meu queixo em direção a ele. — Ela não tem lugar nesse casamento.

Eu endureci contra ele, puxando meu rosto de sua mão - raiva e mágoa tudo de novo.

— Eu não pedi a sua mãe para dizer qualquer coisa para você, — eu bati de volta, empurrando contra seu peito para que eu pudesse me sentar e enrolar a flanela de volta ao meu redor. — Alguém tinha que me ajudar a tirar esse maldito vestido!

— *Eu* disse a você que eu queria tirar. Eu tenho fantasiado sobre fazer isso desde que você entrou na maldita igreja!

— Então talvez você deveria ter escutado quando eu disse que estava cansada! Talvez você deveria ter parado por um segundo para pensar sobre mim, sua esposa! Em vez disso, você voltou a beber com seus amigos. — eu sufoquei um soluço com raiva. — Talvez se eu não me sentisse como uma leprosa quando minhas mãos começaram a dar caroços, eu poderia ter ficado lá fora e você poderia ter me ajudado com o meu vestido!

Nós estávamos gritando um com o outro, e foi absolutamente devastador porque era a última coisa que eu queria fazer. O que eu fiz? Por que tinha que me casado com esse homem que eu mal conhecia? Onde estava o Patrick que eu amava? Por que eu estava na cama com esse estranho?

Eu tentei passar por cima dele, mas ele se levantou e me jogou de volta na cama antes que eu pudesse chegar a algum lugar. Nossos peitos estavam se tocando, e eu não queria nada mais do que me afastar de todos e chorar.

— Eu odiei não estar perto de você, — disse ele, prendendo meus pés com os seus e apoiando os cotovelos perto da minha cabeça. Ele estendeu a mão para pegar meu pulso e o puxou entre nós, inspecionando minha mão antes de soltar e fazer a mesma coisa com a outra. Quando ele terminou, ele a beijou antes de colocá-la contra o seu coração. — Era como se eu estivesse saindo da minha pele quando

minha mãe te puxou para te apresentar às pessoas. Mas ao mesmo tempo, quanto mais perto ficávamos, mais difícil era para me parar de querer chutar cada uma dessas pessoas para fora da porra da casa. Eu estou morrendo por você. Eu estive morrendo por você por meses, e uma vez que eu sei que posso te ter, é uma tortura para fazer isso. — ele encostou a testa na minha, fechando os olhos. — Eu estava apenas tentando distrair eu mesmo com os rapazes. É tudo que era. Só até que tivesse acabado e eu poderia te ter para mim mesmo.

— Você feriu meus sentimentos.

— Eu vou tentar não fazer isso de novo, — disse ele fervorosamente, dando um beijo nos meus lábios.

Esse era o meu Patrick.

— Você estava tão bonito hoje, — eu sussurrei, levantando as mãos ao rosto. — Me desculpe fazer pirraça.

— Eu fui um idiota.

— Você foi, mas você não é agora.

— Me perdoe? Eu vou te compensar.

— Só não saia para fumar um cigarro ou algo assim e me deixe dar à luz sozinha.

— Eu nunca faria isso. — ele passou a mão contra o lado do meu rosto, em seguida, enfiou os dedos através do cabelo. — Eu nunca vou te deixar de novo.

— Eu te amo. — havia perdão em minhas palavras.

Ele suspirou em minha boca, seus ombros relaxando. — Eu amo você também.

Sua cabeça inclinou enquanto seus quadris pressionaram para baixo, e eu abri meus joelhos para dar espaço para ele em cima de mim quando sua língua deslizou em minha boca. Ele gemeu quando eu cavei minhas unhas na parte de trás do seu pescoço.

Estávamos vorazes. Nós mordemos e lambemos e chupamos os lábios e línguas um do outro, lutando pela posição dominante, mas não demorou muito para que ele ganhasse, empurrando seus quadris. Nós nunca tínhamos tido tão poucas camadas entre nós antes, e minha respiração ficou presa quando ele moeu contra o meu clitóris através da nossa roupa interior. O sentimento dele com tão pouco entre nós era

incrível, ainda mais pela falta de cabelo protegendo minha feminilidade. Eu podia sentir cada movimento, cada contração.

— Eu pensei que nós iríamos para um hotel? — engoli em seco quando ele afastou a boca da minha.

— Eu não posso esperar tanto. — ele se inclinou em seus joelhos e me puxou com ele, levantando meus braços acima da minha cabeça para que ele pudesse deslizar a minha camisa para fora. — Nós vamos ir mais tarde.

— Mas-

— Mamãe vai ficar na casa da mãe de Kevie. — ele me assegurou, colocando a mão no meu peito e me empurrando com cuidado para trás. — Ela não queria nos interromper.

Seu sorriso se tornou desonesto, e então ele estava torcendo para puxar os lençóis, resmungando. — Nós precisamos de uma cama maior.

Meus mamilos estavam duros quando ele se virou para mim e meu estômago se tornou ainda mais apertado enquanto eu tentava desesperadamente recuperar o fôlego. Ele era todo músculo. Seu peito era muscular e seu estômago era duro com um pouco de cabelo abaixo de seu umbigo. Os músculos em seus ombros ondularam quando ele estendeu a mão, e eu estremeci quando ele colocou a palma da mão na minha garganta, em seguida, arrastou para baixo do centro do meu corpo até que ele alcançou o elástico da minha calcinha.

— Você comprou as calcinhas que eu pedi.

— Sim.

— É lindo, mas eu quero fora.

Ele empurrou as pontas de seus dedos embaixo da minha calcinha e, lentamente, deslizou para baixo quando eu levantei meus quadris da cama. Foi um movimento suave, lento e constante, até que de repente, ele parou por um momento antes de rasgá-las pelas minhas coxas. Eu estava assustada, meu corpo congelado pelo movimento inesperado, mas eu não resisti quando ele levantou uma perna e depois a outra para puxar o pedaço de cetim azul completamente.

Ele estava olhando.

— O que você fez? — ele perguntou com a voz rouca.

O motivo de sua mudança de atitude se tornou claro e parei em mortificação. Eu coloquei meu braço sobre o meu rosto.

— Eu tentei aparar.

— Isso não está *aparado. Tudo* se foi.

— Eu tive um pequeno acidente, — eu respondi timidamente, olhando para ele de debaixo do braço. Meu corpo estava duro pela falta de estimulação e conversa.

— Você está bem?

— Sim, eu estou bem.

Ele ainda estava olhando para minha buceta, e isso começou há ficar um pouco chato.

— Estamos prontos? Está ficando um pouco frio aqui.

Sua cabeça se virou em surpresa e eu olhei para ele. Ele não poderia ver que eu estava ficando constrangida?

— Vai crescer de volta! — eu bufei em aborrecimento.

— Não.

— Não?

— É... — seus dedos desceram e pararam em cima de mim, me fazendo tremer. — Não deixe crescer.

Meu corpo começou a esquentar novamente quando ele traçou sobre mim suavemente, e arrepios me inundaram. Ele deslizou em seus joelhos até que minhas pernas estavam apoiadas sobre suas coxas, e de repente seus dedos estavam se movendo mais para baixo e deslizando através de mim.

— Linda, — ele sussurrou.

— Lindo, — eu gemi de volta, meus quadris inclinando para cima para me dar melhor acesso.

— Você está nervosa? — perguntou ele, mal deslizando o dedo indicador dentro de mim antes de puxá-lo novamente e repetir o movimento. Ele se inclinou para beijar meu esterno, e eu deslizei meus dedos pelos seus cabelos.

— Não, eu estou pronta.

— Ainda não, mas você vai ficar.

Seus lábios deslizaram pela minha barriga quando o resto do seu corpo escorregou para o chão, e então ele estava segurando minhas coxas e me puxando até a minha bunda chegar à borda da cama. Eu não tinha certeza do que ele estava fazendo, mas eu tive uma ideia, e quaisquer reservas que eu podia ter tido tinham ido embora quando ele me olhou com avidez.

— Por que você continua olhando? — perguntei em voz baixa, me apoiando em meus cotovelos.

— Eu só vi isso em revistas.

— Você já viu outras mulheres antes.

— Não assim... e nenhuma em minha cama.

— Não é grande coisa.

— É para mim. — ele se inclinou e passou os lábios sobre a pele entre as minhas pernas, me fazendo arquear drasticamente à medida que ele se afastava.

— As possibilidades são infinitas, — disse ele, afastando as minhas até que os lados dos meus joelhos quase tocaram os lençóis. — Mesmo se você não tivesse raspado, eu ainda podia fazer isso, — ele bateu sua língua em mim, fazendo com que os músculos em minha buceta apertassem duramente. — E eu ainda podia fazer isso, — então ele passou sua língua e esfregou fortemente contra o meu clitóris.

— Meu Deus.

— Mas não seria a mesma coisa se eu fizesse isso, — ele chupou um dos meus lábios em sua boca e esfregou sua língua em toda ela, ao mesmo tempo terminando com uma pequena mordida contra a minha carne que me fez pular.

— Eu posso ver tudo. Sentir toda essa pele macia, — ele murmurou contra mim. Então ele abriu a boca tanto quanto podia e a pressionou ao longo de toda a minha buceta, sugando suavemente. Eu podia sentir isso em todos os lugares, e os meus braços começaram a tremer, mas eu os mantive plantados na cama para que eu pudesse continuar a observá-lo.

Seus olhos estavam fechados enquanto ele fechava a boca, esfregando os lábios contra mim, mas eles abriram quando meus

quadris começaram a rolar por baixo dele. Tudo o que ele estava fazendo era tão bom, mas eu precisava de mais. Eu precisava de algo dentro de mim. Eu precisava de atrito. *Eu* precisava de algo. Eu estava ofegante quando ele levantou seu rosto, franzindo os lábios para colocar um beijo suave no meu clitóris.

— Você está pronta?

Antes que eu pudesse responder, seu rosto caiu novamente, e desta vez eu não fui capaz de me segurar e caí para a cama.

Sua língua esfregava pequenos círculos sobre o meu clitóris, trazendo meu orgasmo cada vez mais perto enquanto ele esfregava seus polegares para cima e para baixo nos lados da minha abertura, a pele tão escorregadia que não havia praticamente nenhum atrito. Cada vez eles vinham mais e mais próximos, até que de repente, escorregaram um pouco para dentro.

Meus quadris balançaram contra ele quando ele virou a mão, e de repente o polegar tinha ido embora e ele deslizou seu dedo indicador todo o caminho para dentro. Eu ignorei a pequena pitada que eu senti quando cheguei mais perto e mais perto, e meu pescoço arqueou enquanto ele gemia contra mim. Finalmente, sua outra mão veio até minha barriga, me pressionando para baixo como se para me preparar, e eu quebrei, gritando quando gozei.

Fiquei ali desossada quando ele se levantou, só os meus olhos acompanhando o movimento. Ele tirou sua cueca rapidamente, então se inclinou sobre mim e sorriu para a minha expressão atordoada. Ele me agarrou por baixo dos braços e me puxou para cima da cama enquanto eu não fiz nada para ajudar, e sorri de volta quando ele subiu entre as minhas pernas.

— Você não vai nem mesmo olhar? — ele brincou, pegando cada joelho meu para que ele pudesse abrir.

— Eu acho que é melhor se eu não ver. Dessa forma, nós não estaremos lidando com o meu choque e pavor virginal e questões de 'como diabos você vai caber?'

— Você está lendo muitos romances.

— Eu precisava de algumas dicas.

— Não fique nervosa.

— Eu não estou.

— E por que suas mãos estão tremendo?

Ele pegou uma das minhas mãos trêmulas em questão, e as levou aos lábios, beijando suavemente antes de trazer entre nós.

— Sinta o quão molhada você está, — disse ele, correndo os nossos dedos sobre minha carne sensível. — Adorável.

— Adorável.

— Lembra o que eu disse a você? Você vai me aceitar fácil com isso.

— Eu não estou nervosa.

— Ok, — ele respondeu com um sorriso terno, soltando minha mão. Então, ele pôs seu corpo em cima do meu plenamente, apoiando o antebraço no meu ombro enquanto eu passava meus braços em torno de sua cintura. Sua mão ficou entre nós, colocando seu pau no ângulo correto, e então de repente ele estava *lá*.

— Ainda não está nervosa?

— Não, — eu sussurrei com a voz rouca.

— Mantenha seus olhos nos meus, esposa.

Ele balançou os quadris, delicadamente no início e, em seguida, mais duro. Eu podia sentir ele me esticar lentamente, e não doeu muito, mas não era muito bom também.

— Você entrou? — eu perguntei depois de alguns minutos assistindo sua mandíbula apertar e morder seu lábio superior.

— No meio do caminho.

— Meu Deus.

— Nervosa agora?

— Não, — eu respondi teimosamente, tomando uma respiração instável.

— Ótimo. — ele arqueou seus quadris mais duramente e de repente houve uma sensação de ardor, e eu era a única apertando meu queixo.

— Acabou, meu amor — ele sussurrou suavemente, se inclinando para me beijar. Eu poderia provar a minha excitação em sua boca, mas

quando eu tentei afastar meu rosto, ele segurou meu queixo de cada lado, me segurando no lugar. — Não se afaste, — disse ele contra minha boca. — Experimente isso. É bom.

Eu gemi quando sua língua empurrou na minha boca com o ritmo de seus quadris. Eu não estava sentindo nada com isso, não realmente. Eu estava dolorida e minhas coxas estavam começando a doer um pouco onde seus quadris pressionavam contra mim... mas ele *estava* dentro de mim. Não era nada como eu tinha imaginado, cheio de explosões de estrelas e fogos de artifício e um orgasmo que fariam meus olhos rolarem na minha cabeça. Mas de alguma forma era melhor, porque esta pessoa - este homem lindo que me amava - era meu marido. E ele estava focado apenas em mim, me beijando, e esfregando meu rosto delicadamente com os polegares, e deslizando para dentro e para fora de mim em um ritmo constante.

Não demorou muito para que ele puxasse sua boca para longe e descansasse sua testa contra a minha enquanto ele estremecia, empurrando seus quadris de forma incontrolável. — Eu te amo, esposa.

— Eu também te amo, marido.

Capítulo vinte e três

AMY

Nós não fomos para o quarto de hotel que Patrick tinha reservado até a manhã seguinte. Nossa noite de núpcias tinha sido tão longa e emocional, que tínhamos adormecido não muito tempo depois de nos limpar. Nós iríamos ficar na cidade mesmo - não havia dinheiro para uma viagem, mas eu não me importei. Eu tinha três dias inteiros de nada, além de Patrick. Eu estava no céu.

Até o momento em que voltamos, *eu* realmente me senti casada. Foi apenas o tempo suficiente para que a novidade emocionante de tudo isso tivesse se transformado em uma espécie de benção de recém-casado - ainda emocionante, mas mais confortável. Mais sólido.

O Patrick que eu aprendi a amar era atento e sarcástico em igual medida e mais físico do que jamais foi antes. Ele estava constantemente me tocando, uma mão no meu joelho, na parte inferior das minhas costas, ou envolvida em torno dos meus ombros. Ele me beijava constantemente, quando ele estava animado ou feliz ou pensativo. Não importava o que estávamos fazendo, ele estava me marcando constantemente com sua posse, figurativamente - e literalmente - na forma de tatuagens onde os anéis de casamento teriam estado se isso fosse possível. Foi maravilhoso, e vendo a marca permanente na minha mão me deixou tonta de amor.

No momento em que voltamos à casa de Peg, eu estava mais dolorida do que eu já estive em toda a minha vida. Até mesmo sentar no carro por uma hora tinha doído como o inferno.

— Você parece como uma mulher velha, — Patrick brincou enquanto eu descia lentamente do carro.

— Se você não tivesse me fodido dezoito milhões de vezes em quatro dias, talvez eu fosse um pouco mais ágil.

— Mas pense em toda a diversão que teríamos perdido, — disse ele, me empurrando suavemente contra o carro para que ele pudesse roubar um beijo longo e molhado. — Agora estamos de volta à realidade.

— Não, — eu gemi. — Vamos voltar. Vamos viver como ciganos.

— Chegaram! — Peg chamou a partir da porta da frente. — Se divertiram?

Nós nos viramos para encará-la, e ela sorriu de volta, claramente animada em nos ver.

— Não, seu filho é uma porcaria na cama, — eu sussurrei para Patrick, o que me rendeu um tapa duro na bunda. Ele se afastou quando eu gritei e, em seguida, agarrou nossas malas do banco de trás.

Caminhei lentamente em direção a Peg e quando cheguei a ela, ela riu.

— Aparentemente, um pouco divertido demais.

— Ei! Um pouco de simpatia seria bom. — eu fiz uma careta para ela, mas isso não durou muito tempo. Ela parecia tão feliz que eu não conseguia parar de sorrir de volta para ela.

— Vamos tomar um banho com alguns sais, — ela disse quando ela me conduziu para dentro. — Eu sei como você está se sentindo. Tive uma noite de núpcias uma vez.

Ela me acomodou no banheiro enquanto ouvíamos Patrick guardar as minhas coisas. A água quente parecia fantástica contra a minha pele crua e músculos doloridos. Por que eu não tinha percebido que eu estava tão dolorida? Provavelmente porque enquanto estávamos longe, Patrick tinha me mantido em um perpétuo estado de excitação e disposta a fazer qualquer coisa para saciá-lo.

Estávamos recuperando o tempo perdido e nos preparando para um tempo separados. Nossos poucos dias passaram muito rapidamente, e agora eu tinha menos de vinte quatro horas antes que Patrick tivesse que ir novamente para voltar para a faculdade. Parecia o fim do mundo, e eu funguei quando eu me inclinei mais para dentro da banheira.

Eu odiava o pensamento de estar longe dele por um segundo sequer.

— Ei, o que é? — o homem dos meus pensamentos perguntou quando ele entrou.

— Você não pode entrar aqui!

— O que diabos você está falando?

— Sua mãe está no quarto ao lado!

— E *nós* somos casados, — ele respondeu, levantando a sobrancelha.

— Mas-

— Está se sentindo melhor? — ele perguntou quando ele se ajoelhou ao lado da banheira, correndo as pontas de seus dedos através da água. Seus olhos percorreram meu corpo nu como se catalogando as mordidas de amor e contusões que me cobriam. De repente, ele começou a rir enquanto eu olhava para ele com horror.

— Sinto muito, — ele engasgou, tentando e falhando em conter o riso. — Mas você estava tão incomodada por eu entrar enquanto você está tomando banho! — ele parou de rir em voz alta novamente, dobrando na cintura quando ele fez isso. — Mas mamãe não te ajudou agorinha? *Ela* viu o que fizemos!

— Você é um idiota! — eu coloquei minha mão na água e a empurrei em direção a ele, fazendo uma enorme onda voar sobre a borda da banheira e molhar completamente seu rosto e peito.

Ele se abriu para mim, os olhos arregalados e boca, me fazendo cair na risada. Então ele se levantou, tirando os sapatos e puxando as calças para baixo.

— Não. Não, Patrick! Você não pode-

Ele se inclinou para trás e abriu a porta uma fração.

— Mãe, vou tomar banho com Amy, — ele chamou, fazendo meu rosto corar em mortificação. — Nós vamos demorar um pouco!

— Tudo bem, querido! — Peg respondeu.

— Eu não posso acreditar que você fez isso, — eu assobiei por entre os dentes, me levantando.

— Sente-se.

— Não, eu vou sair.

— Sente. Se. — sua voz tinha ficado profunda e severa, e eu olhei para cima em surpresa ao vê-lo tirando sua camiseta. Eu pensei sobre ignorá-lo, mas não havia diversão em seu rosto. Ele estava completamente sério… e com raiva?

Eu timidamente me sentei na água e puxei meus joelhos para o meu peito enquanto eu o observava terminar de tirar a roupa.

— Puxe de rolha por um momento, — ele me disse, dando um passo para a banheira. Ele parou bem na minha frente, e eu cheguei atrás de mim cegamente para puxar a rolha enquanto sua ereção apontava para a minha cara.

Minha boca começou a aguar.

— O suficiente, — disse ele depois de um minuto, me puxando para fora do meu estupor.

Eu parei de novo quando ele estendeu a mão para dar um puxão em sua ereção, e meus músculos doloridos cerraram.

— Eu pensei ter encontrado uma parte sua que não está dolorida, — ele disse em voz baixa, estendendo a mão para esfregar meu rosto e deslizar o dedo na minha boca. — De joelhos, esposa.

Eu me ajeitei, a água ondulando em torno de mim, e assim que minhas mãos foram plantadas em suas coxas, as suas estavam no meu cabelo me guiando na direção dele. Nós tínhamos feito isso antes, algumas vezes, mas nunca nessa posição.

Abri minha boca e a piscina de saliva nela facilitou a entrada. Quando eu passei meus lábios em torno dele, tomando cuidado para não acertá-lo com os meus dentes, ele estremeceu.

— Essa sensação é maravilhosa, — ele murmurou, e eu sacudi, olhando para cima para incitá-lo ao silêncio com meus olhos. Peg *não* podia saber o que estávamos fazendo.

— Abra mais, — insistiu ele suavemente, a testa franzida. — Me leve mais fundo em sua boca.

Meus olhos saltaram em suas palavras óbvias, e eu senti o calor aquecer meu pescoço. Ele estava fazendo isso de propósito. Se eu abrisse mais eu iria quebrar minha mandíbula.

Ele poderia ter estado me envergonhando, mas ele ainda era infinitamente gentil enquanto guiava meus movimentos, e as suas palavras murmuradas de louvor me fizeram aquecer e me deixaram molhada. Ele era tão gentil e obviamente grato que eu estava lhe dando um boquete que eu não poderia nem mesmo ficar brava com ele.

— Chega. — suas palavras foram ilegíveis enquanto ele se afastava. De repente, percebi o quão gelada a água tinha ficado e o quanto da minha pele estava no ar frio. Eu tremia quando ele cuidadosamente se sentou de frente para mim, os joelhos se projetando acima das bordas da banheira.

— Não há muito espaço aqui, — disse ele com um sorriso, me puxando para o peito para que ele pudesse chegar ao meu redor para ligar as torneiras. — Está quente, não se incline para trás.

Eu concordei e ele me puxou para o seu colo, meus joelhos sob suas axilas e os nossos corpos completamente alinhados.

— Eu não vou me esconder ou me esgueirar. Eu ajudo mamãe com o aluguel desse lugar, é tanto nossa como ela é dela. — ele me disse seriamente, com uma mão na parte de trás do meu pescoço e a outra alisando seu caminho até provocar a meu mamilo duro. — Você é a minha esposa. Nós fazemos amor. Fim de papo.

Ele estava duro debaixo de mim, e com um toque de seus quadris, ele foi deslizando lentamente para dentro, olhando meu rosto atentamente para qualquer sinal de descontentamento. Eu ainda estava dolorida, mas a dor latejante de excitação oprimia qualquer desconforto que eu poderia ter sentido. Era tão bom quando estávamos abraçados desse jeito.

— Tudo bem? — ele sussurrou.

Eu o amava tanto naquele momento.

— Adorável, — eu sussurrei de volta com um sorriso malicioso.

Ele sorriu para mim e alcançou atrás de mim para desligar a água. O movimento o pressionou mais fundo e eu enfiei minha cabeça em seu pescoço para não gemer em voz alta.

Eu estava apoiada contra meus joelhos e não havia praticamente nenhum espaço para se movimentar. Nós balançamos suavemente, beijando rosto e pescoço e ombros e braços até que tudo estava acabado e eu estava completamente exausta.

* * *

Passamos o resto do dia juntos com Peg, assistindo filmes antigos e nos acariciando. Era exatamente o que eu precisava após a longa

semana que tivemos. Ele tinha ido muito rápido, no entanto, uma parte de mim queria fazer tudo mais uma vez. Eu temia a partida de Patrick de manhã.

Peg foi muito boa e passou muito tempo arrumando a cozinha e seu pequeno jardim para nos dar um pouco de tempo para nós mesmos, mas eu sabia que ela estava temendo a saída de Patrick quase tanto quanto eu. Havia alguma coisa acontecendo nos bastidores, algo que eles não estavam me dizendo, e isso estava me deixando mais ansiosa do que o normal.

Dormimos nus e enrolados naquela noite, mas o meu pobre corpo estava no seu limite, então não fizemos mais nada. Foi bom apenas sentir a nossa pele tocando em vários lugares enquanto nós nos deitamos na cama pequena. Patrick fez comentários sobre encontrar um colchão maior, mas eu esperava que ele não o fizesse. Eu adorava ter tão pouco espaço - isso significava que estávamos sempre nos tocando, não importa o quanto nos mexíamos durante o nosso sono.

Quando ele saiu no dia seguinte, eu coloquei uma cara brava e me recusei a chorar. *É temporário,* eu disse a mim mesma. *Ele está fazendo uma vida melhor para nós. Ele está trabalhando duro para o nosso futuro.*

Nenhuma das minhas afirmações me deram qualquer tipo de paz.

Eu senti falta dele no instante em que ele deixou a casa.

Capítulo vinte e quatro

PATRICK

A vida caiu em um ritmo familiar, mas tudo parecia fora de ordem.

Eu queria estar em casa.

Eu sofria constantemente por Amy, que me fez sentir como o maior idiota que já tinha vivido. Eu sabia que ela estava em casa me esperando, mas nosso casamento parecia ter causado uma nova e mais forte espécie de possessividade. Eu estava com ciúmes de quem entrava em contato com ela quando eu não podia. Eu me encontrei ligando para casa com mais frequência do que eu poderia pagar apenas para ouvir sobre seu dia e ouvir qualquer menção de outros homens. Eu sabia que era completamente estúpido fazer isso, mas eu não conseguia evitar.

Eu estava ficando louco. Eu tinha estado tão apanhado na minha esposa que eu baixei a minha guarda. Nada mudou só porque eu tinha me casado, ainda que parecesse ter mudado tudo.

— Patrick Gallagher, — um homem gritou atrás de mim quando eu comecei a abrir a porta para o edifício que eu vivia. Sua voz soava amigável o suficiente, mas o cabelo na parte de trás do meu pescoço se arrepiou e eu me preparei quando lentamente soltei a maçaneta da porta e me virei para encará-lo.

Eu reconheci Malcolm primeiro. Ele estava de pé atrás do homem que tinha chamado meu nome, e quando olhei para os quatro homens diante de mim, meu estômago se apertou com medo. Eles devem ter descoberto sobre a menina.

— Encontramos seu pai, — Malcolm me disse com um aceno de cabeça. Meu estômago afundou. Não era a garota.

— Um homem interessante, seu pai, — o homem baixinho meditou, me olhando por cima. — Leal como um cão de caça e tão inteligente quanto um. Estranho seu filho passar seus dias dentro de uma sala de aula.

Meus punhos cerraram ao meu lado, mas eu sabia que não havia nenhuma maneira que eu poderia acertá-lo do jeito que eu queria. Eu estava em desvantagem e desarmado. Seria suicídio.

— No que eu posso te ajudar? — eu perguntei calmamente.

— Temos algumas coisas que nós gostaríamos de discutir com você.

— Eu não estou interessado. — olhei para Malcolm, mas sua expressão estoica não se mexeu.

— Você nem ouviu o que eu gostaria de discutir.

— Eu sei exatamente o que você gostaria de discutir. Não estou interessado.

— Seu pai ficará... Decepcionado. — a inflexão em suas palavras fizeram minhas costas quebrarem em um suor frio.

— Onde ele está? — perguntei, embora eu soubesse que isso era exatamente o que ele queria.

— Ele quer te ver, — o homem respondeu jovialmente.

Ele não respondeu minha pergunta.

Eles começaram a se afastar, como se fosse uma conclusão precipitada que eu os seguiria. Eles lançaram a isca, e eu mordi. Quando cheguei à calçada, Malcolm andou ao meu lado.

— Eu ouvi que você se casou.

— Sim. — eu absolutamente não ia falar sobre Amy com estes homens.

— Kevie diz que ela é linda.

Eu não respondi.

— Eu vou ter que me apresentar a próxima vez que for a sua casa, — ele cutucou.

— Fique longe da minha esposa, — eu respondi bruscamente.

— Não tem tempo para um velho amigo, então?

— Nós nunca fomos amigos.

Subimos em uma pequena caminhonete, Malcolm ficando ao meu lado na parte de trás, e eu não poderia evitar me perguntar o que aconteceria se eles me matassem. Será que a mamãe pegaria Amy e iria embora? O interesse de Malcolm em minha esposa me deixou tão furioso que eu me imaginei matando cada um deles antes de chegarmos ao nosso destino.

O homem conduzindo seria fácil, apenas um corte rápido do pescoço e ele iria embora. A pistola de Malcolm estava em sua jaqueta no lado mais próximo de mim, e eu me perguntei se eu teria tempo suficiente para puxar e matar ele e o homem baixinho antes que eles revidassem. Eu apertei a mão apoiada na minha coxa duas vezes tentando acalmar minha respiração. Não funcionou. Se eu matasse o motorista, iríamos bater. E mesmo se o plano funcionasse, mais viriam. Eles eram como ratos em um esgoto, mate alguns e outros o seguiram em uma grande onda até que você estivesse sobrecarregado.

Fiquei em silêncio até chegarmos a um edifício antigo no centro. Do lado de fora parecia uma padaria, mas eu sabia que não estávamos lá para comprar produtos de pastelaria.

Dentro da loja, os homens não pararam para falar com o homem atrás do balcão. Com um aceno rápido, passamos direto por ele e fomos para a parte de trás, onde uma escada nos levava para um porão que dava a uma porta de aço.

Meu pai estava sentado em uma mesa com um par de outros homens, e ele ficou surpreso quando passei pela porta.

— Patrick?

— Eu disse a vocês que eu iria trazê-lo, — disse o homem baixinho. Seu tom era alegre, mas era uma alegria estranha.

— O que é tudo isso, pai?

Ele balançou a cabeça um pouco para mim.

— Acredito que dois homens é melhor do que um. E quem melhor para se trabalhar do que com seu filho?

— Ele fez suas próprias escolhas, Michael.

— Ele não fez nenhuma escolha, — respondeu o homem baixo. — Vocês estão conosco ou contra nós.

Meu coração começou a correr com as suas palavras. Era exatamente o que eu estava fugindo, e eu deveria ter sabido que, eventualmente, eles iriam chegar até a mim. Meu pai tinha feito esta escolha para mim antes de eu ter sido capaz de limpar meu próprio traseiro, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Cristo, se mamãe não tivesse chutado ela para fora, ele provavelmente teria enchido minha cabeça com propaganda e eu teria estado ansioso para tomar o meu lugar nas fileiras. Não importa o curso que nos levou a esse ponto, ia acontecer.

Minha vida - os sonhos que eu tinha seguido e trabalhado pra conseguir - passaram diante dos meus olhos, e eu sabia. Eu nunca iria morar em uma pequena casa de campo com Amy, nem encheria sua barriga com os bebês antes de conseguir ensinar novos alunos excitados sobre a importância da literatura clássica. Eu tinha sido um tolo, e era finalmente hora de encarar a realidade.

Minha mão começou a apertar a meu lado e eu conscientemente relaxei, soltando meu corpo até que a minha tensão não era evidente. Qualquer sinal de fraqueza seria visto por esses homens, e eu não podia deixar.

O homem baixo fez soar como se eu tivesse uma escolha, mas não havia realmente nenhuma escolha. Eu era o seu fantoche ou eu era um homem morto. E eles efetivamente me puseram de joelhos, porque com uma única palavra sobre Amy, Malcolm sabia que eu nunca iria me arriscar ir contra eles. Ela era uma fraqueza que eles estavam dispostos a explorar.

— O que há nesse trabalho? — eu perguntei em voz baixa.

Meu pai pareceu surpreso e Michael presunçoso.

— Eu ouvi que você é bom com uma faca.

Olhei para Malcolm, vendo um pequeno sorriso em seu rosto.

— Talvez.

— Você é. — Michael inclinou a cabeça, em seguida, deu um passo adiante para a mesa e colocou suas mãos sobre a superfície. — O Comandante da Polícia está... dificultando as coisas para mim rapazes, — disse ele, espalhando fotos de uma casa e um homem em cima da mesa. — Precisamos fazer algo sobre isso...

Minha necessidade de proteger a minha mãe enquanto eu tinha ido embora havia me levado a um caminho obscuro por alguns anos

quando adolescente. Eu cheguei à conclusão de que aqueles que não eram temidos eram aqueles que se tornavam a presa. Nosso bairro nunca tinha sido um dos piores, mas também não era o melhor, e eu percebi que nem a reputação do meu pai protegeria a minha mãe e eu. Então, eu havia me tornado um daqueles que eram temidos.

Eu nunca tinha carregado uma arma, eu não conseguia me fazer ir tão longe e nem acreditava que somente os punhos iriam fazer o serviço. Em vez disso, eu tinha carregava um canivete. Eu tinha praticado e eu era bom nisso. Quase como se fosse uma extensão natural minha, eu tinha feito meu ponto mais e mais com os bandidos locais que achavam que poderiam me intimidar. Minha reputação com uma lâmina me pegou, de modo que mesmo se eu não estivesse na cidade, minha mãe e agora Amy estavam a salvo sob minha proteção. Eu não tinha tido que puxar a minha faca em mais de quatro anos.

Mas eu ainda a carregava.

A implicação por trás das palavras de Michael era clara. Ele queria o homem morto, e ele queria que eu fizesse isso. Nós passamos o dia estudando sobre o hábito do Comandante da polícia e memorizando seu discurso e quando eu saí tarde naquela noite, meu futuro estava cravado em pedra.

Talvez tivesse sido sempre cravado em pedra e eu tinha sido cego demais para ver.

Quando chegou a hora, meu pai tentou me convencer a deixá-lo matar, mas eu sabia que era suicídio. Meu pai já estava no limite. Se ele assumisse o cargo que me foi dado, em vez disso parecer como se tivesse sido encomendado, seríamos dois homens mortos. Eu tinha que provar a mim mesmo... Me incriminar.

A ideia era brilhante, realmente. Finalizar isso com êxito asseguraria tanto a minha lealdade como a do meu pai. Eu me tornaria um assassino, e papai faria qualquer coisa para proteger seu único filho.

O Comandante da polícia foi o primeiro homem que matei. Ele era um bêbado que vivia sozinho. Foi fácil.

Vomitei depois.

Eu também vomitei na próxima vez.

E na próxima.

E na próxima.

Mas, eventualmente, ficou mais fácil.

E então eu me tornei insensível a tudo.

Eu trouxe com sucesso meu pai de volta ao redil. Foi uma pena que eu tinha que segui-lo de volta.

Capítulo vinte e cinco

AMY

Voltar para a escola - ou ensino médio, como era chamado na Irlanda - era tão estranho. As conversas que eu ouvia tão atentamente antes sobre meninos e quão longe assim e assim tinham ido no fim de semana antes de repente soou pequena e imatura. As garotas pareciam crianças.

Uma parte de mim queria falar quando uma garota do outro lado da mesa do almoço falou animadamente sobre como o namorado dela queria que ela tocasse no seu 'você sabe o que' quando tinham saído naquele fim de semana. As meninas tinham feito rostos enojados e levou tudo que eu tinha para não contar a elas que, eventualmente, elas estariam colocando 'você sabe o que' em suas bocas. Eu me forcei a não rir no sanduíche que eu trouxe comigo para o almoço. Oh, as coisas que eu poderia dizer a elas.

A vida era apenas diferente para mim, eu tinha que me lembrar disso. Não melhor ou pior, apenas diferente.

Enquanto aquelas meninas estavam beijando e falando sobre 'você sabe o que' à procura de seus felizes para sempre, eu já tinha encontrado o meu. Bem, não era exatamente um felizes para sempre, mas seria. Por um tempo, eu estava falando com Patrick quase todos os dias, mas nós recorremos a cartas depois de um tempo.

Não fiquei surpresa por ele; telefonemas eram caros e eu sabia que ele estava ocupado... mas isso fez o tempo passar mais devagar quando eu já não tinha pelo que olhar para frente no final do dia. Quanto mais tempo eu ficava sem vê-lo, mais desarticulada minha vida parecia. Eu não era uma mulher, mas eu não era apenas uma estudante do ensino médio também. Eu estava em algum lugar no meio. Eu senti tanta a falta dele que às vezes eu tinha uma dor de estômago durante todo o dia, mas ajudou um pouco saber que nós estávamos trabalhando em direção a algo. Tudo que eu tinha que fazer era imaginar uma pequena casa em uma rua tranquila e Patrick em um

terno e gravata se preparando para o trabalho, e isso tornou as coisas um pouco mais suportáveis.

Eu disse a mim mesma que eu apenas tinha que ser paciente. Daria tudo certo no final.

* * *

— Peg, estou em casa! — chamei fatigada, deixando cair minha bolsa sobre o sofá. Deus, eu mal podia esperar para terminar com a escola. Patrick tinha ido embora há um mês e eu estava doente e cansada de viver como uma criança quando eu era realmente uma mulher casada. Eu estava pronta para seguir em frente a partir dessa fase da minha vida. Eu estava tão pronta, na verdade, que eu tinha parado pelo pub local a caminho de casa pedindo emprego. Eu sabia que tinha de terminar a escola, desistir não era uma opção, mas eu só tinha mais um mês antes de me formar. Eu precisava de algo mais para fazer e contribuir de alguma forma.

Felizmente, o proprietário da Dillon estava mais do que feliz em me contratar. Eu acho que Casey Dillon tinha sido amigo do pai de Patrick em algum momento, porque eu o reconheci da recepção do casamento, e eu tinha certeza de que essa foi à única razão que ele me deu o trabalho. O pub estava praticamente vazio quando eu entrei - não havia nenhuma maneira de que ele precisasse de ajuda extra. Eu não começaria por mais uma semana, mas depois eu estaria estocando e servindo álcool a partir da meia-noite de sexta-feira até as cinco e sábado à noite. Não era muito, mas era algo.

Eu estava tão animada para contar a Peg sobre o meu novo trabalho que eu praticamente dancei até a cozinha, em seguida, parei abruptamente. O meu marido estava lá no meio da sala, com um pequeno sorriso em seu rosto e suas mãos pressionadas profundamente nos bolsos da calça jeans. Eu estava atordoada no início, e depois corri para ele. Em poucos segundos, eu estava envolta em seus braços fortes. Senti as lágrimas acertarem meus olhos enquanto eu respirava fundo e agarrava a parte de trás de sua camisa. Ele cheirava exatamente o mesmo, e eu não podia chegar perto o suficiente. Eu queria me enterrar dentro de suas roupas para que eu pudesse tocá-lo pele com pele.

— Essa é um ótimo bem vindo, — ele sussurrou com voz rouca no meu ouvido.

Suas mãos tremiam contra minhas costas.

— Eu senti tanto a sua falta, — eu disse em seu pescoço.

Ele me abaixou, nunca me soltando quando fizemos o nosso caminho para fora da cozinha e, finalmente, através da porta para o nosso quarto. Eu sabia que estávamos sendo rudes. Eu não tinha sequer dito olá para as pessoas na mesa - mas eu não pude me preocupar.

Meu marido estava em casa. Eu não teria me importado se o próprio papa estivesse sentado na nossa mesa da cozinha. Eu não tinha olhos para ninguém, além de Patrick.

Nós caímos sobre a nossa pequena cama em uma pilha confusa antes de eu envolver minhas pernas ao redor dos quadris de Patrick tão firmemente quanto eu poderia.

— Olá, esposa, — ele disse calmamente, se afastando apenas o suficiente para satisfazer os meus olhos.

— Olá, meu marido.

— Cristo, eu senti sua falta.

Eu não tenho certeza qual de nós se moveu primeiro, mas em breve, sua língua estava na minha boca, esfregando sobre meus lábios e dentes, como se para familiarizar com ela mais uma vez. Meu corpo inteiro relaxou na cama enquanto suas mãos se moviam sobre mim, não correndo sob as minhas roupas, mas me varrendo com reverência.

Isso me lembrou de antes de nos casarmos, quando estávamos morrendo um para o outro, mas incapazes de tomar as medidas finais. Nós murmuramos contra a boca um do outro por longos minutos, minhas mãos deslizando pelos cabelos e segurando a parte de trás do seu pescoço, mas, eventualmente, a realidade se intrometeu.

— Chá! — Peg gritou pela casa. Eu poderia dizer que ela não tinha vindo para a porta, mas tinha chamado de longe o suficiente que ela não fosse capaz de ouvir o que estávamos fazendo. Mulher esperta.

Patrick se afastou lentamente, voltando com beijos suaves e outra vez quando ele se levantou e me puxou para uma posição sentada na cama.

Eu não conseguia parar de olhar.

Ele estava exatamente o mesmo, mas diferente. Eu reconheci o seu rosto tão claramente como o meu próprio; no entanto, parecia como se houvesse novas linhas ao redor dos seus olhos e as maçãs do rosto tinham se tornado um pouco mais nítida. Seu cabelo estava maior do que eu já tinha visto e caia sobre a testa. Ele parecia maravilhoso e extremamente cansado.

— É melhor irmos para lá, — disse ele, olhando para a porta por um momento antes de encontrar meus olhos novamente.

— Por que você está em casa? Quanto tempo você vai ficar? — parecia que o choque tinha finalmente desaparecido e agora minha mente corria com perguntas. Ele não tinha me dito que estava voltando para casa.

— Eu vim ver minha bela esposa por alguns dias, está tudo bem.

Suas palavras foram leves, mas havia uma atitude defensiva subjacente ao seu tom que arrepiou meus cabelos. Que diabos? Pensei imediatamente em minhas perguntas, mas não consegui encontrar nada no meu tom ou palavras que justificasse uma reação defensiva. De qualquer coisa, minha exuberância deve ter sido um pouco engraçado.

— O quê? — perguntei, intrigada.

— Há alguma razão para você não me querer em casa?

Minhas sobrancelhas franziram em confusão enquanto ele me observava de perto. O que ele estava falando?

— Claro que eu quero você em casa! — eu pulei da cama, mas parei quando ele deu um passo para trás. — Que porra é essa, Patrick?

Eu o vi tomar uma respiração profunda e correr os dedos pelos cabelos, puxando os longos fios. Parecia que ele estava tentando se acalmar, mas eu não conseguia entender por que ele iria agir assim, em primeiro lugar. Onde estava meu marido encantador? Por que ele estava tão zangado?

Ele deu um passo em minha direção, o que me fez recuar.

— Sinto muito, amor, — ele disse, dando um passo à frente novamente para chegar a mim. — Eu só estou cansado. Eu não quero brigar.

Eu deixei ele me puxar em seus braços, mas meu corpo permaneceu rígido. Eu queria envolver meus braços em torno dele, mas eu estava apavorada dele se afastar novamente. Eu não entendia como eu tinha deixado ele puto, em primeiro lugar, e a ansiedade fez meu coração disparar.

Eu não queria brigar com ele também. Eu tinha sentido falta dele tanto que eu tinha saltado para cima e para baixo com entusiasmo que ele estava lá - não, eu não queria pular, eu queria chorar de alívio que eu poderia finalmente senti-lo contra mim. A emoção esmagadora de tudo foi além de qualquer coisa que eu já senti em toda a minha vida. Ele finalmente estava lá, em meus braços e parecia que ele nem sequer queria estar lá.

Patrick me puxou para a cozinha pela minha mão, quando eu tentei bravamente endireitar o meu cabelo com a outra. Não precisava ser um gênio para entender o que tínhamos acabado de fazer. Quando eu finalmente me sentei no meu lugar à mesa, eu percebi o que exatamente eu vi com o canto do meu olho quando eu estava muito focada em Patrick para prestar atenção.

O marido de Peg, Robbie, estava sentado na cadeira normalmente vazia, como se tivesse feito isso todos os dias durante os últimos dez anos, em vez de viver em uma cidade completamente diferente.

— Você conhece meu pai, — disse Patrick, se sentando à mesa perto de mim.

— Hum, não realmente. — meu rosto aqueceu em constrangimento em seu flagrante desrespeito dos costumes comuns. — Eu sou Amy. Prazer em conhecê-lo.

— Robbie, — ele respondeu de volta com um aceno de cabeça, levantando o braço por cima da mesa para apertar minha mão. — É um prazer finalmente te conhecer, também.

— Trouxe bolo, — Peg anunciou alegremente, trazendo para a mesa. — Não sabia que vocês estariam aqui.

Parecia que eu estava em um episódio de Twilight Zone quando todas as pessoas ao meu redor comiam calmamente como se fosse qualquer outro dia da semana. Como se a última vez que tinha estado todos na mesma sala, Robbie e Patrick não estavam prontos para se matar e Peg não tinha estado à beira de um colapso nervoso. Que diabos estava acontecendo?

— Estou feliz por vocês dois estarem juntos, — Peg anunciou, olhando entre Robbie e Patrick.

A tensão na mesa se levantou enquanto os dois homens se entreolharam, e eu pulei no meu lugar quando Peg passou o garfo, fazendo barulho na mesa. Seu corpo inteiro ficou tenso enquanto ela olhava entre eles. Eu não entendia o que estava acontecendo, e de repente eu estava realmente doente e cansada de não ter ideia do que estava acontecendo em minha família. Desde o começo, eu tentei não forçar, com medo de que se eu fizesse, o meu lugar naquela mesa desapareceria. Mas o casamento, ou talvez o tempo, tinha apagado essas preocupações. Eu queria saber o que diabos estava acontecendo. Agora.

— Não... Me diga que você não fez, Robert, — Peg assobiou. — Me diga que você não trouxe nosso menino em suas merdas.

— Margaret -

— Mãe -

A culpa brilhou claramente nos rostos dos dois homens.

— Como você pôde? — ela gritou, fazendo com que o cabelo em meus braços se arrepiasse.

— Nós não temos uma escolha! — disse Robbie de volta, implorando.

— Há sempre uma escolha!

— Mãe -

— Nem uma palavra sua, Patrick Gallagher! — Peg ordenou, nunca olhando para longe de Robbie.

— Eu não sabia até que era tarde demais. — Robbie insistiu.

Minha mente estava girando e meu estômago se apertou quando todos os três se levantaram da mesa. Eu estava congelada no meu lugar enquanto eu os assistia se encarar na minha frente, aterrorizada de saber o que eles estavam falando, mas disposta a tentar acalmar a tempestade antes que eu soubesse exatamente o que estava acontecendo.

— Você poderia ter feito alguma coisa! Você poderia ter conseguido tirar ele disso!

— Não havia nada, — o braço de Robbie balançou e eu vacilei no meu assento pelo movimento, — Não havia nada que eu poderia ter feito. Eles teriam me matado e puxado ele de qualquer maneira, você sabe que eu não estava nas melhores condições!

— Isso não é verdade! — Peg argumentou, envolvendo os braços em torno de si mesma e colocando uma mão sobre o coração. — Eu *teria* morrido. Eu *teria* me matado se isso significasse que o nosso filho não fosse envolvido nessa loucura. — a angústia dela era palpável, seu pequeno corpo tremendo de raiva quando ela deu dois passos para frente e deu um tapa no rosto dele. — Eu te implorei! — outra bofetada. — Eu te implorei para mantê-lo fora disso! — outra bofetada.

Robbie não faz nada em sua defesa, apenas ficou lá e deixou que ela batesse nele enquanto eu assistia em horror. Quando Patrick começou a se mover ao redor da mesa, gritando para sua mãe parar, seu pai só levantou um braço, fazendo sinal para que ele ficasse fora disso. Peg estava chorando, e eu nunca antes a vi tão fora de controle. Seu marido era o dobro do tamanho dela, mas ele não fez nada para impedi-la, mesmo que seu rosto tinha ficado vermelho com os tapas e seu lábio cortou, onde o anel de casamento dela pegou.

E eu fiquei sentada lá, congelada em meu lugar. Eu não poderia fazer meu corpo se mover. Eu não conseguia organizar meus pensamentos em qualquer aparência de ordem. Eles eram apenas uma bagunça confusa em crescente horror e descrença pelo que eu estava presenciando.

O que em nome de Deus Robbie tinha metido Patrick?

Capítulo vinte e seis

AMY

— O que está acontecendo, Patrick? — eu perguntei quando ele me empurrou para o nosso quarto. Os gritos tinham continuado, até que, finalmente, Robbie tinha puxado Peg em seu peito, confortando-a quando ela caiu contra ele. Ele a levantou e a levou para o seu quarto, fechando a porta atrás deles e nós não tínhamos ouvido um pio desde então.

Patrick não tinha encontrado meus olhos depois que seus pais tinham desaparecido, e agora ele estava se movendo ao redor da sala, agarrando uma camisa fresca do armário e fazendo qualquer coisa que pudesse para se abster de olhar para mim.

— Vista-se. Vou te levar para jantar.

— Eu quero saber o que diabos está acontecendo. — eu insisti, cruzando os braços sobre o peito.

— Saia desse uniforme e se vista, — ele respondeu sem rodeios.

— O que diabos está acontecendo, Patrick — minha voz estava ficando mais alta quando ele se virou de costas para mim, com os ombros apertados quando ele tirou a camiseta. De repente, ele girou o rosto para mim, me dando um vislumbre de seu peito nu que eu não tive tempo de apreciar, antes que ele começasse a falar em voz baixa, com raiva.

— Oh, você *agora* quer saber? Depois de todo esse tempo, vivendo aqui e comendo a nossa comida e contribuindo com absolutamente nada nessa casa, exceto com roupa suja - *agora* você quer saber o que está acontecendo ao seu redor?

Meu queixo caiu de surpresa e meu coração começou a correr quando ele olhou para mim. Meu estômago começou a se contorcer pelo seu olhar, e eu sinceramente pensei por um momento que eu ia vomitar todo o quarto... contribuindo ainda mais com a roupa suja.

O que eu poderia dizer sobre isso? Que palavras eu poderia usar para lutar contra algo que eu tinha morrido de medo que acontecesse? Eu tinha sido tão consciente do que eu estava fazendo a cada segundo que eu estava na casa de Peg. Eu tinha limpado e ajudado com a roupa e feito o jantar o mais rápido que pude, porque eu senti como uma ingrata em não pagar a minha parte das despesas. Desde o início, eu me senti como um caso de caridade, mas eu os deixei me convencer a ficar lá porque eu não tinha outras opções e eles tinham me garantido que não pensavam em mim dessa forma.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando comecei a recolher as poucas peças de roupa do chão, em uma espécie de pequena tentativa de fazer as pazes.

Eu apenas tinha que fazer mais, eu pensei, meus movimentos espasmódicos. Eu só tinha que ajudar mais, e então quando eu começasse meu trabalho na próxima semana, eu poderia ajudar com as contas também. Eu não queria ser um fardo. Será que Peg se sentia assim também? Oh Deus. Eu estava tão envergonhada. Era humilhante.

Eu engoli suas palavras sobre a minha falta de contribuição, desconsiderando completamente o resto da nossa conversa. Esse era o meu medo - que eu estava me aproveitando de alguém que foi espetacularmente bom para mim, e, eventualmente, eles percebessem que eu não valia a pena o tempo ou energia.

Eu nem percebi que ele tinha me manipulado a fim de virar a conversa em uma direção diferente. Eu não achei que ele tivesse antecipado a minha reação, porque logo ele estava falando comigo, tentando chamar minha atenção, mas eu não podia ouvi-lo sobre as palavras em minha própria cabeça.

Enfiei a roupa suja no cesto perto da nossa porta do quarto enquanto eu caminhava até a cozinha e comecei a limpar os pratos e talheres sobre a mesa. Eu poderia terminar de limpar antes que Peg saísse do quarto dela, então ela não teria que fazer isso. Me virei sobre a pia e comecei a enchê-la com água para lavar, e abri a pequena geladeira para ver o que Peg tinha planejado para o jantar. Algum tipo de caçarola estava na prateleira de baixo, e eu senti uma pontada de ansiedade por ela já ter preparado. Eu poderia colocá-lo no forno para ela. Isso ajudaria.

Enquanto eu enchia os pratos sujos na pia e comecei a lavá-los, ouvi Patrick parar atrás de mim e eu endureci. Eu não queria falar com ele. Fiquei envergonhada e com raiva e vergonha que ele pensou que eu

estava tirando proveito deles. Eu só queria ficar sozinha, para que eu pudesse terminar os pratos e então talvez tira o pó na sala da frente. Peg tinha uma tonelada de objetos e coisas que ela raramente tinha tempo para tirar poeira - eu poderia fazer isso.

— Amy, — ele chamou em voz baixa, e me lembrei de um tempo diferente que ele tinha vindo para mim enquanto minhas mãos estavam na pia da cozinha.

— Eu preciso terminar esses pratos, — eu respondi. — Peg já fez uma caçarola, então eu só vou colocar isso no forno. Não adianta desperdiçar dinheiro.

— Não é um desperdício de dinheiro levar minha esposa para jantar.

Eu ri nervosamente. — Peg já resolveu o problema. Além disso, tenho algumas coisas que eu preciso fazer por aqui esta noite.

— Você já quase acabou com esses pratos. Vamos lá, coloque um vestido bonito e eu vou levar vocês para sair.

Sua mão saiu para apertar meu ombro, e eu me afastei bruscamente, parando minhas mãos sobre os pratos. — Eu tenho outras coisas para fazer, Patrick.

— Mais importante do que passar um tempo com seu marido que você não vê há um mês? — ele perguntou incrédulo.

Eu queria ir com ele. Eu queria tanto. Mas suas palavras tinham empurrado algum tipo de gatilho, e o pensamento de tirar uma noite para me divertir me fez sentir louca com ansiedade. Eu precisava limpar a casa. Eu precisava contribuir, ser melhor.

— Talvez amanhã.

— Não, se vista. Nós vamos ir agora.

— Amanhã, Patrick.

— Agora, Amy.

Eu balancei a cabeça, me recusando a discutir com ele, e de repente, eu estava afastada da pia e sobre seu ombro. Ele me levou para o quarto enquanto eu beliscava suas costas, muito consciente de Peg e Robbie no quarto ao lado para gritar com ele como eu queria.

— Eu disse que eu não quero ir jantar! — eu disse depois que ele me colocou no chão em nosso quarto e fechou a porta atrás dele. — Eu disse a você que eu tenho coisas para fazer!

— Não pode esperar até amanhã? — perguntou ele com calma, me observando de perto.

— Como você de forma tão eloquente colocou, eu não estou contribuindo. Eu sou um peso morto, certo? Então, não, eu não quero ir jantar fora e desperdiçar mais dinheiro.

— Isso não foi o que eu quis dizer!

— É o que você disse.

— Meu Deus! Essa é a mulher mais estúpida que eu já conheci!

— Então volte para sua outra vida, se eu sou tão estúpida!

As minhas palavras caíram como uma bigorna entre nós e o quarto ficou em silêncio. Estávamos olhando para o outro, e eu queria saber como diabos tudo tinha ficado tão desigual quando a mão de Patrick começou a apertar a seu lado. Uma e outra vez, ele apertou e relaxado enquanto eu observava.

— Você está cerrando o punho, — eu disse calmamente.

— Eu não vou te bater. — ele parecia revoltado com o pensamento.

— Não, eu sei disso. — eu balancei minha cabeça. — Você faz isso quando você está chateado.

Sua mão instantaneamente ficou inerte ao seu lado.

— Você não é um peso morto. — minha cabeça estava balançando antes de ele terminar a frase e ele se tornou frustrado com o movimento conciliador. — Não! Eu não quis dizer isso dessa maneira... mas, porra Amy!

Ele foi até a cama e caiu pesadamente sobre ela, sentado com os cotovelos sobre os joelhos. Ele parecia tão exausto dessa maneira, tão cansado. Eu queria abraçá-lo, mas eu não tinha certeza que ele até mesmo me deixaria, então em vez disso, me sentei ao lado dele, e as poucas polegadas entre nós pareceram como quilômetros.

— Você tem sido tão alheia, — disse ele em voz baixa, virando a cabeça para olhar para mim com o canto do olho. — Eu não deveria ter falado isso.

Ele estava começando a me assustar. — Me diga o que está acontecendo, Patrick.

— Eu tentei ficar longe disso. Eu juro, — disse ele levantando as mãos, a palma para cima em súplica. — Eu queria fazer uma vida melhor para nós. Uma vida diferente.

— Eu gosto da nossa vida, — eu assegurei a ele quase suplicante. Ele ia me deixar? Eu não achava que eu poderia suportar se ele fizesse isso.

Ele balançou a cabeça, olhando para o chão novamente, antes de começar a falar.

— Meu pai nem sempre foi parte disso, — começou ele. — Quando ele e mamãe ficaram juntos, ele estava trabalhando na Escócia. Mas um tempo depois deles se casarem, minha vó ficou doente e meu pai trouxe mamãe para cá para viver aqui até que ela morresse. Mamãe diz que o plano do papai era que eles ficassem apenas até que vovó não precisasse mais dela, mas depois de um tempo, eles construíram uma vida aqui. Papai estava trabalhando em uma fábrica e minha mãe estava em casa cuidando de mim, e eles foram fazendo amigos e ficaram confortáveis. Do nada, papai começou voltar para casa falando sobre como as coisas iriam mudar. Fazendo afirmações radicais que ela sabia que tinham vindo de outra pessoa.

Eu coloquei minha mão em suas costas quando ele tomou uma respiração profunda, e isso era tudo o que precisou antes dele estar me puxando para o seu colo e fugindo em direção à parede para que ele pudesse se inclinar contra ela.

— Meu pai começou a sair com alguns homens que mamãe não aprovava. Homens perigosos que estavam dispostos a ir a qualquer lugar para conseguir o que queriam. A pior coisa sobre esses homens era o poder que detinham. Gerações de homens que acreditavam na mesma coisa, que usavam seu dinheiro e conexões para lutar uma guerra silenciosa contra seus inimigos.

Ele ficou em silêncio por um tempo, perdido em seus próprios pensamentos. — Eu ainda não entendo, — eu sussurrei, me sentindo como uma idiota.

— Ele é do IRA[1], Amy.

— O quê? — a palavra foi um fôlego sem som.

— Me pai apoiou e trabalhou na direção de uma Irlanda unida durante o tempo que me lembro.

— Mas -

— Olhe ao redor. Cada pessoa que você conhece, todas as pessoas por quem você passou pela rua e já viu na loja de supermercado - eles todos têm ideias claras sobre a situação aqui. Você pode não os conhecer, e eles podem não mostrar isso, mas isso não significa que eles não dariam cada último dinheiro furado para apoiar a causa que eles acreditam.

— Ok, então não é um grande negócio, certo? Quero dizer, se toda a gente está apoiando um lado ou outro, por que é um grande negócio seu pai apoiar a IRA?

Patrick segurou meu queixo com um aperto duro e puxou meu rosto em direção ao seu até que estávamos praticamente nariz-a-nariz. Não doeu, mas o significado por trás do movimento era claro. Ele queria que eu prestasse atenção.

— Meu pai não é um 'defensor'. Meu pai é IRA. Ele faz coisas acontecerem. Coisas que você nunca viu, a não ser em jornais.

A realização veio devagar enquanto ele olhava nos meus olhos, até que de uma vez eu percebi porque Peg tinha explodido na cozinha.

— Você é IRA, — eu sussurrei em horror. — *Você* está fazendo essas coisas.

— Até o dia em que eles me colocarem a sete palmos do chão, — ele confirmou com um leve aceno de cabeça.

[1] IRA e ETA são dois grupos terroristas europeus que reivindicam o domínio de diferentes territórios do continente.

Capítulo vinte e sete

AMY

Eu olhei para Patrick por um longo tempo, catalogando as sardas e sua barba por fazer e olhos azuis que viu de tudo. Todas as coisas pelas quais eu tinha me apaixonado e todas as coisas que não queria dizer uma única coisa quando era sobre a vida real.

A vida real era difícil. Não era apenas as ações que você seguia, mas também as que não. A vida real era encontrar um pequeno vislumbre de esperança quando o mundo parecia estar caindo em torno de você. A vida real era contas e trabalho e comida na mesa. A vida real era saber que a pessoa que você ama e anseia além de todas as outras tinha se metido numa situação que não havia como sair, e não havia absolutamente nada que você pudesse fazer sobre isso.

— Deite-se comigo, — disse Patrick silenciosamente, me empurrando de seu colo.

Ficamos em silêncio enquanto despíamos um ao outro lentamente, ficando em nada além da nossa roupa interior antes de subirmos na cama. Suas mãos eram gentis quando elas me puxaram contra ele e arrastou os cobertores até nossos ombros.

— O que vamos fazer? — eu perguntei calmamente depois de alguns minutos.

— Continuar como tem sido, — respondeu ele, esfregando o polegar sobre a minha tatuagem no dedo.

— Você vai terminar a faculdade?

Ele não respondeu de imediato, e eu deslizei minha bochecha contra seu corpo até que meu queixo repousava em seu esterno. Seus olhos estavam tristes quando eles encontraram os meus.

— Eu já saí.

— Por que você não disse a eles que não? — perguntei em frustração. Ele tinha estado tão orgulhoso de estar quase terminando a

faculdade. Ele tinha trabalhado tão duro para isso, e então, de repente, todo o trabalho tinha sido para nada.

— Esses caras diriam não, — ele respondeu calmamente.

— Mas eles deixaram você em paz antes-

— Eles estavam esperando pelo momento certo.

— Vamos apenas fugir. Vamos para os EUA.

— Com que dinheiro? Essa é a nossa vida, Amy. Essa é a nossa casa.

— Mas e se, — sua cabeça empurrou duro para o lado, cortando minhas palavras. Esse assunto foi encerrado.

— Você vai ficar em apuros?

— Só se eu dor pego.

— O que você fez? — pânico foi subindo na minha barriga quando diferentes cenários passaram pela minha cabeça. Meu Patrick não era um criminoso. Ele era inteligente e gentil e engraçado. Ele tinha uma paixão pela palavra escrita que me surpreendeu, mas estava confiante de que ele não tinha talento de sua autoria. Ele tinha um gênio, mas eu nunca tinha visto ele se tornar violento. Ele se preocupava com sua mãe. Ele tinha mais confiança do que qualquer homem que eu já conheci, e era tão seguro de si mesmo que isso chegava às outras pessoas.

— Não me pergunte isso, — ele respondeu, pegando a minha cabeça para girá-la em direção ao seu rosto. — Nunca.

— Patrick? — eu sussurrei.

— Nunca, Amy, — ele insistiu. — Não procure por respostas, você não vai gostar do que vai encontrar.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu tentei piscá-las. — Estou com medo.

— Você não terá que ficar com medo de novo, — ele respondeu instantaneamente. — Eu não vou deixar que nada aconteça com vocês.

— Estou com medo por *você*.

Ele suspirou, e olhou para longe de mim, seus olhos pousando no teto acima de nós. — Eu vou ficar bem, — ele afirmou calmamente. Suas mãos começaram a apertar e soltar o meu cabelo.

— Você está cerrando os punhos novamente, Sr. Gallagher, — eu disse, me apoiando fortemente em seu corpo.

— Eu tentei parar de fazer isso. — sua mão amoleceu no meu cabelo. — Eu nem sequer percebo que eu estou fazendo isso metade do tempo.

— Talvez você devesse tentar fazer outra coisa. Algo menos perceptível. — eu me arrastei até seu peito até que estávamos frente a frente, com os braços dobrados e descansando em cima dele. — Como isso. — eu bati meus dedos suavemente contra seu esterno.

— Se eu não percebo que eu estou fazendo punho, como diabos vou parar?

— Toda vez que você achar que pode estar ficando ansioso, toque os dedos. — eu bati minha novamente em um curto padrão. — Eventualmente, você vai fazer isso automaticamente, e depois vai ter sumido.

— É mesmo? Como você sabe isso?

— Porque eu costumava chupar meu polegar, — eu disse a ele com um pequeno sorriso. — Eu fiz isso por um longo tempo, até que, finalmente, meus pais começaram a me punir por isso. Então eu descobri que se eu estava preocupada, e eu dobrasse meu polegar na palma da minha mão eu não o colocava na boca.

— Eu vi você fazer isso. — ele disse com um sorriso.

— Não tão frequente mais. Mas funcionou naquela época.

— Vou testar.

— Vai funcionar.

— Vamos ver. — ele segurou meu rosto entre as mãos e me puxou suavemente até que meu rosto estava perto do dele. — Eu vou dar um jeito nisso, — ele me disse seriamente. — Não vai ser assim sempre.

— Você vai ter que sair de novo em breve? — corri meus dedos sobre suas sobrancelhas e pelo seu rosto, acalmando nós dois com o movimento repetitivo.

— Não se eu puder evitar. Eu tenho que fazer pequenas viagens, mas eu acho que posso passar a maior parte do tempo aqui.

— Isso é um alívio, pelo menos. O que está acontecendo com o seu pai?

— Eu não tenho nenhuma ideia. Se a mamãe o perdoar, ele poderia ficar aqui. Se ela não o perdoar, eu acho que ele vai voltar para o seu apartamento.

— Isso era o que ela tinha tanto medo todos esses anos, não é? Ela não queria que ele te puxasse nisso com ele.

— Sim. — ele me respondeu mais confortavelmente sobre isso, minhas pernas na parte externa de cada uma das suas e nossos torsos pressionados do quadril ao peito. — Mas, eu não acho que isso foi por nada. Se ela tivesse o deixado ficar, eu não seria o homem que eu sou. Entende? Eu não teria essa visão clara de quem vê de fora. Eu ficaria esperando, pronto para assumir qualquer coisa que me dessem de graça, - uma espécie de obediência cega que eles jamais terão de mim agora. Ela me protegeu da melhor maneira que sabia, e eu gosto de pensar que isso me deu alguma vantagem sobre esses homens.

— Porque a vida é assim tão dura o tempo todo?

— Apenas é, meu amor. Mas em tempos como esse - com o seu doce corpo em cima do meu enquanto conversamos e o sol descendo lá fora - deixa tudo mais doce.

— Eu pensei que você não fosse um poeta? — eu perguntei, inclinando meu rosto até que nossas bocas estavam quase se tocando.

— Eu não sou. Eu provavelmente roubei de alguém e eu simplesmente não consigo me lembrar. — ele me puxou mais fundo no beijo quando sua mão deslizou para baixo para cobrir uma das minhas nádegas.

— Eu vou tentar não ter medo, — eu disse a ele em voz baixa, quando o quarto ficou mais escuro com o sol baixando. — Eu te amo.

— Eu vou te proteger sempre, — disse ele de volta, rolando um pouco, trocando as posições, então eu estava embaixo dele. — Isso é apenas uma pedra no caminho, meu amor. Nós temos um grande caminho pela frente, eu te prometo.

Ele se inclinou para me dar um beijo suave enquanto eu me alegrava com o peso de seu corpo acima do meu, e em pouco tempo o

calor entre nós aumentou. Meu marido estava em casa. Não importa o que a vida tinha reservado para nós no futuro, não importa o que tínhamos que fazer para sobreviver ou com o que eu tinha que viver - isso era o que importava. O peso dele em cima de mim, a sensação de seus braços em torno de mim, a umidade de seu beijo quando sua língua deslizava contra a minha, e o sentimento de alegria absoluta que eu sentia quando ele estava perto... Essas eram as coisas que eu gostaria de me concentrar.

Ficamos calados enquanto tirávamos o resto de nossas roupas e Patrick pegou um dos meus mamilos em sua boca. Ele fez amor comigo lentamente, com toques suaves e movimentos leves que deixaram meus olhos pesados e minha pele arrepiada.

Peg nunca fez o jantar naquela noite. Eu nem tenho certeza se ela e Robbie saíram do quarto. Acho que todos nós só queríamos ficar com nossos amantes perto na calma da tempestade naquela noite.

Eu não tinha ideia a que ponto os homens para quem Patrick trabalhava iriam. Eu era ingênua. Meu maior medo era que Patrick, de alguma forma fosse tirado de mim, que ele iria ser pego pela polícia ou morto lutando uma guerra que eu não entendia.

Eu não sabia que o lobo mau estava mais perto do que eu poderia imaginar.

Nem mesmo quando Patrick se virou enquanto eu dormia, me puxando contra suas costas enquanto ele estava deitado de frente para a porta de entrada para o nosso quarto, uma pistola de fácil acesso ao lado dele no chão.

Capítulo vinte e oito

PATRICK

Eu sempre achei meu pai um idiota, mas eu não poderia deixar de respeitar o cara. Ele sabia tudo sobre todos, e ele nunca se esqueceu de um rosto. Nós estávamos em um trabalho que estava levando dias em vez de minutos, e eu juro que o homem tinha a paciência de um santo. Eu acho que tinha funcionado bem para ele nos anos antes de eu ter assumido o seu trabalho.

Eles o chamavam O Executor. De primeiro, tinha sido difícil conciliar o fato de que o homem que amava minha mãe tão ferozmente e tinha me ensinado a amarrar meus sapatos era um - assassino a sangue frio - mas não demorou muito para eu entender.

Ele aprendeu a separar as duas vidas diferentes de uma forma que ainda era uma luta para mim depois de dois meses. Era como se ele desligasse uma parte de seu cérebro quando ele estava em casa, e a outra parte enquanto ele estava trabalhando - embora eu soubesse que ele tinha lutado com isso quando eu tinha trazido para isso. Na cabeça dele, essas vidas eram completamente diferentes. Ele era dois homens diferentes.

Eu não era capaz de compartimentar minha vida dessa maneira.

Às vezes, levava tudo que eu tinha para envolver meus braços em torno de Amy quando ela corria para me encontrar no momento que eu chegava em casa. Ela não podia ver o sangue em minhas mãos, mas eu podia. Me senti como um monstro... e esses eram os dias bons.

Acordei ela no meio da noite só para me perder em seu corpo. Me sentei no pub onde ela trabalhava apenas para assisti-la se movimentar ao redor. Eu não conseguia ficar em casa sem ela. Eu tremia como um homem com frio quando ela ia para a escola no período da manhã, e me encontrei sentado em um banco do outro lado da rua mais frequentemente do que não, esperando ela terminar o dia.

Era, finalmente, o dia de sua formatura, e eu sabia sem dúvida, que eu iria perdê-la. O homem que eu estava de olho estava se movendo

em torno de sua casa como se ele não tivesse uma preocupação no mundo, e não havia nada que eu pudesse fazer para acelerar as coisas e dar a ele uma dose de realidade. Sua esposa e três filhos apareciam ocasionalmente nas janelas do primeiro andar, e eu não podia fazer um movimento até que eles tivessem ido embora. Foi frustrante ao extremo.

Nós tínhamos estado sentados no carro durante toda a manhã, e eu tinha que mijar tanto que eu senti como se meus olhos estivessem flutuando. Eu deveria ter sabido que o café não era uma boa ideia quando papai tinha recusado um copo, mas eu estava tão cansado que eu não estava pensando direito. O sono foi ficando mais difícil de encontrar com o passar dos dias, especialmente nas noites que eu estava longe de Amy. Eu me encontrava atormentado com pesadelos ou insônia, até que eu já não estava ciente de quanto tempo tinha passado desde que eu tinha dormido.

A manhã estava se movendo devagar, quando papai finalmente se sentou um pouco em seu assento e acenou com a cabeça em direção à casa. A esposa e o marido estavam se movendo entre a casa e o carro, carregando o que parecia ser a bagagem.

Porra.

É melhor ele não sair da cidade antes que pudéssemos chegar até ele. Minhas ordens eram claras. Eliminá-lo antes que ele tivesse a chance de fazer mais danos do que ele já tinha feito. Eu não tinha certeza cujo ouvido ele estava sussurrando, mas a informação que tinha sido dada disse que ele estava falando coisas que ele não deveria e isso precisava ser interrompido.

Nós assistimos em silêncio enquanto o homem beijava seus filhos enquanto subiam no carro, em seguida, beijou sua esposa. Eu não entendi muito bem o que eu estava vendo, até que ouvi papai murmurar: 'Puta que pariu', quando a esposa entrou no carro e foi embora.

Era a nossa oportunidade.

Esperamos cerca de um minuto após o carro da esposa virar a esquina antes de sairmos calmamente do nosso carro e ir para a casa. Foi um golpe de sorte que a família parecia ter ido a algum tipo de viagem. Eles não iriam encontrá-lo por dias.

Quando chegamos ao lado da casa, nos dirigimos para a porta dos fundos que sabíamos que dava para um pequeno jardim, quando

ouvimos o tiro. Nós dois nos abaixamos e olhamos para a rua, mas nada se movia.

— Jesus Cristo, — papai vaiou quando ele se levantou e olhou para uma das janelas. — O homem atirou na própria maldita cabeça.

Parei atrás dele para dar uma olhada e, em seguida, desejei que eu não tivesse.

O homem estava sentado em seu sofá, uma mão – uma manta em volta dele como um casulo, uma mão para fora - segurando a arma que estava descansando em seu peito. Ele tinha colocado o cano da arma na boca e puxado o gatilho.

Ele se envolveu como um bebê antes de acabar com sua própria vida.

— Ele deve ter sabido que estávamos chegando, — papai disse calmamente, me empurrando de onde eu estava congelado. — É hora de partir. Agora.

Fizemos o nosso caminho para o carro no que parecia câmera lenta, e pela primeira vez em mais de um mês eu senti a vontade de vomitar.

Levou mais de uma hora para chegar em casa, e nós não falamos uma palavra durante toda a viagem. Eu tinha certeza de que meu pai tinha visto coisas muito piores nos últimos vinte anos, mas ele não parecia queria falar mais do que eu.

Eu não tinha ideia de como eu iria articular meus pensamentos se ele tivesse tentado falar comigo. Eu estava completamente e totalmente sem palavras pelo que acabara de testemunhar e parecia estranho para mim que a cena tivesse me afetou tanto. Eu tinha matado. Eu tinha tirado a vida de outros homens, mas a visão de um homem se confortando em um cobertor antes de explodir a própria cabeça parecia ter me levado até o limite.

— Parece que sua mãe e Amy ainda estão na formatura, — papai disse enquanto nós estacionávamos na frente da nossa pequena casa. — Vamos passar por lá e ver se podemos chegar antes de terminar?

Eu não poderia me fazer formar as palavras para dizer a ele que não. Eu não podia dizer nada. Eu não podia sequer mover minha boca. Eu só olhava para ele fixamente.

— Certo. Vamos para dentro.

Ele abriu a porta e saiu do carro antes de se inclinar para dentro. — Saia do fodido carro, Patrick, — ele ordenou, me tirando um pouco do meu estupor.

O segui para dentro e parei junto ao sofá, repetindo mais e mais na minha cabeça a maneira como o homem tinha beijado a mulher antes de ela sair. Ele sabia. Ele sabia o que ele ia fazer, mas ela não. Ela provavelmente assumiu que seu marido tinha que trabalhar, ou alguma outra desculpa que ele tinha dado para fazê-la fazer uma viagem com seus três filhos sozinha. Ele teve a certeza de eles tinham ido embora e não esperou um minuto para se matar.

Eu tinha visto muitos homens mendigar e implorar por misericórdia e prometer suas próprias mães para uma chance de viver. Eu nunca tinha visto antes a coragem que eu tinha visto naquela manhã.

— Vamos, filho, — meu pai suavemente disse, me empurrando para o quarto, e me levando para a cama. — Eu vou dizer a Amy que você não estava se sentindo bem.

Ele tirou o casaco e botas, em seguida, puxou os cobertores da cama e me fez sinal para rastejar para dentro. Uma vez eu estava lá, ele me cobriu lentamente, em seguida, se inclinou para beijar a minha testa como ele tinha feito quando eu era uma criança.

— Tire isso da sua cabeça, — ele ordenou em voz baixa. — Ele fez suas próprias decisões e ele pagou por elas.

Fiquei ali em silêncio por um longo tempo depois que ele tinha ido, respirando o cheiro reconfortante de Amy e tentando organizar meus pensamentos em algum tipo de padrão compreensível. Então eu deslizei minha mão do lado da minha perna e comecei a tocar o ritmo que Amy havia me ensinado no mês anterior.

Capítulo vinte e nove

AMY

A vida era uma mistura de altos e baixos incrivelmente assustadora. Desde que Robbie havia voltado com Peg, Patrick e eu estávamos à procura de um apartamento ou uma casa pequena para nós. A casa de Peg não foi construída para quatro adultos, e parecia que estávamos tropeçando uns nos outros constantemente.

Meu trabalho no pub de Dillon estava funcionando bem. Eu estava ficando mais e mais horas a cada semana e fui deixando a maior parte de meu salário em uma lata de café dentro da nossa cômoda. A única desvantagem era que Peg e eu trabalhávamos em turnos praticamente opostos, então eu mal conseguia vê-la. Eu não podia reclamar muito, porque Patrick tinha encontrado um trabalho de mecânico em uma concessionária de carros usados e passava a maioria das noites após o trabalho sentado no bar para me fazer companhia.

Nós estávamos vivendo. Essa foi a única maneira que eu poderia explicar isso. Finalmente, depois de meses sobrevivendo nesse limbo estranho, estávamos construindo uma vida. Não era o que eu imaginava, e eu não tinha certeza de como eu iria gerenciar se Patrick me engravidasse como ele estava tentado, mas finalmente estávamos juntos e esse fato me deixou praticamente tonta.

Eu não perguntei sobre o outro trabalho de Patrick. Ele odiava isso e ele chegava em casa parecendo que não tinha dormido por dias, mesmo que ele só tivesse ido embora há algumas horas. Isso fez o meu estômago queimar, e eu tinha bebido muito leite para tentar acalmar o sentimento de que eu tinha ganhado pelo menos cinco quilos. Eu queria ajudá-lo de alguma forma, tirar as sombras dos seus olhos e dar a ele pelo menos uma noite inteira de sono - mas eu não podia. Não havia nada que eu pudesse fazer por ele.

Às vezes, ele passava pela porta da frente e vinha diretamente a mim, me puxando para longe de tudo o que eu estava fazendo e me levando direto para a cama. Outras vezes, ele passava direto por mim em seu caminho através da casa, completamente silencioso enquanto

entrava em nosso quarto e fechava a porta firmemente atrás de si, sabendo que eu iria segui-lo. Seus humores eram imprevisíveis, ele mal dormia, ele carregava uma arma que eu nunca tinha visto antes, e ele passava a maior parte de seu tempo em casa colado ao meu lado, mesmo que ele não estivesse falando.

Mas não foi de todo ruim.

Ele também me trouxe flores. Ele acariciou meu cabelo. Em raras ocasiões em que tínhamos a casa para nós, ele tomava banho e me puxava com ele. Ele me levou para jantar, me ensinou a jogar basquete, sentou ao meu lado na igreja e segurou minha mão durante toda a missa.

Ele me mostrou que me amava em um milhão de maneiras diferentes e eu tentei fazer o mesmo por ele. Acho que estávamos felizes, tão felizes como poderíamos estar dadas as circunstâncias.

* * *

— Ei, linda, eu posso ter outra cerveja? — o sotaque americano que saiu da boca do estranho fez um largo sorriso sair do meu rosto.

— Claro! — eu respondi, soltando o pano que eu estava usando para limpar o bar. — O que você estava bebendo?

— Você é americana. — o homem se inclinou sobre os cotovelos no bar e sorriu de volta. — Que diabos você está fazendo aqui?

— Ela vai para onde seu marido está. — Patrick deve ter visto a nossa interação, porque ele veio por trás do estranho e se mexeu suavemente em torno dele.

O homem começou a rir. — Isso faz sentido. — ele ergueu a mão entre eles. — Eu sou Charlie.

— Patrick, — meu marido disse com um aceno de cabeça, apertando a mão de Charlie. — Minha esposa, Amy.

— Prazer em conhecê-la, Amy.

— Ela está trabalhando. Você pode falar comigo.

Senti meu rosto aquecer sobre a forma como Patrick estava se comportando. Ele poderia muito bem ter mijado na minha perna. O cara estava apenas sendo gentil, e ele não tinha sequer tentado flertar.

— Eu acho que você teve a ideia errada, — disse Charlie, rindo.

Os dedos de Patrick começaram a bater na barra superior, e antes que eu soubesse o que eu estava fazendo, a palma da minha mão bateu sobre eles, fixando-os na madeira polida. — Pare com isso, Patrick, — eu avisei através dos meus dentes.

— Vera! — Charlie gritou do outro lado do pub. — Venha aqui, baby.

Uma mulher magra quase da minha idade se levantou de onde estava sentada cercada por um grande grupo de homens que pareciam ásperos e desfilou em direção a nós, seus olhos nunca se desviando de Charlie. — O que você precisa baby?

— Patrick e Amy, conheçam minha esposa, Vera, — disse Charlie orgulhosamente.

Eu ri, olhando para Patrick, cuja expressão não tinha mudado.

— Prazer em conhecê-la, Vera.

— Uau, você é americana.

— Nascida e criada.

— Bem, merda, — ela empurrou Charlie para fora do caminho e deslizou sobre uma banqueta. — É bom finalmente ouvir alguém que soa como casa.

— De onde vocês são? — eu perguntei, tirando minha mão da bancada.

— Eu sou de Washington, mas Charlie é de Oregon, então nós vivemos lá. E quanto a você?

— Eu morei em um monte de lugares. Me mudei para cá há menos de um ano atrás, embora pareça que eu vá ficar, desde que me casei com um irlandês. — eu sorri para Patrick, que ainda não tinha dito uma palavra, e viu seus olhos ficarem macios.

— Bem, olá, bonito, — Vera disse, seguindo o meu olhar para Patrick. — Vera.

— Sou casado, — respondeu Patrick, me fazendo querer bater em sua testa.

— Sim, eu ouvi isso da sua esposa.

— Dê a seu homem uma cerveja, Amy, — disse Charlie, sentando no banquinho entre Vera e Patrick. — E para mim.

— Eu vou comprar a minha, — argumentou Patrick.

— Depois da primeira você vai. Eu acabei de fazer um novo amigo e eu vou comprar uma bebida para ele.

— Você está delirando.

— Você vai gostar de mim.

— Ele vai, — Vera respondeu, balançando a cabeça. — Eu nem sequer gostei dele de primeira.

— Soa familiar, — Patrick murmurou.

— Basta esperar, cara. Você vai gostar de mim.

Meu olhar se atirou entre eles enquanto eu os assistia fazendo brincadeiras e pela primeira vez em semanas eu vi os ombros do meu marido perder um pouco da sua tensão.

— O que vocês estão fazendo na Irlanda? — perguntei a Vera quando Patrick e Charlie começaram a falar sobre motos.

— Nós estamos em nossa lua de mel. Bem, mais ou menos. — ela suspirou. — O clube dele tinha algum negócio aqui, então Charlie me trouxe, prometendo um refúgio romântico. Romântico... Merda. Você vê o grandão lá, maior do que todos os outros? O quarto dele é do lado do nosso onde estamos nos hospedando, quando ele peida durante a noite, podemos sentir a porra do cheiro.

Eu bufei. — Soa romântico, com certeza. Clube?

— Clube de motoqueiros.

— Oh, — eu sussurrei, realmente não sabendo o que estar em um clube de motoqueiro implicava.

— É o que é. Assim é a vida, sabe? Eu me casei com ele sabendo que seria assim, então não adianta reclamar sobre isso agora.

— Eu posso entender isso, — eu respondi calmamente, olhando para Patrick.

— Sim, o homem tem o mesmo olhar sobre ele.

— Que olhar?

— Aquele olhar duro. Você sabe, sempre pronto para algo ruim acontecer - quase como eles esperassem isso, — eu assenti. — Vale a pena, no entanto, eu acho que, viver com aquele olhar. Porque *temos* os outros olhares, também, os doces e os mais sensuais e os cansados. Eles só compartilham *esses* olhares com a gente.

— Eu gosto mais do olhar sensual, — murmurei quando Patrick olhou para cima e encontrou meus olhos, os lábios levantando uma fração até que sua covinha apareceu.

— Sem dúvida. — Vera riu.

— Seu marido é mecânico? — perguntei, decidindo mudar de assunto.

— Claro, ele trabalha em motos e essas merdas.

— Patrick é mecânico, também, mas eu acho que ele trabalha principalmente em carros.

— É mesmo? — ela olhou para os homens. — Bem, talvez eles vão ser amigos mesmo e eu e você podemos sair mais enquanto nós estamos aqui. Eu estive entediada pra caramba.

— Parece bom para mim, — eu respondi com um sorriso. Eu conhecia muita gente, mas acho que Vera foi a minha primeira amiga na Irlanda.

Nós conversamos enquanto eu trabalhava, nossos maridos se foram em algum ponto para conversar com o resto dos amigos de Charlie, e eu aprendi que Vera havia fugido de casa aos dezesseis anos. Ela era um ano mais velha do que eu e tinha estado com Charlie durante os últimos dois anos, o último terminando com uma proposta de casamento. Eles não tinham sido casados por muito tempo, mas soou como se eles tivessem vivido juntos por um tempo. Ela não tinha esse olhar estrelado sobre ela que eu sabia que eu ainda tinha. Era mais um olhar confortável, sólido.

A noite passou mais rapidamente do que normalmente fazia, e antes que eu percebesse, eu estava fechando e trancando o bar. Meu

chefe me deixou trabalhar algumas noites por semana sozinha, geralmente quando o movimento estava lendo e ele sabia que Patrick estaria lá. Eu amava as noites quando Patrick e eu trabalhávamos juntos para fechar tudo. Nos dava alguns minutos a sós que não teríamos em nossa casa lotada.

— Me ligue essa semana e vamos sair, — disse Vera, se aproximando para um abraço. — Estou tão feliz que nos conhecemos.

— Eu também.

Vera e o grupo de homens andaram ruidosamente pela rua tranquila quando Patrick passou o braço em volta do meu ombro e me levou para casa.

— Você gostou dela? — ele perguntou em voz baixa, o envolvimento tranquilo em torno de nós como um cobertor.

— Sim, ela é legal. Pena que ela vive em os EUA. — eu envolvi meu braço em volta da cintura dele. — Charlie parecia legal.

— Sim, ele não é ruim. Os caras com quem ele veio também não... mas eu não quero ver você sozinha com eles, está bem?

— Ok.

Eu queria fazer perguntas, mas eu sabia que era melhor não. Se Patrick não queria que eu os visse sozinha, havia uma razão para isso. Eu não iria discutir.

— Eu mal posso esperar para chegar em casa, eu estou tão cansada, — eu gemi, me inclinando para o seu lado.

— Que pena — ele sussurrou de volta, se inclinando para baixo de modo que sua respiração roçou meu pescoço, — Eu estava esperando que você não fosse dormir por um tempo ainda.

— É mesmo?

Ele pegou minha mão e a puxou através de seu corpo para esfregá-la contra a frente de sua calça jeans, — Eu estou morrendo por você.

— Coitadinho, — eu disse com a voz rouca e um sorriso malicioso. Eu podia ver a nossa casa ao longe e irrompi em uma corrida quando seu riso despreocupado flutuava atrás de mim, fazendo meu coração pular uma batida.

Eu tinha a minha chave na fechadura quando ele me pegou e minha risada sem fôlego era alta contra a porta quando ele apertou seu corpo contra as minhas costas.

— Quieta. — sua mão cobriu minha boca para me manter quieta quando ele me conduziu para dentro. — Você tem que ficar quieta ou você vai acordar a casa.

Nós caminhamos com seu corpo pressionado firmemente contra o meu todo o caminho para o nosso quarto, uma das mãos de Patrick cobrindo minha boca e a outra cobrindo meu peito sob minha blusa, sacudindo e beliscando o meu mamilo.

Chegamos ao nosso quarto em apenas alguns segundos, mas eu já estava lisa e pronta quando ele fechou a porta atrás de nós.

— Não se mova, — ele ordenou, puxando meu casaco por meus braços. — Eu já te disse hoje quão bonita você é?

— Hoje não.

— Peço desculpas por te deixar o dia todo sem ouvir isso.

— Posso me mexer?

— Não.

Patrick puxou minha confortável camiseta sobre a minha cabeça, imediatamente desenganchando meu sutiã e empurrando as alças todo o caminho até os meus braços até que caiu no chão. Ele ainda estava atrás de mim quando ele passou os braços em volta da minha cintura e desabotoou minha calça jeans. — Tire seus sapatos.

Minha respiração se tornou agitada quando eu tirei os meus sapatos, e assim que eu tinha o meu equilíbrio, ele estava tirando minhas calças jeans e roupas íntimas em um movimento rápido, me deixando em nada além de um par de meias brancas que eu tinha roubado de sua gaveta naquela tarde.

— Se dobre na cama, — ele disse com a voz rouca, puxando o elástico do meu cabelo, então ele se espalhou em ondas sobre minhas costas nuas.

— Ah, então eu posso me mover agora?

— Boca inteligente.

Ele pegou um punhado de meu cabelo e me levou para frente até que meus joelhos atingiram a cama, mas quando eu tentei me abaixar ele me parou.

— Pernas abertas, esposa. — eu adorava quando ele me chamava de esposa dessa forma, todo forte e feroz como se ele estivesse me lembrando que eu era dele.

— Isso, agora dobre, — ele disse suavemente, colocando uma mão na minha barriga para me situar como ele queria.

Os músculos das costas das minhas pernas protestaram pela posição, mas eu não reclamei quando eu ouvi sua jaqueta e, em seguida, sua camisa cair no chão atrás de mim. Eu estava preparada em meus cotovelos com a minha cabeça pendurada entre meus braços quando eu o senti se mover de joelhos atrás de mim, segurando minhas pernas suavemente enquanto ele se ajeitava.

— Eu estive esperando durante todo o dia por isso, — disse ele, sua respiração batendo na parte de trás das minhas coxas. — Sonhando enquanto eu deveria estar trabalhando.

Suas mãos se moveram nas costas das minhas coxas até que encontraram entre elas, e eu choraminguei quando eu senti os polegares me separarem. O primeiro toque de sua língua contra a minha carne me fez pular, e ele fez um barulho suave no fundo de sua garganta quando ele se moveu de novo, me lambendo delicadamente no início e depois mais duro quando meus quadris começaram a tremer.

Nós tínhamos feito quase tudo o que podíamos quando se tratava de sexo; Patrick não era tímido e ele não me deixaria ser também, mas toda vez parecia novo, os orgasmos mais fortes quando inibições caíam no esquecimento e nós ficávamos mais confortáveis um com o corpo do outro.

Eu dobrei meus joelhos, aliviando a pressão do aperto de meus músculos da coxa, e arqueei as costas para que eu pudesse empurrar contra sua boca, completamente perdida na sensação de lábios e língua contra mim.

— É isso aí meu amor, — ele murmurou contra mim, — tome o que você quer.

Suas mãos estavam me segurando firmemente enquanto eu movia contra ele, e então, de repente, um tapa afiado bateu a carne da minha bunda, o som ecoando por toda o quarto.

— Que porra é essa, Patrick? — eu assobiei, minha cabeça virando até em estado de choque.

— Eu te disse que gosto de bater. — outro tapa na bochecha oposta da minha bunda me fez querer me afastar. Eu não podia acreditar nele.

— Eu não fiz nada de errado!

— Pare com isso, Patrick, — ele me imitava, me espancando novamente. — Você me bateu como uma criança mal criada.

— Você mereceu isso!

Ele começou a rir, e eu lutei para longe dele. Eu estava com raiva que ele me deu um tapa e ainda mais furiosa que ele tinha arruinado o meu orgasmo eminente.

— Você é um babaca!

Quando me virei para encará-lo e caí de bunda na cama, ele ainda estava ajoelhado no chão usando um largo sorriso. Era um que eu não tinha visto pelo que parecia ser um tempo muito longo, e eu senti minha raiva se afastando.

— Eu amo quando você briga comigo, — ele disse simplesmente. — Por um tempo, parecia que você estava com muito medo de causar barulho, então sempre fazia como eu queria.

Eu abri minha boca para responder, mas nada saiu. *Eu* tinha sido assim quando ele se mudou, mas eu percebi depois de um tempo que eu não poderia me comportar dessa maneira. Isso não era eu. Eu queria que Patrick me amasse? Claro. Eu estava disposta a ser um capacho para garantir esse amor? De jeito nenhum.

— Eu não posso acreditar que você me bateu.

— Ái! Foi um tapa de amor.

— Você me bateu na bunda! Três vezes!

— E foi bom, não é?

Minhas sobrancelhas levantaram em surpresa quando fiz uma pausa.

— Eu aposto que sua bunda está vermelha como uma cereja agora, toda quente e macia, — ele persuadiu, se inclinando para colocar um beijo entre os meus seios. — Um pouco de dor é bom, não é? Como

quando eu te mordi aqui? — ele virou a cabeça para o lado e apertou os dentes contra a lateral do meu peito. Suas mãos deslizaram até os topos das minhas coxas, uma virando para agarrar meu quadril e outra para baixo até que as pontas de seus dedos estavam pressionados quase dentro de mim. — Ou quando eu te tomo duro, — ele murmurou, empurrando para dentro com força.

Minha cabeça inclinou para trás e fechei os olhos enquanto seus dedos se enroscaram dentro de mim. Ele moveu sua boca entre os meus seios, mordendo e chupando duro em meus mamilos enquanto seus dedos continuavam seus movimentos, e em pouco tempo eu estava retendo os gemidos que ameaçavam explodir para fora da minha boca.

Bem quando eu senti aquela sensação que eu sabia que iria me levar para a terra prometida, os dedos e a boca de Patrick tinham ido embora, e ele estava me virando para minha barriga antes de me puxar para as minhas mãos e joelhos.

— Minhas marcas ficam bem em você, — disse ele sem fôlego quando ouvi seu cinto tintilar. Ele colocou as mãos nas minhas bochechas queimando e pressionou, me abrindo. Em seguida, com um impulso duro, ele estava plantado dentro de mim e eu estava gritando agudamente nos cobertores abaixo de mim.

Seus quadris se moveram até que ele pegou um ritmo e uma sensação de calor cresceu em meu peito com sua óbvia falta de controle. Eu amei saber que ele estava tão afetado quanto eu.

— Você foi feita para mim, — disse ele em meu ouvido, envolvendo sua mão no meu cabelo quando ele desceu sobre mim com um braço apoiado acima do meu ombro. — Eu nunca vou amar outra pessoa.

Quando olhei para trás mais tarde naquela noite, eu às vezes me perguntava se eu teria mudado a maneira como nós gozamos juntos. Se eu preferia ter feito amor com ele cara a cara para que eu pudesse ver como seus olhos se nublavam, e seu rosto ficou vermelho de seu orgasmo. Se ao menos eu tivesse o feito nos virar de volta para que eu pudesse passar minhas mãos sobre seu peito e mapear as sardas no seu rosto com meus olhos. Eu decidi finalmente que eu não teria mudado nada, no entanto.

A maneira como ele me levou não era doce ou suave, ele estava transando em sua forma mais crua. Eu estava presa debaixo dele e incapaz de tocá-lo, mas eu também tinha estado cercada e protegida e

suas palavras contra o lado do meu rosto eram a mais pura declaração de amor que eu já ouvi.

Capítulo trinta

PATRICK

Cristo, eu estava cansado.

Eu tinha ficado longe de casa por quase uma semana, o que significava que eu tinha tido muito pouco descanso. Eu ainda estava tendo problemas para dormir sem minha esposa e minha dependência de sua presença me deixou com raiva. Eu era um homem. Eu era um marido. Minha necessidade por ela não deveria superar sua necessidade por mim - mas isso era exatamente o que parecia. Ela passava seus dias quando eu estava ausente, como se ela não tivesse nenhuma preocupação no mundo, enquanto eu ficava irritado no minuto que ela estava fora da minha vista.

Era frustrante como o inferno.

Eu voltei para a nossa casa tarde da noite, e tudo estava tranquilo quando eu fiz meu caminho para dentro. Eu tinha parado pelo trabalho de Amy, mas aparentemente ela tinha tomado à noite de folga, porque ela estava se sentindo mal. Eu não tinha falado com ela em poucos dias e eu estava ansioso para me certificar de que ela estava bem. Eu odiava a ideia de ela não se sentir bem enquanto eu não estava lá, embora eu soubesse que minha mãe iria cuidar dela.

Quando eu me arrastei para a cama ao lado dela, ela estava dormindo pesadamente e eu podia sentir a febre em sua pele. Envolvi meu corpo fresco em torno dela, e respirei profundamente, minha ansiedade diminuiu, mesmo sabendo que ela estava passando mal.

— Patrick? — ela sussurrou.

— Volte a dormir, amor. — eu rolei para enfrentar a porta e a senti se enrolar nas minhas costas com uma mão quente no meu estômago.

— Eu acho que eu peguei resfriado de Vera.

— Eu sei. Vá dormir agora. Falaremos de manhã.

Senti sua cabeça acenar contra as minhas costas, e menos de um minuto depois, seu corpo relaxou no meu.

Eu gostaria de poder me virar e deixá-la descansar contra o meu peito, mas não me atrevi. Eu estava muito cansado e eu estava com medo de adormecer assim, vulnerável e de costas, seu corpo blindando o meu. Nós não tínhamos dormido assim desde que eu comecei a trabalhar para Michael e eu queria que houvesse um momento onde eu me sentiria confiante o suficiente para fazer isso novamente.

Muitas coisas aconteciam quando você não estava preparado. Eu tinha visto que em primeira mão - eu tinha sido a coisa que aconteceu.

Eu nunca seria pego de surpresa, especialmente quando minha esposa dormia confiantemente contra mim.

* * *

Acordei algumas horas mais tarde para acalmar as vozes e movimento ao redor da casa. Mamãe tinha que trabalhar de manhã, e meu pai tinha começado a acordar com ela para que pudessem ter alguns momentos de privacidade antes de começar seu dia.

Eu nunca tinha entendido seu relacionamento, e eu não achava que um dia entenderia. Eles tinham passado tantos anos separados, mas parecia ter levado apenas dias antes de eles caírem em um relacionamento amoroso que rivalizava com o que tinha sido quando eu era jovem. Minha mãe sorriu e riu e o olhava com ternura, e tinha sido difícil se adaptar em primeiro lugar. Eventualmente, porém, eu tinha vindo à conclusão de que seu relacionamento não era da minha conta. Eu tinha estado cuidando da minha mãe por tanto tempo que tinha sido difícil deixar pra lá, mas ela queria que eu fizesse isso. Ela precisava dele de uma forma que um filho nunca poderia preencher. Ela precisava de seu homem, e tão estranho quanto era para mim, eu tinha que aceitar que ela estava mais feliz do que eu poderia lembrar.

Ouvi a porta da frente abrir e fechar enquanto Amy se mexia ligeiramente atrás de mim, e eu relaxei na cama novamente, puxando o braço dela com mais força em torno da minha cintura enquanto seus quadris encontravam a minha bunda.

Eu tinha acabado de fechar os olhos quando ouvi.

A casa tremeu com o ruído estrondosamente alto batendo em meus ouvidos, e eu estava de pé e saindo da cama antes que eu estivesse plenamente consciente do que estava acontecendo.

— Patrick? — Amy chamou freneticamente enquanto eu abria a porta para o nosso quarto e corri para a porta da frente.

— Mãe! — eu gritei enquanto eu corria para fora e vi o metal que tinha sido o carro da minha mãe. — Mãe!

Eu não podia ver ninguém por perto, mas na hora que eu cheguei perto o suficiente para pesquisar mais a fundo, um carro próximo pegou fogo. Eu tropecei para trás quando uma onda de calor explodiu contra o meu peito nu. Ambos os carros estavam queimando, iluminando o início da manhã e rompendo o silêncio com o som de ranger de metal e estalos.

— Jesus Cristo, — eu engasguei com horror. Olhei de volta para a casa e senti meu coração gaguejar no meu peito.

— Entre na porra da casa! — eu gritei para Amy, correndo para onde ela estava batente da porta em nada além de uma das minhas camisetas. — Entre!

Envolvi meu braço em volta da sua cintura quando cheguei até ela e praticamente a joguei para dentro. Ela tinha estado tão perto, porra, ela tinha estado tão perto.

— O que está acontecendo? — Amy gritou, puxando a pele em meus braços enquanto eu tentava me afastar dela.

— Patrick? — a voz era calma, um sussurro que mal chegou aos meus ouvidos, mas tinha me feito virar automaticamente em direção a ela.

Eu tropecei em direção à parte de trás da casa e a encontrei.

Eu nunca vou esquecer o rosto devastado da minha mãe quando ela me olhou nos olhos de onde ela estava ajoelhada no chão de seu quarto. Ela sabia. No minuto em que tinha acontecido, ela sabia.

— Ele estava esquentando o carro, — ela sussurrou entrecortada, as mãos levantadas, a palma para cima na frente dela.

— Oh, meu Deus, — Amy sussurrou atrás de mim.

Eu estava congelado enquanto eu olhava para os olhos chorosos da minha mãe, mas minha esposa não estava. Quando eu não me mexi, Amy empurrou por mim e caiu no chão ao lado dela.

— Você está bem, — disse ela uma e outra vez, enquanto ela puxava a minha mãe em seus braços. — Patrick vai cuidar das coisas. Você está bem. — Amy começou a chorar quando lamentos da mamãe encheram a casa e meu corpo voltou à vida.

Eu estava tão preocupado em me certificar de que Amy estava segura que eu não tinha sequer tentado salvar quem estava no carro.

Meu pai. Talvez eu ainda pudesse salvá-lo.

Eu podia ouvir sirenes à distância, então eu joguei minha pistola em uma gaveta no meu caminho para fora e corri para o carro da minha mãe. Ele ainda estava queimando, as chamas atirando para o céu, mas eu me forcei a chegar perto o suficiente para que eu pudesse ver dentro da janela do motorista.

Eu não o vi no início, mas quando eu cheguei perto o suficiente para que eu pudesse sentir pequenas brasas queimando minha pele, eu finalmente o encontrei.

Ele ainda estava lá dentro, entre os assentos, e eu senti meu corpo inteiro ficar dormente quando eu tropecei para trás.

Eu não me incomodei a tentar tirá-lo. Ele obviamente já tinha ido.

Capítulo trinta e um

AMY

Os dias após a morte de Robbie foram incrivelmente duros.

Eu não o conhecia bem. Sua personalidade não convidava uma conversa profunda, mas eu tinha vivido com ele por meses e ele adorava as mesmas duas pessoas que eu. Ele tinha sido um cara tranquilo, muito educado, e ele tinha adorado Peg.

Assistir Peg em agonia foi uma das coisas mais difíceis que eu já tinha atravessado, porque eu não sabia como ajudá-la. Ela tinha se tornado uma casca da mulher que eu conhecia e parecia caminhar em uma névoa quando ela realmente fazia esforço para sair da cama.

Patrick tinha estado tão profundamente dentro de sua cabeça que ele mal estava lá, mesmo quando ele estava sentado ao meu lado. Ele não dormiu. Ele carregava uma pistola com ele em todos os momentos e parecia estar esperando por algo. Senti ele se afastando cada vez mais longe, enquanto ele tentava entrar em acordo com o que tinha acontecido.

Como se você pudesse chegar a um acordo com algo tão violento.

Eu não entendia tudo. Os sussurros e os comentários dos vizinhos estavam passando sobre a minha cabeça, mas eu sabia com certeza que se Patrick não conseguisse se recompor rapidamente, as coisas só iriam piorar.

Três dias depois, tivemos o funeral de Robbie na mesma igreja que tínhamos casado, e eu tive o suficiente.

Eu sabia que Patrick estava arrasado. *Eu* sabia como ele estava devastado. Mas Peg não saía da cama, e Patrick não estava indo para o trabalho, e algo tinha que acontecer. A vida não tinha parado, mas para os dois Gallaghers tinha. Eles haviam chegado a um impasse completo, e eu estava apavorada.

— Peg, está com fome? — eu chamei tranquilamente em seu quarto escurecido. Eu não queria acordá-la se ela estivesse dormindo, mas ela não estava comendo muito. Seu corpo leve não podia dar ao luxo de perder mais nenhuma refeição.

— Eu vou dormir por mais algum tempo, — ela respondeu, sua voz áspera. — Eu vou comer algo um pouco mais tarde.

Eu suspirei em derrota, mas a deixei sozinha. Quem era eu para forçá-la? Ela tinha acabado de perder o amor de sua vida, e eu não tinha ideia de como eu iria reagir nessa situação. Até mesmo o pensamento de Patrick morrer fez o meu estômago revirar.

Eu fiz o meu caminho para a cozinha e comecei a fazer um café-da-manhã que eu poderia preparar sem arruinar completamente. Eu fui a primeira a acordar naquela manhã, mas eu tinha ouvido Patrick se movendo depois que eu deslizei para fora da cama. Não era como se ele tivesse dormido.

Ele entrou na cozinha atrás de mim, descansando a mão no meu quadril enquanto beijava a parte de trás da minha cabeça.

— Cheira bem.

Ele se sentou à mesa com uma xícara de café, e nós não dissemos uma palavra quando eu terminei de cozinhar. Ele não disse muito mais, e eu estava com medo de que se eu abrisse minha boca, eu explodiria em lágrimas ou começaria a gritar. Tomei respirações longas, profundas para me acalmar.

— Você tem que ir trabalhar hoje. — eu disse a Patrick quando eu trouxe o seu prato de ovos fritos para a mesa.

— Eu irei.

— Eu tenho que ir hoje à noite também. — eu tentei manter uma conversa com ele, mantendo meu nível de voz em uma tentativa de voltar para algo normal, mas sua resposta monótona era como ouvir as unhas arranharem através de um quadro-negro. — Você deve vir direto para casa, para que alguém fique aqui com Peg.

— Eu venho pra cá do pub.

— Não, Peg precisa de alguém aqui.

— Eu disse que vou passar por aqui do pub.

Sua voz ainda não tinha perdido a qualidade plana que eu viria a esperar, e eu queria gritar de frustração.

— Não, você não vai! — eu lati, incapaz de manter o temperamento da minha voz. — Você vai voltar para casa e cuidar de sua mãe!

A mandíbula de Patrick apertou e uma cor vermelha correu até seu pescoço quando ele começou a tocar esse padrão estúpido sobre a mesa com as pontas dos dedos.

— Pare!

— Você acha que pode mandar em mim? — ele perguntou, incrédulo, de pé da mesa. — Eu acho que você esqueceu seu lugar nessa casa.

— Vá se foder. — eu odiava as palavras que derramam da sua boca, mas com uma pequena onda de satisfação, eu finalmente tinha falado. — Eu sou a única a fazer qualquer coisa por aqui. Eu entendo, ok? Eu sei que vocês estão sofrendo. Mas ninguém está me dizendo o que está acontecendo, nós já não temos um carro, nenhum de nós tem trabalhado em mais de uma semana...

— Você quer saber o que está acontecendo? — perguntou ele, se inclinando sobre a mesa até que ele estava a polegadas do meu rosto. — Foi um aviso. Só que ninguém entrou em contato comigo para me dizer o que diabos eles estavam nos avisando. Não tenho ideia do que acontece depois. Quem será o próximo? Mamãe? Você?

Comecei a tremer quando vermelho de raiva se espalhou até seu pescoço. Eu instintivamente sabia que o que aconteceu com Robbie não tinha sido aleatório, mas ouvir isso sendo enunciado transformou meu medo em uma coisa física, uma pressão no meu peito que me fez sentir como se eu não pudesse respirar.

— Vou estar no pub de hoje à noite, — disse Patrick, sua voz calma. — Diga a Casey que você vai se atrasar alguns minutos porque eu vou andando com você.

— Você disse que iria ficar bem, — eu sussurrei de volta. — Quando eu disse que eu estava com medo, você disse que iria lidar com isso.

Seus olhos se turvaram antes de fechar totalmente, e sua cabeça caiu em derrota. Que diabos estava acontecendo em nossas vidas? Como era normal?

Eu não entendia como as pessoas podiam viver assim. Eu não entendia por que um homem estaria disposto a escolher um lado em uma guerra com nenhum vencedor, colocando a si mesmo e sua família em perigo. Para quê? Que porra é essa *que* poderia ser tão importante? Eu sabia com absoluta clareza por que Peg tinha chutado Robbie para fora todos aqueles anos atrás. Ela o amava, mas às vezes você tinha que pular do barco se você quisesse salvar a si mesmo.

— Eu não quero fazer isso, — eu disse baixinho, de pé da mesa.

As palavras o atingiram como um soco e ele recuou, surpreso.

— Fazer o quê?

— Eu não quero esta vida. Eu não quero estar preocupada toda vez que eu sair de casa. Eu não quero trazer crianças para esta merda!

Ele me deixou mover em torno dele, mas me seguiu para o quarto.

— E aí? Você vai me deixar?

— Eu não sei.

— Você *não* sabe? Pra onde diabos você vai ir? Eu sou seu maldito marido.

Nós estávamos gritando, nos enfrentando dentro daquele pequeno quarto. Minha mente estava uma bagunça confusa de contradições. Eu o amava, mas eu não podia ver um caminho para que ele saísse da confusão em que ele estava. Eu queria ir embora. Eu queria pegar Peg e Patrick e sair do país - ir para longe, onde ninguém iria nos encontrar. Mas essa não era a realidade.

A realidade era que eu era casada com um homem cujo tempo era limitado. Não importava se o IRA acreditava em sua lealdade e continuasse a usá-lo. Ainda viria um tempo em que as coisas que ele estava fazendo iriam alcançá-lo, e ele iria para a cadeia ou ele ia ser enterrado. Era dolorosamente inevitável.

— Eu gostaria de não ter casado com você.

As costas dele bateram na parede enquanto ele olhava para mim com horror. — *Nunca* diga isso novamente.

Eu comecei a esfregar as minhas mãos enquanto olhávamos um para o outro no quarto em silêncio. Ele parecia o inferno. Seu rosto estava fino, olheiras sob seus olhos e ele não tinha raspado o rosto em tanto tempo que tinha ido além de uma barba por fazer e tinha se

transformado em uma barba desalinhada. Suas roupas estavam impecáveis, mas elas pareciam pairar dele estranhamente como se elas não servissem mais. Ele estava se desfazendo diante de meus olhos, e eu não sabia o que fazer.

— Eu amo você, — disse ele, quebrando o silêncio. — Eu amo você mais do que qualquer um nessa terra. Vou resolver isso. Eu só precisava de alguns dias, isso é tudo. Eu só precisava por minha cabeça no lugar.

Eu balancei a cabeça, sem saber o que iria sair da minha boca se eu tentasse falar.

— Não faça isso, meu amor, — disse ele no mesmo tom, dando um passo em direção a mim para pegar minhas mãos nas suas. — Você vai piorar as coisas.

Eu olhei para baixo para ver erupções em minhas mãos de onde eu tinha estado esfregando.

Ele me puxou em seus braços, em seguida, o conforto de seu perfume, seus músculos fortes descansando contra o meu corpo eram impossíveis de ignorar. Eu desejava poder ficar assim para sempre, a salvo do resto do mundo no nosso quarto minúsculo.

— É melhor eu ir para o trabalho, — disse Patrick, se afastando ligeiramente. Ele se inclinou para escovar meus lábios com os seus, e o calor de sua boca parecia se espalhar por todo o meu corpo em uma grande onda. Ele mal me tocou em mais de uma semana, e mesmo que o movimento não tivesse sido sexual, isso ainda me deixou um pouco carente. Me debrucei sobre meus dedos dos pés quando os nossos lábios roçaram novamente e sua língua deslizou para fora nervosamente, lambendo meu lábio inferior.

Nós nos mudamos para um beijo sensual sem pensar, esfregando e sugando a boca um do outro. Não era um prelúdio para nada, não havia urgência nisso, mas eu não achei que nada poderia ter sido mais perfeito naquele momento.

— Charlie e Vera virão hoje, — Patrick me informou quando ele finalmente se afastou com um aperto de meus quadris. — Eles vão ficar até que eu esteja em casa esta noite.

Eu pensei sobre a minha nova melhor amiga enquanto eu observava Patrick começar a se trocar para o trabalho, colocando uma camiseta flanela que estava coberta de manchas de graxa e um velho

par de jeans. Eu passei algum tempo com Vera depois da noite que nos conhecemos, almoçando e indo com ela por aí, enquanto fazia compras, mas não foi até que minha vida tinha se tornado tão fora de controle que eu percebi o quão profundamente a nossa amizade era. Ela era leal, incansável, e um carro explodir na frente da minha casa não parecia mudar sua opinião sobre mim.

Vera agiu como se fosse normal. Ela estava consciente de nossa dor, e ajudou o máximo que podia, mas ela não exagerou. Ela não estava sussurrando e olhando por cima do ombro como os vizinhos tinham feito nos dias após a morte de Robbie. Ela ficava o quando podia e se sentou comigo por horas, mesmo se eu não tivesse nada a dizer.

Ela veio todas as manhãs durante a semana passada, às vezes com Charlie e outras vezes com o grandalhão malcheiroso que ela tinha apontado no pub na noite que nos conhecemos. Ela ficava o dia todo, ajudando nas tarefas e fofocando sobre estrelas de cinema, enquanto Charlie se sentava no sofá assistindo televisão com um silencioso Patrick ou o grandalhão sentado nas escadas da frente. Ela estava lá, sem nenhum plano oculto ou ideias preconcebidas sobre nós.

Ela era a melhor amiga que eu já tive.

— Me desculpe ter dito que eu gostaria de não ter me casado com você, — eu disse quando Patrick sentou na beirada da cama para calçar as botas. — Eu não me arrependo.

— Eu sei que não. — ele me puxou para o seu colo. — Eu sei que você está com medo, querida. Só fique comigo, ok? Eu vou corrigir isto.

— Eu queria que você não tivesse que trabalhar hoje. — eu coloquei minha cabeça em seu ombro e pressionei minha testa em seu pescoço.

— Primeiro, ela ordena que eu trabalhe e depois ela diz que me quer em casa, — ele anunciou ao quarto, soando como meu velho Patrick.

— Eu sei, eu estou toda confusa.

— Talvez você esteja grávida? — ele perguntou, colocando a mão na minha barriga.

— Não desta vez, Sr. Gallagher. Eu estou acabando de sair do meu período. — ainda me surpreendeu o quão confortável eu estava em compartilhar detalhes íntimos do meu corpo com ele, mas tinha sido

assim quase desde o início. Ele sabia tudo sobre mim, cada curva tinha sido mapeada. Meu corpo não tinha mais nenhum segredo.

— Nós vamos ter que trabalhar mais esse mês, — brincou ele gentilmente, me puxando para mais perto.

— Eu não tenho certeza se deveríamos, — eu murmurei em seu pescoço, já certa de sua reação. — Talvez-

— A Igreja é muito clara sobre o controle de natalidade, esposa.

— É uma regra estúpida. Você realmente quer trazer o nosso filho em nossa vida agora?

— Não cabe a nós decidir quais as regras são feitas para serem quebradas.

— É o meu corpo.

— Não é minha decisão também?

— Claro que é. — eu suspirei, irritada por eu ter tocado no assunto.

— Eu sei que eu não tenho sido o melhor homem, especialmente aos olhos da igreja, — disse ele em meu cabelo, esfregando minhas costas suavemente. — Mas eu não posso concordar em colocar coisas no seu corpo para você não ter um bebê. Meu bebê. Para mim, seria como recusar um presente de Deus, porque não era conveniente para nós. Quem vai saber se vamos receber esse presente de novo?

— Seu raciocínio é medicamente doentio, mas eu entendo o seu ponto.

— Medicamente doentio? Você tem estado lendo novamente, eu vejo.

— Tem sido parado por aqui.

— Eu sei que sim. — ele apertou os braços em volta de mim, em seguida, bateu em minhas costas duas vezes, sinalizando para eu ficar de pé. — Eu tenho que ir ou vou me atrasar.

Ele me beijou um adeus, apenas um rápido beijo nos lábios, e foi embora. Eu realmente odiava que ele tinha que ir para o trabalho, mesmo que eu tivesse morrido para ele ir apenas uma hora antes. Podemos não ter acertado as coisas, mas eu me senti um pouco melhor sobre as coisas, uma vez que tínhamos discutido elas.

Sabendo que Patrick estava trabalhando em uma solução em vez de apenas olhar para as paredes me fez sentir quase otimista. Enquanto estávamos juntos, poderíamos ajeitar as coisas, eu disse a mim mesma. Nós só tínhamos que ter cuidado por agora, até que soubéssemos com o que estávamos lidando.

Quando eu fiz o meu caminho para fora do nosso quarto, Peg estava sentada na mesa da cozinha comendo um pedaço de pão. Eu não pude parar o sorriso largo que se espalhou pelo meu rosto quando eu percebi que ela tinha realmente se vestido e tinha escovado os cabelos. Parecia que as minhas pessoas favoritas decidiram se recompor aquele dia, e eu não poderia ter estado mais feliz pelos pequenos passos que tinham tomado.

Passei a manhã com um pequeno sorriso de alívio no rosto, sabendo que ia ser um bom dia.

Eu sempre quis saber como os meus instintos tinham sido tão pobres.

Capítulo trinta e dois

PATRICK

— Sinto muito.

As palavras calmas do meu chefe me seguiram para fora da porta. Eu não poderia ter respondido sem parecer que minha vida estivesse sendo sugada, então eu ignorei.

Eu tinha perdido meu maldito trabalho. Puta que pariu.

Eles me deixaram terminar o trabalho no carro que eu tinha começado antes do meu pai ser morto, mas assim que eu terminei, eles me deram um chute na bunda. Os malditos bastardos estavam com medo da própria sombra, era a única maneira de eles não terem sido puxados para qualquer lado da guerra que parecia estar rasgando toda a minha vida ao meio. Eles sentiam muito, com certeza, mas o medo tinha sido mais importante do que todas as reservas que tinham sobre me demitir.

Mãe de Deus. Estávamos fodidos. Mamãe não estava trabalhando, eu não tinha ideia de quando ela estaria pronto para voltar, e agora isso. Meu estômago queimou com o pensamento de pedir a Amy o dinheiro que eu sabia que ela mantinha escondido em nossa gaveta de meias, mas não havia outra maneira de manter um teto sobre nossas malditas cabeças.

Eu podia muito bem ter cortado minhas bolas e entregado elas para ela.

Entrei em casa, deixando o sapato do lado de fora, e a primeira coisa que vi foi Amy pé na pequena entrada, passando por alguns e-mails.

— Patrick? Por que não está no trabalho?

— Os bastardos me demitiram!

— O que? Por quê? — os ombros dela caíram e eu odiava todo mundo naquele momento. Por que diabos a vida não podia ser mais

fácil? Por que não tínhamos apenas uma pausa? Apenas uma! Eu estava falhando com ela, e eu me tornei o homem que eu jurei que nunca seria, dependente do trabalho da minha esposa para por comida na mesa e um teto sobre nossas cabeças.

— Eles estão com medo de que eu fique. Com medo de um dos carros explodirem no céu.

— Merda, — ela sussurrou, os olhos arregalados e preocupados em seu rosto. — Baby-

— Eu vou acertar isso, — eu prometi a ela, meu intestino queimando com sua expressão.

— Eu sei que você vai.

Eu passei meus braços em torno dela, e acalmei minha respiração respirando as bufadas profundas de Amy – seu ar perfumado. Meu corpo estava praticamente tremendo de raiva, mas eu tinha que me manter tranquilo. Eu tinha que acertar essa merda, e não havia nenhuma maneira que eu poderia fazer isso de forma inteligente se eu deixasse a emoção tomar a melhor. Eu precisava ser lógico.

— Você pensou sobre a minha oferta? — Charlie perguntou de onde ele estava nos observando no sofá. — Ela está de pé.

— Nós vamos discutir isso mais tarde, — eu disse em advertência. Eu não queria dar esperanças a Amy, mas Charlie tinha se oferecido para levar minha família para a América. Seu pai era dono de uma grande loja de moto, e ele me ofereceu um emprego lá. Eu tinha certeza que seu clube possuía a loja junto com os homens que trabalhavam lá, e eu não sabia se eu queria estar em dívida com alguém assim.

De acordo com Charlie, não era nada disso. Eles eram uma família cuja lealdade era inquestionável. Eles cuidaram de si. Mulher e crianças estavam fora dos limites, sempre, e eles protegiam cada um como se fosse seu.

Eu gostei de Charlie. Durante o tempo que ele tinha estado na Irlanda, eu comecei a conhecer o cara muito bem, e tudo que ele falava era bom. Mas eu nunca o tinha visto debaixo de fogo. Sua lealdade não tinha sido testada. A vida da minha família não poderia depender de um homem que eu conhecia há apenas um par de semanas.

Parecia maravilhoso, embora. Eu não podia mentir e dizer que isso não aconteceu. Era um novo lugar para construir, os homens iriam

cuidar das minhas costas, uma nova vida para a mamãe e eu e um lugar onde Amy se sentiria um pouco mais em casa. Ainda assim, eu estava desconfiado.

Alguém começou a bater à porta e antes que eu pudesse cair minha cabeça cansada no ombro de Amy, meus instintos tinham explodido e ela foi empurrada atrás de mim. Minha arma foi puxada para fora da parte de trás da minha calça jeans e Charlie estava em pé dentro de segundos. Ele levantou a cabeça em direção à porta, e eu acenei uma vez antes de dar um passo à frente para abrir.

Eu nunca vou esquecer a visão que me cumprimentou.

Capítulo trinta e três

AMY

Ela estava sangrando.

Seu cabelo encaracolado dourado estava emaranhado e grudado.

Ela era mais baixa do que eu.

Ela estava grávida.

E as mãos eram menores do que as minhas. O que eu podia ver parecia minúsculo, segurando a parte de trás da camisa de trabalho do meu marido.

Mas ela estava sangrando. Eu tinha que focar nisso.

Seu rosto estava inchado, os lábios divididos em três pontos diferentes. Havia sangue debaixo da orelha, mas eu não poderia dizer se tinha vindo de lá ou se vinha de um de seus outros machucados.

Ela estava soluçando. Assustada. Agarrada a Patrick como se ele fosse à única coisa que poderia salvá-la.

— Vou ligar para o meu pai e pedir para ele enviar Doc. Graças a Deus o velho veio com a gente, — disse Charlie enquanto ele olhava para fora da porta e, em seguida, fechou e trancou.

— Seu pai tem um médico?

— Perto o suficiente.

Eu estava congelada enquanto todos quebravam em ação em torno de mim, até que Vera beliscou meu lado duramente. — Pare com isso. Engula tudo isso até que saibamos com o que estamos lidando.

Eu balancei a cabeça vagamente, ainda observando como Patrick tentava acalmar a mulher histérica.

— Agora, Amy, — Vera ordenou quando ela passou por mim para chegar a Patrick.

— Nós precisamos deitá-la em algum lugar até que saibamos o que está errado, — Vera disse a Patrick calmamente sobre o som da mulher chorando e Charlie conversando com seu pai no telefone na cozinha.

Patrick balançou a cabeça quando Peg veio correndo para fora de seu quarto. Ela deve ter ouvido a bagunça, não tinha como ela não ter ouvido. A mulher gritava alto pra caralho.

— O que está acontecendo? — ela me perguntou, sua voz cheia de preocupação.

— Eu não sei. — tudo parecia que estava acontecendo em outro lugar, como se eu não estivesse presente.

Eu assisti quando Patrick levantou delicadamente a mulher em seus braços e passou por mim e Peg. Ele fez uma pausa no sofá por um momento, e seu rosto parecia aflito quando ele olhou para mim por uma fração de segundo antes de levar a mulher para o nosso quarto.

Isso me tirou do torpor em que estávamos, e eu corri para a cozinha para molhar um pano. Talvez se nós limpássemos um pouco de sangue, não parecesse tão ruim. Ferimentos na cabeça sempre sangravam muito, e os lábios cortados e o arranhão na bochecha dela ainda não tinha formado hematomas ainda. Segui Vera e Peg, que explodiu em ação uma vez que ela deu uma boa olhada na mulher, mas quando cheguei à porta eu não poderia ir mais longe. O quarto não era construído para abrigar tantas pessoas, e parecia ainda menor do que o normal enquanto eu observava Patrick se sentar ao lado da mulher em cima da cama, escovando o cabelo com cuidado para fora do rosto dela.

Eu dei um pequeno passo, dando a volta em torno de Vera para que eu pudesse entregar à mulher a toalha molhada na minha mão, mas congelei o minuto em que ela começou a falar.

— Eu não sabia mais para onde ir, — ela disse a Patrick com a voz rouca, a voz arruinada do lamentando que ela estava fazendo. — Eu não sabia o que fazer.

— Shhh. Você está bem agora, — ele a acalmou.

— Michael descobriu. Eu tentei esconder. — mais lágrimas vazaram dos cantos dos seus olhos. — Mas eu fiquei muito grande e ele finalmente percebeu.

Eu assisti Patrick engolir em seco, nunca olhando para longe do rosto da mulher.

— Eu tentei não dizer a ele que era seu. Eu juro. — os olhos dela imploraram e eu comecei a sentir tonturas. — Mas eu simplesmente não podia aguentar mais.

Segurei o batente da porta duramente, quase não conseguindo ficar de pé. Isso estava errado. Tudo isso estava errado. Patrick iria falar a qualquer momento, e tudo se ajeitaria.

— Nós precisamos te verificar e ver o que está acontecendo. Fora Patrick, — disse Peg acentuadamente, se recusando até mesmo a olhar na direção dela.

— Mãe, — a voz dele falhou. Essa pequena pausa em suas palavras destruíram tudo o que eu tinha pensado, acreditava e sabia sobre o meu relacionamento com meu marido. Levou menos de um segundo.

— Saia, — Peg ordenou novamente, ignorando a vergonha em sua voz.

Enquanto Patrick silenciava a mulher novamente, falando em voz baixa ao tentar se afastar dela, eu me puxei para longe do quarto. Eu não podia ver isso mais. Eu precisava ficar longe dele.

Eu acelerei pela casa, apenas para ser pega em torno da cintura por Charlie. — Você precisa esperar para ouvi-lo, menina. Não seja estúpida e saia quando não sabemos o que estamos lidando.

Eu puxei meu braço e mudei de direção, passando pela porta do banheiro, assim quando Patrick saiu do nosso quarto. Eu não parei. Eu nem sequer virei à cabeça em sua direção.

Eu não conseguia nem olhar para ele.

— Amy -

Suas palavras foram cortadas quando eu calmamente fechei a porta do banheiro e virei à fechadura frágil. Minhas pernas cederam debaixo de mim, e eu deslizei para o chão, mesmo sem acender a luz. Eu não me importava com a escuridão.

Estava tranquilo lá - um passo da loucura que tinha tomado a minha casa. Por que eu tinha sido tão tonta em acreditar que Patrick ajeitaria tudo? Por que eu deixei me puxar, por que eu me deixei ser puxada? Por que não poderia ter apenas continuado na vida que eu estava vivendo? Não havia altos e baixos naquela vida. Eu tinha estado confortável, antes de Peg e Patrick. Eu tinha estado dormente.

Fingi por uma fração de segundo que tudo voltou ao normal novamente.

Robbie estava assistindo televisão, enquanto Peg fazia jantar, e a qualquer momento Patrick estaria em casa do trabalho. Então a fantasia foi quebrada quando a porta vibrou contra minhas costas.

— Amy, me deixe entrar. — Patrick começou a bater e tentar virar a maçaneta. — Por favor, meu amor. Por favor, me deixe entrar.

Eu não disse uma palavra. Eu não tinha nada a dizer. Nada. Não havia uma palavra em todo o dicionário, nem uma palavra em qualquer idioma que parecia apropriada naquele momento.

Ele tinha dormido com aquela mulher. Ele tinha dormido com ela e ela ficou grávida. A dor em meu peito era insuportável demais. Eu não conseguia nem chorar. Fiquei lá olhando para a escuridão.

— Me deixe explicar, meu amor. Não é o que você está pensando, eu juro. Por favor, por favor, por favor, me deixe entrar. Me deixe te segurar. Eu preciso de você, Amy. Por favor, abra a porta.

Patrick continuou a bater na porta, em um ponto ameaçou a partir, mas ele não entrou. Ele apenas ficou lá fora, pedindo e implorando e ameaçando e me persuadindo a falar com ele.

Como se eu tivesse alguma coisa a dizer.

Eventualmente, ele se afastou da porta e ouvi outras vozes na casa. O pai de Charlie deve ter aparecido com o médico.

Eu não me importava.

Eu nem sequer me importava com o que acontecesse com ela.

Eu sabia que isso me fazia um monstro. Ela estava grávida, e com dores, e alguém tinha batido nela. Mas eu ainda não me importava. Eu queria que ela desaparecesse e eu não perguntaria como isso aconteceu.

— Me deixe entrar, amor. — a voz de Peg flutuou pela porta, mas eu ainda não me mexi. — Sou eu. Abra a porta.

Eu não conseguia me fazer levantar do chão.

— Charlie? — a voz de Peg foi abafada quando ela se virou, mas as paredes eram tão finas nessa fodida casa que eu ainda podia ouvi-

la. — Ela não está me respondendo. Você pode tirar as dobradiças? Eu tenho medo de tentar quebrar e ela se machucar.

— Claro, — respondeu Charlie.

Eu o ouvi começar a mexer com a porta, em seguida, mais vozes na sala de estar.

De repente, eu não podia suportar a ideia de todas aquelas pessoas me vendo quão absolutamente devastada eu estava. Oh, pobre Amy, seu marido fode por aí. Pobre Amy, que ainda não está grávida, mas o seu marido engravidou outra. Pobre Amy não consegue nem levantar do chão do banheiro porque ela está tão chateada.

Foda-se.

Eu me levantei quando um sentimento familiar de desconexão correu através de mim. Eu não era a pobre Amy. Eu tinha lidado com coisas muito piores na minha vida. Eu cresci com os pais que não davam à mínima ou gostavam de mim, que tinham sido negligentes algumas vezes e cruéis em outras. Eu tinha me mudado de lugar para o outro, nunca sendo capaz de fazer quaisquer conexões reais com ninguém. Eu poderia lidar com a prova da infidelidade de Patrick.

Não era nada. Ele não era nada.

O que ele disse antes? *Era apenas uma colisão.*

Abri a porta para surpreender o rosto de Charlie, e lhe dei um sorriso fino. Eu estava bem. Ele não precisa tirar a porta.

Patrick, Peg, Vera e um casal de homens mais velhos estavam de pé na cozinha discutindo algo baixinho quando eu fiz o meu caminho para o sofá. Eu mantive a minha cópia velha de *Fahrenheit 451* na prateleira de baixo de uma das mesas laterais de Peg porque Robbie tinha começado a ler quando a casa estava em silêncio. Eu não me deixaria pensar sobre isso. Eu estava bem.

Abri em uma página aleatória no meio, então mudei de ideia e virei de volta para a primeira página. Eu tive um sentimento que eu iria ficar lá por um tempo.

— Foi um prazer queimar...

— Amy! — Vera sentou no sofá ao meu lado. — Merda, menina. Eu estive chamando seu nome.

— O que você precisa?

— Huh?

— Você precisa de algo?

— Você vai apensas sentar aqui e ler enquanto tudo isso, — ela acenou com a mão ao redor dela, — está acontecendo em torno de você?

— Esse era o plano.

— Você está bem?

— Sim. Bem.

— Quero dizer, eu não estaria. Eu estaria pirando agora.

— Eu estou bem.

Ela olhou para mim como se houvesse uma outra cabeça nascendo em mim. — O que você está fazendo?

— Eu estou tentando ler.

— *Não,* o que *você está fazendo?*

Eu fingi que eu não tinha ouvido a ênfase que ela tinha posto em suas palavras e fiz uma careta para ela. — Eu estava lendo, e agora eu estou falando com você. Assim que acabar, eu vou voltar para a leitura.

Ela balançou a cabeça com espanto. — Você é louca, você sabe disso, certo?

— Eu prefiro apática.

— O que diabos isso significa?

Antes que eu pudesse responder, Peg estava chamando meu nome da cozinha. Foi uma jogada inteligente da parte dela, porque ela sabia que eu ia responder.

Eu lentamente virei a minha página, mesmo que eu tivesse lido a coisa um milhão de vezes e não importava aonde começasse de novo, então o coloquei de volta em sua pequena prateleira. Vera ficou para trás quando eu fiz meu caminho em direção a Peg, mas ela seguiu os meus movimentos com os olhos como se ela ainda estivesse tentando me desvendar.

— O que foi? — perguntei a Peg, passeando na cozinha.

— Os rapazes estão fazendo alguns planos. Você deveria estar aqui para isso.

— Ok, — eu respondi facilmente, me sentando no lugar de Robbie e dobrando minhas mãos sobre a mesa de madeira lisa.

Os homens me observavam com cautela enquanto eles se aglomeraram ao redor de mim.

— Ham, — o homem que deve ter sido o pai de Charlie disse, estendendo a mão para apertar a minha mão. — Esse é Doc.

— Prazer em conhecê-lo, eu sou Amy.

— A esposa de Trick, — respondeu ele com um sorriso. Ele parecia bom.

— Por enquanto.

Patrick deu um passo adiante, mas com o canto do meu olho, eu vi Charlie apertar seu ombro como se para detê-lo.

— Então, qual é o plano? — perguntei calmamente, olhando diretamente para Ham. Que nome esquisito.

— Saímos em um navio em dois dias, — disse ele, puxando uma cadeira e lançando-a ao redor para que ele pudesse se sentar. — Tenho dois espaços abertos - nós só podemos levar dois de vocês com a gente.

— Isso parece bastante fácil, — eu respondi.

— Tenho que deixar dois para trás.

— Então, leve Patrick e a menina.

— Eu não vou deixar você e mamãe, está louca? — Patrick explodiu, dando um passo adiante para bater a palma da mão sobre a mesa.

— A menina tem que ir, certo? — eu perguntei a Ham, ignorando completamente a explosão de Patrick. Por que eu estava chamando ela de menina? A mulher tinha um bebê em sua barriga, pelo amor de Deus. — Então ela é uma dessas pessoas, automaticamente.

— Tenho que tirar essa garota daqui antes que eles percebem para onde ela foi, — ele confirmou com um aceno de cabeça. — Doc ajeitou o braço dela, mas ela vai estar ruim por um tempo.

— Ok, bem, se Patrick não quer ir com ela, então eu acho que Peg vai.

— Eu não posso simplesmente te deixar aqui, — Patrick interrompeu novamente.

— Eu não vou te deixar para cuidar dessa prostituta. — o comentário de Peg foi baixo, mas resoluto.

— Mãe-

— Você fez sua cama, filho.

— Jesus Cristo, — disse ele em voz baixa, passando as mãos pelos cabelos.

— Nós temos contatos em outro navio que sai no final da semana, — Charlie entrou na conversa. — Quem ficar para trás pode ir nesse. É diferença de apenas quatro dias.

— Está resolvido então, Patrick e a mulher, — disse Peg.

— O nome dela é Moira, — Patrick corrigiu em voz baixa.

Peg fez uma pausa e se virou para olhar para Patrick.

— Eu não me importo se o nome dela é a porra da Virgem Maria! — ela gritou com ele, finalmente perdendo a pouca compostura que lhe restava. — Como você pôde? Eu te ensinei melhor do que isso! Você acha que não há problema em foder outra mulher, enquanto sua esposa está em casa dormindo? — ela estendeu a mão e deu um tapa no rosto dele. — Como você pôde fazer isso com Amy? Amy, que tem sido nada além de boa com você! Lidar com você longe de casa e ficar mais longe do que perto! Ela esperou por você! Ela não fez nada que as outras meninas estavam fazendo, porque ela estava esperando sua bunda voltar para casa para ela, e o que fez? Me diga, Patrick Gallagher! Me diga! O que você fez com ela?

— Chega. — minhas palavras foram tranquilas, mas soou como um tiro através da sala. — Você não precisa fazer isso por mim, embora eu te amo por isso. Isto não está resolvendo nada, e precisamos planejar.

Peg tinha lágrimas de raiva rolando pelo seu rosto, e Patrick parecia que seu mundo tinha acabado de ruir. Eu percebi que eles estavam sofrendo com o frio distanciamento que eu tinha desenvolvido ao longo da minha infância. Era tudo demais depois da morte de Robbie. Eles pareciam tão sobrecarregados.

Eu me senti mal por eles, mas essa era praticamente a extensão da minha reação emocional.

— Então, Patrick e, — eu limpei minha garganta e olhei para Patrick, que estava olhando para mim com uma expressão aflita. — Moira vão no primeiro navio, Peg e eu iremos no final da semana.

— Eu vou ficar e ir com elas, — Doc falou pela primeira vez. — A menina lá não precisa de mim para a viagem, e todos vocês precisam voltar para casa com esse navio. Não parece certo deixar elas aqui sozinhas.

Ham o observou por um minuto e, em seguida, assentiu. — Você vai ficar com as mulheres.

— Se abrir uma vaga, então Amy pode ir com vocês no primeiro, — Peg argumentou.

— Isso não vai acontecer, — respondi categoricamente. De jeito nenhum eu iria a qualquer lugar com Patrick e aquela mulher.

— Eu não posso, — Patrick começou a falar novamente.

— Não. — eu o olhei até que ele cedeu com um aceno de cabeça derrotado. Nós não vamos chegar a lugar nenhum se nós continuarmos a falar sobre quem vai com quem. O plano foi definido - Patrick e Moira em um e Peg e eu no outro. Fim.

— Ok, há mais alguma coisa que precisamos ver? — perguntei a Ham. Eu tinha que trabalhar em uma hora e eu não tinha certeza de como eu pegaria minha roupa limpa do quarto onde Moira estava dormindo. Eu não podia acreditar que eu ainda iria trabalhar como se minha vida que eu conhecia não tivesse sumido. Então eu afastei esse pensamento. Eu estava bem e eu precisava do dinheiro.

— Empacote as únicas coisas que você precisa. Deixe tudo na casa como está. A viagem para a Carolina do Norte vai ser difícil, então se certifique de trazer alguns analgésicos com você.

— Nós vamos para a Carolina do Norte?

— Vamos apenas parar lá. Vamos ir de moto para Oregon.

Eu balancei a cabeça e me levantei da mesa, encerrando a conversa.

Eu nunca tinha ido a Oregon.

Capítulo trinta e quatro

AMY

— Você vai falar comigo? — perguntou Patrick tranquilamente a partir do sofá enquanto eu chegava do trabalho naquela noite.

Charlie e Vera tinham me acompanhado até Dillon e tinham ficado durante todo o turno para vigiar. Parecia um pouco demais, mas eu realmente não me importei. Eles tinham saído do seu modo de agir como se tudo estivesse normal, e eu tinha sido grata pelo indulto. Nós todos concordamos que mencionar algo tão fora do comum não era uma boa ideia, pois não tínhamos certeza do que estavam à procura de Moira.

Havia sido maravilhoso fingir que ela não existia por algumas horas.

Infelizmente, na hora que eu tinha caminhado através da minha porta da frente, a realidade se intrometeu.

— O que você quer que eu diga? — perguntei cansada, tirando meu casaco e pendurando-o no gancho junto à porta. Eu precisava me lembrar de levá-lo comigo quando saímos.

— Eu não sei, Amy. Qualquer coisa. Me bata. Grite comigo. Qualquer coisa.

— Eu posso gritar se você quiser, mas eu não tenho certeza se isso faria qualquer bem. Isso faria *você* se sentir melhor? — eu dei a volta em torno do sofá e me sentei na cadeira ao lado dele quando Patrick passou as mãos sobre o rosto.

— Foi antes de nos casarmos, — disse ele em voz baixa.

— Ela não está tão grávida, — respondi categoricamente.

— Eu não estou mentindo. — foi antes de eu sequer propor a você.

— Não muito tempo antes.

— Não, — ele respondeu dolorosamente, e de repente eu tinha que saber tudo.

— Quanto tempo antes?

Ele não respondeu, apenas olhou para mim como se memorizando o meu rosto.

— Quanto tempo antes, Patrick?

— À noite antes de mamãe me ligar e me dizer que algo estava errado.

As palavras pareceram como um soco no meu peito, e de repente eu estava com medo que eu jamais seria capaz de respirar novamente. Eu estava tão assustada naquela noite. Me lembrei de deitar na minha cama, implorando silenciosamente por Patrick, mas também com medo de chamar. No dia seguinte eu pensei que minhas orações tinham sido respondidas quando ele veio.

— Sim, não muito tempo antes, — eu sussurrei para mim mesma.

— Nós não estávamos juntos. Se estivéssemos juntos, eu-

— Eu estava esperando por você, — eu cortei, minha voz quase irreconhecivelmente tranquila. — Você me beijou e disse que não ia me foder porque você ia se casar comigo primeiro. Fiquei arrasada a noite antes de você chegar em casa. Me lembro tão claramente, porque eu não tinha saído da minha cama durante todo o dia e minha mãe tinha vindo me dizer que eu se não encontrasse um lugar para morar ia apodrecer na minha cama. E, então, na manhã seguinte, você estava lá... como mágica.

As cenas se passaram como um filme na minha cabeça, e quando elas terminaram, eu não podia evitar a risada histérica que saiu da minha boca.

— Eu era tão estúpida. Tão ingênua.

— Não diga isso. Você não é estúpida. Você não era estúpida.

— Eu fiz comentários sobre a sua experiência, — eu falei, — eu empurrei você porque eu estava com raiva, e todo o tempo você estava transando com outras pessoas. Não admira que você não se importava de esperar até que nos casássemos.

— Não foi assim.

— Tão estúpida. — eu balancei a cabeça, esfregando as mãos sobre meu rosto.

— Foi uma noite. Uma noite. Isso é tudo. Eu estava chateado-

— Você vai realmente usar a desculpa de bêbado agora? Sério, Patrick?

— Eu não estava com a cabeça boa, — eu agarrei os braços da cadeira, mas ele estava fora do sofá e se ajoelhando diante de mim antes que eu pudesse me levantar. — Por favor, Amy. Por *favor,* ouça.

Eu me inclinei para trás na cadeira, tanto quanto eu podia e passei meus braços em volta do meu peito. Eu não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Meu estômago estava revolto e meu coração estava disparado... mas uma parte de mim queria saber tudo. Eu precisava de detalhes para que eu pudesse tentar fazer sentido da coisa toda.

Ele me amava. Eu sabia que sim. Como ele pôde fazer isso?

— Eu fui no início da noite em um pub perto da minha casa. Eu estava sozinho. Eu estava sentindo falta de casa e papai tinha ido até mamãe dizendo que ele estava em apuros. Minha aulas estavam indo mal e eu tinha acabado de terminar os exames. — suas mãos estavam segurando gentilmente minhas coxas, seus polegares esfregando para frente e para trás em um gesto inconsciente. — Eu estava tendo uma semana de merda. Os homens de Den estavam nesse pub, e eu reconheci um deles. O local do IRA, não era alto nível, mas não era tão baixo também. Em algum lugar no meio. Eles pararam nessa mesa cheia de mulheres e eu não podia ouvir o que foi dito, mas uma das mulheres se levantou e saiu.

Ele engoliu em seco e seu peito começou a subir e descer como se ele não pudesse recuperar o fôlego.

— Eu a segui, — ele sussurrou, — Eu a parei para perguntar se ela estava bem. Ela me reconheceu, mas eu não a reconheci. Ela gostava de mim, eu poderia dizer por sua linguagem corporal que ela estava me olhando por um tempo. Era tão fácil. Eu não estava pensando claramente, eu mal me lembro de voltar para casa. Mas eu tinha visto aqueles homens no bar, e em meu cérebro confuso essa parecia à vingança perfeita. Eu queria punir aquele homem do bar – foder com eles da maneira que me foderam. Não significou nada! *Foi* um erro, mas foi *apenas* uma noite.

Eu apertei minha mandíbula, mas um ruído de dor ainda explodiu da minha garganta.

— Uma noite, mas não apenas uma vez, hein? — eu perguntei com a voz rouca, olhando para longe dele.

— Me perdoe, — ele implorou. — Por favor. Por favor. Eu te *amo,* só você. Me perdoe.

— Não.

Eu não olhei para ele, mas eu ouvi seu choro quando sua cabeça caiu em meus joelhos.

Capítulo trinta e cinco

PATRICK

Eu fiz o meu caminho para a grande casa em silêncio, a chave que Moira tinha me dado mal fazendo um som quando eu destranquei a porta da frente. Havia uma coisa que tinha que ser feita antes de eu ir embora da Irlanda para sempre.

Eu esperava algum tipo de guardas ou talvez até mesmo alguns cães de grande porte, mas tudo que eu encontrei quando eu fiz meu caminho através da casa foram quartos escuros e o zumbido baixo do forno. Eu sabia que ele estava lá porque seu carro estava estacionado na garagem, e me surpreendeu o quão pouco ele se importava com sua própria segurança.

Eu tinha certeza que ele acreditava que ele era intocável, e na maioria dos círculos ele foi provavelmente considerado assim... mas eu não tinha nada a perder. Eu estava indo para o outro lado do mundo em questão de horas, e em poucos dias as únicas pessoas com quem eu me importava estariam seguindo atrás de mim. A reputação dele não era mais relevante. Seus braços não poderiam me alcançar.

Fui silenciosamente até o quarto de Moira e encontrei a bolsa que ela tinha me dito que estaria debaixo da cama. Eu rapidamente localizei a caixa de música que sua mãe havia lhe dado quando ela criança e a enfiei no fundo da bolsa antes de puxar blusas e calças de sua cômoda. Quando cheguei às suas calcinhas, meu estômago apertou. Eu não deveria estar tocando nisso. Estava errado. Eu não deveria estar tocando nas coisas de qualquer mulher que não era da minha esposa.

Assim que eu terminei, eu deixei a bolsa de Moira do lado de fora da porta do quarto de Michael e entrei.

Ele estava dormindo em suas costas quando eu o encontrei, seus braços debaixo dos cobertores como uma criança e seu rosto tranquilo enquanto dormia. Parecia quase inocente, e era difícil imaginar que no minuto que ele acordava, ele pareceria um homem completamente diferente.

Eu dei um passo ao lado dele e rapidamente pulei na cama, prendendo seus braços para os lados com o cobertor que ele tinha tão gentilmente se enrolado. No momento em que meu peso o acertou, seus olhos se abriram e levou apenas segundos antes dele perceber que os cobertores e as minhas pernas tinha o prendido completamente.

— Você vai morrer por isto, seu fodido bastardo. — ele disse ameaçadoramente, tentando puxar os braços lentamente para fora dos cobertores.

Eu podia sentir ele se movimentando, mas eu não parei até ele se acalmar. Eu queria que ele sentisse isso. Eu queria que ele soubesse que ele estava preso.

— Não sabe por que estou aqui? — perguntei, abrindo minha lâmina antes de descansá-la na minha coxa.

— Aposto que a prostituta da minha irmã encontrou um jeito de sair de seu quarto, — ele rosnou, suas pernas começaram a chutar com os cobertores. Fui realmente muito ruim ele ter se enrolado desse jeito.

— Você quase matou a criança, — eu disse calmamente.

— Seu bastardo, você quer dizer?

Eu apertei meu punho em torno do punho da minha faca e me lembrei que eu ainda não tinha terminado.

— Você armou a explosão que matou meu pai?

Ele congelou debaixo de mim.

— Não era para matá-lo.

— Eu tinha chegado a essa conclusão eu mesmo.

— Era apenas um aviso.

— Um aviso que teria matado minha mãe.

— Nós estamos em uma guerra, Trick. Às vezes-

— Me poupe da sua retórica! — eu assobiei por entre os dentes cerrados. — Você matou meu pai e quase matou meu filho.

— Moira é minha irmã. É meu dever puni-la.

Ele acreditava nisso. Eu podia ver isso em seus olhos. Ele achava que espancar uma mulher quase até a morte era uma punição

aceitável, que estava tudo bem matar o cônjuge de uma pessoa como uma forma eficaz de te manter na linha.

Ele acreditava que os fins justificavam os meios.

— Immanuel Kant foi um filósofo, — eu comecei lentamente enquanto ele me observava em confusão. — Ele acreditava que as pessoas devem ser vistas como fins, não meios.

Fiz uma pausa e observei enquanto ele tentava entender a mudança da direção da conversa. Ele estava nervoso e com medo e começou a tremer debaixo de mim.

— Só por essa razão, vou te permitir rezar.

— O quê? — ele perguntou em horror.

— Pedir perdão.

Seus olhos se arregalaram de medo quando ele congelou por um longo momento.

— Pai nosso, — ele soluçou, — que estais nos céus-

Eu cortei suas palavras e seu pescoço com um profundo golpe de minha faca de orelha a orelha. Então eu desci da cama e limpei minha lâmina no canto de seus lençóis.

Pela primeira vez, eu não senti um pingo de remorso, e eu me perguntei brevemente quando eu me tornei um monstro. Então eu fiz o meu caminho de volta para fora, trancando a porta da frente e subindo em minha moto para que eu pudesse ir para casa.

* * *

Eu estava sentado sozinho na casa em silêncio por um longo tempo depois que eu voltei. Eu tinha fodido tanto que eu sabia que alguma chance de endireitar a minha vida tinha completamente desaparecido. Eu nunca iria pisar em meu país novamente, eu tinha pouco dinheiro para começar uma nova vida, e a minha mãe e minha esposa me odiavam.

Eu não podia culpar Amy pela sua raiva. Uma má decisão, um erro, e eu tinha quebrado toda a confiança entre nós. Não importava que ainda não tivéssemos feito nenhuma promessa um para o outro. Eu

sabia na manhã depois da minha noite com Moira que eu tinha cometido um erro terrível, mas tinha sido tarde demais para corrigir isso.

Queria saber se Amy teria me perdoado se eu tivesse dito a ela depois que tinha acontecido. Talvez ela tivesse brigado comigo e eventualmente me perdoaria - eu nunca vou saber. Mas eu sabia que se eu tivesse a chance de voltar e dizer a ela, eu ainda não faria.

Ela não teria se casado comigo. Ela teria feito às pazes comigo, mas isso levaria tempo, o tempo que não tínhamos. Porque Moira aparecendo na minha porta, grávida do meu filho era inevitável. E quando isso acontecesse, eu teria perdido Amy de qualquer jeito.

Eu aceitei conforto no fato de que Amy e eu já tínhamos feito nossos votos. Eu tinha um poder sobre ela que era inquebrável. Me deixou um pouco nervoso que estávamos indo para os Estados Unidos, onde as pessoas pareciam se divorciar por um capricho, mas eu não achava que ela poderia conseguir um sem o meu consentimento, então eu tentei não me preocupar.

Eu tinha assuntos mais urgentes com que me preocupar.

Eu estava deixando o país de origem para construir uma vida em um lugar que eu nunca estive, com uma mulher que eu mal conhecia, mas estava carregando o meu filho, e eu tinha que deixar minha esposa e mãe para trás. Eu mal tinha dormido.

Amy e minha mãe estavam dormindo juntas no quarto de minha mãe e Moira estava dormindo na cama que eu nunca iria compartilhar novamente com minha esposa. Esse conhecimento fez minhas entranhas apertarem em vergonha.

Minha esposa não tinha merecido ser puxada para dentro dessa bagunça. Eu tinha mantido muito dela tentando protegê-la sem ela saber que estava subindo a bordo de um navio afundando, e a parte mais horrível era que eu não teria voltado atrás e mudado isso.

Eu sabia que ela merecia mais, mas eu nunca desistiria dela.

— Mãe, — eu chamei, caminhando lentamente para o quarto dela. — Acorde, é hora.

Eu fiz o meu caminho para o lado de Amy da cama, e escovei o cabelo para longe de seu rosto. Lágrimas secas tinham feito alguns fios grudarem em suas bochechas, e quando eu os puxei para longe, eu me inclinei para beijá-la.

Ela não teria me deixado tão perto se ela estivesse acordada, e eu não senti vergonha por tomar o que eu podia.

— Que horas são? — ela perguntou sonolenta, antes de endurecer onde ela dormia.

— Passou das três. Precisamos ir, — eu respondi, as palavras como lâminas invisíveis cortando a minha boca.

Parecia errado deixá-la. Tudo isso parecia errado. Eu não poderia dizer se era só porque eu odiava estar longe dela ou se meus instintos estavam tentando me dizer algo. A ansiedade me fazia suar.

— Ela está acordada? — minha mãe perguntou quando ela saiu da cama, seu tom uma indicação clara de quem era a 'ela' que ela estava se referindo.

— Ainda não.

— Melhor ir acordá-la.

Eu balancei a cabeça, mas não conseguia me forçar para longe de Amy. Parecia errado. Minha cabeça estava gritando para eu fazer alguma coisa, mas eu não sabia o que. Cristo, eu me senti como se estivesse sendo dividido em dois.

Amy se afastou para a beira da cama, e eu tive que dar um passo para trás para que ela pudesse sair de debaixo dos cobertores. Quando ela se levantou, ela murmurou algo sobre se vestir e pegou uma pilha de roupas da cômoda da minha mãe antes de dar a volta por mim e caminhar até o banheiro.

Eu escovei meu cabelo para longe do meu rosto e a segui para fora do quarto. Eu precisava entrar em movimento. O navio que estávamos indo não iria esperar e eu não tinha dado a Moira tempo suficiente para se preparar.

— Ei, acorda, — eu disse suavemente, estendendo a mão para apertar suavemente o ombro de Moira. — É hora de ir.

Eu expliquei o nosso plano no dia anterior em uma das raras ocasiões em que Moira tinha estado acordada para discutir o assunto. Ela parecia dormir demais, mas Doc me assegurou que era normal. Entre a gravidez e a surra que ela tinha tomado, ela precisava do descanso extra. Até agora, o bebê estava seguro e após as primeiras vinte e quatro horas eu tinha começado a sentir uma mistura de alívio e... eu não poderia dizer que era decepção. Isso não estava certo.

Eu nunca ficaria feliz pelo meu filho morrer, não importa como ele foi concebido. No entanto, quando ela continuou sem nenhum sinal de um aborto, eu finalmente percebi que não havia como voltar atrás. Esta mulher que parecia tão boa, inteligente e bonita quando eu a conheci ia realmente ter o meu filho... E eu não a amava. Nem mesmo um pouquinho.

E a mulher que eu amava mais do que a vida não me daria meu primeiro filho do jeito que eu tinha sonhado.

— Patrick? — Moira chamou quando eu continuei a agitar seu ombro. — É hora de ir?

— Sim, — eu respondi, olhando por cima do seu rosto machucado quando eu acendi a luz. — Como está sentindo?

— Como um lixo, — ela sussurrou, rolando para o lado antes de cautelosamente se levantar. — Eu sinto muito por tudo isso, Patrick. Eu não sabia que você era casado ou eu não teria vindo.

— Não é culpa sua, — eu a tranquilizei, me sentando na beirada da cama. — Eu não era casado quando eu conheci você. Ainda não tinha proposto.

— Você foi rápido.

— Eu teria casado com ela no dia que propus.

— O que nós vamos fazer?

— Eu não tenho nenhuma ideia. — eu esfreguei as mãos sobre os olhos cansados. — Vamos para Oregon, lá podemos resolver tudo isso.

Eu não percebi o quão perto estávamos sentados ou como ficaria, até que ouvi a minha mulher limpar a garganta da porta.

— Eu esqueci uma camisola, — Amy murmurou, desviando os olhos quando ela entrou no quarto.

Saltei do meu lugar na cama, mas o estrago estava feito. Ela não olhou para mim enquanto ela puxava a roupa da nossa cômoda. Suas mãos tremiam, mas ela nos ignorou enquanto a víamos vasculhar suas coisas até que ela encontrou o que estava procurando.

Eu já tinha arrumado minhas coisas em uma mochila que estava no final da cama, e enquanto ela caminhava de volta para fora do quarto, eu peguei a mochila e a atirei por cima do ombro para segui-la.

— Eu te trouxe o que você pediu, — eu a disse Moira, que estava olhando para mim com desculpas nos olhos. — Nós vamos ter que te comprar algumas roupas novas, uma vez que chegarmos onde nós estamos indo. Você não vai caber nisso por muito mais tempo. — fiz um gesto para a bolsa perto da porta.

— Obrigada, — ela sussurrou. Eu balancei a cabeça uma vez e tentei sorrir, mas eu tinha certeza que mais parecia uma careta.

Quando era finalmente hora de partirmos, meu corpo inteiro estava tenso. Uma parte de mim queria dizer a Amy para fazer a mala - que ela estaria indo com a gente. Mas eu não podia deixar minha mãe sozinha, não importa o quanto eu quisesse Amy comigo.

Ela estava do outro lado da sala com Vera e elas estavam se abraçando em um adeus com promessas para ver uma à outra em breve. Eu estava feliz que ela tinha feito uma boa amiga, e ainda mais feliz que sua nova amiga estaria em Oregon com a gente.

— Eu vou levar Moira, — mamãe disse, olhando para Charlie, que estava de pé na porta da frente. Então ela se virou totalmente para mim e usou as duas mãos para puxar o meu rosto para o dela. — Vejo você em poucos dias. Eu te amo, mesmo você sendo um idiota. — eu senti um nó se formar na garganta quando ela me beijou rapidamente nos lábios, e eu a puxei para um abraço apertado. — Tudo vai acabar bem no final, — ela sussurrou em meu ouvido. — Você vai ver.

Com um tapinha rápido nas minhas costas, ela me soltou e levou Moira, Vera e Charlie para fora da porta, me deixando sozinho com Amy.

Nós ficamos sem jeito de frente para o outro e eu não sabia como atravessar o buraco entre nós.

— Vejo você em uma semana, certo? — eu perguntei a ela, quebrando o silêncio.

— Sim, vai ser bom estar em casa novamente, — ela respondeu desconfortável.

Foda-se isso.

Eu dei um passo para frente e agarrei seus braços, puxando-a contra mim antes que ela pudesse protestar. Envolvendo uma mão firmemente ao redor da cintura dela, eu envolvi a outra na base do pescoço para que eu pudesse puxar seu rosto para o meu.

— Uma semana, — eu disse, minha voz rouca. — Vejo você em uma semana, e depois nós vamos tentar resolver isso.

— Eu não tenho certeza se há qualquer coisa-

Me recusei a ouvi-la me dizer que não poderia ser resolvido e eu parei suas palavras com a minha boca. Ela endureceu quando meus dentes agarraram a parte carnuda de seu lábio inferior, mas eu não parei, e logo ela estava relaxando contra mim e deslizando as mãos sob a parte de trás do meu casaco para segurar a camiseta por baixo.

— Eu amo você, — eu disse asperamente antes de pressionar minha língua em sua boca. — Nós vamos resolver as coisas quando chegarmos na América.

Lágrimas começaram a rolar lentamente por suas bochechas, e eu estremeci. Como diabos eu deveria deixá-la?

— Nós vamos resolver isso, — ela concordou, levando as mãos para cobrir meu rosto. — Eu te amo tanto.

— Eu amo você também. Minha bela esposa, — eu gemi de volta, agradecendo a Deus que tudo o que eu tinha dito, finalmente tinha chegado até ela.

Eu iria encontrar uma maneira de ganhar de volta a confiança dela. Eu precisava. Não havia outra opção.

Eu a amava mais do que qualquer outro coisa na Terra - mais do que minha mãe, mais do que eu. Eu faria o que fosse preciso, saltaria através de tudo o que eu poderia, imploraria de joelhos, se eu tivesse que fazer.

Eu não permitiria que ela se afastasse de mim.

— Você tem que ir, — ela sussurrou dolorosamente, correndo um dos seus dedos sobre minha sobrancelha. — Vejo você em uma semana.

— Seja cuidadosa. Eu cuidei do irmão de Moira, mas você ainda precisa ter cuidado, sim? — eu a beijei fortemente. — Eu não quero te deixar.

— É apenas uma semana, — ela me tranquilizou e eu não tinha certeza de como nossos papéis haviam se tornado tão invertidos, pois era ela que estava me confortando. — Isso não é muito tempo.

— Trick, precisamos ir, cara. — Charlie chamou, estalando sua cabeça dentro da porta da frente.

— Eu amo você, — eu disse novamente às pressas. — Se eu chegar lá antes de vocês saírem, eu vou ligar.

— Tudo bem, — disse ela, balançando a cabeça, mesmo quando a beijei. — Agora vá. — ela colocou as mãos contra o meu estômago e me empurrou, mas eu imediatamente agarrei seu cabelo com as duas mãos e a puxei de volta, beijando-a com dureza.

— Trick! Vamos. — Charlie chamou novamente.

Eu puxei minha boca de Amy e deixei soltei as minhas mãos de seu cabelo. Eu sabia que se eu a segurasse por um segundo a mais, eu não iria sair. Eu foderia com tudo, porque eu iria me recusar a dar um passo para longe dela.

Peguei minha mochila do chão e a joguei sobre meu ombro antes de olhar para a mulher que segurava meu mundo inteiro em suas mãos. Seus braços estavam envolvidos em torno de sua cintura, e seus ombros estavam amontoados quase até as orelhas enquanto ela se encolhia contra a parede, observando cada movimento meu. Eu quis voltar para ela. Tudo em meu corpo estava gritando para eu voltar para ela novamente, mas eu sabia que não podia.

Em vez disso, eu acenei para ela e franzi os lábios em um beijo antes de virar minhas costas e caminhar em direção à porta.

Eu não olhei para trás novamente. Eu não tinha a força de vontade.

Anos mais tarde, eu me perguntei o que eu teria visto em seu rosto se eu tivesse olhado para trás apenas uma vez.

Capítulo trinta e seis

AMY

Foi o meu último turno, embora ninguém no pub soubesse disso. Três dias se passaram desde que Patrick tinha ido, e embora eu sentisse falta dele, eu também me senti um pouco dormente sobre tudo. Eu tive que puxar toda essa dormência em torno de mim como um manto. Pensar em Patrick sozinho com Moira me fez querer gritar e rasgar meu próprio cabelo. Era uma agonia... então eu não pensei nisso. Tarde na noite seguinte, Peg, Doc e eu estaríamos indo para o navio que nos levaria para os EUA e a meu marido, que eu tinha certeza que estava esperando impacientemente para a nossa chegada.

Eu não estava nervosa, não realmente, mas eu tinha essa energia estranha correndo através do meu corpo a noite toda e me fez sentir como se eu fosse saltar da minha pele. Intuição? Talvez. Mas eu não poderia dizer se era porque estávamos indo em um barco no meio do oceano por dias, ou se era porque eu estava tão ansiosa para ver Patrick novamente.

Eu ainda estava tão zangada com ele.

Eu tinha tantas emoções diferentes desde que ele foi. Eu estava com raiva, triste, confusa, nervosa... Com ciúmes. Deus, parecia que o ciúme iria me comer de dentro para fora.

Eu odiava Moira por tirar a única coisa que eu sabia que eu poderia dar a Patrick, a única coisa reservada para mim e apenas eu. Ela estava tendo um filho dele. *Seu filho.* E lá estava eu, após meses de casamento com nada na minha barriga, além de uma massa fervilhante de emoções. Não era justo.

Eu sabia que a vida não era justa, é claro que eu sabia. Mas toda a situação com Moira era demais para eu aguentar. Eu queria chorar e gritar e arranhar as erupções que se tornaram uma constante lembrança da infidelidade do meu marido cada segundo de cada dia. Em vez disso, eu continuei vivendo como se nada estivesse errado e eu puxei esse manto de dormência mais apertado em volta de mim.

Debaixo de tudo, eu sentia tanta falta dele. Tê-lo na faculdade não era nada em comparação de saber que ele estava em algum lugar do Oceano Atlântico. Eu não tinha nenhuma maneira de contatá-lo.

Minha noite estava quase no fim, e eu estava pensando sobre as coisas que eu precisava embalar enquanto eu carregava o lixo para fora pela porta de trás do pub. Eu tentei ignorar o formigamento na parte de trás do meu pescoço enquanto eu levantava a tampa da caçamba de lixo e joguei o saco de lixo, mas alguma coisa tinha me atingindo.

Então tudo ficou preto.

* * *

Eu acordei amarrada a uma cadeira no meio de uma sala de estar que eu nunca tinha visto antes, diante de um homem sentado em um sofá florido. Ele parecia familiar, mas eu não sabia como, e eu tive dificuldade em concentrar meus olhos, porque a minha cabeça latejava a cada batida do meu coração.

— Você finalmente acordou, — disse ele calmamente, sentado completamente imóvel, exceto pela forma em que seus lábios se moviam quando ele falava. Eu abri minha boca para responder, e é aí que eu percebi que havia algo em volta da minha cabeça e puxei com força entre os dentes.

— É um cinto em sua boca, — ele comentou quando os meus olhos ficaram enormes na minha cara. — Assim você não vai morder sua língua.

Por que diabos eu iria morder minha língua? Onde eu estava? Oh, Deus, era como qualquer filme de terror que eu já vi. Não vá por o lixo para fora sozinha, sua idiota! Corra para o outro lado!

— Amy Gallagher. Esposa de Patrick Gallagher, o Carniceiro de Dublin. — ele finalmente se inclinou para frente para descansar os cotovelos sobre os joelhos. — Eu estive esperando para falar com você.

Eu tentei resmungar de volta que eu não sabia quem ele era ou o que diabos ele estava falando, mas as palavras saíram como um monte de balbucios. Eu não sei por que ele queria falar, mas eu falaria com ele sobre o que ele quisesse se isso significava que ele me deixaria ir.

Eu não estava pensando em fugir - eu sabia que eu estava presa. Mas talvez se eu lhe desse o que ele queria, ele não iria me machucar. Talvez ele me deixar ir. Me agarrei a esperança disso quando ele levantou um dedo como se eu devesse esperar, e saiu da sala.

Quando ele voltou, ele estava carregando um martelo, uma tesoura, e um par de alicates.

— Eu posso ver porque Trick te queria, — disse ele em tom de conversa, puxando uma pequena mesa à direita da minha cadeira e colocando as ferramentas em cima dela. — Você é bem bonita. Não como minha noiva, mas são poucas mulheres tão bonitas como ela.

Meus olhos seguiram seus movimentos enquanto eu mal respirava, e com a menção de sua noiva, meus olhos dispararam para a porta.

— Oh, ela não está aqui, — comentou ele, pegando o movimento dos meus olhos. — Eu não tenho certeza de onde ela está nesse momento.

Ele puxou uma cadeira da cozinha e se sentou tão perto que nossos joelhos se tocaram. — Eu estava esperando que você pudesse me ajudar com isso. Acene se você gostaria de me ajudar, — ele ordenou com um sorriso.

Eu balancei a cabeça freneticamente, disposta a fazer qualquer coisa para ele me deixar ir. Ele queria que eu o ajudasse a encontrar sua noiva? Eu procuraria eu mesma.

— Maravilha, — disse ele, chegando por trás do meu cabelo para afrouxar o cinto suavemente e puxar para baixo até que ele estava descansando contra a minha clavícula. — Quer um copo de água? — eu balancei a cabeça novamente, enquanto eu tentava umedecer minha boca com saliva. Minha boca estava tão seca que a minha língua estava furando o topo da minha boca.

— Pronto, assim é melhor, — disse ele, depois que ele levantou um copo de água na minha boca. — Estou tão feliz que você vai me ajudar. Isso faz tudo mais fácil.

Ele colocou a água em cima da mesa e depois se virou para mim novamente.

— Onde está Moira? — ele perguntou, estendendo a mão para correr os dedos pelo meu cabelo.

Seus dedos travaram nos emaranhados do meu cabelo e eu tremi em repulsa quando o pânico me bateu mais forte e mais rápido do que já tive na minha vida. Por um momento eu estava completamente em silêncio enquanto eu fiquei boquiaberta. Isso era por causa de *Moira?*

— Eu não sei, — eu respondi honestamente. Eu não tinha certeza se eles ainda estavam no oceano, onde eles estavam no oceano, ou mesmo se eles tinham chegado na Carolina do Norte.

Ele fez um barulho com a boca, e eu percebi então que eu deveria ter perguntado quem era Moira. Ao responder a maneira que eu tinha, ele sabia que eu sabia alguma coisa.

— Por favor, por favor, eu não sei, — eu implorei rapidamente quando ele se levantou e pegou a tesoura da mesa.

— Toda vez que você mentir, você vai ser punida, — ele respondeu, agarrando o meu cabelo e puxando até que meu pescoço estava arqueado nas costas da cadeira. Eu lutei para trazer a minha cabeça para frente, mas tudo o que fez foi meu pescoço doer mais.

Ele começou a usar a tesoura no meu cabelo e, embora eu estivesse aliviada que ele não estava me machucando, eu não conseguia parar os soluços histéricos de sair da minha garganta. Eu não podia ver o quanto ele cortou, mas eu podia sentir a borda fria da tesoura contra o meu couro cabeludo uma e outra vez, e quando ele terminou, eu realmente podia sentir o ar fresco contra a coroa da minha cabeça.

— Isso não foi tão ruim, — ele repreendeu, se sentando calmamente na minha frente novamente quando ele descartou a tesoura. — O Açougueiro fez uma visita a Michael, sabe disso? Deixou uma mensagem, por assim dizer, então eu sei que ele a tem em algum lugar, então eu tenho certeza que você sabe onde ele está. Talvez você até mesmo esteja sentindo um pouco furiosa com o bastardo dele na barriga dela? Então, por que você não me diz, hmmm? Onde está Moira?

— Eu não sei! Eu juro que não, — eu disse a ele, olhando diretamente em seus olhos. Suas pupilas eram como alfinetes, e de repente eu estava com medo de que ele não era apenas um louco e irritado, mas que ele estava usando alguma coisa também.

Ele suspirou profundamente, e eu assisti em terror quando ele puxou a mesa para que ele e deslizou sob minha mão esquerda, entre o braço da cadeira e os meus dedos. Ele moveu suas ferramentas de volta,

ajeitando elas no lugar. Quando ele pegou o martelo, eu senti todo o meu corpo congelar em terror.

Eu não o vi bater no meu dedo indicador. Quando ele levantou o martelo, eu instintivamente fechei meus olhos contra o que eu sabia que aconteceria.

Não mudou porra nenhuma, no entanto. Eu ainda senti o frio metal esmagar o osso quando eu mordi a língua e, em seguida, gritei, sangue escorrendo da minha boca e embaixo do meu queixo quando eu perdi todo o controle da minha bexiga.

Eu nunca tinha sentido essa dor antes. Ela estava se irradiando pelo meu braço em ondas que eu não podia controlar, e quando eu tentei enrolar minha mão em um punho para proteger os outros dedos, sua grande mão bateu em cima da minha, me fazendo uivar novamente.

— Onde está Moira?

— Eu não sei, — choraminguei, tentando me afastar dele e fazer a cadeira balançar debaixo de mim. Eu estava desesperada, puxando e torcendo contra minhas amarras, mas elas se mantiveram firme.

Eu nem estava tentando protegê-la. Naquele momento, eu teria dado ao homem as coordenadas dela e de Patrick se eu soubesse - mas esse era o problema. *Eu* não sabia onde eles estavam, e eu estava com tanta dor que eu não podia ver além da interpretação literal das suas palavras.

O martelo bateu novamente no meu dedo médio, e eu gritei em agonia, mais uma vez, mas quando ele perguntou de novo onde estavam, eu lhe dei a mesma resposta.

O próximo dedo era tão pequeno que, quando ele mirou e bateu, senti a junta se romper.

Sua pergunta nunca vacilou, e nem a minha resposta. Eu o senti colocar meu dedo menor e mais delicado em cima da mesa, e eu estava tão atordoada pela dor que eu nem sequer lutei com ele. Minha cabeça estava rolando na parte de cima da cadeira enquanto eu rezava para perder a consciência.

Eu não perdi.

O martelo caiu novamente.

Quando ele soltou a corda em volta do meu pulso para que ele pudesse colocar meu polegar na mesa, ele finalmente fez a pergunta certa.

— Onde é que ele a levou? — sua voz ainda estava calma, mas eu podia ouvir a frustração por trás dele. Eu assisti calmamente enquanto ele apertava a corda em volta do meu pulso novamente.

— Carolina do Norte, — eu murmurei, finalmente, vendo pontos pretos dançando ao redor das bordas da minha visão.

Eu estava perdendo o foco em seu rosto, mas eu notei quando ele começou a ficar vermelho e as veias do seu pescoço começaram a inchar. Eu não vacilei quando ele lançou o martelo do outro lado da sala, ou no som que ele fez quando ele acertou a parede.

Eu também não me mexi quando eu percebi que ele estava me desamarrando da cadeira. Eu mal me encolhi quando ele me colocou no chão e puxou minha calça jeans e calcinhas molhadas pelas minhas pernas. E quando ele me deixou lá, nua da cintura para baixo e segurando a minha mão quebrada no meu peito, eu finalmente, felizmente, desmaiei.

Eu não tenho certeza quanto tempo eu fiquei no chão, mas eu acordei com ele murmurando. — Nojento, — e algo sobre olho por olho quando ele usou uma toalha molhada para me limpar. Minha mão ainda estava enrolada frouxamente contra o meu peito e eu não conseguia me concentrar em qualquer outra coisa, exceto na dor. Ele estava limpando todo o meu corpo, fazendo meu dentes baterem e minhas pernas tremerem contra o chão de madeira frio.

Eu mal notei quando ele me levantou do chão e me deitou no sofá. Eu estava à deriva em um espaço estranho onde eu tinha acordado brevemente para ver seu rosto lívido, e, em seguida, desaparecer novamente como se eu nem estivesse em meu próprio corpo.

Eu gostaria de pensar que eu teria lutado com ele se eu não tivesse estado tão fora de mim, mas eu não tinha certeza se eu teria. A memória do que ele tinha feito com a minha mão estava tão afiada, a dor tão intensa, que mesmo se eu tivesse meu juízo sobre mim, eu não tinha certeza se que eu teria tentado detê-lo.

Eu provavelmente teria ficado ali, exatamente como eu fiz, e choramingado quando ele empurrou dentro de mim. Doeu, mas não era nada comparado à agonia na minha mão.

Estava quase grata por isso - a dor e a desconexão - porque não me permitia me concentrar no triunfo em seu rosto, a forma como ele gemeu enquanto ele bombeava para fora e para dentro, ou a forma como ele colocou minha perna fraca sobre o dorso do sofá para que ele tivesse mais espaço para se movimentar enquanto ele mudava minha vida para sempre.

Tudo doía e eu queria Patrick.

Eu ouvi a porta da frente abrir, mas eu estava muito fora para prestar atenção quando o homem finalmente se afastou e me deixou espalhada no sofá.

Ele estava abotoando a calça jeans quando uma voz familiar chamou pela casa.

— Mãe, é você?

Passos ficaram mais perto, mas eu ainda não me mexi. Eu não senti nada. Eu estava completamente insensível, além da dor que havia se arrastado todo o caminho até meu braço e tinha se estabelecido como um peso pressionando no meu peito.

Eu encontrei os olhos de Kevie com os meus olhos sem vida quando sua boca caiu em horror absoluto.

— Malcolm, o que em nome de Deus você fez?

Capítulo trinta e sete

AMY

Eu não me lembro como cheguei em casa e eu não me lembro da reação de Peg. Presumo que Doc enfaixou minha mão, mas eu não tinha nenhuma lembrança dele fazer isso, nenhuma.

A primeira coisa que me lembro foi de acordar na minha cama, enquanto Kevie me olhava de uma cadeira que tinha sido arrastada da nossa cozinha.

— Está acordada? — ele perguntou baixinho quando eu tentei me lembrar como eu tinha chegado lá.

Isso voltou para mim em flashes, as memórias se tornando mais e mais pesadas enquanto eu me enrolava ao meu lado e envolvi meu corpo de forma protetora ao redor da minha mão. Eu podia ouvir Doc e Peg falando na cozinha, o que me acalmou um pouco, mas meu rosto queimava com vergonha quando Kevie se inclinou para encontrar os meus olhos.

— Eu sinto tanto pelo que aconteceu, — disse ele, as mãos embrulhadas em um rosário como se eu tivesse interrompido as suas orações quando eu tinha acordado. — Meu irmão-

— Foi o seu irmão? — perguntei confusa, minha garganta doendo por gritar.

— Sim.

Meu corpo ficou tenso novamente enquanto eu observava suas feições mudarem para algo que se assemelhava a completa devastação.

— Não posso me desculpar o suficiente pelo que ele fez, — ele sussurrou, os olhos cheios de lágrimas. — Eu não sei que demônio tomou conta dele, mas eu temo que ele passou do ponto de qualquer ajuda.

— Você quis matá-lo? — eu perguntei curiosamente, surpreendentemente sentindo pena do homem.

— Claro que não, — respondeu ele, e todo o senso de solidariedade me deixou.

— O que você fez?

— Eu te vesti e te trouxe para casa, — ele respondeu, suas bochechas ficando vermelhas com a palavra 'vestir'.

— Onde está o seu irmão? — eu olhei para a janela. Patrick tinha me dito que ninguém chegaria perto de mim por causa dele, mas naquele momento eu não tinha certeza se eu acreditava nele.

— Eu acredito que ele ainda está na casa da nossa mãe. Ela está na casa da minha tia esse fim de semana.

— Era a casa de sua mãe?

— Sim.

— E você simplesmente o deixou lá, para quê? Assistir televisão? Fazer um jantar? Tomar uma cerveja?

— Eu tinha que te levar de lar. Sua mão-

O latejar da minha mão parecia se intensificar quando ele apontou para ela.

— Você disse a Peg onde você me encontrou? — perguntei em suspeita. — Peg! — eu gritei. — Peg!

— Não diga uma palavra! — ele sussurrou baixinho quando a ouvimos ela se mover em nossa direção.

— Você acordou! — Peg chorou quando ela veio para a cama, me puxando para cima lentamente e envolvendo os braços em volta de mim quando ela explodiu em lágrimas. — Meu pobre bebê.

Eu encontrei os olhos de Kevie por cima do ombro de Peg, e mal contive o tremor no brilho em seu rosto.

— O que aconteceu? — perguntei a Peg, nunca olhando para longe do rosto de Kevie.

— Você não se lembra? — ela perguntou, surpresa, em seguida, me abraçou ainda mais apertado. — Graças a Deus. Graças a Deus.

— O padre aqui diz que te encontrou no beco atrás do bar, — disse Doc, entrando na porta. — Diz ele que achou que você iria querer que ele te trouxesse de volta para casa em vez do hospital. — sua voz

estava atada com suspeita, e eu não poderia evitar o alívio que correu através de mim. Ele não acreditava nisso. Ele sabia que algo estava errado.

— Estou feliz que eu estava tomando aquele atalho para a casa de mamãe a partir da igreja, — disse Kevie, apertando sua mandíbula.

— Estou tão feliz por você estar em casa, — Peg sussurrou em meu ouvido: — O que eu teria feito? Minha pobre menina.

— Eu estou um pouco de fome, — eu menti, me afastando dos braços de Peg. — E eu realmente gostaria de tomar um banho.

— É claro! — ela se atirou da cama, empurrando meu braço. — Vou fazer café da manhã.

Ela saiu do quarto e me virei para Doc, que não tinha deixado seu posto. — Posso ter um minuto com Kevie?

Ele olhou para mim por um longo momento, e eu sinceramente pensei que ele ia recusar, mas, então, com um pequeno aceno de cabeça, ele saiu da porta.

— Por que você mentiu? — perguntei, sabendo pela sombra do lado de fora da porta que Doc não tinha ido longe.

— Se você tentar, — Kevie balançou a cabeça e enfiou as contas do rosário no bolso. — Não vá contra meu irmão, — ele advertiu, — você não vai sair ilesa.

— Eu não tenho nada a perder.

— Não pode honestamente acreditar nisso, — ele argumentou.

— Eu poderia mandar ele para a prisão.

— Você está delirando, — ele chiou inclinando para frente até que eu fui forçada a voltar ou nossos rostos se encontrariam. — A polícia em Ballyshannon não iria prendê-lo, sua idiota. Ninguém acreditaria em sua palavra sobre a de Malcolm. *Ninguém.*

— Mas eles acreditam em você. Você é um padre. Eles acreditariam em você. — eu apontei em silêncio, observando como seu rosto passou de uma expressão de súplica para completamente vazio de emoção.

— Eu não vou ajudar você a colocar meu irmão na prisão, — disse ele resolutamente, se levantando de sua cadeira. — Mantenha suas acusações para você mesma pelo seu próprio bem.

Ele saiu do quarto quando comecei a entrar em pânico.

Eu não tinha recursos. Não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer. Eu não podia ir à polícia, Patrick não estava lá, Charlie e Vera tinham ido embora... e eu teria que viver sabendo que a qualquer momento Malcolm poderia voltar para mim.

De repente, fui tomada por uma onda de repulsa e eu freneticamente empurrei os cobertores para longe do meu corpo com a minha mão boa. Enquanto eu me levantava da cama, a carne dolorida entre as minhas coxas queimou em protesto, e eu senti lágrimas queimarem as costas dos meus olhos. Eu cheirava à urina e sexo.

— Precisa de ajuda? — perguntou Doc, me olhando gentilmente.

— Eu quero tomar um banho. — eu levantei minha mão direita para correr através do meu cabelo, e foi quando eu finalmente lembrei que ele tinha ido embora. Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu olhava para Doc. — Eu esqueci, — expliquei, correndo os dedos levemente sobre o cabelo desigual sobre a minha cabeça. — Parece ruim, não é?

— Você não vai ganhar quaisquer concursos de beleza, — ele confirmou, — mas vai voltar a crescer. Cabelo não é nada que vale a pena se preocupar.

Eu abri minha boca para argumentar, mas qual era o ponto? Ele tinha ido embora.

— Eu vou raspar o resto, se você quiser. Deve ficar melhor do que ter ele pelas metades assim.

Acho que assenti com a cabeça, e eu não resisti quando ele me levou para o banheiro.

Eu nunca vou saber o que ele disse a Peg no dia em que ele foi me buscar analgésicos da cozinha, mas eu sei que ela nunca nos incomodou enquanto ele raspava minha cabeça com a navalha barata de debaixo da pia do banheiro. Ele foi cuidadoso. Suas mãos me tocaram o mínimo possível, e quando o faziam, era como se eu fosse quebrar a qualquer minuto.

Eu não sei por que eu não hesitei em Doc me ajudando a tomar banho. Talvez fosse porque ele me tratou como uma criança. Talvez fosse o ar de calma que ele exalava. Mais do que provável, eu ainda estava em estado de choque. Por alguma razão, eu não entrei em pânico uma vez que ele ligou o chuveiro e se sentou no assento do vaso sanitário para me ajudar a tirar a roupa.

Minha mão estava praticamente inútil; sempre que eu me mexia, eu tinha que me forçar a não ofegar de dor, então Doc tinha que fazer a maioria do trabalho. Depois que ele tirou minha camisa e sutiã, ele puxou minha calça para meus tornozelos e me ajudou a sair delas.

— Cristo! — ele assobiou quando ele tentou remover minha calcinha.

Comecei a tremer quando ele passou suas mãos grandes em torno dos meus quadris e baixou a cabeça para frente com tristeza.

— Eu pensei que talvez - mas então você não disse nada, então eu esperava, — sua voz estava tensa quando ele balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Eu deveria ter te despido enquanto você estava desmaiada, — disse ele a si mesmo. — Eu sabia.

Eu estava agradecida que ele não tinha me despido enquanto eu estava inconsciente. Quem sabe como eu teria reagido a isso com tudo o resto?

— Obrigada, — eu disse em voz baixa, colocando minha boa mão no topo de sua cabeça. — Obrigada por deixar minhas roupas.

— *Não* me agradeça! — suas palavras foram duras, mas suas mãos ainda eram gentis em meus quadris. — Desgraçadofilhodaputa!

Ele tomou uma respiração profunda e soltou lentamente enquanto eu ficava sem jeito na frente dele, e depois de alguns momentos, sua fachada calma estava de volta.

— Você – sua calcinha - o sangue, — ele respirou fundo, em seguida, começou de novo. — O sangue secou. Eu não tenho certeza o quanto você está machucada, mas sua calcinha está presa a sua pele com sangue, e eu não quero rasgar no caso de as coisas estarem ainda piores do que eu acho que elas são.

Meu estômago se virou e eu fiquei com medo de vomitar. Eu engoli em seco e acenei para ele para continuar.

— Eu vou te colocar no chuveiro assim para que a água possa lavar um pouco do sangue, — ele olhou para mim, para aceitação. — Mantenha sua mão fora do spray se você puder. Eu enfaixei bem, mas foda-se se eu sei se piorei a situação. Você provavelmente precisará de cirurgia, mas não podemos levá-la para um hospital maldito neste buraco. Se você molhar esses curativos, eu vou ter que trocar e isso vai doer como o inferno, ok?

— Eu não vou molhar, — eu assegurei a ele quando ele agarrou meu cotovelo para me firmar enquanto eu entrava na banheira.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com você, — disse ele após silenciosamente manter um olho em mim por alguns minutos enquanto eu deixava a água quente rolar sobre o meu corpo. — Eu deveria ter estado mais preparado. Eu sabia que alguma coisa parecia errada, mas eu pensei que você estaria segura no trabalho.

— Não é culpa sua, — eu disse sem rodeios.

— Eu deveria ter-

— Não é sua culpa. Você pode me ajudar a tirar isso agora?

Ele assentiu com a cabeça e pegou minha calcinha, puxando-as lentamente. Felizmente a água tinha feito o seu trabalho, e tudo que eu podia sentir era uma sensação de ardor quando ele se moveu pelas minhas coxas.

— Eu sei que você não quer fazer isso. Porra! — ele jogou a calcinha para fora antes de continuar, — Eu preciso verificar você, tudo bem? Eu preciso ter certeza de que você está bem aí em baixo.

Eu não achava que alguma coisa estava significativamente errada lá em baixo, mas eu não tinha nenhuma maneira de saber. Eu odiava o pensamento de Doc me ver - de alguém me ver. Isso fez a minha pele se arrepiar com repulsa. Ele estava sendo tão gentil, muito mais suave e apologético do que eu sabia que ele estava confortável, mas isso não impediu o meu estômago de torcer enquanto eu concordava.

Fiquei ali, um pé no lado da banheira, segurando em seu ombro para não cair, e corando com mortificação.

Tinha sido apenas algumas horas que o único homem que já me viu sem roupa tinha sido meu marido. Foi desmoralizante e degradante deixar Doc olhar para mim, mas eu sabia que tinha que deixá-lo fazer isso. Eu tinha estado sangrando. Sangrando. E seus olhos mostravam nada além de respeito e tristeza enquanto ele rapidamente me olhava.

Quando acabou, saí rapidamente do chuveiro e me enrolei em uma toalha.

Em algum momento depois eu iria querer morrer de vergonha, eu ficaria com raiva. Então, muito, muito zangada.

— Sinto muit-

— Pare de dizer isso! — eu respondi. Doc era inocente, ele não merecia a minha ira.

— Vá comer e depois durma um pouco, — disse ele calmamente, abrindo a porta do banheiro para que eu pudesse sair. — Nós temos que estar prontos para irmos as dez.

Eu parei abruptamente na borda da sala de estar quando Peg me chamou a atenção do seu lugar na cozinha.

— Eu não vou para a Carolina do Norte, — eu informei a ambos. — Eu tenho dinheiro escondido. É o suficiente para eu comprar algumas passagens de avião para os EUA, se qualquer um de vocês quiser ir comigo.

Eu olhei para Doc. — Muito obrigada por sua ajuda hoje. Eu não sei o que eu teria feito se você não tivesse estado aqui, e nada disso é culpa sua.

Me virei para onde Peg estava caminhando lentamente em direção a mim. — É culpa de Patrick, — eu disse, e vi o seu rosto cair. — Eu não quero vê-lo novamente nunca mais.

* * *

Eu andei devagar para o meu quarto e comecei a me vestir e embalar rapidamente, ansiosa para ir embora de lá. Nós saímos para o aeroporto uma hora mais tarde, e eu carreguei nada comigo além da mochila que eu tinha usado para ir para a escola, cheia de roupas e o maço de dinheiro que eu tirei do meu esconderijo.

Peg decidiu que ela iria comigo, mas Doc disse que precisava ir de navio para que ele pudesse atender Ham e o resto dos caras na Carolina do Norte. Eu não me importava.

Eu estava disposta a ir sozinha, mas uma parte de mim estava feliz que eu teria Peg lá. Ela cuidou de todos os arranjos, comprou os bilhetes para Nova York com o dinheiro que eu tinha escondido na minha gaveta de meias. Ainda bem que ela e Doc estavam tão dispostos a intervir por mim. Era realmente muito bom.

Porque no momento em que eu tinha anunciado que Patrick era culpado por tudo o que tinha acontecido comigo, eu vim para a terrível constatação de que era verdade. Era absolutamente verdade. E foi demais para eu lidar com isso além de todas as outras coisas que eu tinha sofrido durante a semana passada.

Eu não falei nada pelo resto do dia.

Não no avião para Nova York, ou quando Peg tentou discutir aonde nós iríamos a partir daí.

Eu ainda não tinha falado quando subimos em um ônibus Port Authority no nosso caminho para o Texas, ou quando Peg nos alugou uma pequena casa nos arredores de Austin com o dinheiro que Robbie lhe tinha dado apenas alguns dias antes de morrer.

Eu não falei por meses.

Nem uma palavra.

Minha voz estava congelada na minha garganta. Eu não tinha mais nada em mim para dizer.

Capítulo trinta e oito

PATRICK

Eu estava praticamente vibrando com empolgação quando nós puxamos nossas motos no estacionamento do pub aonde iríamos nos encontrar com Doc e as mulheres. A última semana e meia tinha sido um inferno, e eu estava ansioso para acabar logo com isso.

Moira tinha vomitado como merda toda a viagem, e eu tinha sido desconfortável como o inferno tentando confortá-la, mantendo uma distância adequada. Era uma situação estranha nos encontramos, e eu não podia evitar me sentir muito triste por ser esta mulher que estava carregando o meu filho. Ela não merecia ficar sozinha com um grupo de pessoas que mal conhecia, especialmente quando a única mulher que poderia ter ajudado se recusou a dizer uma palavra em sua direção.

Fiquei contente que Vera era tão fiel à minha esposa. Mas eu queria mata-la por se recusar a sequer reconhecer Moira quando ela estava tão doente. Eu tinha sido impotente em fazer qualquer coisa, além de falar baixinho com a pobre mulher e, ocasionalmente, esfregar suas costas até que ela caísse em um sono exausto. Mesmo que isso tinha feito a minha pele se arrepiar como se eu estivesse fazendo algo errado.

Não ajudou que eu mal dormi. Eu não podia - não sem os pesadelos me assolarem. Cada cenário - desde as coisas que eu tinha feito até as coisas que eu orei para nunca acontecer - tinham atravessado meus sonhos. Tinha sido mais fácil me manter acordado, mas depois de uma semana com apenas algumas horas de sono eu estava me sentindo um pouco confuso.

Nós tínhamos deixado Moira e Vera no nosso hotel enquanto nós íamos nos encontrar com as minhas mulheres, e eu esperava que sua interação forçada iria ajudá-las a encontrar um terreno comum. Infelizmente para todos nós, Moira iria ficar por perto por um longo tempo e eu sabia logo que Amy aparecesse que as coisas se tornariam ainda mais desconfortáveis. Eu esperava que talvez as coisas pudessem se estabelecer entre as duas mulheres antes de Vera vir

minha esposa novamente e sua lealdade ser trazida para o primeiro plano.

Minha esposa. Deus, eu sentia falta dela.

Eu mal podia esperar para por em minhas mãos Amy novamente. Parecia que eu estava esperando uma eternidade para ela chegar. Eu nem sequer me importei que ela tinha tido tempo para pensar e, provavelmente, ficou ainda mais com raiva de mim. Enquanto ela estivesse comigo, eu estava disposto a esperar uma vida inteira por seu perdão.

Quando nós caminhamos para o pub, a primeira coisa que notei foi o olhar sombrio no rosto de Doc. Meu estômago se apertou em apreensão quando eu percebi que ele estava sozinho.

— Onde elas estão? — eu gritei freneticamente, vasculhando o bar quase vazio.

— Patrick, — disse Doc.

— Onde está minha esposa?

— Calma, filho, — Ham advertiu, agarrando meu ombro. — Deixe o homem falar.

Meus dentes travaram, enquanto esperava ansiosamente Doc começar a falar novamente, e parecia que tinham se passado horas antes dele abrir a boca.

— Eles não estão aqui.

— Que porra está acontecendo? — eu gritei novamente, fazendo uma careta quando a mão de Ham cavou em meu ombro.

— Amy não vem, — disse Doc categoricamente. — Sua mãe não estava disposta a deixá-la ir sozinha, então ela foi com ela.

— Você as deixou na Irlanda sozinhas? — eu rugi, e antes que eu pudesse dar um único passo em frente, um enorme par de braços estava em volta de mim, me segurando no lugar.

— *Não,* você deixou. *Eu* as coloquei em um voo para Nova York antes de eu ir.

Meu corpo relaxou de alívio antes de enrijecer mais uma vez. — Eu tenho que ir, — eu disse freneticamente, tentando me afastar dos braços de Ham. — Eu tenho que ir.

— Elas não estão lá, — Doc me informou, me fazendo congelar. — Eu não tenho certeza para onde elas estavam indo de lá, mas sua mãe disse que Nova Iorque era muito caro. Ela disse para te deixar saber que ela ia escrever para o clube assim que ficasse resolvido.

Minha visão foi preenchida com vermelho quando Doc calmamente me disse que minha esposa e mãe estavam viajando sozinhas em um país que não conheciam. Nem sequer me ocorreu que a América era onde Amy se sentia em casa. A única coisa que eu poderia imaginar eram as duas pessoas mais importantes da minha vida sozinhas e com medo - em algum lugar, sem ninguém para ajudá-las ou protegê-las. Eu estava tão incrivelmente assustado e imediatamente virou uma raiva esmagadora em direção ao homem na minha frente.

O som que saiu de minha garganta era desumano, e eu saltei, levando Ham comigo quando eu fui para a garganta de Doc.

Eu estava fora antes mesmo de fazer contato.

* * *

— Você não tinha que me apagar, — eu disse a Charlie, quando eu peguei uma cerveja no bar. — Eu não o teria matado.

Charlie bufou ao meu lado. — Ele teria matado você, seu idiota.

— Vá se foder! Você é um idiota, você sabia disso?

— Eu não entendo metade do que você diz, você percebe isso, certo? — ele respondeu com uma risada. — Eu não estou brincando. O homem conhece a anatomia humana melhor do que eu conheço a buceta da minha esposa. Ele poderia matá-lo com um palito do caralho.

— O que de diabos eu faço? — perguntei em derrota, bebendo a cerveja diluída na minha frente. Cerveja americana era nojenta.

— É hora de ir para casa, cara, — Charlie me informou com um tapa nas costas quando ele se levantou. — Nada que você possa fazer neste buraco de merda, e sua mãe vai escrever para o clube, sim? Poderia ser que ela já enviou a carta. Não há como saber até chegarmos lá.

Eu balancei a cabeça, seguindo-o para fora do bar com as pernas bambas que eu tentei disfarçar.

Ninguém poderia saber como eu estava apavorado de nunca receber essa letra.

* * *

— Onde diabos está você, mãe? — eu disse ao telefone, tentando virar as costas para a sala lotada atrás de mim.

Fazia três semanas de agonia desde aquele dia no pub, e eu finalmente recebi uma carta naquela manhã no correio com um número de telefone onde eu poderia ligar para a mamãe. Ela não tinha dito nada sobre Amy, e eu rezei para que onde quer que estivessem, que pelo menos elas ainda estivessem juntas.

Eu estava furioso e assustado. Tudo era diferente em Oregon, as estradas do caralho, o dinheiro, até mesmo a linguagem. Cristo, todos nós falamos Inglês, mas havia uma grande diferença entre a forma como eu e eles falavam. A gíria era fodida, a cerveja tinha gosto de merda, e eu estava quase explodindo de preocupação.

— Não use esse tom comigo, — mamãe avisou, antes de suspirar. — Eu estou triste, isso está levando tanto tempo.

— Onde estão vocês?

— Eu adoraria te dizer, mas nós dois sabemos que na hora que eu disser, você estará a caminho para cá e eu não acho que agora é o melhor momento.

Eu gaguejei, totalmente pego de surpresa por suas palavras. Não é o melhor momento? O que diabos isso significa?

— Explique-se, — eu disse, olhando por cima do meu ombro para me certificar de que ninguém estava prestando atenção à maneira que eu estava me perdendo.

— Amy não está pronta para ver você.

— Ela é minha esposa, droga! — minha voz se levantou e eu podia sentir minhas têmporas latejando enquanto eu tentava me acalmar.

— Sua esposa não está falando. Ela não quer ver você, — respondeu ela em tom de desculpa.

— E você vai apenas jogar o jogo dela, não é? De que lado você está, mãe?

— Não me desafie, Patrick Gallagher! — a voz da minha mãe passou de calma para furiosa em um momento. — Você fez sua cama, e você sabe disso. Eu tenho uma menina de coração partido aqui que se recusa a falar, eu não tenho tempo para suas besteiras!

— Se recusa a falar? — perguntei, confuso pra caralho. — O que está acontecendo?

— Ela não disse uma palavra desde que deixamos a Irlanda, — ela respondeu, sua voz em silêncio novamente. — Eu não sei por que, mas-

— Me diga onde vocês estão, mãe. Me diga onde vocês estão e eu vou cuidar dela. — eu estava implorando agora, o medo na voz da minha mãe fazendo com que o meu coração corresse enquanto eu me lembrava de Amy quando eu a tinha encontrado na casa de seus pais, suja e com medo. Mesmo assim, ela me respondeu palavra por palavra. Eu não poderia imaginar nada que pudesse fazê-la parar de falar por qualquer período de tempo.

— Sinto muito, filho. Eu tenho medo de tornar isso pior.

— Mãe-

— Ligue novamente em alguns dias-

— Mãe!

— Eu amo você.

— Mãe!

Ela desligou e eu puxei o telefone para longe do meu rosto em descrença antes de jogá-lo contra a parede.

— PORRA!

Esfreguei minhas mãos sobre o meu rosto, em seguida, olhei para o telefone que estava pendurado pelo cabo encaracolado por cima da barra. Eu não poderia nem mesmo ligar de volta se eu quisesse; eu tinha esmagado a coisa em pedaços com minha raiva.

O que diabos estava acontecendo? Eu a deixaria pior? Eu era seu marido, porra! Eu a amava mais do que qualquer um em toda a porra da terra. Eu faria qualquer coisa por ela.

— Está tudo bem, Trick? — Moira perguntou em voz baixa, parando atrás de mim para colocar uma mão nas minhas costas.

— Não agora, Moira, — eu murmurei, me afastando.

Eu tinha que ficar longe deste lugar. Olhei para cima para ver metade da sala me olhando com curiosidade, e comecei a bater os dedos em um ritmo familiar contra a minha coxa. Eu percebi que todos eles estavam observando enquanto eu perdi minha cabeça e meu rosto caiu em uma máscara inexpressiva.

— Vamos dar um passeio, irmão. Sim? — Charlie chamou quando ele passou por mim, me batendo na parte de trás.

Sim. Isso era exatamente o que eu precisava.

O segui fora e subi na moto que Ham tinha me emprestado até que eu pudesse comprar uma.

Minha esposa estava sofrendo em silêncio em algum lugar e não queria nada comigo.

Foi o ponto mais baixo da minha vida.

Capítulo trinta e nove

AMY

Tive pesadelos.

Para ser completamente honesta, eles não aconteciam todas as noites. Eles só aconteciam nas noites que eu realmente dormia.

Eu era uma bagunça. Peg e eu tínhamos alugado uma casa pequena, não diferente daquela que tivemos na Irlanda, e eu mal tinha saído desde o dia em que nos mudamos. Eu só... não podia. Peg tinha encontrado um emprego muito rapidamente no departamento do produto da mercearia local, o que significava que tínhamos dinheiro para viver, mas eu? Eu mal contribuía.

Eu cozinhei e limpei como uma dona de casa, mas eu mal conseguia andar para fora para pegar a correspondência no final da calçada. Sempre que eu pisava lá fora, parecia que eu estava sendo vigiada. Logicamente, eu sabia que as chances de Malcolm me encontrar na pequena cidade do Texas eram quase impossíveis. Nós tínhamos nos mudado tantas vezes que o FBI teria dificuldade em identificar a nossa localização.

No entanto, o medo não era lógico - não era facilmente esquecido ou empurrado para o passado. Em vez disso, todos os dias eu tinha que me esforçar um pouco mais. Eu iria até a loja com Peg, ou para a biblioteca para buscar livros. Eu saia para a varanda, enquanto Peg estava no trabalho e contava até sessenta, em seguida, cem, então eu colocava o timer no fogão por cinco minutos, correndo de volta para dentro com o coração correndo e as palmas suadas assim que a contagem designada havia terminado.

Eu nem sequer *tinha a mesma aparência.* O peso que eu tinha perdido na minha miséria aguçou minhas maçãs do rosto, minha mão ainda estava enfaixada porque eu não podia suportar olhar para ela, e... meu cabelo. Ele tinha começado a crescer novamente, o que me fez parecer um pouco menos como uma aberração, mas era cinza. Cada fio tinha crescido cinza. O envelhecimento prematuro deve ter sido

genética, mas eu não podia evitar me sentir uma mutação causada por trauma. Eu mal podia me olhar no espelho. Era um sinal físico de que eu nunca seria a mesma novamente. Eu odiava o jeito que eu parecia, odiava a maneira que eu não conseguia superar meus medos e memórias. Eu odiava a forma como os meus dedos latejavam em algum tipo de dor fantasma, dor que eu nem sequer lembrava de ter quando eu tinha perdido dois deles quando criança.

Peg não tinha ideia de como me ajudar. Eu acho que ela deveria ter se sentido tão perdida quanto eu. Ela não me mimava, esse não era seu estilo, mas ela nunca me empurrou também. Ela estava lá, pronta para qualquer coisa que eu precisasse e disposta a fazer tudo o que podia para ajudar. Ela continuou a falar comigo como se eu fosse normal, como se eu tivesse alguma opinião sobre qual cama comprar na loja local - que eu tinha ido antes da agorafobia aparecer - ou o que eu gostaria para o jantar, mesmo embora eu nunca respondesse a ela.

Ela tentou. Deus sabe que ela tentou.

Fazia dois meses e meio desde que tínhamos deixado à Irlanda e eu não tinha falado uma única palavra desde aquele dia.

Meu corpo estava se curando, mas minha mente parecia estar presa naqueles primeiros dias após o ataque. Certas coisas me desligavam, como a viagem para a loja de ferragens a alguns quarteirões de distância, ou o sofá floral que Peg encontrou em um estaleiro de venda gratuitamente.

Então, inesperadamente, Peg decidiu tentar algo de diferente para chamar minha atenção. Ela tinha ouvido alguns trabalhadores discutindo que uma senhora fazia acupuntura para tratar de tudo, desde eczema à pressão arterial elevada. Eu não tinha certeza se ela achava que eu iria recusar com o pensamento de algum estranho furar dezenas de pequenas agulhas no meu corpo para me fazer falar, ou se ela pensou que iria realmente funcionar - mas dois dias depois, ela me disse que eu tinha uma hora marcada.

O medo de sair da casa foi ficando cada vez melhor. Eu não estava pronta para fazer uma viagem, mas eu era capaz de sair de casa por períodos curtos enquanto eu estava com Peg. Eu chamei isso de progresso, embora eu tenha certeza que Peg teria chamado apenas de chato.

O lugar da acupuntura era calmo. Havia sons da natureza vindos de baixo do aparelho de som no canto, um pouco de incenso queimando em duas prateleiras diferentes, e a acupunturista parecia drogada. Ok,

talvez ela não estava drogada, mas a mulher estava seriamente calma, muito mais calma do que eu já tinha visto alguém ser. Era como se ela tivesse tomado dois comprimidos felizes... a vida era boa, mas ela não ia ficar toda irritada com isso.

Tudo correu bem, e eu não estava nervosa. Ela me sentou em uma cadeira confortável após Peg dizer a ela que eu estava muda. Muda? Eu só não falava. Não era como se eu não pudesse.

É claro que eu não a corrigi. Não foi até que ela entrou em toda a sua lengalenga que eu finalmente tive vontade de falar. Não, isso não estava certo. Eu não queria falar, eu só queria gritar tanto assassino. Eram nove palavras. Apenas nove palavras gritando dentro da minha cabeça.

— Qualquer chance de que você possa estar grávida?

Ela olhou entre Peg e eu, sabendo que eu não iria responder, mas assim que Peg abriu a boca para falar...

Eu balancei a cabeça.

Era um empurrão afiado, um movimento quase involuntário, mas mudou tudo.

A acupunturista divagava sobre diferentes partes do meu corpo que ela não tocaria no caso de eu estar grávida, e eu encontrei os olhos de Peg, vendo neles o mesmo medo que eu estava sentindo. Nós duas estávamos contando, tentando identificar quando e por quanto tempo.

Era bobagem. Eu sabia quando. Eu sabia exatamente quando.

A acupuntura tinha realmente ajudado um pouco, e eu acho que poderia ter ajudado muito se eu não tivesse tido uma realização tão devastadora ali mesmo no consultório. Eu balancei a cabeça em acordo para voltar para outra sessão e tentei um sorriso evasivo quando a senhora me deu uma lista de vezes que ela ensinava yoga no YMCA local. Não havia nenhuma maneira que eu fosse para um lugar público como esse, mas foi bom ela oferecer.

Peg não disse nada sobre isso depois que saímos. Era como se nós duas concordássemos em ignorar, pelo menos até que nós colocássemos nossos cérebros em torno disso.

Dois dias depois, eu ouvi Peg conversando na sala de estar enquanto eu deitava na minha cama. Ela fazia isso muito - falava mesmo que eu não estivesse na sala. Acho que às vezes ela só ficava

cansada da quietude e queria fazer algo para preenchê-lo. Era um sentimento que eu podia entender completamente. Eu estava cansada da quietude também, mas eu não tinha ideia de como mudar isso.

Minha falta de período era uma indicação sólida de que eu estava realmente grávida, mas eu não tinha quaisquer outros sintomas. Eu não vomitava, ou tinha fome, ou fazia xixi o tempo todo. Eu só não tinha tido um período. Por algumas horas, eu tentei fingir que a tensão tinha acabado atrapalhando o meu ciclo, mas eu não podia deixar minha mente permanecer naquele cenário por muito tempo. Eu havia me tornado uma realista em algum momento entre me casar e ser abandonada na Irlanda, e eu sabia que no fundo que eu estava carregando uma criança.

A voz de Peg ficou mais perto da minha porta do quarto, e eu estava assustada ao ouvir outra voz quando ela abriu. Uma voz familiar.

— Seu cabelo, — ele engasgou em confusão, olhando entre sua mãe e eu para uma explicação. — O que você fez?

— Eu não sei mais o que fazer, Patrick, — Peg disse baixinho, olhando para mim por desculpas. — Eu sei que eu disse a você para esperar, e eu ainda acho que foi a coisa certa, mas... é bom você estar aqui agora.

Ela deu um tapinha nas costas dele antes de sair do quarto e fechar a porta silenciosamente atrás dela.

— Eu senti muito a sua falta, meu amor, — disse ele docemente, se movendo em direção a mim só para parar abruptamente quando a minha mão voou entre nós. Eu só queria detê-lo para que eu pudesse obter reorganizar as emoções que lutavam pela supremacia no meu cérebro, mas o movimento foi tão afiado que quase parecia que eu estava tentando acertá-lo.

Foi tão bom vê-lo. Ele parecia ótimo. Ele estava deixando a barba crescer e seu cabelo tinha ficado mais longo também. Mas ele mal parecia o homem que eu tinha me casado, e isso me deixou nervosa, mesmo que não devesse.

Enquanto eu estava catalogando todas as mudanças em sua aparência, ele parecia estar fazendo a mesma coisa, porque eu vi suas sobrancelhas baixarem em uma careta e ele estendeu a mão para tocar suavemente os meus dedos enfaixados.

— O que aconteceu com sua mão? — ele perguntou em voz baixa. — O que diabos está de acontecendo?

Eu não respondi. Claro que não. Qualquer pensamento de fazer isso tinha sido apagado com o lembrete gritante das minhas lesões... e a razão delas.

— Me responda, — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos como se ele não soubesse o que fazer com elas. — Amy? Que porra é essa?

Eu não olhei para longe dele quando sua preocupação virou frustração e, em seguida, raiva.

— Mãe! — ele chamou, me observando de perto. — Entre aqui, mãe!

A porta se abriu rapidamente, e Peg estava com lágrimas nos olhos.

— Eu pensei que-

— O que diabos está de acontecendo? — ele perguntou, incrédulo.

— Você precisa dizer a ele, — ela ordenou, com os olhos cheios de simpatia. — Ele merece saber.

— O que eu mereço saber?

— Estou grávida, — eu disse, as palavras arranhadas e um pouco vacilantes.

Ele olhou entre Peg e eu como se ele estivesse tentando avaliar a nossa sinceridade, e então eu assisti o mais belo sorriso derramar de seus lábios. Ele ergueu a mão para correr os dedos sobre a barba, e era evidente que ele estava tentando manter sua excitação. Por mais que eu adorasse assistir a transformação em seu rosto, eu não poderia deixá-lo continuar.

— Ele não é seu, — eu disse sem rodeios.

Peg deixou escapar uma exclamação de dor e fugiu do quarto, mas levou há Patrick um pouco mais para compreender plenamente as minhas palavras.

— Que coisa horrível de se dizer, — ele murmurou incrédulo.

Eu ri amargamente. — Horrível, sim, mas também é verdade.

— Por que você-

— Nós não timos relações sexuais depois que Robbie morreu, — eu o interrompi. — Eu tive meu período depois disso.

Ele ficou olhando para mim pelo que pareceu uma eternidade, e eu sabia que ele estava tentando entrar em acordo com as informações que eu tinha acabado de dar a ele. Eu vi o momento exato em que ele percebeu a extensão do meu anúncio porque seu rosto se transformou em uma expressão que eu nunca tinha visto antes.

— Se você está tentando se vingar, — disse ele, — Você não poderia ter feito um trabalho melhor.

Eu ri. Pela primeira vez em meses, eu ri, e eu fiz isso com tanta força que todo o meu corpo tremia e minha respiração estava ofegante para dentro e fora do meu peito. Eu estava histérica, incapaz de conter o ruído, mesmo quando ele olhou para mim com incredulidade e nojo.

— Filha da puta imunda, — disse ele, suas mãos saindo dos bolsos. Ele avançou ameaçadoramente, e minha risada finalmente parou em estado de choque quando ele se inclinou para frente.

Em seguida, ele cuspiu na minha cara.

Eu não limpei.

Eu estava *imunda.* Eu era nojenta. Mas ele também era.

Ele foi embora naquele dia, saindo da casa antes de minhas lágrimas tivessem sequer lavado sua saliva do meu rosto.

Ele não tinha ideia. Nenhuma. Ele olhou para o meu cabelo raspado e mão mutilada e não percebeu. E isso era tão dolorosamente engraçado.

Minha gravidez era definitivamente uma vingança.

Só que não tinha sido minha.

Capítulo quarenta

PATRICK

Ela tinha me destruído.

Eu não entendia como ela podia ter fodido alguém depois que eu saí. Ela só tinha alguns dias para fazer isso, mas não havia nenhuma maneira que eu tinha interpretado mal as suas palavras. Ela estava grávida, e não era de mim. A menos que fosse filho do Senhor, ela tinha tido outro homem entre suas coxas.

Repetindo as palavras mais e mais na minha cabeça fez a volta para casa parecer menos horas do que a viagem para o Texas tinha sido. Quando eu tinha estado ansioso para ver Amy e minha mãe, a viagem parecia ser interminável. No entanto, quando parei na calçada da pequena casa que eu tinha sido capaz de pagar com o meu pagamento da oficina, era como se a viagem tivesse levado meros momentos.

Há um ditado, 'O inferno não tem fúria igual à de uma mulher desprezada'. As palavras foram mudadas um pouco desde que William Congreve escreveu - mas o sentimento era o mesmo.

Ela tinha estado com raiva de mim - e com razão - e ela me pagou na mesma moeda.

O pensamento das mãos de outro homem nela me fez tremer com fúria. Eu não podia sequer imaginar isso, e mais de uma vez durante o passeio eu tive que parar na estrada para vomitar. Isso me fez querer machucar alguém. Isso me fez querer machucá-la.

Foda-se ela e suas opiniões repugnantes americanas do casamento e a fidelidade. Foda-se seu cabelo curto e os dedos machucados e seu sotaque.

Eu nunca falaria dela novamente. Era a única maneira que eu iria sobreviver sem ela, porque tanto quanto eu odiava - eu ainda a amava, e isso me deixou mais irritado do que qualquer outra coisa.

A casa estava em silêncio enquanto eu abria a porta da frente e entrava. Já era tarde e Moira não sabia que eu estava voltando para casa tão cedo, então ela não tinha acendido todas as luzes na casa.

O que eu estava pensando, alugar um lugar para todos nós? Eu tinha pensando em viver com a minha esposa e Moira na mesma casa? A decisão parecia incrivelmente estúpida quando eu puxei as minhas botas.

Fui para o corredor o mais silenciosamente que pude, mas a voz de Moira chamou de sua porta do quarto aberta.

— Trick?

— Estou de volta, — eu respondi calmamente, parando em sua porta por uma razão que eu não podia nomear.

— Eu não esperava você de volta por um tempo, — disse ela, sonolenta, levantando até o cotovelo e descansando a cabeça sobre a palma da mão. — Está tudo bem?

Eu não sabia como responder a ela. Estava tudo bem? Não. No entanto, não havia como explicar a situação sem ser completamente insensível e cruel.

As próximas palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

— Posso dormir com você?

Suas sobrancelhas subiram em resposta, mas ela não me jogou enquanto ela me observava em silêncio. Depois de alguns momentos, eu me encostei na porta. Não tinha sido uma boa pergunta, especialmente depois que eu andei milhares de milhas para longe dela para visitar outra mulher.

— Sim, você pode, — ela respondeu assim que eu comecei a me afastar.

Olhei para o rosto dela e balancei a cabeça uma vez quando eu puxei a minha camisa. Eu sabia que eu provavelmente cheirava como lixo, mas de repente eu estava tão exausto que eu não poderia nem mesmo me fazer tomar banho. Eu deixei cair meu jeans e subi quando ela se afastou para me dar espaço.

Olhei para o teto por um longo tempo com Moira em volta de mim, dormindo profundamente. Ela era uma boa mulher - construída para a

vida que tínhamos feito nos poucos meses que tínhamos estado em Oregon. Ela se dava bem com todos, sempre estava linda, mesmo quando ela se tornava maior, e era realmente boa para mim, mesmo quando eu não merecia isso.

Fechei os olhos e implorei para não sonhar com a minha esposa.

Tanto quanto me importava, Amy estava morta.

Capítulo quarenta e um

AMY

Aquele primeiro ano foi horrível. Foram meses e meses falando com um psicólogo em um centro de vítimas de estupro, horas de yoga, e longas conversas com Peg antes que eu sentisse qualquer lugar perto de voltar ao normal, e mesmo assim... bem, normal era relativo.

Eu percebi que eu tinha que juntar minhas coisas depois que Patrick tinha ido naquele dia e eu tinha encontrado Peg chorando baixinho na cozinha. Ela suspeitou que algo mais tinha acontecido comigo na Irlanda do que tinha sido dito e minha insistência de que Patrick não era o único que tinha me engravidado foi a confirmação do que ela tinha temido. Eu odiava dizer a ela sobre isso, e eu mal tinha falado dos detalhes, mas eu sabia o suficiente no momento em que terminei que ela tinha estado aliviada que eu finalmente me abri e completamente lívida com o que eu tinha passado.

Eu entendi ambas as emoções. Eu estava com raiva também, mas a vida como eu conhecia nunca mais seria a mesma - nunca. E eu percebi então que eu ia ter que descobrir aonde eu iria a partir de lá. Em pouco mais de seis meses, eu estava tendo um bebê. Eu precisava juntar minhas coisas.

Então eu fiz. Foi uma das coisas mais difíceis que eu já tinha feito. Eu trabalhei para ele. Terapia era *trabalho* e doía, mas eu apreciava isso - porque a cada semana que passava, as coisas ficavam um pouco mais claras. Meus medos se tornaram um pouco mais fáceis de conviver. Meus pesadelos gradualmente reduziram de todas as noites para uma vez por semana e, então uma vez por mês.

Aprendi a pensar em Malcolm como um homem, um homem muito mau, não um monstro que estava escondido em cada esquina. Eu aprendi a me defender. Eu aprendi a parar de olhar por cima do meu ombro a cada segundo.

Eu aprendi a viver no novo normal que eu tinha criado.

E, então, a partir das cinzas da pessoa que eu costumava ser, meu filho nasceu.

Eu dei a ele o nome de Phoenix.

* * *

— Eu não posso acreditar o quão pequeno ele é, — eu disse com ar sonhador para Peg, enquanto eu observava Phoenix com a enfermeira.

Amamentação me acalmou de uma forma que a terapia e yoga nunca fizeram. Isso me fez sentir conectada a algo maior, algo mais importante do que eu. Era estranho realmente, porque no mês que antecedeu ao nascimento de Nix, eu estava repleta de ansiedade sobre isso.

Eu sabia que os seios não eram puramente sexuais do ponto de vista biológico, mas isso não significava que a amamentação não era um gatilho para mim. Era. Eu não entendia por que isso me incomodava tanto, especialmente desde que a minha blusa não tinha sequer saído durante o estupro. Eu não tinha que entender o gatilho para que tivesse significado, e quando Nix nasceu, eu tinha quebrado de novo apenas em pensar em tentar alimentá-lo com outra coisa senão fórmula.

Eu me senti miserável enquanto eu tentava pensar em alguma desculpa de que eu não podia amamentar meu filho, e me senti culpada em dar fórmula quando eu era perfeitamente capaz de lhe amamentar. Meus peitos cheios me encheram de auto aversão e os hormônios percorrendo meu corpo deixou tudo muito pior.

Eventualmente, alguém notou o meu comportamento estranho, e antes de eu sair do hospital, uma das enfermeiras entrou na sala com um psicólogo atrás dela. Ela era alguém que eu tinha visto no centro de vítimas de estupro, e ela imediatamente me conheceu pelo nome. Eu não tinha certeza se eles tinham chamado Peg, ou se os enfermeiros fizeram isso, mas eu nunca vou ser capaz de agradecer a essa mulher o suficiente pela forma como ela nos ajudou.

A primeira vez que cuidei de Phoenix, eu chorei o tempo todo. Não porque me senti mal, mas porque amamentá-lo era outra das coisas

que quase tinha sido tirado de mim, como resultado daquela noite. Foi libertador. Parecia que eu estava lutando de volta.

— Ele vai crescer antes de você perceber, — Peg respondeu com um pequeno sorriso, dobrando toalhas no sofá ao meu lado.

— Você falou com Patrick? — perguntei, embora eu soubesse que ela não tinha.

Quando Patrick foi embora mais de um ano atrás, ele estava puto. Eu entendi, e quando o tempo passou, eu o tinha perdoado por isso. Terapia me ajudou a deixar a raiva que eu sentia em relação a meu marido ir - o ressentimento e a culpa. As coisas que aconteceram comigo não eram culpa dele, e eu sabia no fundo do meu coração que ele teria feito qualquer coisa que pudesse para detê-lo. Era só... a vida. Eu tinha sido alvo de um psicopata, e não foi culpa de ninguém, além de Malcolm.

Isso não significa que eu concordei com Patrick cortando Peg completamente de sua vida. Eu, eu entendi. Ele não sabia da situação e ele acreditava que eu o tinha traído da pior maneira possível. Por um longo tempo, eu não queria nada com ele também. Mas Peg o amava e sentia falta dele, e eu pensei que ele estava agindo como um idiota em se recusar a responder as cartas dela e telefonemas.

— Ele vai entrar em contato, — ela me respondeu com tristeza. — Ele só precisa de um pouco mais de tempo.

— Ele está sendo um idiota, — eu comentei teimosamente, movendo Nix para o outro peito. — Um idiota teimoso.

— Bem, ele não é o único, — ela respondeu.

— Ele tem uma família, Peg.

— Quando diabos você vai começar a me chamar de mãe?

— Ele tem uma *família,* mãe.

— Você é a família dele, — ela argumentou. — Ele estaria de volta aqui em um instante e você sabe disso.

Olhei para baixo e alisei o cabelo preto de Nix, ignorando as palavras de Peg. Talvez Patrick viesse correndo se eu lhe dissesse toda a história. Talvez ele até se mudasse para estar perto de nós... talvez ele criaria Nix como seu. Mas enquanto eu olhava para o meu filho, eu sabia que jamais iria querer ser a razão de Patrick deixar seu filho. Eu

não podia fazer isso com ele e eu não podia fazer isso com sua filha que Doc havia mencionado um dos momentos que Peg tinha ligado para a oficina.

— Estamos muito bem sem ele, — eu anunciei, ignorando a pontada no meu peito que as palavras invocaram. — Simplesmente não era para ser.

— Vocês dois são teimosos, — ela resmungou quando ela se levantou e foi embora.

Deus, eu estava tão grata por ela.

Capítulo quarenta e dois

PATRICK

— Um brinde! — eu murmurei, um sorriso bobo no rosto. — Para as mulheres leais e bebês que parecem com seus pais!

— Ouçam, ouçam! — Slider chamou de volta do outro lado da sala.

Eu tinha feito esse brinde e vários outros parecidos durante toda a noite. Eu sabia que provavelmente passou do ponto de ser irritante, mas eu não dava a mínima.

Moira tinha dado à luz apenas dois dias antes, e eu tinha uma filha linda com uma cabeça com cabelo vermelho brilhante.

Minha. Nenhuma dúvida sobre isso.

Se tornar pai não era nada do que eu tinha passado antes. Era aterrador e emocionante e desgastante, tudo de uma vez, e eu não pude conter minha alegria. Eu queria dizer a todos que eu me deparei sobre esta bela criatura que eu tinha feito, e mais de uma mulher no supermercado tinha acenado com a cabeça em diversão enquanto eu dizia a todos sobre ela.

Minha Brenna. O bebê mais inteligente e mais lindo que já tinha nascido.

Eu estava chateado, completamente e totalmente bêbado.

Minha mãe tinha ligado novamente naquele dia, e eu tinha me recusado a atender, embora eu estivesse morrendo de vontade de contar a ela sobre Brenna. Querido Deus, eu senti falta da minha mãe - mas falar com ela, mesmo que brevemente, abriria um capítulo na minha vida que eu estava tentando arduamente esquecer. Eu não podia ter um sem o outro, e embora eu tentasse dizer a mim mesmo que eu tinha superado a traição de Amy, as bebidas que tinha tomado às três da tarde foi uma clara indicação de que eu não tinha.

Em vez disso, eu estava fazendo brindes para as mulheres que eram leais e bebês que se pareciam com seus pais. Eu era um idiota maldito.

Eu tropecei em uma mesa, e apoiei a mão na parte de cima, olhando para cima para encontrar a cara séria de Ham.

— Acho melhor parar, Poet, — ele alertou estranhamente.

Poet, um apelido que tinham me chamado nos meus primeiros meses no clube e me seguiu quando eu ganhei meu patch. O nome era bom, muito melhor do que alguns dos outros. Mas eu odiava as memórias que evocavam.

— A noite é uma criança, — eu disse de volta alegremente. — Uma aperi-

Parei de falar quando um corpo grande se levantou ao meu lado abruptamente.

— Se eu ouvir mais uma palavra sair de sua boca, eu vou acabar com você, — Doc disse calmamente, seu corpo apertado com raiva.

Ele estava olhando para mim, realmente olhando, e a ameaça rolando do seu corpo era inacreditável.

— Que porra é essa? — eu perguntei estupidamente antes de fechar a minha boca.

Me lembrei do dia na Carolina do Norte, quando Charlie tinha me avisado sobre Doc, e desde então eu tinha visto a sua experiência em lidar com o corpo humano em mais de uma ocasião. Ele era um livro sobre anatomia e eu sabia mesmo no meu cérebro nublado que se eu não ouvisse seu aviso, havia uma chance muito grande de que ele iria fazer jus à sua ameaça.

— Você não tem ideia-

— Doc, — Ham rosnou em advertência.

— Não, — Doc retrucou, sem sequer olhar na direção do Presidente. — Você não tem ideia do caralho do que você está falando, rapaz. Nenhuma. Sua cabeça está tão funda na sua bunda que é um milagre você saber identificar a noite do dia.

— O que está acontecendo? — eu perguntei, dando um passo vacilante para trás. Seu tom e a firmeza das suas palavras estavam me

deixando nervoso, e eu senti minhas mãos começarem a suar. Que porra ele estava falando?

— Você deixou sua esposa na Irlanda para ir com outra mulher, — ele assobiou. — Você quer falar sobre lealdade? — as veias do seu pescoço pulsavam.

— Vamos lá, irmão, — disse Charlie, parando ao meu lado e passando o braço por cima do meu ombro. — Você está quase desmaiando e eu não vou arrastar sua bunda para a cama mais tarde.

Ele me afastou da mesa e começou a me levar em direção ao corredor de trás, e embora eu não tenha protestado, minha cabeça se virou para que eu pudesse olhar para Doc quando saímos de lá. Ele me olhou fixamente até que eu não podia mais vê-lo.

Todo o encontro tinha sido estranho pra caralho e eu tentei me concentrar em lembrar de suas palavras quando Charlie me jogou na cama e saiu do quarto. O clube não entrava no meio dos assuntos dos irmãos e de suas mulheres. Nunca. Não era assim que eles faziam. Então, ter um membro falando isso era completamente estranho.

* * *

Acordei na manhã seguinte com o coração disparado, e assim que eu tinha tomado banho e me lembrei da noite anterior, eu sabia que precisava falar com Doc. Eu estava irritado e envergonhado que ele tinha me ameaçado na frente de todo o clube, e eu queria saber por que diabos ele faria isso. Minha vida fora do clube não era da conta dele. Havia uma linha clara que não era para ser cruzada, e ele pulou a maldita coisa.

— Doc! — gritei quando eu o vi caminhando para fora da garagem. — Tem um minuto?

Eu não achava que ele iria parar quando ele entrou na luz do sol, mas quando ele atingiu a grama do lado de fora, ele fez uma pausa e se virou para olhar para mim.

— O que diabos foi aquilo a noite passada? — perguntei, parando atrás dele. — Você tem algum problema comigo?

— Esqueça isso, — ele respondeu, me dispensando quando ele puxou um charuto do bolso da camisa.

— Você estava prestes a me dizer alguma coisa, então me diga, — argumentei, irritado que meu sotaque estava engrossando com a minha frustração. Era algo que eu não conseguia controlar ainda.

— O que você faz é da sua conta, — disse ele calmamente. — Só não gosto de ouvir você falando mal de uma boa mulher.

— Uma boa mulher? — perguntei, incrédulo, minhas sobrancelhas subindo. — Amy?

— Você não tem ideia do que está fazendo, porra, — disse ele balançando a cabeça. — Você tem brincado de casinha com essa outra, então vem ao clube e bebe até quase desmaiar para que você não tenha que se lembrar de onde você deve estar e o que você deveria estar fazendo.

— Eu não estou brincando com porra nenhuma.

— Faça o que você precisa fazer, Patrick, — disse ele, meu nome verdadeiro soando estranho vindo dele. — Mas mantenha a boca fechada na minha presença. Não vou te dar outro aviso.

— Tem uma queda pela minha esposa? É disso que se trata?

A mão dele estava em torno da minha garganta e os dedos cavando minha traqueia antes da última palavra ser completamente dita.

Eu ainda não tinha visto isso chegando.

— Seu inútil pedaço de merda, — ele sussurrou, cuspe saindo da sua boca e acertando meu rosto enquanto eu tentava erguer seus dedos da minha garganta. — Você a deixou lá!

Eu podia ouvir os homens gritando quando eles nos avistaram, mas toda a minha atenção estava voltada para a boca de Doc e as palavras que voam para fora tão rápido que eu tive dificuldade de entender.

— Você a deixou para ser torturada. Você a deixou para ser estuprada. Então você volta aqui e fica falando dela? Essa pobre menina, que nunca fez nada de errado além de cometer o erro de amar um pedaço inútil de merda como você?

— Solte ele, Doc, — disse Ham firmes, suas palavras não menos do que uma ordem.

Doc relaxou a mão e eu finalmente respirei ofegante quando eu caí de joelhos. O mundo parecia estar se movendo em câmera lenta, todos ao meu redor estavam gritando, mas eu não conseguia ouvir nada acima do rugido em meus ouvidos.

Fechei os olhos e as memórias vieram antes que eu pudesse detê-las.

Amy me beijando em adeus como se não pudesse suportar a ideia de me deixar.

A viagem para a Carolina do Norte.

Doc sozinho.

A carta de mamãe.

— Eu tenho uma menina de coração partido aqui que se recusa a falar.

A viagem ao Texas.

Os dedos de Amy.

— Ela não disse uma palavra desde que deixamos a Irlanda.

A cabeça raspada de Amy.

— Não é seu.

Eu cuspi nela.

— Eu tenho uma menina de coração partido que se recusa a falar.

— Não é seu.

— Eu tenho medo de tornar isso pior.

Querido Deus, o que eu tinha feito?

O ruído que saiu de mim era como nada que eu já tinha ouvido antes, e eu não sabia como pará-lo. Eu soei patético, e eu sabia que os homens estavam olhando para mim. Eu sabia que eles achavam que eu era um maricas.

Eu não me importava.

Eu não conseguia parar o som. Era a única coisa que abafou a voz da mamãe.

— *Eu tenho uma menina de coração partido que se recusa a falar.*

Eu desejei que Doc tivesse me matado.

Capítulo quarenta e três

AMY

Quando Nix tinha quatro meses de idade, eu voltei a estudar. Eu não tinha certeza do que eu queria fazer, mas eu sabia que uma educação universitária seria importante quando fosse hora de começar uma carreira. Peg tinha estado mais do que disposta a trazer dinheiro para casa, mas eu odiava o fato de que ela trabalhava tão duro e eu tinha que ficar em casa. Eu odiava me aproveitar dela e eu sabia que se eu fosse para a faculdade, eu poderia, eventualmente, encontrar um grande trabalho e apoiá-la pela primeira vez. Eu mal podia esperar por esse dia.

Cerca de um mês depois que eu comecei minhas aulas, eu estava indo para casa quando Nix começou a gritar no banco de trás. Eu suspirei, e empurrei meu cabelo para longe do meu rosto. Eu sempre chegava na creche da faculdade antes da próxima alimentação de Nix. Se eu ficasse na creche para dar de mamar a ele, nós chegaríamos em casa quase uma hora mais tarde do que o normal, mas se eu não o alimentasse antes de sairmos, ele iria começar a gritar.

— Está tudo bem, filho, — eu cantei em voz alta sobre o seu choro. — Quase lá, amor!

Parei na nossa calçada de cascalho, e saí do carro.

— Você está bem, — eu disse, puxando-o para fora do seu assento, — Meu Deus, parece que não te dei mama hoje! — ele olhou para mim por um segundo, todo o ruído pausando, depois gritou novamente enquanto eu ria de seus dedos frenéticos agarrando e puxando a minha camisa.

— Ok, vamos entrar.

Me virei para a porta da frente e parei.

Patrick.

Eu vi seu rosto enquanto seus olhos pousavam no meu filho, gritando e se contorcendo contra mim, e eu mal podia respirar.

Ele parecia bom. Mais musculoso do que ele já tinha sido antes, sua barba chegando ao topo de sua clavícula, e tatuagens salpicando seus antebraços definidos. Deus, eu senti falta dele. Sentia a falta dele e o odiava ao mesmo tempo.

— Sua mãe está no trabalho, — eu finalmente disse, ajeitando Nix, que não deu a mínima que eu estava pirando.

— Eu- — Patrick correu os dedos sobre a parte superior de seu cabelo, que foi puxado em um rabo de cavalo curto e grosso na parte de trás do seu pescoço. — Podemos conversar? Parece que você precisa levá-la para dentro.

Eu me assustei, olhando para as roupinhas creme do meu filho e sorri com carinho. Eu acho que foi um pouco difícil dizer...

— Ele é um menino, — eu respondi, finalmente, continuando em direção a casa.

— Merda, me desculpe, — respondeu Patrick, seu rosto ficando vermelho.

Eu ri um pouco de seu desconforto. Só mesmo um bebê para quebrar o gelo.

— Bem, ele não está de azul e ele é pequeno, — eu disse com um pequeno sorriso. — Como você saberia?

Nós entramos em casa e fui em direção ao sofá na sala de estar, agarrando um cobertor fino no meu caminho. Nix não ia esperar mais, e depois de cinco meses, eu tinha perdido a maior parte da minha ansiedade sobre amamentá-lo em companhia. Patrick teria apenas que lidar com isso.

Nós nos sentamos em lados opostos do sofá, e eu ignorei Patrick quando eu joguei o cobertor por cima do meu ombro e a cabeça de Nix, rapidamente puxando a minha camisa e desabotoando a frente do meu sutiã. A casa estava tão quieta que ouvimos quando Nix agarrou avidamente, e eu senti meu rosto corar quando os ruídos se seguiram. Meu Deus do céu.

— Ele estava com fome, — disse Patrick calmamente, rindo um pouco.

— Ele fica chateado quando ele tem de esperar para mamar, — eu respondi, olhando para cima para finalmente encontrar os olhos de Patrick pela primeira vez em mais de um ano.

Minha respiração ficou presa na minha garganta e eu rapidamente olhei para baixo novamente. Ele estava olhando para nós com tanta ternura que eu tive dificuldade em segurar as lágrimas. Merda.

— Por que você não me disse? — perguntou Patrick com a voz rouca. — Por que não me disse nada?

Minha cabeça se levantou, e eu olhei atentamente para seu rosto.

— Quem te contou?

— Doc, — ele limpou a garganta, esfregando os olhos. — Doc disse que você foi estuprada?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Mas por quê? Por que não me disse? Eu vim para você. Eu amo você. — ele estendeu a mão como se quisesse me tocar, então caiu no sofá entre nós. — Doc me disse, e eu queria voltar para você, mas Brenna tinha acabado de nascer, e porra Amy, depois de como eu tinha comportado, eu não achava que você fosse querer me ver.

Engoli em seco, meses de terapia me obrigando a dizer a ele a verdade enquanto eu tentava ignorar as lágrimas em seus olhos. — Eu te culpei. Eu odiava você.

— O quê? — ele parecia tão confuso que eu soltei para fora dessa maneira. Não que ele necessariamente discordasse... mas ele não estava esperando minha resposta. Ele obviamente não tinha ideia do que eu estava falando, e é assim que eu sabia que Doc não tinha contado tudo a ele.

— Eu não culpo você mais, — eu respondi, balançando a cabeça. — Não era justo. Eu sei disso agora - mas, no momento, bem, as coisas foram ruins por um tempo.

— Foi porque eu te deixei? — ele perguntou desesperadamente. — Eu não queria te deixar! Você sabia disso. Eu te implorei para ir primeiro! Deus, eu teria feito qualquer coisa por você, você tem que saber disso. Você tem que saber que eu teria-

— Shhh, — eu sussurrei para Nix quando ele se assustou com a voz de Patrick.

Patrick correu as palmas das mãos sobre os olhos, e notei o anel de casamento cobrindo sua tatuagem.

Nada naquele momento poderia ter machucado mais.

— Nada disso importa mais, não é? — eu perguntei suavemente, apontando o queixo em direção ao seu dedo. — Eu acho que as coisas aconteceram da maneira que deveriam.

Nix soltou meu peito, mas eu estava congelada, observando quando os olhos de Patrick caíram para o anel em seu dedo. Ele correu o polegar sobre ele e engoliu em seco e olhou para mim com tristeza.

— Não é legal. Moira só queria, — suas palavras foram cortadas quando Nix perdeu a paciência comigo e puxou o cobertor sobre o seu rosto.

Metade do meu peito estava nu, e eu tentei puxar minha camisa para baixo para esconder meu peito.

Patrick fez um ruído baixo em sua garganta que eu ignorei quando me virei e ajeitei Nix no meu outro seio com o cobertor mais uma vez cobrindo tanto ele quanto meu peito. Meu sutiã ainda estava pendurado sobre os meus ombros, e eu sabia que meu mamilo estava duro sob a camiseta, mas eu não me deixaria pensar sobre isso ou traria mais atenção para ele enquanto eu tentava escondê-lo.

— Você está maior, — comentou Patrick, sua voz quase inaudível. — E você-

— Pare, — eu exigi, levantando minha mão entre nós.

— Está certo, — disse ele com um aceno de cabeça. — É só que eu te imaginei dessa maneira tantas vezes antes. Nosso filho mamando... sem se preocupar em se cobrir. Cristo, como chegamos aqui?

— A vida, — eu respondi com um sorriso triste.

— Eu suponho que sim.

— Phoenix Gallagher, vovó chegou! — Peg chamou alegremente quando ela entrou pela porta da frente, batendo atrás dela. — Onde estão vocês dois, Patrick-

— Ei, mamãe, — disse Patrick, se levantando do sofá com um sorriso nervoso no rosto.

— Meu filho! — ela deu um passo para ele e passou os braços ao redor da cintura dele, e por uma fração de segundo eu estava com ciúmes que ela poderia fazer isso, mas eu não. — Não faça isso de novo!

— ela lhe deu um tapa na barriga, em seguida, se envolveu em torno dele novamente, chorando.

— Eu não vou, eu prometo, — ele respondeu, encontrando meus olhos sobre o ombro dela.

— Está com fome? — perguntou ela, se inclinando para trás para olhar para ele.

— Eu poderia comer, — ele respondeu com uma risada: — E eu te trouxe fotos da sua neta.

O sorriso que iluminou o rosto dela quando ele mencionou sua filha era tão brilhante que eu me sentia presa nela e incapaz de desviar o olhar. Era alegria, orgulho e contentamento na forma física.

Eu nunca faria nada para prejudicar isso.

* * *

— Então você está na faculdade agora? — Patrick perguntou quando ele se sentou na outra ponta do sofá naquela noite.

Eu tinha colocado Nix para dormir, o que duraria algumas horas e eu tinha puxado meus livros para tentar fazer meus trabalhos. Eu não poderia colocar a minha vida em espera, mesmo que houvesse um homem na casa que eu poderia ter visto e ouvido durante horas. Lição de casa não se fazia sozinha, e eu não podia me dar ao luxo de repetir qualquer das minhas aulas.

— Sim, eu comecei um par de semanas atrás.

— Eu me lembro quando você mal podia esperar para terminar.

— Prioridades tem uma maneira de te mudar quando você é uma mãe solteira, — eu respondi com um sorriso educado.

Eu queria tanto que as coisas pudessem voltar para o caminho mais fácil que eram antes, mas eu sabia que nunca iria acontecer novamente.

Muito mudou desde que eu o vi pela última vez. Muita coisa havia mudado desde que eu tinha deixado à Irlanda.

Eu tinha mudado.

Eu já não sabia como ser aquela pessoa.

— O que você está estudando?

— Negócios, — eu respondi com uma expressão exagerada de desgosto. — Chato - mas vai me dar um emprego quando eu terminar.

— Você parece estar indo muito bem, — disse ele, sorrindo ligeiramente. — Estou feliz.

— Estamos indo bem, — eu disse com um encolher de ombros, olhando de volta para o meu livro.

Uma parte de mim queria olhar para cima, catalogar cada polegada dele para que eu pudesse reproduzi-la em minha mente depois que ele fosse embora. Mas havia outra parte, a parte mais forte, que se recusava a dar a ele qualquer da minha atenção. Eu o amava, eu não achava que iria mudar algum dia, mas eu não poderia superar o fato de que ele tinha arruinado minha vida e, então iniciado uma família com outra pessoa.

Como se eu fosse facilmente jogada fora.

— Eu sinto muito, — ele começou calmamente.

— Não faça isso. Não, Patrick, — eu pedi, interrompendo-o. — Eu não quero falar sobre isso.

— Eu amo você-

— Volte para a sua família. — eu olhei para ele, em seguida, o belo rapaz tinha se transformado em um homem quase do dia para a noite. — Nós dois temos novas vidas, vamos deixar por isso mesmo, ok?

Ele olhou para mim, esperando que eu dissesse mais alguma coisa, mas eu estava exausta. Eu sabia que um dia as coisas não estariam tão ruins. Eu sabia que um dia eu seria capaz de olhar para ele com carinho, lembrando o que tivemos e quão cheia de sonhos tínhamos sido.

Mas eu não conseguia ver nada disso agora. Tudo o que eu podia ver era cada coisa que eu tinha perdido.

Ele foi embora naquela noite e eu não chorei. Eu era mais forte do que isso. Não importava o quanto eu ainda o amava. No meu coração, eu ainda era aquela garota que estava acostumada às pessoas desaparecendo da minha vida. Ele era apenas mais um rosto que eu teria que aprender a viver sem.

E eu fiz. Eu aprendi a viver sem ele - até anos mais tarde, quando ele veio até mim. Eu devo ter sido uma masoquista, porque no momento que ele precisou de mim novamente, eu abri os braços e o deixei voltar.

Era como se eu não pudesse evitar - suas emoções ainda tinham uma maneira de tirar uma reação minha, mesmo depois de anos separados.

Capítulo quarenta e quatro

PATRICK

Corri em direção ao Texas como se diabo estivesse me perseguindo.

Nos últimos dois meses, eu sentei com minha filha de oito anos enquanto ela chorava por sua mãe... e eu me senti como se eu estivesse rebentando pelas costuras.

Eu não tinha amado Moira. Como eu poderia? Eu amava outra, não havia espaço para uma mulher grávida do meu filho. Não havia espaço para ninguém além de Amy, e eu então dei a Moira o que eu podia.

Isso tinha mudado tudo. Eu pensei que Amy tinha fodido outra pessoa e eu tinha ido direto para casa e para a cama de Moira. Mas então eu tinha visto a beleza ruiva no peito de Moira, a criatura mais linda que eu já vi.

Não, eu não tinha começado a amar Moira, eu nunca estive apaixonado por ela, mas eu *a amava.* Cristo, eu a amava tanto quanto eu era capaz com a outra metade de mim vivendo em alguma pequena cidade do Texas. Meu peito parecia como se fosse desabar a qualquer momento que chegasse ao lado da rodovia.

Havia apenas uma pessoa que eu queria. Mesmo que eu soubesse que era o último lugar que eu deveria estar, eu me encontrei parando na garagem dela.

A minha moto não foi nem mesmo desligada antes que ela estivesse de pé na varanda, a mão protegendo os olhos do sol.

— Patrick?

Eu sabia por que ela ficou surpresa ao me ver. Inferno, eu não a tinha visto em seis anos. Mamãe tinha se mudado para um pequeno apartamento, e eu não tinha conexão com Amy, exceto pelas fotos dela e de seu filho que mamãe tinha colocado ao lado das fotos de Brenna e eu em toda a sua casa. Amy e seu filho nunca apareceram durante as

vezes que eu trouxe Brenna para ver mamãe. Ela nunca tinha visto minha filha.

— Eu sinto muito, Patrick, — disse ela gentilmente enquanto eu me movia em direção a ela. — Eu sinto muito sobre Moira.

Suas palavras me envolveram, afundando na minha pele como garras afiadas.

Ela quis dizer isso. Ela sentia muito que eu tinha perdido a mulher que tinha me levado para longe dela.

Eu cheguei até ela na varanda e a puxei para mim, meus dedos cavando em suas costas enquanto eu pressionava meus olhos lacrimejantes contra sua garganta. Estremeci quando suas mãos deslizaram para agarrar minha cintura.

Este era o único lugar que eu queria estar. Eu não podia suportar soltá-la.

— Está tudo bem, querido, — ela sussurrou em meu ouvido, suas mãos correndo levemente sobre minhas costas. — Shhh.

Eu engasguei, minha respiração ofegante no meu peito enquanto eu tentava me recompor. O que foi sobre essa mulher que me fazia perder o controle de mim mesmo? Tinha sido assim desde o momento que eu a conheci e quase dez anos depois, isso ainda não havia mudado.

— Por que você não entra? — perguntou ela, se afastando um pouco para pegar minha mão. — Nix está na casa de um amigo para uma festa do pijama.

Ela se virou, e eu tentei limpar meu rosto com a mão livre, enquanto ela me puxava para a casa. Meus dedos tocaram minha coxa enquanto eu olhava para ela, desde os fios grossos de cabelos grisalhos que atingiam o topo de suas costas até a sua cintura fina e bunda redonda coberta pela calça jeans desgastada.

— Está com fome? — perguntou ela, sem soltar a minha mão quando ela se virava para mim com um pequeno sorriso.

Minha boca estava sobre a dela antes de qualquer um de nós saber o que eu estava fazendo. Foi duro, nossos lábios pressionados contra nossos dentes, mas levou apenas um segundo antes de suas mãos estarem escovando suavemente pelo meu cabelo. Isso me acalmou em um instante, e eu me afastei um pouco para encontrar seus olhos.

Eles eram claros e amplos - gentis e compreensivos - e minha respiração engatou quando eu me inclinei para frente novamente, dando a ela tempo de sobra para se afastar.

Ela não o fez.

Ela deixou as mãos no meu cabelo quando eu beijei seus lábios suavemente, aprendendo os contornos e textura novamente depois de tanto tempo.

— Sinto muito, — eu sussurrei em sua boca, nem tenho certeza do que eu estava pedindo desculpas. Os anos que tínhamos passado longe um do outro? A maneira que eu a tinha beijado tão bruscamente? O fato de que eu tinha acabado de perder a mulher que nos dilacerou e eu a estava usando para me consolar?

— Está tudo bem, — disse ela imediatamente. — Você está bem.

Eu gemi e a empurrei contra a parede, encurralando-a com o meu corpo até que uma das minhas coxas estava pressionada entre as dela e ela era a única que estava gemendo.

— Eu senti sua falta, — eu disse asperamente, beijando seu pescoço quando culpa encheu meu peito. — *Cristo.*

Ela me empurrou abruptamente, e de repente eu estava com medo de encontrar seus olhos.

— Nós não falamos o nome do Senhor em vão nesta casa, — disse ela, batendo na minha testa.

Minha risada se transformou em um soluço, e eu escondi isso agarrando-a pela cintura e puxando-a para mim para que eu pudesse pressionar minha boca trêmula contra sua garganta. Eu lambi e chupei sua pele. Tinha um gosto diferente do que tinha todos esses anos atrás, e eu me perguntei brevemente se era idade ou ter um bebê que tinha mudado.

Eu a levantei, e ela enrolou as pernas em volta da minha cintura enquanto eu a levava para o corredor, passando pelo quarto coberto de Power Ranger posters e por uma porta que eu sabia instintivamente que era dela.

Sua cama estava coberta de uma colcha de retalhos que eu sabia que minha mãe tinha feito, e antes que eu a colocasse no chão, eu arranquei ele da cama. Eu não precisava de nenhum lembrete do que o que eu estava fazendo era errado.

Eu estava usando ela, e por algum motivo que eu não conseguia entender, ela estava me deixando.

Nós nos atrapalhamos e esbarramos enquanto eu tentava tirar suas calças de brim e ela foi para o meu colete. Cristo, nossas mãos não tinham ideia de onde ir e estávamos nos movendo como se pudéssemos ser pegos a qualquer momento - frenéticos e desesperados.

No momento em que estávamos nus, Amy estava em completo silêncio, até mesmo a respiração havia cessado.

— Tantas tatuagens, — disse ela suavemente, correndo os dedos sobre meu braço e minha mão até que ela chegou à minha âncora e o anel. — Você não cobriu.

Ela parecia surpresa com isso, e isso me confundiu.

— Claro que não, — eu respondi.

Havia lágrimas em seus olhos quando eles encontraram os meus, mas não caíram quando eu a empurrei para a cama e me arrastei em cima dela.

— Você é linda, — eu disse reverentemente quando eu me ajoelhei em cima dela, cobrindo seus seios com as mãos. Meu coração estava disparado e minha respiração era irregular enquanto eu os tinha em minhas palmas. Ela estava maior lá, mais fina em sua cintura e mais ampla através de seus quadris e coxas, dando a ela uma forma de ampulheta que ela não tinha tido quando éramos crianças.

Eu imediatamente precisava de tudo de uma vez e eu me deitei em cima dela para que eu pudesse ter tudo. Eu mal notei quando parei em seu peito subindo e descendo sob o meu. Quando ela ainda não se mexeu, eu me inclinei para trás de onde minha boca tinha estado em seu mamilo. Deus, eu amava esse novo sabor.

Sua história voltou para mim em uma corrida, e eu empurrei minhas mãos contra a cama para sair dela.

— Eu sinto muito! — eu praticamente gritei enquanto eu tentava me mover.

— Está bem! — ela me assegurou. — Eu juro, está bem. Eu não estou com medo, eu estava apenas... absorvendo tudo, sabe?

— Sim. Eu me sinto dessa maneira também.

Eu beijei o pequeno sorriso de seu rosto, e ela se inclinou até que eu estava do meu lado. Eu não conseguia parar minhas mãos errantes enquanto elas se moviam sobre suas curvas, e ela gemeu baixinho quando eu finalmente cheguei ao lugar entre suas coxas.

— Tão molhada, — eu provoquei quando ela deu um sorriso envergonhado.

— Amor, — ela sussurrou de volta.

Minhas bolas latejavam pela palavra, e eu senti minha pele esquentar em uma onda quente. Eu rolei para cima dela e puxei uma perna sobre meu braço até que ela estava descansando na dobra do meu cotovelo e ela estava aberta para mim.

— Amor, — murmurei em sua boca enquanto eu empurrava duro dentro dela.

— Merda! — ela engasgou, seus quadris saindo da cama.

— Eu te machuquei? — comecei a puxar para fora, e sua perna livre estava de repente em volta da minha bunda.

— Não pare, — ela gemeu. — Continue.

Eu estava começando a suar, e por uma fração de segundo eu esperava que eu tivesse me lembrado de passar desodorante naquela manhã. Então eu me amaldiçoei silenciosamente por agir como um idiota. Quem diabos se importava como eu cheirava? Eu estava dentro do amor da minha vida - não havia espaço para qualquer outra coisa na minha cabeça.

Eu me senti como uma criança com a sua primeira mulher quando eu empurrei para dentro e fora dela, observando seu rosto para que eu pudesse reaprender o que ela gostava e o que não. Eu queria que durasse para sempre. Eu não queria sair de seu corpo, mas, eventualmente, o que eu estava fazendo deve tê-la empurrado sobre o limite, porque ela ficou completamente imóvel debaixo de mim e depois estremeceu uma e outra vez.

Eu gozei apenas alguns golpes atrás dela, meus braços tremendo de me segurar em cima dela, e meu coração correndo como se estivesse tentando escapar do meu peito.

Eu caí ao lado dela e a puxei contra o meu peito, passando os braços e as pernas em volta dela.

Foi quando tudo voltou para mim.

— Você está bem? — ela perguntou quando endureci.

— Vai saber, — eu respondi honestamente.

— Você vai estar, — ela me assegurou, colocando a cabeça no meu ombro.

Suas mãos me acalmaram enquanto eu pensava sobre o que diabos eu estava fazendo.

Eu não tinha sido capaz de me concentrar em nada além de me encontrar com Amy, mas eu não tinha pensado no que eu faria quando eu realmente chegasse até ela. Eu não tinha planejado transar com ela. Honestamente, isso não tinha sequer passado pela minha cabeça durante a longa viagem de Oregon. Eu só precisava estar perto dela. Eu precisava do conforto de sua presença, a garantia de que ela ainda estava lá, no mundo, feliz e saudável e inteira.

— Eu sou um bastardo, não sou? — eu suspirei, beijando o lado de sua cabeça.

— Você não é tão ruim, — respondeu ela, correndo os dedos sobre o meu lado. — Às vezes, as coisas que precisamos não fazem sentido para mais ninguém. Isso não significa que você está errado em precisar delas.

— Por que me deixou entrar?

— Porque você precisava de mim.

— Porque eu precisava te foder? — eu perguntei severamente, imediatamente lamentando as minhas palavras. Eu estava com raiva de mim mesmo, não dela.

— Não, — ela respondeu seriamente, se inclinando para olhar para mim. — Porque você *precisava de mim.* Você poderia ter fodido qualquer uma. Não tente fazer isso algo que não foi.

— Me desculpe.

— Assim como eu, você passou por algo difícil, — seu sotaque americano tinha sumido um pouco desde que começamos a falar, e eu não poderia evitar o pequeno sentimento de satisfação que me trouxe. Ela era uma americana, ela sempre tinha sido, mas ocasionalmente eu podia ouvir a estranha mistura irlandesa em sua voz.

— Eu não tenho certeza do que fazer agora, — eu confessei, descendo para puxar o lençol sobre nós.

— Você continua vivendo e cuidando da sua filha.

— E quanto a você? Como posso-

— Patrick, não, — ela disse, balançando a cabeça. — Nós tivemos nosso tempo, e eu daria qualquer coisa para voltar... mas isso não é possível.

— Claro que é.

— Não, não, não é. Eu tenho um filho. Um filho. E a nossa vida é aqui. Sua vida é com esse clube, e com a sua filha.

Meu peito começou a doer de uma forma que eu havia me familiarizado. Eu não queria ouvir o que ela estava dizendo. Eu não queria pensar em nada a não ser o fato de que ela estava bem ali comigo, nos meus braços pela primeira vez em muito tempo.

Eu interrompi suas palavras com a minha boca, e comecei a distraí-la.

Eu sabia que não ia mudar nada, mas eu precisava parar de pensar, mesmo que apenas por pouco tempo.

Eu sabia que eu estaria indo embora na manhã seguinte sem ela.

Eu também sabia que não seria bem-vindo novamente.

Capítulo quarenta e cinco

AMY

Minhas mãos tremiam enquanto eu observava pela janela, à espera de Patrick chegar.

Eu odiei isso. Eu odiava que eu estava tão ansiosa para vê-lo, mesmo tendo coisas mais importantes para me preocupar. Eu odiava que ele estava dirigindo para a pequena casa história que eu tinha guardado e economizado até que eu poderia ter recursos para o pagamento, mas ainda parecia tão abatida e velha como tinha estado três anos atrás, quando eu tinha sido cheia de sonhos para repintar as paredes e refazer os pisos. Eu odiava que eu tinha feito Nix ir para a casa do seu melhor amigo para que ele não tivesse de suportar a mesma agonia que eu.

Eu odiava acima de tudo que Peg estava morrendo no pequeno quarto no andar de baixo em minha casa, e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer sobre isso, além de esperar.

Fazia oito anos desde o dia Patrick tinha vindo para minha casa, ferido e confuso após a morte de Moira. Eu via ele de vez em quando, de passagem depois de eu o ter feito sair na manhã seguinte, e até mesmo com mais frequência depois que Peg tinha ficado doente, mas eu ainda não conhecia sua filha.

De acordo com Patrick, ela tinha estado muito chateada após a morte de sua mãe para ir muito longe de casa, e quando ela parecia estar bem, Peg se recusou a vê-la porque ela estava muito doente. Ela não queria ser a causa de mais dor. Eu não conseguia entender como ela poderia acreditar que conhecê-la e perdê-la seria pior do que não conhecê-la.

Mamãe. Ela era uma mãe para mim agora, e meu peito doía enquanto eu pensava sobre como ela tinha cuidado de mim metade da minha vida. Eu nunca tinha ouvido dos meus pais novamente depois que eles me deixaram, e olhando para trás, eu mal sentia falta deles. Como eu poderia quando eu tinha sido puxada debaixo de uma asa tão gentil e cheia de amor como a de Peg?

Pneus rangeram do lado de fora e eu fui trazida de volta ao presente. Uma caminhonete estava descendo a estrada, mas eu não conseguia ver quem estava dentro dela. Eu coloquei a mão de mamãe sobre a colcha que ela estava envolvida e saí calmamente do quarto. Não havia necessidade de acordá-la se fosse apenas alguém que tinha tomado um rumo errado. Nenhuma das estradas perto da minha casa eram marcadas, então acontecia mais vezes do que eu gostava.

A porta estava aberta, deixando entrar uma brisa fresca, e eu empurrei a tela do meu caminho quando eu pisei na varanda... e senti minhas pernas dançarem debaixo de mim.

Memórias voaram pela minha cabeça quando meu estômago embrulhou e eu ansiosamente me lembrei de cada técnica que eu tinha aprendido para acalmar a minha respiração.

O que diabos aquele homem estava fazendo na minha garagem?

— Amy? — perguntou Patrick, correndo em minha direção na porta do lado do motorista da caminhonete.

Acenei de volta quando eu peguei a minha respiração, segurando o pilar que sustentava minha varanda.

— Cai fora da minha propriedade, — rosnei, olhando para o segundo homem.

— Eu só estou aqui para-

— Eu não dou à mínima. Saia.

O colarinho branco em sua garganta me fez querer vomitar - era uma resposta que eu tinha me treinado durante anos para superar. Não era socialmente aceitável vomitar toda vez que sua mãe lhe levasse à missa.

— Que porra é essa? — Patrick perguntou confuso, avançando uma vez antes de parar a si mesmo. — Ele está aqui para a unção dos enfermos da mamãe. Eu achei que ela gostaria de ver um rosto familiar.

— Posso garantir que sua mãe faria algo para trazer uma estadia prolongada no purgatório se ela olhasse para ele, — retruquei, me sentindo mais forte com Patrick pé entre mim e o padre.

— Kevie? — perguntou Patrick, olhando em direção à caminhonete. Sua expressão era uma máscara de confusão absoluta, e naquele momento eu odiava nunca ter dito a ele toda a história sobre o

meu ataque. Assistir Peg deteriorar já estava quebrando meu coração, e eu estava com medo de que ver Kevie novamente ia me empurrar sobre o limite.

Kevie se adiantou, seu rosto uma máscara de piedosa calma, e eu não queria nada mais do que amarrá-lo na árvore mais próxima. Eu sabia como amarrar um laço, eu aprendi isso para uma apresentação história na faculdade. Eu ainda não podia me mover, o medo. Se Kevie sabia onde estávamos, então Malcolm poderia saber também.

Era demais.

— Me desculpe se minha presença te ofende, Amy, — disse Kevie calmamente: — Sinto muito. Eu não sabia todo esse tempo...

— Você está brincando comigo agora? — eu assobiei, escondendo minhas mãos trêmulas em minhas axilas quando eu cruzei os braços. — Depois de todos esses anos? Olhe para minha mão!

Eu levantei os dedos que haviam dobrado e torcido de artrite e ossos mal definidos. Ele ficou olhando, e quando eu pressionei ambas as mãos juntas, parecia que elas pertenciam a duas pessoas diferentes. Enquanto Phoenix estava crescendo, eu tinha feito isso como um jogo de 'A Garra'. Não importava o quão dolorido as articulações estavam, eu lhe dava cócegas com a mão esquerda até que ele estava praticamente fazendo xixi nas calças.

Eu tinha virado a desfiguração em algo alegre, mas só de estar perto de Kevie me fez olhar para isso com nojo mais uma vez.

— Sua presença vai me ofender até que esteja enterrado a sete palmos do chão, — eu anunciei categoricamente. — Mesmo assim, eu espero que você apodreça no inferno.

O rosto de Patrick era como pedra e seus dedos começaram a tocar sua perna quando ele se virou para Kevie, — O que está acontecendo, Kevin?

— Você não, — Kevie perguntou antes de se virar para mim. — Você nunca disse a ele? — ele engoliu em seco e virou os olhos assustados de volta para Patrick.

— Não, — eu respondi sem rodeios, sua expressão assustada como um bálsamo sobre o ressentimento que eu sentia há anos. — Eu não contei a ele que você foi o único que me encontrou depois de seu irmão me torturar e me estuprar. Eu não disse a ele que você me disse

que ninguém iria acreditar em mim, e se o fizessem, eles não se importariam.

O rosto de Kevie caiu, os olhos arrependidos se recusando a me deixar mesmo quando Patrick falou.

— Você sabia? — Patrick perguntou, encontrando os olhos dele. — Você sabia e você nunca me disse nada? Eu falei para você, centenas de vezes nesses últimos quinze anos. Malcolm?

Notei então, ao escutar a conversa, que Patrick tinha perdido muito de seu sotaque, enquanto nós tínhamos estado na América. Não era algo que eu nunca tinha pensado, mas ouvir os dois ao mesmo tempo deixou claro o quão mais forte o sotaque de Kevie era. Patrick ainda soava como irlandês, mas suas inflexões e pronúncia tinham se tornado cada vez mais fracas. Ele também parecia mais e mais como Peg enquanto ficávamos mais velhos. Eu acho que a voz de uma mãe realmente é o som mais importante que uma criança ouve à medida que crescem.

O pensamento fez meu estômago se apertar enquanto eu olhava para a janela do quarto de mamãe.

— O quão perto estão seus vizinhos? — perguntou Patrick ameaçadoramente.

— Nós não temos tempo para isso, Patrick, — eu respondi baixinho. — Apenas faça ele ir embora, ok?

Ele olhou para mim em silêncio por um longo tempo, olhando meu cabelo e vestido de verão que eu estava usando, antes de assentir e se virar para Kevie.

— Você é um homem morto, — disse Patrick calmamente, antes de balançar o braço para fora. O corpo de Kevie saltou quando ele bateu no chão.

— Você vai deixar ele lá?

— Não, eu vou amarrar a bunda dele para cima e deixá-lo no sol o dia todo na caçamba da caminhonete. Fodido idiota. — ele cuspiu na forma inconsciente de Kevie, então levantou os olhos para mim. — Você tem uma corda?

— O que você acabou de fazer? — perguntei, dando um passo para trás enquanto ele se movia em direção a mim.

Seus olhos encontraram os meus, e ele passou os dedos em torno de meus quadris quando ele parou no último degrau da varanda. — Eu acabei de matar um dragão, — disse ele seriamente.

Eu solucei uma vez, e meus ombros relaxaram quando ele estendeu a mão para escovar o polegar na minha bochecha. — Meu herói, — eu sussurrei de volta.

— Sempre, — ele respondeu, apertando meu quadril antes de passar por mim.

Ele ligou para alguém de seu telefone celular assim que ele me levou para dentro da casa, e eu fui embora, enquanto falava com quem estava na outra linha. Isso me deixou nervosa, com Kevie desmaiado e amarrado em meu jardim da frente, mas eu não era estúpida.

Patrick não era um contador. Ele tinha sido parte de um clube de motoqueiros fora da lei durante os últimos quinze anos. Eu sabia que ele ia cuidar de tudo, e eu estava disposta a deixá-lo fazer isso.

Quando eu me sentei ao lado de forma adormecida da mamãe, eu tentava decidir como eu me sentia sobre a cena que acabara de testemunhar lá fora. Patrick iria matá-lo - eu sabia disso com certeza absoluta. A maneira como ele se movia, o tom de sua voz, a maneira como seus olhos tinham encontrado os meus depois... eu sabia que Kevie nunca voltaria para a Irlanda. O fato de que eu não tinha sentimentos de horror ou medo me fez parar na minha cadeira, considerando a cena em minha mente mais uma vez.

Não, eu ainda não senti nada.

Eu não tinha certeza se era porque eu não tinha espaço para qualquer coisa além do medo que eu tinha sobre a morte de Peg, ou se era porque eu confiava em Patrick para lidar com isso... mas eu não senti nada sobre a morte iminente de Kevie, ou até mesmo o assunto em que ele morresse.

O homem tinha montado sua própria paróquia, pelo amor de Deus. Ele ignorou seu irmão psicopata me torturando e tinha vivido como se ele estivesse sem pecado, como se ele fosse digno da confiança que seus paroquianos depositaram nele. Me deixou doente pensar em todas as mulheres que Malcolm pode ter ferido, enquanto o seu padre as aconselhava a não dizer nada. Não, eu não senti nada além de alívio de que Kevie ia morrer, e se isso estava errado, eu não me importei.

Porque Kevie nunca mais voltaria para a Irlanda significava que não havia como ele dizer a Malcolm onde eu estava.

E Patrick... bem, obviamente, nada iria acabar com meu amor por ele. Depois de todas as coisas que ele tinha feito, matar o homem lá fora parecia insignificante.

— Homens virão aqui em breve para pegá-lo, — ele sussurrou em meu ouvido quando ele parou atrás da minha cadeira. — Ignore a presença dele – eles não vão entrar em casa.

Eu balancei a cabeça, — Ele, tem certeza que ele não vai acordar? — minhas mãos tremiam um pouco e eu respirei profundamente, a fim de obter o controle das minhas emoções. Eu não estava na Irlanda e Malcolm não estava no Texas. Eu sabia que não havia nada a temer, mesmo quando meu estômago revirou.

— Você está segura, meu amor, — Patrick sussurrou de volta, me abalando. Ele se inclinou, o rosto no meu, até que estávamos nos tocando. — Eu nunca vou deixar outra coisa acontecer com você. Mas, saiba disso - estaremos discutindo as coisas que você deixou de fora todos esses anos atrás.

Essa não era uma conversa que eu estava preparada para ter, mas eu não estava prestes a discutir. Eu balancei a cabeça novamente, e o deixei beijar minha bochecha antes de estender a mão para escovar o cabelo de Peg do rosto dela.

— Mãe, é hora de acordar, — eu chamei suavemente. — Eu tenho uma surpresa para você.

Patrick ficou em silêncio enquanto Peg gradualmente acordava de sua droga – que a induziu a um cochilo, mas sua mão estendeu para segurar a parte de trás da minha camisa quando ela abriu os olhos e se virou para minha voz.

Ela estava muito pior do que a última vez que ele a tinha visto - e eu desejei ter dito a ele antes que ele chegasse lá que o tumor em seu cérebro tinha tomado completamente sua visão.

— Amy? — ela perguntou, segurando minha mão.

— Ei, mamãe. Te trouxe uma surpresa.

— Meu belo neto?

Eu sorri enquanto lágrimas encheram meus olhos, — Não, seu belo filho.

— Patrick? — sua mão se estendeu na frente dela, e eu cobri minha boca com a palma quando Patrick deu um passo em volta de mim para que ela pudesse alcançá-lo.

— Olá, linda, — ele disse suavemente, levantando a mão aos lábios para beijá-lo.

— Oh, eu estou tão feliz que você está aqui. — seu sotaque tinha ficado mais profundo após a primeira semana sem a visão, e eu me perguntava se era porque sem ver onde ela estava, ela simplesmente esqueceu.

— Eu senti saudade, — disse ele, com os olhos fechados em dor.

— Senti sua falta também. Sempre muito ocupado para ver sua mãe.

— Nunca. — ele se inclinou para beijar sua testa, e eu deixei cair meu rosto em minhas mãos, incapaz de assistir por mais tempo.

— Amy?

— Sim, mamãe? — eu limpei o meu rosto freneticamente, embora ela não pudesse me ver, e limpei minha garganta.

— Onde está o presente de Patrick?

— Meu presente?

— Sim, — eu gemi, brincando, fazendo mamãe rir. — Ela insistiu em comprar todos os nossos presentes de Natal antes que ela não pudesse ver mais. O único problema é que ela não tem absolutamente nenhuma paciência, então ela não vai esperar até o Natal para dar.

— Não tenho paciência? Ha! É mais como sem tempo, — mamãe comentou, fazendo Patrick tomar uma respiração afiada.

— Oh, nada disso, — mamãe repreendeu, apertando a mão de Patrick na sua. — Nós dois sabemos que eu vou embora logo, não adianta fingir o contrário.

— Você não tem que ser tão franca sobre isso, — eu respondi, me levantando da cadeira com raiva.

Eu odiava quando ela agia como se morrer não fosse grande coisa, absolutamente odiava. Foi à causa de todas as nossas brigas

durante os últimos cinco anos. Como ela podia agir como se nós todos apenas pudéssemos continuar sem ela? Como ela podia agir como *se* eu pudesse continuar sem ela? Ela era minha melhor amiga, minha confidente, ocasionalmente meu pai e sempre a mãe que eu nunca tive.

Não haveria como superar a sua morte. Não para mim.

Eu parei no meu caminho para a porta, quando Patrick envolveu uma mão na minha cintura e me puxou para o seu peito. Seu leve beijo na minha testa fez todo o meu corpo relaxar mais uma vez, e eu levei alguns minutos para por minhas emoções sob controle.

Com aquele gesto, ele me advertiu que este não era o momento de estar com raiva. Ele me assegurou que ele sabia exatamente como eu me sentia. Ele me lembrou que eu não estava sozinha em minha dor.

— Eu vou pegar o presente de Patrick, — eu disse calmamente à mamãe.

— Obrigada, — respondeu ela, toda a evidência de seu humor rabugento tinha ido.

Patrick e mamãe estavam falando baixinho quando eu voltei com o presente embrulhado, mas ambos ficaram em silêncio quando eu cheguei perto o suficiente para ouvi-los.

— Aqui está, filho pródigo, — eu disse, atirando a ele o pacote que eu tinha embrulhado duas semanas antes.

— Você *apenas* jogou meu presente? — perguntou Peg indignada.

— Não, mamãe, — Patrick e eu dissemos, ao mesmo tempo, fazendo com que todos os três caíssem na gargalhada.

— Bestas, — ela resmungou.

Patrick rasgou o papel lentamente, e um pequeno sorriso levantou seus lábios quando ele percebeu o que ele estava segurando.

— Obrigado, mãe, — ele disse suavemente, se inclinando para beijá-la na boca. — Esse é um presente maravilhoso.

— Para o meu menino maravilhoso, — disse ela de volta, batendo em suas bochechas. Ambos tinham lágrimas nos olhos enquanto ela esfregava os dedos sobre sua bochecha e seu nariz, movendo-os novamente para suavizar as sobrancelhas e correr suavemente sobre seus cílios e a umidade lá. — Leia para mim?

— Certo.

Ele se sentou na cadeira, e eu me levantei para dar a eles algum tempo sozinhos.

— Amy, se deite comigo um pouco, minha menina, — Peg gritou antes que eu pudesse sair do quarto. — Vamos ouvir o meu menino me fazendo lembrar de casa.

Eu rastejei na cama com ela e coloquei minha cabeça em seu ombro, envolvendo meu braço em torno de sua cintura fina enquanto ela corria os dedos sobre meu antebraço.

— I ya gae up to yon hill-tap, ye'll there see a bonie Peggy[2]*-* — Patrick começou, parando quando mamãe falou.

— Eu amo Robert Burns, — disse Peg, relaxando em mim quando o movimento no meu braço parado.

— Você só gosta do seu nome lá, — eu provoquei, fazendo-a sorrir.

Ouvi Patrick limpar a garganta, então ele começou novamente a partir do início,

"I ya gae up to yon hill-tap,

ye'll there see a bonie Peggy;

she kens her father is a laird,

and she forsooth's a leddy…"

Ele terminou o poema e iniciou outro quando Peg adormeceu, e eu escutei sua voz clara quando seu sotaque ficou mais grosso com cada palavra. Não era o que lembrava da nossa juventude; era de Peg e minha garganta ficou apertada com lágrimas quanto mais ele continuava.

— Ela está dormindo, Patrick, — eu disse calmamente.

Ele apenas balançou a cabeça, e continuou sem parar. Ele continuou lendo quando os homens que ele tinha chamado apareceram e levaram Kevie quando me levantei para buscar uma garrafa de água quando sua garganta ficou rouca, enquanto eu subia de volta na cama

[2] É um poema com sotaque irlandês. Eu não sei traduzir isso minha gente. Kkkkkkkkk. O livro inteiro foi complicado, mas isso aí não dá! Rs...

com a mamãe, e quando o sol começou a se pôr no céu. Ele não parou, nem por um momento.

* * *

— Patrick? — eu chamei com medo, encontrando seus olhos cheios de lágrimas depois que o sol tinha baixado completamente. — Eu não acho que ela está respirando.

— Vem cá, meu amor, — ele ordenou suavemente com uma voz áspera. Eu me inclinei para seguir suas instruções, em seguida, congelei quando o peito da mamãe se levantou mais uma vez.

— Vem, — disse ele novamente.

Ele ergueu a mão para me levar e eu deslizei para fora da cama, caminhando em direção a ele, entorpecida, meus olhos nunca deixando o peito de Peg. Quando eu cheguei até ele, ele me puxou para o seu colo, me estabelecendo em suas coxas quando ele passou um braço em volta de mim e eu pressionei minha testa em sua garganta.

Estávamos perto o suficiente para que eu estendesse a mão e agarrasse a dela na minha, correndo os dedos sobre as costas de seus ossos frágeis.

Eu podia sentir a vibração quando Patrick começou a ler de novo, e eu assisti em agonia, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, quando Peg continuou a lutar para respirar, não acordando mais.

Ficamos assim durante toda a noite, até que, finalmente, sem alarde e com seu filho lendo, Margaret Gallagher nos deixou para sempre.

Capítulo quarenta e seis

PATRICK

Eu me arrastei para a cama de Amy quando o sol finalmente começou a subir, enrolando meu corpo em torno de sua forma adormecida. Tinha sido a noite mais longa da minha vida.

Amy tinha estado praticamente em coma depois que mamãe tinha morrido, incapaz de fazer a mais pequena coisa para me ajudar. Eu tinha encontrado o número de telefone do hospital e casa funerária na geladeira e no momento em que eles chegaram, eu tive que erguê-la para fora do quarto para que eles pudessem levar o corpo da mamãe para o enterro.

Corpo da mamãe. Já não era ela, era de repente uma *coisa*.

Minha mãe estava morta. Uma parte de mim não poderia compreender plenamente o significado dessas palavras, mas o resto de mim estava pesado de uma forma que eu nunca tinha experimentado antes. Eu senti a perda antes, meu pai, homens com quem eu tinha convivido, e uma mulher que eu amava - mas eu não achava que qualquer coisa tinha chegado perto do sentimento de saber que eu nunca mais ouviria a voz da minha mãe.

Eu já sentia falta dela e eu desejei por um momento que Brenna estivesse comigo. Eu não achava que ela realmente se lembrava da mamãe, ela parou para visitar a muito tempo. Foi uma pena que ela tinha perdido muito tempo com sua vó, mas quando minha mãe insistiu que ela não queria ver a minha menina, eu não tinha discutido. Eu entendi por que ela sentiu a necessidade de ficar longe, mesmo não concordando com isso. Brenna já havia perdido muito em sua curta vida - eu odiava a ideia de ela perder ainda mais.

Quando meus olhos ficaram pesados, eu rolei para o meu lado para que eu enfrentasse a porta do quarto, enfiando Amy ainda dormindo nas minhas costas. Eu tinha tantas perguntas enchendo a minha mente que eu não tinha certeza se eu seria capaz de dormir, mas eu sabia que não estaria recebendo minhas respostas naquela manhã. Minha esposa estava devastada - completamente quebrada - e

eu sabia no fundo do meu intestino que se eu trouxesse o passado enquanto ela estava naquele estado de espírito, eu poderia jamais conseguir as respostas que eu estava procurando.

* * *

— Quem diabos é você?

As palavras raivosas me acordaram de um sono profundo e eu fui automaticamente para a pistola que deveria ter estado no chão ao lado da cama. Merda. Eu tinha deixado na minha caminhonete.

— O que você está fazendo na minha casa? Huh? Onde está a minha vó?

Olhei para cima para ver um grande garoto olhando para mim da porta, uma espingarda nos braços e sem sapatos nos pés. Sua pele era clara, seu corpo estava naquela fase infeliz onde estava ficando mais alto, mas ainda não amplo, seu cabelo era quase negro e seu nariz era um pouco grande para seu rosto. Eu sabia imediatamente quem ele era, e eu tive que me forçar a não tremer quando vi os olhos de Malcolm olhando para mim.

— Mãe? — ele perguntou em confusão quando Amy se sentou atrás de mim.

Merda, eu não sabia se eu deveria forçá-la de volta para baixo ou deixá-la falar com o garoto - eu não queria levar um tiro.

— Phoenix Robert Gallagher, se você não colocar essa maldita arma para longe, eu vou bater em você! — ela retrucou, a voz rouca de sono.

— Mãe? — droga, era estranho pra caralho ouvi-lo chamar de mãe naquele sotaque texano.

— Saia, Nix, — ela ordenou. — Eu estarei lá em um minuto.

Ele balançou a cabeça e olhou para mim enquanto dava um passo para fora da porta e, quando ele começou a se afastar, ela gritou com ele novamente. — Nix, feche a porta e guarde a arma!

A porta bateu com um grande estrondo, e de repente eu estava deitado em um quarto silencioso com a mulher mais bonita do mundo.

— Como você está, amor? — perguntei, rolando de costas para que eu pudesse olhar para ela.

— Eu me sinto como merda, e você?

Eu bufei com a sua descrição, em seguida, dei a ela um aceno de cabeça. — Da mesma forma. Não posso acreditar que ela se foi.

— Eu também. E agora eu tenho que ir lá e dizer ao meu filho.

— Eu acho que ele já sabe.

— Sim, mas eu ainda sou a mãe dele... ele precisa da minha confirmação.

— Quer que eu vá com você?

— Não, você pode ficar aqui por um tempo? — ela pareceu triste por perguntar, mas eu com certeza entendia seu raciocínio. O menino tinha acabado de apontar uma arma em mim. Ele não iria me querer testemunhando o momento em que ele soubesse que sua vó estava morta.

— Claro que sim, linda.

— Pare de ser charmoso, — ela murmurou quando ela rolou para longe de mim e se levantou. — Eu sou imune a ela.

— Você se importa se eu ficar mais um pouco para dormir? — perguntei, nem mesmo tendo certeza de que eu seria capaz de dormir, mas com medo de que eu ficasse acordado, ela me chutaria para fora antes que eu estivesse pronto.

— Não, fique o tempo que quiser.

— Obrigado.

Eu a assisti se movimentar ao redor do quarto, pegando um par de calças de moletom com algum mascote de aparência estranha do lado, e um manto azul longo com rãs impressos sobre ele. Ela se moveu como se eu nem estivesse lá, trançando os longos dread locks em seu cabelo e colocando algumas meias que não combinavam.

— Por que você fez isso com seu cabelo? — perguntei pela primeira vez.

— Ele cresceu desse jeito, — ela respondeu em um tom estranho.

— Não, os dread locks. Por que você fez?

Ela parou por um instante na porta, em seguida, se virou para olhar para mim.

— Você se lembra da maneira que você costumava correr seus dedos por ele? — ela perguntou com um sorriso confuso, então esperou até que eu balançasse a cabeça em confirmação antes de continuar. — Não foi o mesmo depois de ter sido cortado. Era áspero e... eu não podia suportar a ideia de alguém esfregando seus dedos por ele.

— Então agora não dá.

— Certo.

Ela saiu e eu fiquei deitado na cama me perguntando se a verdadeira razão de ela ter feito era porque ela *não* queria que eu corresse os dedos por ele.

Talvez já não importasse.

Capítulo quarenta e sete

AMY

— Como é que você entrou no meu seguro? — eu perguntei enquanto caminhava para a máquina de café no balcão. Deus, eu senti como se eu não tivesse dormido em semanas. Meu corpo inteiro estava pesado.

— Eu sei a combinação, — Phoenix resmungou, batendo os dedos sobre a mesa. — Quem é o cara sem-teto?

— Ele não é sem-teto, não seja um idiota.

A conversa era irrelevante, mas eu o deixei continuar. Estávamos conversando ao redor do elefante na sala, nenhum de nós prontos para enfrentar isso ainda.

— A barba chega quase no peito dele e o cabelo é mais longo do que o seu.

— Ele é o filho de vovó. Você conheceu ele antes.

— Eu não me lembro dele, — argumentou ele, cruzando os braços sobre o peito.

— Ele te conheceu desde que era um bebê, — eu respondi observando-o atentamente.

— Qual o nome dele?

— Patrick.

— Patrick o quê?

Eu sabia onde a conversa estava indo, e eu engoli em seco contra o aperto na minha garganta. Merda. Eu queria tanto que Peg estivesse lá naquele momento. Ela saberia o que fazer. Uma onda de tristeza rolou em cima de mim e eu fechei os olhos até que a dor aguda se acalmasse um pouco.

— Gallagher, — eu respondi.

Nix olhou para a mesa, os ombros rígidos e todo o seu corpo praticamente vibrou com reprimida emoção.

— Ele é meu pai? — ele perguntou em voz baixa, como se estivesse envergonhado de ainda estar perguntando. Às vezes parecia que ele já era um adulto e eu era apenas um incômodo em sua vida, mas outras vezes parecia com o menino que estava com medo de seu professor no jardim de infância e chorava cada vez que eu o deixava na primeira semana.

— Ah não. Não, baby, eu sinto muito, ele não é.

— Eu não entendo, — respondeu ele, balançando a cabeça.

Seu cabelo negro estava confuso e pendurado em seu rosto, e enquanto eu observava seus olhos, eu tive o impulso irresistível de levá-lo em meus braços como eu tinha feito quando era pequeno e escovar todo esse cabelo selvagem para fora de seu rosto.

— É uma longa história, você tem certeza que quer ouvir? — eu perguntei quando derramei creme em meu café e me sentei em frente a ele na mesa. Eu não queria falar sobre isso, mas se era assim que ele tinha escolhido passar a manhã em vez de falar sobre o enorme e escancarado buraco que agora tínhamos em nossas vidas... eu não iria discutir com isso.

— Eu não tenho planos.

Eu ri um pouco pela sua resposta indiferente, e o cutuquei com o pé.

— Quando eu era um pouco mais velha do que você é agora, meus pais e eu nos mudamos para a Irlanda-

— Não me diga? — ele exclamou, de repente, se sentando reto.

— Não me diga, — eu confirmei, — e cuidado com a boca. De qualquer forma, nós nos mudamos para a Irlanda e é aí que eu conheci sua vó. — eu balancei a cabeça, e senti um pequeno sorriso no meu rosto. — Eu achei que ela era uma mulher louca no início. Ela me parou no caminho para casa da escola um dia e me convidou para tomar chá.

— Você não tinha sequer a conhecido antes disso?

— Não. Você vai me deixar terminar, ou você vai ficar me interrompendo?

Ele franziu a boca e fez um gesto como se estivesse se trancando, antes de lançar a chave invisível por cima do ombro. Besta.

— Então, para entender toda a verdade, você tem que entender que meus pais eram uns filhos da puta. Eles estavam muito ocupados com drogas e prostitutas para dar qualquer atenção a mim.

Os olhos de Nix ficaram tão grandes que parecia que eles iriam estalar para fora de sua cabeça, e eu sabia que ele estava reunindo todas as suas forças de vontade para não falar. Eu ri, me sentindo mais leve do que eu me senti nas últimas três semanas.

— Então, Peg me convidou para entrar, e praticamente me levou sob suas asas. Depois de um tempo, eu estava dormindo em sua casa com mais frequência do que eu estava em minha casa. Uma noite, seu filho chegou da Uni - a faculdade deles por lá - e ele estava chateado que uma garota estava se aproveitando de sua mãe. Eu estava assustada, mas não demorou muito para que ele percebesse que eu não estava lá para tirar qualquer coisa de Peg.

— Levou menos de doze horas, — comentou Patrick da porta de entrada da cozinha, um pequeno sorriso em seu rosto. — Desculpe, eu senti cheiro de café.

— Se ele pode te cortar, eu posso te cortar, — Nix anunciou, deixando escapar uma enorme lufada de ar como se estar sendo forçado a não falar o fez prender a respiração também.

— Ele estava lá, você não, garoto, — argumentei, apontando para ele.

— Sua mãe era a garota mais bonita que eu já vi, — disse Patrick por cima do ombro enquanto ele pegava uma xícara de café. — Eu estava apaixonado logo que a vi.

— Ele é cheio de si.

— Eu não sou! — Patrick se sentou à mesa, enquanto a cabeça de Nix voava entre nós. — Você deveria ter visto ela de uniforme escolar.

— Eu ia para uma escola católica - todas as meninas tinham que vestir esse uniforme - saia xadrez e meias até os joelhos, — eu informei a meu filho.

— Não é um visual que eu gosto, — Nix gemeu e se esgueirou em seu assento.

— De qualquer forma, nós finalmente nos casamos, — eu disse, esfregando o polegar sobre a tatuagem no meu dedo.

— Você é casada? — ele gritou, boquiaberto de surpresa.

— Sim.

— Então por que ele não é meu pai? Por que não é meu pai? — perguntou Nix, a ponto de perder completamente a cabeça. Eu acho que não era a melhor manhã para colocar tudo para fora para ele. Deus, eu era uma mãe de merda. Eu não sabia o que diabos eu estava fazendo metade do tempo.

— Não é-

— Não, me deixe terminar, — eu disse a Patrick, cortando tudo o que ele estava prestes a dizer. Eu não iria permitir que o meu filho soubesse os eventos completas daquele ano. Não por qualquer razão, nunca.

— Nós nos casamos, mas logo depois que o pai de Patrick - marido de vovó, Robbie, de quem você recebeu o nome - foi morto na explosão de um carro do lado de fora da nossa casa-

— Puta merda!

— Sim, não foi bonito, — eu disse suavemente, olhando para Patrick enquanto ambos recordavam aquela manhã.

— Deus, isso deve ter sido uma merda, — disse Nix, caindo de volta em seu assento.

Eu balancei a cabeça em concordância. — Então, logo depois disso, o passado de Patrick voltou para assombrá-lo. — no rosto confuso de Nix, expliquei um pouco mais claramente. — Ele tinha dormido com alguém antes de nos casarmos, e ela engravidou.

— Seu idiota, — disse Nix para Patrick, que estava passando a mão pelo rosto.

— Sim, você tem esse direito.

— Decidimos sair da Irlanda com alguns amigos de Patrick, mas tivemos de sair em dois grupos diferentes. Patrick foi com a mãe do bebê, — eu parei quando Nix bufou em minha terminologia, — então vovó e eu deveríamos ir no segundo grupo e nos encontrar com ele.

Olhei e encontrei os olhos de Patrick enquanto eu terminava minha história. — Eu estava com raiva, puta mesmo, então antes de sairmos da Irlanda, eu dormi com outra pessoa para me vingar de Patrick - e, então eu me recusei a segui-lo até Oregon. Sua vó e eu pegamos um avião para Nova York e viemos de ônibus até aqui.

Os olhos de Patrick se fecharam, como se estivesse com dor, e eu queria chegar do outro lado da mesa para segurar sua mão - mas não o fiz. Ele não merecia o meu conforto - não nisso.

— Droga, mãe. Isso foi ruim.

— Na verdade não, eu tive você, não foi?

— Sim, sorte sua.

— Eu sei, eu adoro meias fedorentas e a maneira como você fede o banheiro, então não posso tomar banho durante uma hora depois.

— Cale a boca, mãe! — seus olhos voaram para Patrick em constrangimento.

— Oh, por favor. Ele mora com homens que você nem imagina.

Tanto Patrick como Nix começaram a rir e foi o som mais bonito que eu já tinha escutado - até que de repente, era o mais doloroso, quando as risadas de Nix se tornaram soluços. Eu me levantei tão rápido que minha cadeira caiu e contornei a mesa em segundos, puxando o meu menino em meus braços.

Ele finalmente soltou o que tinha segurado por semanas. Eu estava grata que eu estava lá quando aconteceu.

— Vovó se foi, não é? — perguntou ele em meu pescoço, todo o seu corpo trêmulo enquanto seus dedos cravaram em minhas costas através do manto espesso que eu estava vestindo.

— Sim, querido. Eu sinto muito.

Ouvi uma fungada da mesa, e virei minha cabeça em direção a Patrick para encontrar seus cotovelos apoiados na parte superior com as palmas das mãos cavando em seus olhos.

Eu não conseguia parar as lágrimas que rolavam pelo meu rosto.

— Ela fez Patrick ler poemas de Robert Burns para ela: — eu disse para Nix suavemente, esfregando suas costas.

— O bom e velho Robbie Burns, huh? — ele respondeu com uma imitação surpreendentemente precisa do sotaque de Peg.

— Sim. Ainda nos fazendo ir ao ritmo dela, mesmo no final. — eu cerrei meus olhos bem fechados e respirei profundamente. Eu não podia perdê-lo. Eu tinha um filho para cuidar.

— O que acontece agora? — perguntou Nix, e era tão semelhante à pergunta que eu ouvi anos atrás, que os meus olhos se encontraram com os de Patrick do outro lado da mesa quando eu respondi.

— Vovó planejou seu próprio funeral, então vamos fazer isso na próxima semana em algum momento... e então, nós vamos continuar a viver.

— Tudo bem, — disse Nix, quando ele se inclinou para beijar minha testa. Eu juro que nunca me acostumaria com o meu filho sendo mais alto do que eu. — Hum, — ele soluçou, e se afastou. — Eu vou tomar banho. Está bem?

— Eu estou bem. Vá em frente e tome banho, mas deixe um pouco de água quente, sim?

— Sim. — ele foi para a entrada da cozinha e, em seguida, se virou para Patrick. — Foi bom conhecê-lo novamente, mesmo que a razão de você estar aqui seja uma merda.

— Foi bom te ver de novo também, Phoenix.

— Desculpe ter roubado seu sobrenome, — disse Nix com um curvado sorriso aguado.

Patrick olhou para ele por um minuto, em seguida, ergueu o queixo. — Que nada.

Capítulo quarenta e oito

AMY

— Obrigada por vir, — eu disse, olhando por cima do meu ombro para Patrick, que estava encarando o homem que eu estava falando.

— Claro, querida, — Sam disse gentilmente, me puxando para um abraço e esfregando minhas costas, em movimentos longos.

O movimento teria sido um conforto em qualquer outro dia, mas com Patrick nos observando, só fez minha pele arrepiar.

— Me ligue hoje à noite.

— Eu irei.

Eu assisti Sam caminhar até seu carro – parado do lado da caminhonete - e suspirei quando ele acenou antes de se afastar. Porra.

Eu tinha visto Sam por um pouco mais de seis meses e as coisas eram boas com a gente. Muito boas. Ele era bonito, inteligente, ele sabia o que estava fazendo na cama e ele tratava Nix como o irmão mais novo que ele nunca tinha tido - interessado no que ele estava fazendo e protetor, mas não como um pai. Ele era um cara tão bom. No mês passado, ele tinha lidado com as minhas mudanças de humor, planos quebrados e depressão, e ele nunca vacilou em sua devoção.

Minha vida amorosa tinha sido praticamente inexistente nos últimos anos. Eu tinha saído com um homem por quase um ano, quando Nix tinha cinco anos, mas não tinha dado certo. Eu o tinha feito esperar tanto tempo antes de eu estar pronta para ter relações sexuais com ele, que quando finalmente fizemos, nós percebemos que não éramos muito compatíveis. Ele tinha sido um amor, um homem que eu conheci na minha aula de ioga, e eu não poderia ter escolhido uma pessoa melhor para a minha primeira vez depois do ataque... mas não tinha sido bom. Ele tinha sido gentil e suave e tudo o que eu poderia querer, mas ele também não tinha habilidade. Depois da primeira vez, quando eu chorei, e as próximas vezes que eu fiquei lá com tédio, nós dois soubemos que não ia dar certo.

Eu não tinha tido relações sexuais novamente até que Patrick tinha aparecido alguns anos mais tarde, e depois disso, eu ainda não tinha estado aberta à possibilidade de me tornar séria com ninguém. Não até Sam.

No papel, Sam era tudo que eu poderia querer. Ele era gentil, mas ele também sabia exatamente como me tocar. Ele não perguntava sobre minhas merdas e não empurrava, tampouco. Ele era bem sucedido e extremamente atraente. Eu realmente gostava dele e eu pensei que talvez nós estivéssemos trabalhando em direção a algo bom.

Mas agora, tudo o que eu podia ver era Patrick, e eu odiava isso. Eu odiava a força que ele tinha sobre as minhas emoções e a forma como ele não me deixava ir.

Ele não iria deixar ir, e eu não poderia voltar.

— Mãe, eu vou até Simon, está bem? A mãe está indo. — Nix parou ao meu lado, e eu me inclinei contra o seu corpo magro.

Ele ficou mais alto que eu quando fez treze anos, e agora a minha cabeça mal alcançava seu ombro. Isso tanto me surpreendeu quanto me deixou louca, porque eu sabia de onde ele tinha herdado essa altura.

— Você tem certeza, — minhas palavras foram cortadas quando seu corpo ficou rígido ao meu lado. Eu estava sendo egoísta. — Claro, baby. Mas você precisa estar em casa às nove, ok?

— Mãe-

— As nove, Phoenix. Nem um minuto depois. Você tem escola amanhã e você não vai dormir lá.

— Eu sempre fiquei lá antes-

— Nix, — eu avisei, e sua boca se fechou.

— Tudo bem, — ele resmungou, envolvendo os braços em volta dos meus ombros. — Te amo.

— Eu também te amo, garoto.

Ele desceu os degraus e se encontrou com a mãe de Simon Renee em seu carro, onde ela estava esperando por ele. Ela levantou a mão e acenou para mim com um aceno de cabeça antes de subir e se afastar. Nós tínhamos um acordo, ela e eu. Não importa onde os meninos estavam, na minha casa ou na dela, mantínhamos os olhos sobre os dois.

— Você não poderia ter deixado o garoto ficar com o amigo hoje à noite? — a voz de Patrick me assustou. Eu tinha esquecido por um momento que ele estava lá. — Temos merdas para falar, Amy. Eu deixei passar nos últimos dias, mas está na hora.

Eu balancei a cabeça e tranquei a porta da frente, olhando distraidamente sobre a casa bagunçada. Tinha havido muitas pessoas dentro da minha pequena casa, mas eu queria ter a recepção após o funeral no meu próprio espaço. Eu nunca me senti completamente confortável na igreja, e eu queria sair de lá o mais rápido que pude.

— Você está transformando ele num filhinho de mamãe, — continuou Patrick, e eu senti raiva aumentar no meu peito. Eu tinha ouvido esse comentário antes de um antigo namorado bem antes de eu chutar seu traseiro para fora da minha casa.

— Simon não é amigo de Nix, Patrick, — eu respondi, entrando na cozinha buscar para uma xícara de café. Parecia que a casa tinha caído dez graus sem todos aqueles corpos aquecendo. — Ele sabe que não tem permissão para passar a noite lá, ele estava apenas tentando ser simpático.

— Merda, o menino acabou de perder sua vó-

— Isso não significa que eu vou incentivá-lo aos dezesseis anos a fazer sexo! — eu lati de volta, me virando para encará-lo.

— O quê? — o olhar de confusão em seu rosto era quase cômico.

— Simon é o namorado de Nix.

Eu vi quando a compreensão o atingiu e me preparei. Eu estava acostumada com as pessoas dizendo merda - eu vivia em uma pequena cidade do Texas, pelo amor de Deus, então não era como se eu não tivesse ouvido os murmúrios. Eu também tinha certeza que Simon e Nix estavam juntos puramente porque quase não havia garotas por aqui.

Mas isso não significava que eu estava preparada para qualquer tipo de desprezo de Patrick. Seria cortar completamente qualquer vínculo que eu acreditava que estava nos mantendo.

— Bem, merda. Eu não iria deixá-lo passar a noite lá também. — ele rosnou, sentando em uma cadeira na mesa. — Como é esse Simon?

Senti um sorriso pequeno aparecer em meus lábios enquanto eu me virava em direção ao balcão. — Ele é um bom garoto. Não é muito bonito, — eu olhei por cima do meu ombro com um sorriso. — Suas

orelhas são para fora e ele está lutando uma batalha perdida com espinhas. Mas ele é doce com Nix, e isso é tudo que eu posso pedir.

— É melhor o filho da puta ser bom para Nix, — eu o ouvi resmungar quando passei por ele uma caneca quente.

— Está tudo bem, sabe? Ele é um bom garoto, e ele é respeitoso. Eu realmente não posso reclamar.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos, e eu podia imaginar as engrenagens se mexendo e as rodas girando enquanto ele processava essa nova informação. Eu tive anos para processar, começando quando Nix estava em torno dos... onze, eu acho? Ele começou a fazer perguntas, então, apesar de ter me assustado, eu respondi com toda a calma que pude.

Se eu me importo que o meu filho fosse gay? De modo nenhum.

Se eu me preocupo com ele a cada segundo que ele estava fora da minha vista? Sim, mas eu estava fazendo isso desde o dia em que ele nasceu e eu não via isso mudando - nunca.

Eu sabia que havia pessoas lá fora que iriam machucá-lo só porque eles podiam. Valentões. Mas, por agora, estávamos escondidos aqui em nossa cidade tranquila, e nós não tínhamos tido quaisquer problemas ainda. Meu menino era todo menino, forte e masculino, e havia apenas algumas crianças maiores do que ele em sua escola. Enquanto ele estava lá, eu sabia que ele estava relativamente seguro. Eu não me deixei pensar em quando ele fosse embora para a faculdade. Isso era um novo conjunto de preocupações.

— Ele fez sexo com aquele garoto? — o sotaque de Patrick era mais profundo, assim como seu tom.

— Uh, não. Eu acho que não, — eu respondi, retirando o café que tinha escorregado da minha boca com surpresa. — Ele tem apenas dezesseis anos, Patrick.

— Eu estava fazendo sexo desde que eu tinha doze anos.

— Doze?

— Sim.

— Isso é nojento! — eu olhei para ele com horror, mas eu não poderia mudar minha expressão. Eca.

— Mamãe atrasou um pouco, — disse ele com uma risada, seu sotaque mais uma vez desaparecendo.

— Vamos trocar de assunto, — eu perguntei, meu nariz ainda amassado.

— Você já falou sobre esse assunto com ele, — ele ainda?

— Ele não vai engravidar ninguém.

— Não seja idiota, você sabe o que eu quis dizer, — ele repreendeu. — Ele sabe sobre os preservativos e essas coisas?

— De onde diabos isso tudo veio?

— Porque eu poderia falar com ele. Conversei com alguns dos meninos mais novos no clube, sabe-

— Patrick! — eu gritei, cortando sua divagação.

Quando seus olhos encontraram os meus, eles estavam preocupados. — Ele não pode ficar fazendo sexo desprotegido, Amy. Não é seguro.

— Relaxa, baby, — eu disse, carinho escorregando para fora antes que eu pudesse detê-lo. — Eu tive que falar com ele. Mais do que uma vez. Ele tem preservativos se ele precisar deles, mas eu não acho que ele está usando isso.

— AIDS e essas merdas, Amy.

— Nix não vai pegar AIDS, Patrick. Merda.

— Ou herpes.

— Você pode parar com isso, por favor?

— Você realmente conhece esse garoto Simon?

Isso estava me irritando.

— Patrick, o que diabos está errado com você? Simon é gay, não um assassino em série!

A cadeira de Patrick caiu quando ele se atirou da mesa, seu rosto uma máscara de incredulidade e raiva.

— Aquele menino pensou que eu era o pai dele, — ele sussurrou, apoiando as mãos em cima da mesa e se inclinando mais perto. — Ele carrega meu nome.

Eu o observei em silêncio enquanto meu rosto ficava vermelho. Eu sabia que eu tinha ofendido, mas eu estava ofendida também.

— Ele carrega meu *nome,* Amy. O amor da minha vida carregou ele dentro de seu corpo, porra! Não é como se ele fosse um garoto qualquer da rua. — ele balançou a cabeça, parecendo ficar mais irritado a cada segundo. — Tenho uma filha em casa e ela nem mesmo leva os meninos no clube porque ela está apavorada! — ele rosnou, dando um passo para trás para longe da mesa. — Você está louca se você acredita que minha preocupação vem de qualquer coisa senão alguém levando vantagem dos nossos filhos.

Ele se afastou e saiu pela porta da frente antes que eu tivesse uma chance de responder.

Eu me senti como uma merda, como uma idiota completa e total. Eu estava tão na defensiva por tanto tempo que eu automaticamente assumi que ele estava sendo um idiota, jorrando essas porcarias sobre DST. Não tinha sequer passado pela minha cabeça que ele estava sendo ridiculamente protetor. Passei tanto tempo me preocupando que alguém fosse tratar Nix mal, que eu nem tinha percebido quando alguém estava fazendo exatamente o oposto.

Eu era uma vadia.

— Patrick! — eu gritei, passando pela mesa e seguindo-o para fora.

Encontrei ele sentado nos degraus da frente, fumando um cigarro.

— Sinto muito, — eu disse, me jogando ao lado dele. — Eu acho que sou muito sensível.

— Não brinca?

— Eu estou tão preocupada de alguém ser idiota – espere aí.

Eu pulei e corri para cima para pegar uma lata pequena de Altoids[3] da minha gaveta de meias. Quando eu desci, Patrick estava me observando com diversão.

— Você teve uma luz? — perguntei, colocando a lata no degrau de madeira ao meu lado e tirando um baseado.

— Ah, Amy Gallagher, sua rebelde.

---

[3] Bala.

— Sem causa - eu sei, — eu balancei minha cabeça enquanto eu acendia, tragando e tossindo um pouco. — Isso ajuda com a minha ansiedade.

— Você tem problema com isso? Ansiedade?

— Não realmente, yoga e meditação ajudam. Eu nem sequer fumei em anos. Você sabe, essa é a primeira vez em um tempo que nós apenas nos sentamos e conversamos.

— Frases americanas são ridículas - e não mude de assunto.

— Eu pensei que você estava me dando um minuto para se desculpar.

— Se considere perdoada - eu lido com minhas próprias merdas com Brenna.

— Sério? Isso me surpreende.

— Não é tão surpreendente, — comentou ele, pegando o baseado dos meus dedos e inalando profundamente. — Seu pai faz parte de um clube da motoqueiro, alguns pais não são muito animados sobre isso.

— Não. — eu suspirei, quando ele passou o baseado para mim novamente.

— Cale a boca.

— Sinto muito que você já teve que lidar com isso. Nós não tivemos quaisquer grandes coisas acontecendo ainda - mas eu sinto que estou sempre preparada para isso. Eu só não quero que ele se machuque, sabe? Quero dizer, ele é grande e ele vai ser maior, então eu acho que ele vai ir bem fisicamente. Eu odeio o pensamento de alguém fazê-lo se sentir mal por algo que ele não tem controle.

— Não pode proteger ele de tudo. O menino está quase crescido, ele não pode ficar embaixo da asa da mãe.

— Ele não fica. Ele é mais protetor comigo.

— Certo. Soa como você mesmo.

— Mais como sua mãe. Merda, eu não sei o que eu teria feito sem ela. Eu estava tão confusa por tanto tempo, eu acho que eu tive um ataque de pânico quando ela finalmente saiu de casa.

— Você está pronta para me dizer o que eu quero saber? — ele perguntou, me devolvendo o baseado e acabando com ele.

— Quer ir para dentro? — eu perguntei calmamente, me recostando contra a grade.

— Provavelmente não. Pelo menos aqui fora não há nada para quebrar. — ele balançou a cabeça para mim, seus olhos se movendo vagarosamente a partir do topo da cabeça até a gola da minha blusa preta.

— Não é algo que eu fale – nunca, — eu disse, olhando para longe dele. — Quero dizer, eu ainda nem discuti isso com Sam.

— Aquele bastardo que era todo mãos sobre você hoje?

— Ele é um cara bom, Patrick.

— Ele sabe que você é uma mulher casada?

— Não seja um idiota, ele sabe que nós nos casamos.

— Idiota, huh? Sua língua foi para o inferno. E ainda somos casados.

— É um pedaço de papel idiota, — argumentei, sabendo que eu deveria estar realmente irritada, mas não realmente sentindo isso. A maconha estava fazendo seu trabalho.

— Foram votos que falamos na frente de um padre.

— Um padre sujo.

— Isso não importa.

— É mesmo?

— Fizemos promessas, — ele insistiu estupidamente, e eu tive que segurar minhas mãos para não bater na cabeça dele.

— Você não manteve até mesmo uma daquelas promessas- — minhas palavras sumiram quando eu vi o movimento no final da nossa calçada, e em poucos segundos eu estava de pé e correndo.

— Phoenix? — eu chamei, — Você está bem? O que aconteceu?

Ele estava suado e respirando com dificuldade, com o rosto vermelho de correr e havia lágrimas em seu rosto.

— Não é nada, mãe, — ele mentiu, passando por mim sem encontrar meus olhos.

— Não é nada. Que diabos, Nix?

— Eu disse que não é nada! — ele se virou e se inclinou para gritar comigo, e eu vacilei para trás.

— Mãe? — perguntou ele, a voz embargada, enquanto tentava entender o meu movimento.

— Não fale com sua mãe desse jeito, — disse Patrick com raiva, caminhando em nossa direção.

— Eu posso lidar com isso, Patrick, — eu avisei, meus olhos nunca deixando Nix.

— Não parece que você esteja lidando com alguma coisa, — ele retrucou.

— Por que diabos você ainda está aqui? — Nix sussurrou, se virando para Patrick. — Sua mãe não mora mais aqui, você precisa ir.

— Phoenix Robert! — eu gritei, totalmente pega de surpresa por suas palavras mordazes. Quem era esse garoto?

— Você está bem, rapaz? — perguntou Patrick calmamente, observando Nix de perto.

— Vá se foder! Eu disse que estou bem!

— Você não parece bem.

— Eu estou bem! — Nix gritou, suas mãos fechando em punhos e os braços apertados em seus lados. Lágrimas começaram a correr pelo seu rosto novamente, e humilhação misturada com tristeza absoluta em seu rosto.

— Baby, — eu murmurei, me aproximando para tocar suas costas suavemente através da camiseta branca suada que ele estava usando. — O que está acontecendo?

Meu tom, ou talvez o meu toque, deve ter sido o catalisador, porque ele começou a soluçar quando ele cobriu o rosto com as mãos. Ele girou o corpo em direção ao meu, e eu levei mais de seu peso quando ele se envolveu em torno de mim.

— Mãe, — ele gemeu no meu pescoço.

— Você está bem, filho, — eu sussurrei em seu ouvido. — Nós vamos acertar o que quer que ele esteja errado. Eu prometo, baby. Mas você tem que me dizer o que é.

Patrick nos olhava com olhos preocupados enquanto eu segurava Nix em meus braços. Ele não estava certo do que fazer - e eu estava feliz por isso. Ele pode ter sido o filho de Peg, e uma parte da minha vida anos atrás, mas ele não tinha absolutamente nada a ver com Nix.

Nix era meu. Só meu.

— Ele terminou comigo, — Nix finalmente sussurrou.

No dia do funeral de sua avó? Eu tremia de fúria, desejando que Simon tivesse dezoito anos para que eu pudesse ir lá e bater nele. Que filho da puta.

— Ele disse que não era realmente gay, que ele só- — Nix começou a soluçar, mais uma vez, e eu quase não ouvi seu sussurro. — Ele disse que só sabia que eu iria fazer um boquete nele.

Meu estômago virou com as palavras sussurradas e eu vi vermelho.

— Que idiota, — eu disse firmemente, apertando Nix ainda mais — E se aquela criança não é gay, então nem Elton John.

Nix riu uma vez, então recuou para encontrar os meus olhos.

— Estou tão envergonhado, — disse ele vergonhosamente.

— Você não tem nada para se envergonhar, Phoenix Gallagher. Nada. Ele é o babaca, não você.

— Mas por que ele diria isso?

— Porque as pessoas são idiotas, às vezes. — eu subi para pegar um punho cheio de seu cabelo, segurando-o apertado quando eu o fiz me olhar nos olhos. — Você é melhor que ele. Bem melhor. E um dia você vai conhecer um cara que é tão bonito como você é e que vai te amar.

— Isso dói muito, mãe.

— Eu sei que dói, baby. Eu sei.

Eu me virei e caminhei lentamente com ele até em casa enquanto ele tentava não encontrar os olhos de Patrick. O meu filho estava mortificado e eu me ressentia do fato de que Patrick havia testemunhado algo que Nix não queria que ele visse.

— Eu acho que Renee vai te ligar, — disse Nix quando chegamos à varanda da frente.

— Ótimo, eu posso dizer a ela que filho da puta seu filho é.

— Eu acho que ela provavelmente vai dizer a mesma coisa.

Eu parei abruptamente e meu olhar saltou para o seu.

— Eu tenho certeza que eu quebrei o nariz dele... talvez sua mandíbula, também, — disse Nix nervosamente.

Olhei atentamente para o meu filho alto e forte. Ele era muitas coisas. Inteligente e gentil, bonito e engraçado. Ele tinha um jeito com as pessoas - eles apenas pareciam gravitar em direção a ele - e ele nunca tinha conhecido um estranho. Quando ele era realmente pequeno, ele tinha sido um pouco tímido, mas eu às vezes me perguntava se tinha sido meu nervosismo passando para ele, porque, quando eu tinha me curado, ele se tornou mais extrovertido. Ele era o melhor homem que eu conhecia.

— Esse é meu garoto, — eu disse com um aceno de cabeça sólido, pegando sua bochecha na palma da minha mão.

— Eu achei que você ia ficar brava comigo, — disse ele, seus ombros caindo enquanto ele continuava a soluçar com os soluços.

— Nunca deixe ninguém te tratar como menos do que você é, tá me ouvindo? Se levante. Sempre. Agora suba as escadas e tome um banho. Você cheira a estrume. — eu olhei para baixo para ver grama no fundo de seus sapatos. — Oh, que nojo! Tire os sapatos, eu tenho certeza que você pisou em alguns.

A risada assustada de Nix fez meus lábios se curvarem quando ele deslizou os sapatos, então subiu as escadas, dois degraus de cada vez.

— Você é uma boa mãe, — disse Patrick, me assustando. — Você sabe o que dizer a ele.

— Não, eu só estou voando a maior parte do tempo.

— Eu não tinha certeza do que-

— Eu acho que você provavelmente deveria ir, Patrick, — eu disse, colocando os sapatos de Nix na varanda da frente. — Eu não tenho certeza do que você está procurando, mas você não vai encontrar isso aqui.

— O que você está dizendo? — ele perguntou com cautela, dando um passo em minha direção.

— Eu estou dizendo que eu não posso fazer isso com você. O que quer que isso seja. — eu levantei minhas mãos palmas para cima. — Não tenho nada para te dar. Nada. Eu tenho um filho que está de coração partido e eu tenho que cuidar isso e conversar com um namorado que está provavelmente se perguntando onde diabos eu estive toda a semana, e um estúdio de ioga que não vai abrir sozinho, mesmo que esteja indo bem nos últimos meses.

— Um namorado.

— Não aja como se você estivesse surpreso, nós acabarmos de conversar sobre isso.

— Eu não percebi que era sério – que você escolheria ele-

— Você está me zoando? — perguntei, incrédula. — Escolher? Existe uma escolha? Eu juro por Deus, Patrick, você acha que pode mudar o passado para atender às suas finalidades.

— Sempre foi você, — disse ele, e eu não poderia ouvir mais uma palavra da sua realidade distorcida.

— Dê o fora da minha casa, — eu disse sem rodeios. — Obrigada por ter vindo, e por ajudar com tudo na semana passada. Eu não sei como eu teria feito isso sem você. Mas agora - agora você precisa ir.

Ele olhou como se eu tivesse acabado de lhe dar um soco, mas ele não disse mais uma palavra e eu não recuei quando ele me deu um aceno de cabeça. Ele me deixou lá na entrada quando ele entrou na cozinha para pegar seu casaco, e eu ainda estava de pé congelada no mesmo local quando ele voltou.

— Peço desculpas por tomar vantagem da sua hospitalidade- — suas palavras foram tão tranquilas e quase envergonhadas, que eu tive que morder o interior da minha bochecha para me impedir de tranquilizá-lo. — Eu quero que você saiba, que não importa quanto tempo se passou ou quão longe estamos, se você alguma vez precisar de mim, tudo que você tem que fazer é ligar. Eu estarei lá em um instante. Eu sei que não fiz o que eu prometi todos aqueles anos atrás, e você não nenhuma razão para confiar na mim palavra, mas você vai, de qualquer maneira.

Ele se inclinou para frente e pressionou um pedaço de papel na minha mão quando ele beijou meu rosto, demorando por apenas um momento.

— Eu te amei por tanto tempo quanto me lembro, — ele sussurrou antes de se afastar.

Eu não disse nada enquanto ele caminhava para fora da casa. Eu não podia.

Mais uma vez, minha voz estava presa na minha garganta.

Finalmente acabou. Não havia mais qualquer razão para cruzar nossos caminhos novamente.

E eu não tinha palavras.

Nove anos mais tarde

Portland, Oregon

Capítulo quarenta e nove

AMY

— Espere um segundo, filho, — eu murmurei para o telefone, baixando-o para puxar meu cabelo em um coque enorme na minha nuca.

Os meus dreads estavam ficando muito longos novamente, e eu sabia que precisava cortá-los - mas o processo envolvia uma noite, maconha, vinho tinto, e Nix empunhando um par de tesouras. As mãos no meu cabelo era um gatilho que eu aprendi a viver com, mas mais de vinte anos depois, eu ainda não permitia um par de tesouras em minha casa ou loja.

Eu estava bem com isso, mesmo que isso significasse que o meu cabelo crescia muito e eu tinha que ter meu filho cortando enquanto eu estava com a cabeça voando.

Era engraçado que quando eu era criança eu queria tanto me encaixar em algum lugar, e quando adulta eu era tão diferente. Eu acho que a vida é assim, no entanto. Experiências mudam você, não há nenhuma maneira de escapar.

— Você e Ken vem amanhã à noite para o jantar? — perguntei, pegando o telefone de volta.

— O nome dele é Mat, mãe.

— Com um T, — eu confirmei com um bufo.

— Você é um pé no saco, às vezes.

— Olha a boca, garoto.

— Nós estaremos lá, desde que sua casa não esteja fedendo a incenso e maconha e você use uma das receitas da Vó.

— O que diabos há de errado com minhas receitas?

— Elas são nojentas.

— São obras em andamento, — eu resmunguei, olhando pela porta do meu escritório - que era realmente um armário utilitário que eu tinha colocado uma mesa.

— Você não é uma maldita vegetariana!

— Eu poderia ser se meu filho não insistisse em comer carcaças de animais mortos.

— Você é louca.

— A maçã não cai longe da árvore. — eu ignorei a pontada que essas palavras me trouxeram.

— Ei, é melhor eu ir. Vou ligar para você hoje à noite antes- — eu deixei cair o telefone ao meu lado enquanto eu avistava uma mulher andando até a porta com sua filha.

Ela era linda, com a pele cremosa e cabelo loiro liso e ela estava usando equipamento de yoga caro que só uma mulher com muito dinheiro e muito tempo usaria.

Alguns anos atrás, quando Nix tinha recebido uma oferta de emprego de uma empresa de esqui e snowboard em crescimento em Portland, eu fiz as malas e o segui. Não havia mais nada para mim no Texas até então, exceto pelos conhecidos que eu conheci através do meu antigo estúdio, então eu tinha vendido minha casa e me estabeleci na cidade de Oregon, embora o pensamento de estar tão perto de Patrick tinha me deixado nervosa. Eu não me arrependi, tampouco.

Eu abri meu estúdio minúsculo de yoga no lado oeste de Portland entre um restaurante indiano e um brechó e mesmo o espaço sendo limitado, eu não poderia reclamar sobre o tráfego de pedestres. Estávamos ocupados desde que abria até fechava, e no ano passado eu tinha sido capaz de contratar Kali para ensinar mais das classes para que eu pudesse trabalhar no lado do negócio da mesa.

Eu tinha percebido rapidamente que havia dois tipos de pessoas que entravam em nosso estúdio. O primeiro tipo eram pessoas sérias, principalmente ríspidas, como eu, que vieram fazer mais do que apenas esticar seus músculos. Elas usavam sandálias e colares de miçanga e usaram o mesmo tapete de yoga irregular durante anos.

O segundo tipo, bem, elas eram o meu favorito e eu também os odiava um pouco. Elas eram donas de casa que nunca carregavam dinheiro e reclamavam toda vez que a máquina de cartão de crédito não estava funcionando, porque elas não podiam pagar a aula sem ele -

mesmo que tivesse acontecido duas vezes antes e elas devem ter se lembrado que a coisa foi um pouco temperamental. O cabelo delas estava sempre decorados com perfeição, elas usavam roupas que custavam mais do que o meu carro, e eu nunca tinha visto uma com uma unha quebrada. O estúdio ficou popular entre as mulheres quando eu dei o nome de *Dharma e Greg Effect.* Era a ideia de que as mulheres viessem porque queriam que seu treino soasse mais sexy do que era. Seus maridos ricos queriam ser capazes de mencionar como suas esposas poderiam colocar seus pés atrás de sua cabeça, e as esposas, bem, elas só queriam encontrar uma coisa quente antes de todo mundo... e o que era mais quente do que uma mulher flexível?

A mulher ruiva trazendo sua menina era uma das Dharmas. Eu não a tinha visto antes, mas eu geralmente trabalhava em casa nas terças-feiras quando eu não tinha aula. Eu me perguntei por quanto tempo ela estava vindo.

Eu não sabia o que tinha sobre ela que me fez olhar duas vezes, mas eu *sabia* que era algo. Eu esqueci completamente o telefone na minha mão enquanto eu a observava guardar as coisas dela. Quando ela de repente inclinou a cabeça e sorriu, foi como um soco no peito.

Não podia ser. Eu nem sequer sabia se ela vivia em Portland, ou mesmo se ela estava em Oregon mais. Não havia nenhuma maneira que ela entrasse na minha loja.

Eu a assisti por mais algum tempo quando Kali começou a aula, e quanto mais eu via, mais meu coração disparava. Os trejeitos. A inclinação da cabeça. A maneira como seu cabelo era enrolado em pequenos cachos pequenos em seu pescoço quando ela começou a suar.

Eu tropecei de volta para dentro da minha sala e fechei a porta silenciosamente, finalmente percebendo que meu telefone ainda estava na minha mão.

— Nix?

— Mãe? Que diabos foi isso?

— Eu vou te ligar de volta. — eu desliguei o telefone e me sentei pesadamente na minha cadeira, estendendo a mão para os arquivos dos afiliados na gaveta ao lado da minha mesa.

Eu verifiquei para algum Gallagher primeiro e não havia nada, mas eu não iria me deixar relaxar. Ela tinha o que, 25 agora? Apenas alguns meses mais velha que Nix, e idade suficiente para se casar. Eu

esfreguei minhas mãos sobre meu rosto e respirei fundo antes de retirar todos os arquivos para os membros que tinham sobrenomes que começavam com A.

Eu atravessei a arquivos letra por letra e isso me levou horas.

E então lá estava ela.

Brenna e Beatrix Richards.

Vinte e cinco anos de idade, de acordo com sua carteira de motorista.

Olhei muito mais tempo do que deveria.

As aulas terminaram e o estúdio estava quieto enquanto eu olhava para a pequena foto preta e branca que a nossa máquina de cópia tinha impresso. Ela estava um pouco embaçada, e sem o cabelo vermelho, eu não teria sido capaz de reconhecer. Não havia nada sobre ela naquela pequena foto granulada que teria me feito olhar duas vezes, mas eu tive dificuldade de olhar para longe.

Ela era a pessoa mais influente em minha vida, sua mera presença na Terra o catalisador de todas as coisas que tinham acontecido comigo nos últimos vinte e cinco anos.

No entanto, enquanto eu olhava para a foto, eu não conseguia ver nada, além de uma bela mistura de Moira e Patrick.

Eu deixei cair à folha de papel na minha mesa e solucei em minhas mãos.

* * *

Eu não estava orgulhosa de mim mesma, realmente eu não estava. E eu sabia que eu estava agindo como uma lunática.

Mas isso não me impediu de estar no escritório na próxima terça-feira de manhã quando as aulas começaram a chegar. Ela estava lá novamente, com sua menina de cabelo escuro, sorridente e tranquila enquanto o resto das mães falavam sobre a outra[4].

A segui naquele dia.

[4] A clínica dela de yoga é para mães e filhas.

E na próxima semana.

E na semana seguinte.

Ela sempre levava a filha para um café na mesma quadra para tomar chocolate quente quando terminavam as aulas. Elas ficavam por trinta minutos, enquanto a menina bebia seu chocolate quente e Brenna bebia um chá gelado sem açúcar. Então elas iam a pé até o outro lado do meu estúdio para pegar seu carro.

A rotina nunca mudou. Não por dois meses inteiros.

Eu sabia, porque como a mulher incrivelmente estúpida que eu era - eu as observei.

Então, um dia, Brenna trouxe um laptop para o café.

Me sentei atrás dela, de frente para a menina que eu viria a conhecer como Trix, e tentei ver o que ela estava fazendo por cima do ombro. Não demorou muito tempo para reconhecer o site que ela estava, e eu observava avidamente enquanto ela colocou seu carro caro por muito menos do que valeu a pena a venda.

— Eu preciso ir ao banheiro, — Trix disse educadamente, sua voz quase perdida no meio do ruído da loja.

— Só um segundo, tudo bem, baby? — Brenna respondeu, seus dedos sobre o teclado.

Meu pensamento inicial era de que o marido ia ficar chateado como o inferno que ela estava vendendo seu carro por menos do que ela poderia conseguir... mas então, era como se minha vista tivesse se arregalado. Ela estava andando mais devagar naquele dia, quase rígida, mas a maneira como ela puxou seu laptop da bolsa e abriu parecia um pouco irregular. Como se ela estivesse esperando alguém passar por cima e pegá-la. Seu cabelo estava solto em vez de preso em um rabo de cavalo que ela normalmente usava... e até Trix estava mais quieta do que o habitual.

Um nó de pavor se formou em meu estômago enquanto ela saia do site e começou a limpar seu histórico da web.

— Ok, vamos ir ao banheiro e depois vamos para casa, — disse Brenna com a voz trêmula, colocando o laptop de volta na bolsa e estendendo a mão para a mão de Trix.

Eu vi quando elas caminharam em direção aos banheiros, então peguei minha bolsa e saí da loja. Eu estava tremendo quando eu puxei o meu celular.

— Ei, mamãe, o que foi?

— Nix, você sabe alguma coisa sobre a filha de Patrick? — perguntei, me encolhendo enquanto eu atravessava a rua para onde eu estava estacionado.

— Não muito. Trick disse que ela se casou com um cara de merda com toneladas de dinheiro e se mudou para cá há alguns anos atrás. Por quê?

— Eu- — eu não poderia dizer a ele exatamente que eu tinha estado perseguindo a garota por meses. — Acho que ela vem ao estúdio, às vezes. — sim, como todas as semanas.

— Uau. Que mundo pequeno.

— Sim, não é.

— Espere, você conheceu ela antes? Como você nem percebeu?

Eu subi no meu carro e tranquei as portas, de repente me sentindo desconfortável em minha própria pele.

— Eu conhecia os pais dela, lembra? Ela se parece com eles.

— Porra, você tem a memória de um elefante.

— É uma maldição.

— Bem, eu acho que provavelmente vou falar com Trick esta semana em algum momento - você quer que eu mencione isso?

— Não! — engoli em seco, balançando a cabeça em aborrecimento. — Não diga nada. Eu não sei por que você fala com ele.

— Você sabe por que, — ele me lembrou, me fazendo querer bater minha cabeça várias vezes na janela da porta do condutor. — Ele manteve contato, mesmo quando eu fui um idiota com ele. Eu não sou filho dela, mas ele vinha sempre que me formava em algo. Eu sei que vocês tiveram uma briga, ou qualquer merda assim - mas ele é a única figura paterna que já tive.

— Eu era sua figura paterna, — eu respondi teimosamente.

— E você foi fantástica. Mas, caso você não tenha notado, você não tem um pau.

— Phoenix Robert Gallagher, cuidado com a boca.

— Olha, tudo que estou dizendo-

— Oh, você está tentando fazer um ponto? Eu pensei que você estava apenas tentando me irritar, — eu disse, saindo do estacionamento e virando para o meu apartamento.

— Tudo o que eu estou dizendo é que o cara não é de todo ruim. E ele ainda pergunta como você está indo depois de dez anos-

— Nove.

— Tanto faz. Nove anos. Mas ainda assim - você é a única que parece ter um problema aqui, e eu entendi. Sério. Mas em algum momento você nem precisa superar e pedir divórcio ou perdoar o cara pelo que ele fez.

Eu cerrei os dentes de raiva em sua visão distorcida da situação, mas eu não discuti. Eu não podia. Porque por vinte e cinco anos, eu nunca disse uma palavra sobre a forma como ele foi concebido. Ele não tinha ideia sobre as coisas que eu tinha passado, ou a parte Patrick na minha agonia, e se dependesse de mim, ele nunca descobriria.

— Você está certo, — eu disse através dos meus dentes.

— Eu estou?

— Sim. Eu preciso cobrir essa tatuagem.

— Mãe, não é isso que eu estava-

— Estou quase em casa, então eu vou te ligar mais tarde... ou em poucos dias. Eu vou falar com você em breve.

— Você está brava?

— Nem um pouco, filho. Estou quase chegando em casa, e eu preciso guardar alguns mantimentos, — eu menti.

— Ok, então. Falo com você mais tarde. — revirei os olhos.

— Amo você também. Tchau, garoto.

Eu desliguei e sentei no meu carro, minha conversa com Nix esquecida enquanto eu me lembrava dos movimentos rígidos de Brenna e do anúncio estranho que ela colocou no Craigslist.

Eu sabia que não deveria me envolver, mas quando eu sentei lá, eu percebi o que exatamente tinha me chamado a atenção quando eu tinha visto Brenna pela primeira vez.

Ela via o mundo com o mesmo olhar assombrado que eu durante a maior parte da minha vida.

Naquela noite por um capricho, eu postei o meu velho e batido Corolla no mesmo site e pelo mesmo preço que Brenna tinha postado o seu horas antes.

Capítulo cinquenta

PATRICK

Bati na porta em um ritmo inconsciente antes de puxar a minha mão para trás e enfiá-la no bolso do meu casaco.

Eu não estava usando meu colete. Portland não era nosso território e eu não estava a negócio para o clube, mas eu me senti estranho sem ele. O couro estava tão desgastado a esse ponto que ele se moldava ao meu peito perfeitamente, e eu tinha remendado mais vezes do que eu poderia contar já que a merda tinha desgastado e rasgado. Não usá-lo me lembrava do sentimento que eu tenho quando eu esqueço a minha carteira em casa.

— Nix, você disse sete-

Amy congelou com a porta metade aberta, e por um segundo eu pensei que ela ia bater na minha cara.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou nervosamente, passando a mão sobre a cabeça, embora não houvesse cabelos dispersos para acertar.

— Foi você, não foi? — perguntei, meu coração na minha garganta. Deus, ela era tão bonita e tinha sido assim desde que eu a tinha visto. Eu queria me aproximar e correr a minha mão pelo seu braço nu apenas para que eu pudesse sentir sua pele macia sob meus dedos novamente.

— Eu não sei o que você está falando-

— Eu não sei como você fez isso- — eu tive que parar para limpar a minha garganta. — Eu não sei como vos sabia que ela precisaria do carro.

— Quem, Patrick? Sinto muito, eu não sei-

— Minha doce Brenna, — eu olhei para o chão e puxei minha mão do meu bolso, então meus dedos tinham espaço para se mexer. — Ele a teria matado. Ele quase matou.

— Porra, — ela sussurrou, apoiando a mão dela contra a porta.

— Eu sei que foi você.

— Eu não-

— Obrigado.

— O quê?

— Eu não me importo como você sabia. Eu não ligo para o que você fez. Obrigado.

— Ela está bem? — ela perguntou, se acalmando.

— Ele bateu nela pra caralho, — eu engasguei, levantando a mão para o meu rosto para tentar transformar o soluço em uma tosse. — Ela está no Hospital agora, mas ela vai ficar bem. E ela não vai precisar se preocupar com ele novamente.

Ela procurou meu rosto, pensativa, depois assentiu. — Ele está visitando o bom padre?

Eu bufei e balancei a cabeça para sua escolha de palavras. — Sim, eles tiveram experiências semelhantes, sim? Talvez eles poderiam comparar as notas.

— Ótimo, — ela respondeu, sua mandíbula firme.

Eu não tinha ideia de como ela acabou encontrando Brenna do lado de fora dessa mercearia em Stayton. Era muito estranho para ser uma coincidência, mas eu não tinha ideia de como ela conseguiu. O fato era, ela tinha, e ela tinha dado ao meu bebê a ferramenta ela precisava para ficar longe do bastardo que ela tinha se casado. Eu nunca iria entender por que ela tinha feito isso, e eu nunca seria capaz de reembolsá-la.

Ela entrou em cena quando ela não precisava e salvou a minha filha.

— Claro, o irmão do padre pode estar lá também, — eu disse suavemente depois de um momento, observando-a de perto. — Eles devem estar fazendo uma bela reunião.

Seu lábio inferior tremeu enquanto as lágrimas encheram seus olhos e seus dedos ficaram brancos onde ela agarrou a porta. Meu estômago se apertou com sua expressão e me perguntei por um segundo se eu tinha feito à coisa errada.

Eu tinha respeitado seus desejos de todos aqueles anos atrás, mas isso não significava que eu tinha esquecido. Só queria dizer que eu não tinha contato a ela quando eu fiz com que os homens que ela temia não andassem mais na terra. Ela queria que eu a deixasse em paz, e eu tinha. Depois de eu ter a certeza que os monstros que tinham a machucado tinham pago.

— Foi ruim, então? — ela perguntou por entre os dentes, as narinas dilatadas quando ela tomou uma respiração profunda.

— A mãe dele não teria o reconhecido, — eu respondi honestamente.

Um soluço saiu de sua boca, mas eu mantive minha distância. Anos atrás, eu teria levado-a em meus braços e confortado-a, mas havia uma grande barreira entre nós agora que eu não sabia como romper. Tudo o que eu sabia com certeza era que ela não queria que eu a tocasse.

— Obrigada, Patrick, — ela disse, a voz rouca. Eu balancei a cabeça, abrindo a boca para falar, mas nada saiu.

— Trick? Que diabos você está fazendo aqui? — Nix chamou, subindo as escadas da calçada do apartamento de Amy.

— Parei para ter uma palavrinha com sua mãe, — eu respondi, me afastando da porta de Amy. — Você parece bem, mano.

— Obrigado, cara. — ele se inclinou para me dar um abraço, e eu o agarrei com força, batendo em suas costas duas vezes antes de soltá-lo.

Eu não tinha visto o menino em muito tempo, embora eu tinha certeza de que Amy teria discordado. A partir do olhar sem emoção em seu rosto, eu sabia que ela odiava que tínhamos mantido contato. Eu me perguntei se ela sabia que falávamos ao telefone a cada duas semanas, ou que ele sempre trazia sua moto para Eugene para concerto.

Eu não tinha a intenção de manter em contato com Nix. Na verdade, eu não tinha pensado nele nas primeiras semanas depois que eu tinha ido embora. Eu tinha estado muito ocupado cuidando de Kevin - em um armazém fora de Dallas - e, então, Malcolm, no quarto dos fundos do pub de Casey Dillon.

Às vezes, tarde da noite, eu pensava sobre a noite em que eu tinha pego Malcolm, desejando que eu pudesse fazer isso mais uma

vez. Tinha sido fácil por as mãos nele, ele tinha bebido sua bunda gorda em um pub não muito longe de casa de sua mãe. Eu tive que esperar até que ele ficasse sóbrio para começar, porque eu não queria que ele perdesse nada disso ou não percebesse a razão da minha visita. Até o momento que o álcool quase por completo deixado o seu sistema, ele foi amarrado a uma cadeira com um pano em sua boca, sangrando até a morte pela castração áspera que eu tinha realizado.

Tinha sido muito rápido, e eu tinha ficado insatisfeito e desconfortável em minha própria pele, como se eu tivesse perdido alguma coisa. A sensação tinha me atormentado por anos.

Não tinha sido até depois que eu cheguei de volta a Eugene, cansado e pronto para estar em casa por um tempo com Brenna, que eu tinha recebido um telefonema na loja. Phoenix tinha estado chateado – perguntando o que eu tinha feito com sua mãe – já que ela estava agindo de forma estranha desde que eu tinha indo embora, e tinha terminado com o namorado dela. Eu não disse muito durante a primeira ligação, eu tinha acabado por deixá-lo jogar a sua raiva e confusão em mim ao longo da ligação até que ele finalmente parou.

Ele tinha ligado novamente algumas semanas mais tarde, sua raiva ainda presente.

Então novamente algumas semanas depois disso, sua raiva quase tinha ido.

Continuou assim durante meses, até que um dia, quando ele ligou na loja, não havia uma palavra aquecida. Em vez disso, ele me contou sobre a escola, e a moto velha que sua mãe o ajudou a comprar. Depois disso, ele ligou regularmente e eu nunca dei qualquer indicação de que seus apelos não eram bem-vindos. No começo, ele tinha sido minha única ligação com Amy, mas não tinha levado muito tempo antes de eu começar a ficar ansioso por suas ligações apenas para saber que ele estava indo. Eu tinha começado a me importar com ele quando tínhamos nos encontrado novamente no Texas, mas quando as ligações continuaram, eu comecei a amá-lo com uma ferocidade que eu não sabia que era possível para uma criança que não me pertencia.

Eu sabia que, mesmo assim, o rapaz tinha um longo caminho pela frente, especialmente naquela pequena cidade do Texas, onde ser diferente não era tão popular. Eu dei um suspiro de alívio quando ele e Amy se mudaram para Portland, uma cidade que estava crescendo.

— Você vai jantar? Mamãe está fazendo-

Meu coração bateu duro e começou a correr.

— Patrick não pode ficar, — Amy anunciou firmemente com um pequeno movimento de cabeça.

— Sua mãe está certa, eu estava apenas passando, — eu disse a ele, respeitando a escolha dela, mas odiando que eu não podia falar. Eu nunca entendi como meu pai poderia se afastar de nós sem sequer discutir até aquele momento, quando eu soube que eu ia deixá-la me afastar novamente sem um protesto.

Eu não iria fazer ela e Nix brigarem porque eu tive o impulso irresistível de empurrá-la para dentro do apartamento e dizer a ela que eu não ia a lugar nenhum.

— Em Portland?

— Sim.

— Ei, como Brenna está indo? — ele perguntou, olhando entre sua mãe e eu como se soubesse um segredo. Eu quase ri de sua tentativa de deixar Amy desconfortável. Ele não tinha ideia de que eu descobri.

— Está melhorando, — eu disse com um pequeno sorriso. — E ela está tendo outro bebê.

— Parabéns! — Nix virou um dos seus longos braços para fora e bateu no meu ombro e eu não pude deixar de ter orgulho do homem autoconfiante que ele tinha se tornado.

Ele era um bom rapaz, não havia nenhuma dúvida sobre isso.

Eu ouvi um pequeno ruído, e minha cabeça virou em direção a Amy. Eu não tinha certeza de que tinha vindo dela até que eu vi a carranca em seu rosto.

— Ela está grávida? — perguntou ela com simpatia.

— Sim, — respondi, confuso por um momento. — Ela e Dragon - um rapaz do clube - estão tendo outro.

— Espere, o quê?

— Eles tiveram a minha neta mais velha e agora outro está a caminho.

— Ok, — ela disse, hesitante, com o rosto ainda confuso.

— É uma história longa, mamãe, — disse Nix, tirando o casaco enquanto se movia para dentro.

— Bem, foi bom vê-lo novamente Patrick, — Amy declarou abruptamente, como se ela estivesse com medo de que eu seguisse Nix para a casa. — Obrigada por aparecer.

— Eu te ligo mais tarde esta semana, — Nix gritou enquanto Amy começava a fechar a porta. — Minha moto está chacoalhando e eu não consigo descobrir onde diabos isso está vindo.

— Falo com você em breve — eu respondi. Então eu encontrei os olhos de Amy e lhe dei um pequeno aceno de cabeça antes de me forçar a ir embora.

Eu estava ansioso para vê-la, e grato que eu tinha tido uma razão para faze isso... mas quando eu deixei o complexo de apartamentos naquela noite, eu me perguntava se teria sido melhor se eu não a tivesse visto. A dor que eu senti no meu peito a última vez que ela tinha me mandado embora de sua casa voltou com intensidade surpreendente enquanto eu subia na minha moto.

Cristo, quando eu ia parar de ter uma reação tão visceral por essa mulher? Eu tinha qualquer buceta que eu queria no clube, meu patch de vice-presidente e um pau grande o bastante para qualquer uma das putas - mas vinte minutos na companhia de uma mulher e eu queria foder apenas ela para sempre ou ser celibatário pelo resto da minha maldita vida.

Quando eu olhei para ela, eu não vi a mulher de quarenta anos de idade com linhas de riso que delimitavam seus olhos e boca. Eu a vi aos dezoito anos, a pele lisa e confusa quando ela olhou para mim de dentro dos meus lençóis.

Eu senti falta do cheiro dela, o gosto dela, a sensação dela, e isso não desaparecia, não importa quanto tempo passávamos separados.

Eu deliberadamente apaguei isso da minha mente quando liguei minha moto e saí da pequena vaga de estacionamento. Não adiantava tentar descobrir por que ela me afetava tão fortemente; era isso e pronto, e eu acreditava que jamais mudaria.

Eu pertencia a ela, não importa o quanto ela me odiava.

* * *

— Ei, pai! — Brenna gritou do outro lado da sala barulhenta, fazendo minha cabeça virar de surpresa. — Eu deixei o cobertor de Leo no seu quarto antes?

Eu balancei a cabeça, sem sequer tentar gritar sobre a música e o riso que me rodeava. Eu estava cansado, tão cansado.

Eu tinha estado morando na sede do clube por um longo tempo, e o zumbido constante de pessoas estava finalmente ficando velho. Cristo, talvez fosse só eu que estava ficando velho. Eu tinha vendido minha casa quando Brenna tinha se casado porque eu odiava ir para casa quieta, mas ultimamente eu tinha sentido falta desse silêncio.

Era como se os rapazes mais jovens me vissem como uma espécie de mãe deles, e mais frequentemente do que não, eles tinham vindo a mim com problemas que eu não tinha interesse em resolver. Eu não me importava com quem estava transando com quem, ou que idiota tinha esquecido de pegar as bebidas de trás do bar. Eu só não dava a mínima.

Fazia mais de dois anos desde a última vez que eu tinha visto Amy, e eu achava que a visita tinha me fodido mais do que eu tinha percebido no momento. Antes de ter parado em seu apartamento naquele dia, eu me deixei acreditar na parte de trás da minha mente que ela voltaria para mim em algum momento. Que, em alguma realidade alternativa, ela estava esperando que eu desse o primeiro passo e, enquanto eu não a tinha visto, eu tinha sido capaz de perpetuar essa mentira na minha cabeça.

Eu já não podia fazer isso mais.

Eu tinha visto Phoenix oito ou nove vezes nos últimos dois anos, e eu não tinha visto Amy sequer uma vez.

— Ele estava no quarto de Slider, — Brenna murmurou em meu ouvido antes de subir sobre o encosto do sofá que eu estava sentado. — O que está fazendo, pai?

— Tomando uma cerveja e assistindo Casper agir como uma mulher, — eu respondi, apontando o pescoço da minha garrafa na direção de onde o garoto estava sorrindo para sua menina.

— Seja agradável, eles são fofos.

— Não sei se é fofo – ele lambe o chão que ela pisa.

— Não brinca, Slider iria matá-lo.

— Lentamente, — eu concordei.

— Todo mundo está se estabelecendo ultimamente e tendo filhos, — disse ela, cansada, descansando a cabeça no meu ombro. — Você já desejou ter mais filhos depois de mim?

— Sua mãe não poderia ter mais depois de você, — eu a lembrei.

— Isso não é o que eu perguntei.

Fiquei quieto por um momento, pensando no dia que eu tinha pedido Amy em casamento. — Sim, eu pensei sobre mais filhos. Em um ponto, eu pensei que ia ter uma casa cheia.

— Você ainda é jovem, você sabe. Você tem tempo.

— Você está delirando, — eu disse através de uma risada. — O tempo já passou.

— Pelo menos uma old lady então.

— Não tenho certeza de que vai acontecer isso, moça. — eu envolvi meu braço em volta dela e beijei o lado de sua cabeça. — Não se preocupe com isso. Eu tenho tudo que eu preciso aqui mesmo.

— Claro que sim, eu sou impressionante. Deus, estou cansada, — ela gemeu, relaxando ainda mais no meu peito.

— Onde estão os bebês?

— Vera está na casa com eles, então Dragon e eu poderíamos ter algum tempo sozinhos, mas porra, ele está ali jogando sinuca com os meninos e tudo que eu quero fazer é tirar um cochilo. — sua voz foi abafada contra as minhas costas, e uma memória me bateu - dela babando toda a coisa enquanto seus dentes cresciam.

— Vá dormir, menina. Eu te acordo se acontecer alguma coisa.

— Eu sabia que você era o meu favorito.

— É melhor eu ser.

Ela adormeceu em poucos minutos, e Dragon chamou a atenção de toda a sala, inclinando a cabeça para o lado em questão. Eu balancei a cabeça, deixando-o saber que ela estava bem onde estava e se recostou no sofá. Tinha sido um longo tempo desde que a minha

menina tinha adormecido enrolada contra mim, eu iria saborear isso um pouco mais.

Eu devo ter caído no sono em algum momento, porque eu acordei para o meu celular vibrando contra meu peito. Brenna tinha deslizado para baixo em seu sono e sua cabeça vermelha encaracolada estava descansando na minha coxa, uma mão debaixo do seu rosto e a outra segurando o cobertor de Leo como se ela tivesse medo de perdê-lo novamente. Minha menina era mãe. Às vezes era difícil de acreditar.

Puxei meu telefone do bolso da minha camisa e atendi rapidamente antes da campainha começar a berrar.

— Sim?

Houve silêncio no fim da linha, e eu fiquei tenso enquanto eu esperava.

— Patrick?

— Amy?

— Phoenix, — ela suspirou como se ela estivesse tentando recuperar o fôlego, e eu coloquei imediatamente o telefone no espaço entre o meu pescoço e meu ombro para que eu pudesse usar as duas mãos para deslizar a cabeça de Brenna sobre o sofá. — Eles acham que alguém bateu nele, Patrick. Alguém machucou ele.

— Onde você está? — eu lati, sabendo que eu deveria moderar a minha voz, mas incapaz de fazer isso com o pânico correndo em minhas veias.

— Estamos em Emmanuel em Portland. Eles me ligaram quando o trouxeram, mas- — Ela fungou novamente. — Eles não me deixam vê-lo e ninguém está me dizendo nada.

— Está sozinha?

— Ken está aqui. Merda. Mat. Mat está aqui.

Ken?

— Mat do Nix?

— Sim.

— Pode dar a ele o telefone?

Houve um barulho por um par de segundos, e enquanto eu esperava, eu caminhei para os meninos que estavam em torno da mesa de sinuca. À medida que repararam em mim, fiz um gesto com a cabeça e todos eles assentiram, se afastando para conversar com suas mulheres.

— Trick?

— Ei, Mat. O que está acontecendo, cara?

— Eu não sei, — o pobre garoto disse calmamente.

— Você não ouviu nada?

— Eu tenho uma amiga, ela trabalha no Pronto Socorro e ela deveria me mandar mensagem, mas ela não fez.

— Talvez não deu tempo ainda. Dê a ela tempo para ver o que é. Provavelmente eles têm um monte de pacientes. Eu preciso que você com a Amy, ok? Eu estou indo, mas eu vou demorar algumas coisas, então fique com ela mesmo se você ouvir de sua amiga.

— Eu vou. Eu vou. Você quer que eu ligue para você se ouvir alguma coisa? Deus, Tick, eu não entendo por que está demorando tanto. — ele fungou na outra extremidade da linha, e meu estômago apertou.

As lágrimas de Amy eu entendi, era o seu filho. Mas se Mat estava chateado o suficiente para chorar, eu sabia que as coisas não eram boas.

— Sim, cara. Me ligue se você ouvir qualquer coisa. Eu vou estar com a moto, então deixe uma mensagem e eu vou verificar novamente daqui a pouco.

— Ok.

— Fique com Amy.

— Eu vou. Patrick?

— Sim, garoto?

— Era para eu ir com ele, — ele sussurrou. — Nós tínhamos planos, mas eu queria ficar em casa porque o trabalho tem sido tão louco. Eu deveria ter estado com ele.

Parei ao lado da minha moto e senti meu estômago rolar. Uma pequena parte de mim queria gritar. Eu queria dizer a ele que, sim, ele deve ter estado lá, porra. Como pai, eu queria culpar o filho da puta por não cuidar de Nix.

Mas eu nunca diria uma coisa dessas em voz alta. Porque eu sabia com certeza absoluta que o que aconteceu não foi culpa dele... e a culpa ia envenená-lo de dentro para fora, sem uma única palavra minha.

— Poderia ter acontecido mesmo se você estivesse lá, Mat, — disse eu. — Poderia ser com você, sim? Vou ligar em breve.

Eu desliguei o telefone e fiquei olhando a minha moto por um momento.

É onde Slider, Dragon, Grease e Casper me encontraram poucos minutos depois.

— Eu preciso de vocês comigo, — eu disse, agarrando o meu capacete.

— O que está acontecendo, Poet? — perguntou Slider.

— Amy acabou de ligar. Disse que Nix levou uma surra.

— Porra. Ele está bem?

— Não tenho certeza. Amy estava louca e eles não estão falando nada com ela.

— Eles estão em Portland?

— Emmanuel.

— Você precisa de mim lá?

— Não, irmão. Não tenho certeza como as coisas estão e não quero adicionar mais preocupação.

— Sim, eu entendo. — Slider passou a mão sobre o curto cavanhaque. — Você vai me deixar saber quando você ouvir alguma coisa?

Minha vida de antes raramente misturava com a de Eugene. Eu nunca quis Brenna questionando de onde ela veio ou o amor que eu sentia por sua mãe, especialmente depois que eu a tinha perdido, mas os rapazes no clube sabiam de Nix. Slider tinha tomado um interesse no

menino desde o início, quando ele apareceu para uma visita durante seu primeiro ano na faculdade, provavelmente porque ele era de Amy. Eu sabia que o homem ficaria preocupado como o inferno até que eu chegasse à Portland e descobrisse o que diabos estava acontecendo.

— Eu vou manter vocês atualizados, — eu concordei, em seguida, me virei para os rapazes. — Vocês vão para um passeio até Portland?

— Sim.

— Estou dentro.

— Eles sabem quem fez isso? — perguntou Grease, cruzando os braços sobre o peito.

— Ainda não, mas tenho certeza que vou, — eu disse bruscamente.

Nós imediatamente saímos, e mesmo andando acima do limite de velocidade, ainda nos levou horas antes de pararmos no estacionamento da emergência do hospital. Eu não tinha ouvido uma palavra de Amy ou Mat, e quando guardamos nossos coletes e passamos pelas portas de vidro deslizantes, eu estava duro como pedra.

— Eu estou procurando por Phoenix Gallagher, — eu disse a recepcionista, fazendo os olhos de Dragon se arregalaram de surpresa.

— Sinto muito senhor, não podemos dar informações-

— Eu sou o pai dele, — interrompi, batendo minha carteira de motorista na bancada. — Onde está meu filho?

— Parece que ele está em cirurgia. Me deixe fazer identificações para vocês entrarem lá sem nenhum problema.

Estávamos em movimento novamente e subindo no elevador para o andar cirúrgico em minutos, mas parecia que a mulher tinha levado anos para escrever duas palavras em uma etiqueta com um marcador do caralho.

— Lucy, você tem explicações para dar, — Dragon resmungou atrás de mim.

— Cale-se, Ricky, — eu lati de volta, as luzes do hospital me dando uma dor de cabeça depois de andar no escuro por tanto tempo. Onde estava meu menino? Porra, eu estava louco.

Eu vi Amy no minuto que as portas do elevador se abriram, e meu primeiro instinto era ir direto para ela e puxá-la contra mim, mas eu me segurei. Em vez disso, caminhei lentamente para onde ela e Mat estavam sentados em silêncio, sem dizer uma palavra até que ela olhou para cima e me viu.

— Eles o levaram para a cirurgia, — disse ela, se levantando ao nosso encontro. — Seu baço foi rompido, então eles tinham que cuidar disso primeiro. — suas mãos subiram para cobrir sua boca e me mexi sem pensar.

A puxei com força contra mim e soltei meu rosto em seu ombro, o nó na garganta ameaçando me sufocar. Ela parecia tão pequena lá, como se ela estivesse se encolhendo dentro de si mesma, e eu me torturava com o pensamento de que ela tinha estado onde Nix estava, mas sem nenhum hospital e sem suporte além da minha mãe e Doc. Isso me fez querer voltar e cortar Malcolm em pedaços mais uma vez.

— Ele vai ficar bem, — eu a assegurei, esfregando suas costas suavemente. — Melhor hospital de trauma do estado - eles sabem o que eles estão fazendo.

— O rosto dele, Patrick. — ela chorou, — Estava tão inchado.

— O menino é muito bonito para você começar com isso, sim? Isso vai dar a ele algo diferente.

— Eu não posso acreditar que isso está acontecendo, — ela sussurrou, se afastando de mim. — Obrigada por ter vindo.

— Não estaria em qualquer outro lugar.

Olhei para cima para encontrar os rapazes em pé ao redor desconfortavelmente, e Dragon observando a interação com absolutamente nenhuma expressão.

— Meninos, — eu disse, levemente agarrando o braço de Amy para virá-la em direção a eles. — Essa é Amy, a mãe de Phoenix. Amy, esses são Casper, Dragon e Grease.

— Nomes agradáveis, — ela comentou com um suspiro, me fazendo sorrir.

— Me chame Asa, senhora. — Grease disse, estendendo a mão para agarrar a mão dela.

— Cody, — Casper seguiu.

— Dragon.

— Dragon, hã? — Amy perguntou quando ela agarrou sua mão.

— Só respondo por esse nome, — ele respondeu com um tique de seus lábios.

— Vocês conhecem o meu filho? — ela perguntou, dando um passo para trás para o meu lado.

Ela não me tocou, mas a minha respiração ainda acelerou pelo seu movimento. Se ela soubesse o que tinha feito, ela imediatamente se afastaria de novo, e eu queria ela lá ao meu lado. O fato de que ela instintivamente se moveu para o meu lado depois de ficar o mais longe que pôde por tanto tempo foi... ela poderia muito bem ter me beijado.

— Sim, — Grease lhe respondeu: — Conheço Nix por anos.

— Ele nunca disse nada sobre uma mãe linda, porém, — Casper entrou na conversa com um sorriso torto.

— Cuidado, — eu avisei, fazendo com que os meninos rissem.

— Você pode me chamar de linda o dia inteiro, — Amy argumentou, antes de olhar por cima do ombro. — Vocês já encontrou Mat?

Nós caminhamos até o homem debruçado sobre sua cadeira, e eu não poderia evirar me sentir incrivelmente triste por ele. Seus olhos estavam vermelhos, suas roupas estavam enrugadas como o inferno, e o tufo de cabelo louro em sua cabeça estava literalmente em pé.

— Ei, Mat, — eu disse, estendendo a mão para apertar a mão dele. — É bom te ver.

— Ei, Trick.

— O namorado? — Grease murmurou para Dragon.

Meus meninos estavam de pé silenciosamente, o peito inflado como um bando de galos e os braços cruzados sobre o peito.

Jesus Cristo.

— Onde você estava? — Grease disse calmamente, e eu sinceramente pensei que Mat ia se cagar ali mesmo, no meio da sala de espera do hospital.

— Chega, Grease-

— Eu estava em casa dormindo, — Mat respondeu, os olhos cheios de lágrimas. — Eu estava cansado, eu só não queria sair e assistir ao futebol em um fodido bar. Eu queria sentar no sofá e assistir o maldito jogo na minha maldita casa.

Suas palavras ficaram mais altas conforme ele ficava mais irritado, e foi um alívio quando o homem quebrado se levantou e começou a andar. Os rapazes todos vigiaram de perto quando Mat passou a mão sobre o cabelo, exatamente o que estava deixando seu cabelo tão bagunçado e um por um, seus corpos relaxaram. Casper era novo e mais jovem, mas Grease e Dragon tinham sido protetores com Nix desde a primeira vez que ele apareceu na garagem em um oxidado velho Honda. O fato de que Nix nunca tinha trazido Mat na garagem era suspeito.

— A família de Phoenix Gallagher?

Me virei para encontrar um homem de azul andando em nossa direção.

— Eu sou a mãe dele, — Amy disse, dando alguns passos para a frente.

— Olá. Sou o Dr. Albright. Acabámos de terminar com Phoenix, e a cirurgia correu bem-

Eu não ouvi o resto das palavras quando as minhas pernas começaram a formigar, e eu me perguntei por um momento se eu iria acertar o chão quando um montão do alívio me fez tonto.

— Sente-se, irmão, — Dragon murmurou, agarrando meu ombro até que eu peguei o meu equilíbrio novamente.

Por esse tempo, o médico já estava voltando pelas portas duplas, ele tinha saído e eu tinha perdido quase tudo o que ele tinha dito.

— Graças a Deus, — Amy murmurou, um sorriso e largo no seu rosto. — Graças a Deus. Graças a Deus. — a última palavra foi um soluço, e ela deixou cair o rosto nas mãos, cobrindo todo o rosto sob os dedos.

Minhas pernas estavam instantaneamente estáveis e em condições de funcionamento.

— Shhh, — eu a acalmava, avançando para puxá-la contra o meu peito enquanto ela gemia em suas mãos. — Vamos lá, amor, se acalme um pouco.

Seus dedos cravaram em meu peito enquanto ela agarrava a minha camiseta, mas ela não conseguia parar os soluços.

— Eles disseram quando podemos vê-lo? — perguntei a Casper, que estava de pé o mais próximo de nós.

— Ele está em recuperação agora. Uma hora ou mais e eles vão deixar uma ou duas pessoas entrarem.

— Apenas uma hora, querida, — murmurei no cabelo de Amy quando seus soluços se acalmaram. — Você quer um café ou um refrigerante, talvez?

Ela balançou a cabeça, mas não recusou, enquanto ela continuava segurando minha camisa com força, quase como se ela tivesse medo de soltar. Cristo, como eu não tinha percebido isso ainda? Eu continuaria a segurá-la enquanto ela permitisse isso.

* * *

Duas horas se passaram antes que nos permitissem ver Nix. Ele tinha tido algum tipo de reação à anestesia e eles queriam manter um olhar atento sobre as coisas por um tempo mais longo do que eles nos disseram no início.

Eles só iriam permitir duas pessoas no quarto de cada vez, e eu apertei minha mandíbula quando Mat e Amy se levantaram para seguir a enfermeira, mas a poucos passos Amy fez uma pausa e descansou a mão no braço de Mat.

— Eu acho que deveria ser eu e Patrick no início, tudo bem, Mat? — ela disse gentilmente, mas realmente não era uma pergunta.

— Oh, claro, — ele respondeu, olhando de volta para onde eu estava levantado. — Vou apenas esperar um de vocês sair.

Seguimos a enfermeira de cabelo escuro, e eu olhei para o rosto de Amy enquanto nós caminhávamos, curioso sobre onde a cabeça dela estava. Não demorou muito antes de ela começar a falar.

— Você é pai dele, — disse ela, concentrando os olhos à sua frente. — Quero dizer, o mais perto que ele já teve de um. Você deve ser um dos primeiros lá.

Eu balancei a cabeça, mas eu não poderia responder a ela, porque, pela primeira vez desde que eu tinha recebido sua ligação, senti lágrimas queimarem nas costas dos meus olhos. Seu pai. Dizer que eu estava honrado teria sido um grande eufemismo.

Capítulo cinquenta e um

AMY

Todo o medo que eu tinha tido ao longo da vida de Nix tinha se fundido nesse momento único quando encontrei seus olhos após a cirurgia.

Ele estava grogue e seu rosto ainda estava muito inchado. Durante as poucas horas que tínhamos sido separados, sua pele tinha começado a virar vários tons de framboesa a quase preto, e eles ajeitam o osso quebrado em seu pulso enquanto ele estava desmaiado.

Mas nenhuma dessas coisas eram tão ruins quanto o olhar em seus olhos. Era puro medo e confusão - como se ele não pudesse sequer entender o que tinha acontecido.

— Mãe, — ele murmurou com os lábios inchados.

— Ei, baby, — eu respondi suavemente, andando para frente até que eu estava de pé ao lado da beira de sua cama. — Eu beijaria você, mas eu tenho medo de machucar os lábios Angelina Jolie que você tem agora.

— Minha boca não parece tão ruim, — disse ele, suas palavras tão ilegíveis que eu tive dificuldade de entendê-lo. — Minha língua dói pra caralho.

— Você provavelmente levou uma surra feia mesmo, — Patrick falou, finalmente entrando no quarto.

— Trick! — disse Nix em surpresa, um lado de sua boca puxando para cima um pouco antes de cair novamente. Seus olhos escureceram de vergonha enquanto ele olhava entre nós, e eu o vi engolir dolorosamente. — Tudo bem?

— Tive que vir ver meu menino, — Patrick respondeu suavemente, parando do outro lado da cama de Nix. — Você parece uma merda.

— Diga isso aos outros caras, — Nix brincou sem nenhuma mudança na sua expressão.

— Não foi só um?

Eu mordi o interior da minha bochecha enquanto esperávamos por sua resposta. Eu sabia. *Eu* sabia que não tinha como um cara ter feito tanto dano ao meu menino. Meu filho era grande, e ele era incrivelmente forte, e depois de anos visitando Patrick no clube, eu sabia que ele poderia cuidar de si mesmo. Então, o fato de que ele estava no hospital em cirurgia, porque ele tinha sido espancado de tal maneira? Tinha que ter sido mais de uma pessoa envolvida.

— Eram cinco conta mim, — respondeu Nix, deixando cair a cabeça devagar nos travesseiros. Meu estômago se contraiu em horror. Ele não tinha a menor chance.

— Você reconheceu qualquer um deles?

— Alguns. Não todos. — os olhos de Nix se fecharam, e duas lágrimas rolaram para os lados de seu rosto enquanto suas narinas inflavam.

— Tudo bem, filho, — disse Patrick suavemente, — Tudo bem.

Ele estendeu a mão para escovar o cabelo selvagem de Nix suavemente para fora de sua testa, e senti minha garganta tão espessa que era difícil eu respirar.

— Os caras vieram comigo, nós vamos cuidar disso- — Patrick prometeu.

— Não os deixe escapar, — disse Nix calmamente, derrota em cada linha de seu corpo.

— Nix- — eu comecei, mas Patrick me cortou.

— Olhe para mim, — ele ordenou calmamente, se inclinando para o rosto de Nix.

Os olhos do meu filho abriram, e a vergonha lá quase me deixou de joelhos.

— Você- — Patrick parou e limpou a garganta, fungando uma vez antes de falar novamente. — Você bateu em alguns deles?

Nix assentiu levemente, os olhos lacrimejando.

— Esse é meu menino, — disse Patrick com veemência. — Você não tem nada para se envergonhar, me entendeu? — sua cabeça baixou ainda mais até que Nix não tinha opção a não encarar. — Não há nenhuma vergonha em estar em desvantagem.

— Eles me bateram porque sou gay, — Nix sussurrou como se isso fosse importante, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Me chamaram de viado.

Patrick recuou como se tivesse sido atingido, e a fúria em seu rosto era esmagador.

— Você não veio de mim, — disse Patrick ferozmente, olhando para os olhos transbordando de Nix e aproximando o seu rosto tão suavemente que estavam quase se tocando. — Mas você é meu filho. E você é exatamente como Deus te fez. Não há nada de errado com você, Phoenix Robert Gallagher, e eu vou matar qualquer homem que disser o contrário.

O peito de Nix balançou enquanto ele tentava conter um soluço, e eu coloquei minha mão sobre meus olhos para esconder meu desespero.

Me lembro de ter medo de todos os cantos afiados e passos desiguais quando Nix era um bebê. Eu tinha visto o perigo em toda parte, e eu estava repleta de ansiedade de que qualquer momento ele iria tentar se sentar ou engatinhar ou andar. Havia tantas coisas que poderiam feri-lo.

À medida que ele envelhecia, o foco mudou. Era lento, mas, eventualmente, eu fiquei mais confortável com sua segurança física e eu me preocupava mais com sua segurança emocional. Não havia nada como deixá-lo no jardim de infância no primeiro dia e me afastar dele. Ele estava com medo? Ele estava chorando? E se as outras crianças fossem más? Eu coloquei na mochila a sua camiseta favorita? Isso não parou; se qualquer coisa, esse sentimento de medo aumentou enquanto ele ficava mais velho.

Eu não poderia protegê-lo mais, não fisicamente ou emocionalmente, e agora ele tinha sido incrivelmente ferido. Essa percepção foi como se alguém cortasse meu coração.

— Mãe, não, — disse Nix, agarrando minha camisa solta em seus dedos. — Eu vou ficar bem.

— Eu sinto muito que isso aconteceu com você, — eu respondi, puxando alguns tecidos de sua mesa de cabeceira para limpar meu rosto. — Cristo, Nix.

— Mat está aqui? — ele perguntou, seus olhos se movendo entre Patrick e eu.

— Sim, ele está aqui. Ele provavelmente está chateado porque eu o fiz esperar Patrick.

— Ele vai superar. — ele acenou com a mão, o que me fez lembrar de Peg. — Estou cansado, você pode mandar ele entrar quando saírem?

— Claro, meu filho. — eu me inclinei para frente para beijá-lo, mas eu não poderia encontrar um único lugar em seu rosto que não foi atingido.

— Ái, — ele murmurou, franzindo os lábios.

Dei a ele um beijo rápido, então me afastei. — São três da manhã, então eu vou procurar um hotel a menos que você queria que eu fique?

— Nah.

— Isso é o que eu imaginei. Eu vou estar de volta depois de eu dormir um pouco, ok?

— Amo você, mãe.

— Eu também te amo, baby.

Saí do quarto antes de eu começar a chorar de novo. Ele não precisava de mim chorando enquanto ele estava lá com dor, incapaz de fazer qualquer coisa sobre isso. Ele era tão protetor comigo, provavelmente porque era só eu e ele contra o mundo pela maior parte de sua vida - então eu sabia que ele estava preocupado comigo, mesmo que ele tinha que estar em quantidades excruciantes de dor.

Patrick não me seguiu para fora, mas quando eu tinha chegado às portas duplas para a sala de espera, ele me alcançou.

— Mat, — ele gritou quando chegamos ao grupo de homens que estavam no corredor. — Você vai ficar o resto da noite?

— Sim, eu vou ficar no quarto dele se ele não me chutar para fora.

— Ok, qualquer coisa liga para mim ou para a mãe dele, sim?

— Claro. — Mat não esperou mais um segundo antes de caminhar rapidamente pelo corredor e longe da nossa vista.

— Ele disse alguma coisa? — Grease perguntou, as veias do pescoço dele se tornando mais pronunciadas. O cara era construído como uma casa de tijolo.

— Conseguimos uma descrição de dois deles, — respondeu Patrick, sua mandíbula cerrada. — Disse que viu em torno do pub que ele frequenta. Sábado à noite, deve ser fácil encontrá-los. Nix acertou bem o rosto de um, aposto que todos têm os dedos esfolados.

— Os policiais já sabem? — perguntou Dragon, e eu dei uma boa olhada nele agora que eu estava um pouco mais calma.

Foi quando eu percebi quem ele era – o homem de Brenna. É por isso que eu me lembrava do nome dele. Trix, a filha deles era a cara dele.

— Não sabem ainda, mas não importa. Nix não lembra o que aconteceu.

Eu olhei para ele bruscamente, e ele balançou a cabeça uma vez.

— Amy e eu vamos conseguir um hotel, vocês meninos devem fazer de mesmo.

— Precisamos conversar, irmão, — Dragon disse ameaçadoramente. Porra, se esses meninos não eram jovens o suficiente para serem meus filhos, eles seriam assustadores como o inferno.

— Vai ter que esperar, — Patrick o dispensou com um olhar. — Vou ligar para vocês em algumas horas.

A mão dele repousava na parte inferior das minhas costas enquanto ele me levava até o elevador, e eu não resisti. Eu não conseguia.

Uma vez que eu sabia que Phoenix estava bem, meu corpo começou a doer com exaustão, e minha cabeça latejava de todas as lágrimas que eu derramei. Agora que os pesadelos que me atormentaram desde que Nix era uma criança tinha sido realizado, eu não sabia o que fazer comigo mesma.

Eu estava tão irritada, tão inacreditavelmente zangada. Eu queria encontrar aqueles homens e arrancar seus olhos. Eu queria desfilá-los

pelas ruas, gritando seu crime para que todos pudessem ouvir. Eu queria que eles sofressem por sua covardia.

Eu queria que eles sentissem a mesma tristeza que Nix estava sentindo por não ser capaz de se proteger.

Esses filhos da puta.

— Conhece algum hotel por aqui? — Patrick perguntou quando nós saímos pelas portas da frente.

— Sim. — minha voz era oca e eu podia sentir a dormência afundando.

— Ei, — ele chamou, recebendo minha atenção. — Eu vou na minha moto. Eu te sigo até lá. Onde você estacionou?

* * *

Ele estava sendo um pouco presunçoso vinte minutos mais tarde, quando ele pediu apenas um quarto, mas eu não disse uma palavra. Eu sabia que era uma má ideia - Patrick e eu em um só lugar com uma cama envolvida era sempre uma má ideia - mas eu não gostava da ideia de ficar sozinha, tampouco.

Ele era o único sistema de apoio que eu tinha, tão patético quanto isso soava. Eu nunca tinha sido boa em fazer amigos, e a maioria das pessoas que entravam em contato comigo em uma base diária eram conhecidos na melhor das hipóteses. Fazer conexões nunca tinha sido algo que eu aprendi a fazer, e depois de eu ter sido atacada todos aqueles anos antes, eu havia perdido a vontade de sequer tentar. Eu gostava da minha própria companhia. Eu não precisava de mais ninguém.

Suponho, porém, que não era de todo verdade. Porque em um ponto, eu precisava das duas pessoas mais do que eu jamais imaginei ser possível. Uma delas estava me levando por um corredor naquele momento, olhando para o nosso quarto de hotel.

— Só trouxe uma muda de roupa na minha mala, mas se você quiser a camiseta, é sua, — ele murmurou, abrindo a porta para o quarto.

— Estou bem, — eu disse a ele, andando na frente dele e diretamente para o banheiro.

Eu precisava lavar o meu rosto e eu tive que fazer xixi pelo que pareceram horas. Eu fiquei lá mais tempo do que eu precisava, mas, eventualmente, eu tirei meus sapatos e as meias e caminhei de volta para o quarto, levando-os nos meus braços.

Patrick estava fazendo algo em seu telefone quando eu saí, mas olhou para cima quando eu sentei na beira da cama, ainda segurando os sapatos.

— O outro lado, amor, — disse ele, me fazendo olhar para cima em surpresa.

— Huh?

— Eu durmo nesse lado.

Eu balancei a cabeça distraidamente e recuei, lembrando da primeira noite em que ele rolou para enfrentar a porta em vez de dormir em volta de mim. Eu disse a mim mesma que eu não me importava como ele dormia mais, mas uma pequena parte de mim estremeceu com o pensamento de que ele ainda fazia isso.

Ele veio em minha direção quando eu me sentei novamente, e meus olhos ardiam quando eu olhei para cima para encontrar os seus. Deus, isso doía. Eu estava tão desgastada.

— É melhor se deitar antes de cair, — ele disse em voz baixa, chegando atrás de mim para puxar os cobertores da cama. — Suba.

Ele tirou os sapatos e as meias da minha mão e desembrulhou a minha bolsa por cima do meu ombro, em seguida, puxou os cobertores de volta até meu queixo.

— Desculpe, — ele murmurou, dando um passo para trás. — Esqueci onde eu estava por um momento.

Fechei os olhos e desmaiei quando o senti se deitar no outro lado da cama. Sabendo que ele estava ali significava que eu dormi mais profundo do que eu tive em muitos anos.

Eu instintivamente sabia que nada poderia me machucar quando Patrick estava lá.

Foi quando ele deixou que coisas ruins acontecessem.

* * *

Passamos o dia seguinte no hospital, nos familiarizando com o quarto de Nix e refeitório. Não que eu amasse a comida lá. Me lembrava de merenda escolar quando eu era criança – sanduíches de queijo grelhado e hambúrgueres que provei satisfatoriamente como borracha. O café era ralo, por que à noite eu estava arrastando a bunda novamente. Eu estava velha demais para voltar a funcionar com quatro horas de sono.

— Vou sair um pouco, — disse Patrick a Nix, observando-o de perto. — Os meninos querem te ver antes de irmos.

Eu não tinha certeza do que se passou entre eles naquele olhar, mas minutos depois, Grease, Dragon e Casper estavam entrando no quarto, seus corpos grandes demais para eu me sentir confortável.

— Jesus, Nix, eles te foderam, — disse Casper, surpreso.

Nix se encolheu, mas acenou com a cabeça em silêncio.

— Inferno, isso é nada. Deveria ter visto Dragon quando Poet conseguiu acabar com ele, — Grease entrou na conversa, se inclinando para apertar a mão de Nix. — É bom ver você, cara.

— Sim, você também. — o inchaço na boca de Nix tinha diminuído um pouco, suas palavras mais claras do que tinham sido na noite anterior.

— Eu estava mijando sangue por semanas, — Dragon resmungou, apontando para Nix. — Divirta-se com isso.

Vi o corpo do meu filho mudar de completamente rígido para relaxado dentro de momentos, e eu poderia ter beijado aqueles três rapazes.

— Pare de reclamar, idiota. — Patrick resmungou.

— Eu só entendi 54 por cento do que você acabou de dizer, — Casper comentou com Patrick em confusão. — Será que alguém entendeu essa merda?[5]

[5] É porque Trick ainda fala tudo doido com sotaque Irlandês. Não faz sentido eu escrever como ele fala porque senão o livro inteiro ia ser uma chatice.

Nix começou a rir e, em seguida, fez uma careta. — Seu sotaque sempre fica grosso quando ele está em torno da minha mãe. Nunca falha.

— Sim, mas você tem alguma ideia do que ele está dizendo-

— Conheci o seu cara na noite passada, — Grease interrompeu Casper e eu me preparei. Eu tinha visto a forma como eles estavam olhando para Mat. — Eu posso entender – o cara é quase tão bonito quanto uma garota.

Nix riu, então gemeu, mas o sorriso ficou em seu rosto. — A mamãe o chama de Ken.

— Sim, ele meio que parece com uma das Barbies que Trix tem, — Dragon comentou, fazendo com que todos os homens rissem.

— Eu tenho ciúme dele ser mais bonito do que eu, — eu brinquei, piscando para Nix.

— Não é possível, — argumentou Patrick com um pequeno sorriso. — Você está bem aqui?

— Sim, nós vamos ficar bem. Mat deve estar de volta logo com as coisas de Nix.

— Vamos ver vocês em breve, sim? — disse Patrick, se virou para Nix e o beijou na testa.

As bocas de Dragon e Casper se abriram em surpresa, mas Grease apenas sorriu.

— Vamos, meninos, — Patrick chamou enquanto se afastava sem esperar que eles sigam.

— Você não disse que sua mãe era gostosa, — Casper se queixou a Nix quando chegaram à porta, o que fez Grease o empurrar contra a parede com tanta força que eu sabia que ele teria contusões.

— Continue assim e Poet vai arrancar suas bolas, — o ouvi murmurar.

Nix e eu ficamos em silêncio por alguns minutos, e a falta de ruído foi meio que bom. Nós não tínhamos tido muito tempo para ficarmos sozinhos nas últimas 24 horas, e foi reconfortante estar no mesmo quarto com meu filho e não ter que preencher o silêncio com conversas.

Nós entendíamos um ao outro melhor do que ninguém, e eu não tinha certeza se isso era normal, considerando que o meu filho teria trinta em breve... Mas eu realmente não me importava. Por muito tempo, nós só tínhamos um ao outro. Éramos uma família de dois, e felizmente para mim, eu não o incomodava muito. Eu sabia que ele tinha sua própria vida - Mat era uma grande parte disso - e ele sabia que eu precisava de espaço. Nós trabalhamos de uma forma que apenas duas pessoas que se conheciam por dentro e por fora poderiam. Meu filho era um cara realmente legal e mesmo que ele estava crescido, eu ainda amava sair com ele.

— Eu sinto muito, mãe, — disse ele depois de um tempo.

— Por quê? — eu puxei o lenço que eu estava tricotando da minha bolsa e tentei ajeitar as minhas mãos nas agulhas. Não importava quantos anos se passaram desde que Peg tinha me ensinado a tricotar, eu ainda não podia fazer nada mais complicado do que um longo pedaço de tecido.

— Por tudo isso.

— Não seja idiota.

— Eu não estou. Eu sei que isto é uma merda para você. Você odeia hospitais.

— Todo mundo odeia hospitais.

— Você odeia eles mais do que a maioria das pessoas.

— Isso realmente não pode ser determinado, pode? Quero dizer, quem são essas 'maiorias'. Quantos são 'maiorias'? Quero dizer, algumas pessoas só vão para hospitais quando os bebês nascem, então eles realmente não contam-

— Para, mãe! Você poderia calar a boca?

— Se eu tiver.

— Você tem.

— Certo.

Ficamos em silêncio novamente enquanto eu tricotava, mas eu sabia que a qualquer momento ele iria mais uma vez trazer isso para cima. Ele nunca tinha sido capaz de ficar quieta a menos que fosse em seus próprios termos. Nós poderíamos comer um jantar inteiro sem

palavras faladas, mas se ele queria dizer alguma coisa e eu lhe pedisse para ficar quieto? Ele *não conseguia segurar* essa merda.

— Só lamento ter assustado você, e que você teve que estar aqui comigo o dia todo.

Eu continuei a tricotar calmamente.

— Pode falar.

— Oh, eu posso?

— Pare de ser idiota.

— Primeiro, vamos esclarecer uma coisa, — eu disse, deixando o meu tricô no meu colo e me virando para encará-lo. — Você não pode controlar o que as outras pessoas fazem, então você não pode controlar ou você não estaria no hospital neste momento particular.

— Você tem lido novamente. Eu posso dizer pelas palavras que você está usando.

— Em segundo lugar, — eu levantei minha voz acima da sua, — eu preferiria estar com você - mesmo neste hospital malcheiroso - do que em qualquer outro lugar na terra.

— Justo.

— Eu sou sempre justa... e certa.

— Eu vou dormir, ok?

— Ter seus amigos te visitando te cansou, hein?

— Eles são legais, né? — ele perguntou, fechando os olhos. Eu me senti mal por ele, porque eu sabia que ele nunca estaria confortável. Meu filho tinha o sono leve, sempre tinha tido.

— Sim, e bonitos.

— Cale-se.

— Você viu os olhos de Casper? Bom Deus.

— Mamãe.

— E Dragon, com o cabelo comprido? Jesus. Eu acho que eu preciso ler um romance histórico em breve... já sei como imaginar o mocinho.

— Eu vou vomitar.

— Nem me fale sobre Grease.

— Eu tenho tentado te parar por cinco minutos.

— Músculos, — eu cantei.

— Você é insana.

— Te amo.

— Eu também te amo... A maior parte do tempo.

Eu sorri enquanto eu pegava o meu tricô novamente, ouvindo meu filho bufar. O ruído dos monitores cardíacos mais de um incômodo do que qualquer coisa, mas quando o ouvi respirar a poucos passos de distância, isso me fez sentir se como tudo estivesse certo no mundo novamente.

— Seus olhos *são* incríveis, — ele murmurou, sonolento antes de dormir.

* * *

Patrick e os meninos não voltaram para o hospital naquela noite. Eu finalmente saí do quarto de Nix quase meia-noite e fui direto para o quarto de hotel que Patrick tinha reservado para outra noite. Eu peguei algumas roupas do meu apartamento durante o dia, enquanto Nix tinha estado descansando, e eu estava tão feliz de ter feito isso. Mesmo tendo planejado dormir na minha própria cama naquela noite, eu não conseguia me fazer ir tão longe do hospital.

Nix ia ficar bem. Eu sabia. No entanto, eu ainda estava com medo. Eu quase explodi. Se alguém não o tivesse visto deitado naquele estacionamento, ele poderia ter sangrado até a morte.

Eu tinha que tentar equilibrar a minha necessidade de estar na cola dele o tempo todo e a necessidade de dormir em uma cama real.

O hotel parecia como um meio termo sólido até que eu entrei no quarto enquanto Patrick estava saindo do banheiro, vestindo apenas uma toalha pendurada na cintura.

— Você voltou, — eu anunciei estupidamente, deixando a porta balançar atrás de mim.

— Não demorou muito, não é? Como está Nix?

— Ele está bem. Mat vai ficar com ele novamente hoje à noite, então eu estava indo tentar dormir um pouco. Tenho certeza de que ele está ficando cansado de mim por agora, de qualquer maneira.

— Eu duvido disso, — disse ele, balançando a cabeça enquanto ele colocava um par de cuecas boxer e puxava sob sua toalha.

— Como- — eu limpei minha garganta quando ele puxou a toalha, tentando se ajeitar. — Mães parecem incomodar filhos crescidos regularmente. Há cerca de um milhão de seriados com base nessa premissa.

— Não seu filho, — ele argumentou, secando sua barba e cabelos com a toalha.

— Você usa cueca boxer agora? Quando isso aconteceu? — o que diabos eu estava dizendo? Eu não me importava com sua cueca. Eu não me importava com ele.

— O quê? — ele perguntou confuso.

— Esqueça que eu disse isso.

— Você gostou das minhas cuecas?

— Não, você parece estar malhando demais.

— Porque eu estou usando cuecas boxer? — ele estava olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, e eu tinha certeza que eu tinha.

— Você é muito velho para cuecas boxer.

— Você é velha demais para usar essas calcinhas fio dental que eu sei que você estava usando sob sua saia, porque eu vi a marca no Hospital mais cedo.

— Você acabou de dizer *fio dental?*

— Você chama de outra coisa?

— Hum, calcinhas que vem em um pacote com dez. Isso é o que eu iria chamá-las.

— Não importa de onde veio, eu ainda gostaria de ver sua bunda usando elas.

Eu abri minha boca, depois fechei novamente. Eu não tinha ideia do que dizer a isso. Estávamos nos aventurando em terras selvagens e eu que nos levei até lá.

— Vai ficar plantada ao lado da porta a noite toda?

— O quê? — eu olhei ao meu redor, então balancei a cabeça. — Uh, não.

Eu tinha levado minha bolsa comigo do meu carro, e eu a deixei cair perto da cômoda para que eu pudesse vasculhar por um pijama. Eu não queria acordar com as marcas das minhas calcinhas sutiã impressas no meu corpo.

Sem outra palavra, eu peguei minhas coisas e entrei no banheiro, fechando a porta firmemente atrás de mim. Eu precisava de um banho - um frio - e um par de minutos para me recompor.

— Você não poderia ter agarrado uma camiseta velha? Uma camisa ou algo assim, — Patrick resmungou quando eu saí do banheiro cheio de vapor meia hora mais tarde.

— Eu estou vestindo shorts por baixo, seu velho sujo.

— Eu posso ser muito mais sujo, — disse ele com a voz rouca, se sentando da cama. — Basta dizer a palavra.

Eu tinha saído com alguns homens no último par de anos, caras legais, mas nenhum deles tinha causado uma reação tão primitiva no meu corpo. Era como se quanto mais perto ele chegasse de mim, mais meu corpo aquecia e amaciava. Minha luta ou fuga por resposta não apareceu e eu culpei o estresse Eu então comecei a pensar na minha necessidade de correr as palmas das mãos sobre toda a pele lisa que era a apenas alguns metros de mim.

Talvez se ele tivesse colocado um belo par de pijamas em vez de rondar pelo quarto em nada além daquelas cuecas boxer...

— Eu nunca quis nada tanto quanto eu te quero, — disse ele com reverência, se aproximando e correndo o dedo sobre a alça da minha camisola, no meu ombro.

— A palavra, — eu botei pra fora. Eu só disse isso uma vez, mas na minha cabeça ela estava sendo dito uma e outra vez.

— Sim? — sua mão deslizou até ao lado de minha garganta e eu estremeci.

— Sim, — eu confirmei.

Sua outra mão subiu até que ambas estavam no meu pescoço, e eu inclinei a cabeça. O primeiro beijo foi hesitante, nossos lábios mal escovando, mas quando minhas mãos levantaram para descansar em seu peito, todas as apostas estavam fora.

Sua boca pressionou contra a minha enquanto ele gemia, e eu imediatamente me abri, deixando sua língua correr entre meus lábios. Beijar tinha sido sempre impecável com a gente, uma dança coreografada que nos fazia inclinar as cabeças só para o máximo impacto, e mesmo depois de anos separados e diferentes amantes entre nós, isso não parecia mudar.

Capítulo cinquenta e dois

PATRICK

Minhas mãos tremiam tanto e eu não conseguia pará-las.

Eu a tinha. Ela estava bem ali nos meus braços e ela não estava se afastando. *Ela não estava se afastando.*

Era a porra de um milagre.

Este não era um desejo de me confortar como se tivesse sido a última vez. Querido Deus, tinha sido vinte anos desde que ela tinha as mãos em mim dessa forma. Como poderia passar tanto tempo num piscar de olhos? Era tanto incrível e incrivelmente humilhante que no minuto em que nos tocamos, todos os anos pareciam desaparecer.

— Na cama, — eu pedi, passando minhas mãos na frente do corpo dela até que meus dedos estavam segurando seus quadris. Eu queria girar ao redor dela e dar um tapa na bunda dela para fazê-la se mover para que eu pudesse vê-la enquanto ela subia na cama, mas não me atrevi a soltá-la. Eu estava com medo de que, se a nossa conexão quebrasse por um momento, ela percebesse que ela realmente não me queria.

— Você é mandão, — disse ela, dando um passo para trás.

— Eu sempre fui mandão.

— Você nunca precisou de uma cama antes. Velho demais para me pegar contra a parede?

Ela estava me atraindo, empurrando para conseguir o que queria, e meu pau estava tão duro pelo seu tom de voz que ele estava prestes a rasgar minha cueca.

— Nós vamos estar lá depois, sim? — eu respondi, respirando fundo pelo nariz para acalmar a minha respiração. — Eu quero que você se espalhe e fique confortável.

Deixei minha mão em sua coxa quando ela alcançou a cama, e ouviu a sua respiração aumentar até que eu empurrei sua camisola até a cintura.

Shorts minha bunda. Eram roupas íntimas, e assim como eu tinha imaginado, só cobria metade da bunda dela.

— Isso sai, — eu disse asperamente, agarrando a camisola e puxando-a sobre a cabeça.

Parei. Tudo parou - minhas mãos, a minha respiração, meu coração.

Ela era tudo o que eu tinha sentido falta por anos, e mais do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

Seu peito arfava, e seus seios balançavam, os mamilos duros apontados para o meu peito como pequenos faróis. Eles não eram tão alegres como quando éramos jovens, mas eles eram pesados e cheios e eu não poderia evitar o som que eu fiz enquanto eu olhava. Eu baixei meu olhar, sobre seu umbigo com o formato estranho que eu sabia que era por causa de carregar Nix, e as pequenas linhas brancas que ziguezagueavam seu caminho a partir do topo de sua calcinha até a metade de seu estômago.

Eu queria chorar naquele momento. Por que eu não tinha prestado atenção todos aqueles anos atrás? Por que eu não tinha tido tempo para realmente ver o corpo que ela estava me mostrando e percebi então, antes que fosse tarde demais, que eu queria ver essa pele esticada com nosso filho? Eu não tinha catalogado suas alterações; eu tinha estado muito ansioso para chegar o mais perto dela quanto eu poderia.

Talvez se eu tivesse sido menos egoísta, eu teria encontrado uma maneira de fazê-la me amar novamente.

— Você está encarando, — ela sussurrou, passando as mãos pela minha barriga.

— Estou em êxtase.

— É apenas um corpo.

— É *seu* corpo.

— Estou ficando impaciente, — disse ela maliciosamente, correndo as unhas até meu peito e beliscando um dos meus mamilos entre os dedos.

Foi como um choque para minhas bolas, e eu senti meu pau contorcer quando eu estremeci.

Eu peguei a mão dela na minha, puxando-a para cima da minha cabeça, e me inclinei para puxar um de seus mamilos apertados em minha boca, puxando um gemido de nós dois. Seus dedos se enroscaram no meu cabelo do jeito que eu sabia que ela iria e eu a empurrei para trás suavemente até que ela estava caindo sobre a cama. Quando ela chegou lá, os meus lábios soltaram seu mamilo e suas mãos caíram ao lado da cabeça, elevando seus seios. Porra. Seus movimentos eram um sonho, cada fantasia e cada visão que eu tinha acreditado que nunca veria novamente.

Eu a virei.

Eu não conseguia parar.

Eu tinha que ver essas calcinhas.

Suas costas arquearam, inclinando sua bunda redonda em direção a mim. Olhei por um momento, correndo minha mão por suas costas nuas, apenas evitando o cós daquelas lindas, lindas calcinhas. Quando seus quadris começaram a balançar um pouquinho de lado a lado em um movimento inconsciente, olhar já não era suficiente.

Peguei meu pau e apertei com força quando me inclinei e mordi a parte carnuda de sua bunda logo abaixo de onde ela estava coberta pelo tecido. O impulso irresistível de morder mais duro brilhou através de mim, mas em vez disso, eu chupei.

— Merda! — ela engasgou debaixo de mim, e ela arqueou para trás mais do que eu teria imaginado ser possível. — Mais uma vez.

Mudei para o outro lado e mordi de novo, grunhindo enquanto ela pressionava de volta contra a minha boca. Cristo.

Enrolei minha mão em torno da parte de trás da sua coxa e apertei a perna em cima da cama, abrindo-a para mim. O centro de sua calcinha estava escuro com excitação, e minha boca encheu de água enquanto eu corria meu nariz na parte de trás de sua coxa. Quando eu fiz meu caminho de volta para cima, ela estava tremendo, e eu juro por

Cristo, ela gritou quando eu mordi a pele onde sua bunda encontrava sua coxa.

Minha mão se moveu rapidamente, puxando a calcinha para o lado e sentindo nenhuma resistência, eu empurrei dois dedos dentro dela. Ela estava raspada, quente e encharcada, e seus músculos internos apertaram com tanta força que eu tive dificuldade em puxar meus dedos de volta, a fim de impulsionar novamente. Eu virei minha mão, instintivamente movendo as pontas dos meus dedos para o local que eu sabia que iria fazê-la chorar meu nome. Mesmo depois de todos esses anos, eu ainda sabia exatamente quão profundamente eu precisava pressionar meus dedos dentro de Amy antes de curvá-los de volta.

— Patrick, — ela gemeu, seus quadris rolando contra o meu rosto e mão. Quando sua respiração ficou rasa e seu corpo começou a tremer, eu me perguntei o que diabos eu estava fazendo.

Eu puxei minha mão, fazendo-a gritar em protesto, em seguida, passei sua calcinha por suas pernas, deixando-as em seus joelhos enquanto eu separava as bochechas da bunda dela e apertava a boca contra sua buceta molhada.

Sim.

Porra.

Sim.

Eu estava morrendo de fome.

Eu deixei seus sucos cobrirem meu rosto, sabendo que não importava o quanto eu lavasse na parte da manhã, eu estaria sentindo o cheiro dela por dias. Adorável.

— Sua barba, — ela suspirou, puxando uma perna de sua calcinha para que ela pudesse abrir mais as pernas. — Santo inferno.

Inclinei a cabeça um pouco e deixei a barba abaixo do meu lábio suavemente roçar ao longo de seu clitóris. Isso foi tudo o que levou para empurrá-la sobre o limite, deixando-a silenciosa e tremendo, impotente contra a cama.

Me levantei tão logo que seu corpo relaxou no edredom e empurrei minha boxer para baixo enquanto eu olhava para ela toda rosa, os lábios da sua buceta inchados espreitando para mim entre as coxas. Eu precisava estar lá.

Eu dei um passo para cima e agarrei seus quadris, meus dedos cavando os ossos afiados quando eu puxei o corpo dela alto o suficiente para encontrar o meu.

— Patrick, não! — ela disse com urgência, e meu estômago revirou quando eu imediatamente a soltei e dei um passo para trás.

Ela iria me afastar. Ela iria se virar e me dizer para ir, enquanto eu estava lá com meu pau em minhas mãos. Abri a boca, mas nada saiu quando eu senti meu peito corar e o vermelho começar a subir meu pescoço.

Não era uma coisa de ego. Ela podia me recusar uma centena de vezes e eu não ficaria com raiva. Esse era seu direito, e era um que eu respeitava. Também não era sobre o fato de que o meu pau estava tão duro que estava começando a doer. Eu poderia cuidar disso no chuveiro - não era minha primeira escolha, mas iria, pelo menos, proporcionar alívio.

Não, era a ideia de que ela estava muito perto de mim e eu não podia fazer amor com ela que fez o meu estômago revirar e meu rosto corar. Eu queria estar tão perto dela quanto eu poderia. Eu queria me envolver em torno dela, e respirá-la e gozar dentro dela.

Eu estava com vergonha e completamente devastado que ela me parou.

— Patrick! — ela chamou, me sacudindo para fora da minha cabeça. — Você vai ficar aí?

— O quê? — eu balancei minha cabeça, meu coração acelerado.

— Preservativo?

— Você quer que eu use preservativo?

— Eu ainda posso engravidar, mas eu sou muito velha para crianças, e você teve seu pau em muitos lugares, — disse ela razoavelmente, e eu quebrei em um suor frio de alívio, me fazendo tremer.

— Em mim carteira, — eu disse a ela em silêncio, o medo de ser recusado me deixando um pouco instável.

— Não faz sentido deixar isso aí, — brincou ela enquanto ela rolava completamente em suas costas. — Você está bem?

— Sim, — eu murmurei, pegando minha carteira da mesa de cabeceira e puxando uma fila de três preservativos.

— Você se acha mesmo, — disse ela, divertida quando eu os deixei cair sobre a cama.

— Há uma boa chance de rasgar a primeira com a pressa e do jeito que as minhas mãos estão tremendo, — eu respondi honestamente, minha voz calma. — Vamos passar para a segunda.

— Você está tremendo? — perguntou ela, o rosto ficando suave quando ela pegou uma das minhas mãos para estudá-la.

— Eu nunca estive com mais medo ou animado em minha vida.

— Receoso?

— Você não percebe que eu não sou o que você quer.

— Excitado?

— Como mil natais rolando em um momento.

— Você quer que eu cuide do preservativo?

— Isso provavelmente seria melhor.

— Deite-se, — ela ordenou, soltando minha mão para pegar os preservativos.

Me deitei na cama ao lado dela, meus pés ainda plantados no chão, e a assisti rasgar o preservativo e abrir cuidadosamente. No segundo que ela me tocou, meu corpo sacudiu.

A sensibilidade era quase dolorosa quando ela colocou a mão em torno do meu eixo e parou lentamente, fazendo meus quadris levantarem da cama. Então ela se inclinou e me levou em sua boca enquanto eu assistia com admiração.

— Eu não vou durar muito tempo com você fazendo isso, — eu disse com tristeza, agarrando seu queixo suavemente para afastá-la. Eu tanto odiava e amava o quão perto do limite eu estava, desejando que eu pudesse assistir seus lábios em torno de mim, mas sabendo que, se ela não parasse, nós estaríamos acabados.

Ela rolou o preservativo no meu comprimento em um movimento suave, e eu a ajudei na base, me certificando de que estava situado onde precisava estar.

Foi a primeira vez que eu tinha usado um com ela, e eu me perguntei brevemente se faria tudo diferente.

Então, lá estava ela, ajoelhada em cima de mim, enquanto as longas cordas do seu cabelo escovavam as pontas de seus seios e ela apertou meu pau dentro dela.

Eu gritei quando ela desceu, e usei minhas pernas para pressioná-la mais fundo. Eu tinha estado insano em pensar que alguma coisa iria mudar a forma como se sentia estar dentro dela. Eu ainda sentia o mesmo ímpeto de emoção, a mesma vontade irresistível de chegar tão longe dentro dela quanto eu possivelmente poderia.

Nada comparado com a maneira que eu senti quando eu estava dentro dela. Nada.

Me agarrei a seus quadris quando ela rolou em cima de mim, mas logo eu estava puxando minhas mãos para que eu pudesse me inclinar para cima e ficar em meus cotovelos. Seus seios estavam balançando com cada movimento e minha boca aguava com a visão.

— Pra frente, — eu pedi, olhando em seus olhos pesados. — Eu quero seus mamilos.

Ela estremeceu, em seguida, pousou as mãos sobre meus ombros, trazendo seus seios para o meu rosto.

Sua buceta apertou enquanto eu puxava primeiro um e depois o outro mamilo entre meus lábios, mordendo-os suavemente e chupando contra o céu da boca. Ela não usava perfume ou loção perfumada, e a única coisa que eu poderia provar era ela. O sal e o doce de sua pele eram os mais potentes afrodisíacos que eu já encontrei.

Ela finalmente se inclinou para trás e vi uma de suas mãos chegar até onde nossos corpos se conectavam, esfregando o feixe de nervos lá. Seus lábios estavam estendidos em torno de mim, brilhando com a umidade, e eu tive dificuldade em mover meus olhos para longe da vista.

Quando seus movimentos começaram ficar frenéticos, olhei para o rosto dela, e o que eu vi lá fez todo o meu corpo esfriar.

Ela gozou e ela estava pulsando em torno de mim, mas sua cabeça estava erguida em direção ao teto e lágrimas corriam silenciosamente pelo seu rosto.

Eu fiquei congelado por um momento, não tendo certeza do que estava acontecendo, mas quando ela estremeceu uma última vez, uma das minhas mãos empurraram e agarraram seu quadril, parando seus movimentos.

Sua cabeça virou em surpresa.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, se movendo contra o meu punho.

— Você está chorando.

— Está tudo bem. — ela revirou os quadris contra mim, e meu estômago deu um nó.

— Por quê?

— Foi realmente um bom orgasmo, — disse ela, tentando me dissuadir.

Eu encontrei seus olhos em silêncio enquanto ela tentava se mover, mas com cada impulso, eu ficava mais mole, até que eu a levantei de mim antes de o preservativo sair.

— Que porra é essa? — ela perguntou, confusa, olhando para baixo entre nós.

Eu balancei minha cabeça enquanto eu arrancava o preservativo para fora, sem saber o que dizer. Eu não podia...

Eu simplesmente não conseguia. Eu sabia pela expressão em seu rosto que ela estava machucada, mas eu não sabia o que dizer para tornar isso melhor.

Eu não iria transar com ela enquanto ela chorava. Nunca. Eu não me importava que tipo de lágrimas eram, vê-las apagou toda a excitação do meu corpo.

— Patrick?

Me afastei, jogando o preservativo no lixo e molhando uma toalha do banheiro antes de voltar para onde ela estava sentada silenciosamente na cama. Ela estremeceu enquanto eu corria a toalha molhada sobre seu corpo, começando com o pescoço e terminando entre as coxas.

— O que aconteceu? — ela perguntou em voz baixa, envolvendo os braços ao redor do peito.

— Eu amo você-

— Patrick, não, — ela advertiu.

Eu a ignorei. — Eu amo você. Mais do que eu mesmo. Mais que tudo. — fechei minha boca e tentei deixar o meu sotaque sob controle. Eu passei quase trinta anos nos EUA, mas eu ainda acabava voltando às velhas pronúncias quando eu estava lutando contra minhas emoções. — Eu sempre te amei. — eu continuei: — Eu não tenho certeza do que aconteceu lá ou porque você estava chorando. Mas eu nunca vou te tocar quando você não quer ser tocada.

— Eu te disse-

— Você mentiu.

Ela ergueu o queixo, mas não disse mais uma palavra quando puxei a roupa de cama para baixo para ela entrar. Eu me deitei ao lado dela nas minhas costas e soltei um pequeno suspiro de alívio quando o corpo dela gravitou em torno de meu.

Eu não sabia mais o que dizer. Cada frase que saía da minha boca parecia inadequada, e eu não queria piorar a situação enquanto eu tentava processá-la.

Eu tinha perdido alguma coisa - algum pequeno movimento ou expressão facial que teria me dito que ela não estava se divertindo? Como sempre, eu não tinha ideia se eu estava indo ou vindo, suas complexidades me deixando completamente perplexo.

Quando ela chegou no hotel antes, eu estava surpreso, mas realmente muito feliz que ela estava lá. Depois da noite que eu tinha pesquisar o pub onde Nix foi atacado, nós finalmente encontramos os meninos que tinham feito isso.

Eles não estavam tentando esconder, mas não tinha levado muito tempo para eles perceberem seu erro.

No momento em que lidei com essa situação, eu estava exausto, mas a adrenalina correndo em minhas veias não tinha me permitido relaxar.

Senti sua respiração aprofundar e eu a puxei um pouco mais perto de mim antes de virar para o meu lado e envolver o braço em volta da minha cintura. Eu precisava tentar dormir para que eu pudesse parar para ver Nix cedo na manhã seguinte. Ele merecia saber o que tinha acontecido.

Eu pensei sobre cada movimento e som que vinha de Amy, enquanto eu estava dentro dela ela, e quando eu adormeci, eu ainda não conseguia identificar o momento que eu deveria ter sabido que ela não queria que eu a tocasse.

* * *

Quando acordei na manhã seguinte, eu sabia instintivamente que ela tinha ido antes de eu mesmo abrir meus olhos.

Estava frio onde ela dormia, e quando eu olhei para a cômoda, notei que sua bolsa não estava onde ela tinha deixado.

Sua chave do quarto estava na mesa de cabeceira.

Merda.

Me levantei da cama em segundos, e levei apenas minutos antes de sair do hotel para o hospital. Se eu conhecesse Amy, ela já estava visitando Nix, e eu estava esperando que eu pudesse prendê-la lá em baixo. Eu precisava falar com os dois, e nenhuma discussão podia esperar.

— Ei, Trick, — disse Nix enquanto eu caminhava para o quarto. Ele estava sozinho pela primeira vez em três dias, e meu estômago caiu com pressentimento.

— Nix, como está se sentindo?

— Um pouco melhor hoje. O rosto ainda dói, o estômago ainda dói.

— Vai demorar um pouco, mas vai melhor, eu tenho certeza. — meus olhos corriam ao redor do quarto.

— Ela não está aqui, — disse ele categoricamente.

— O quê?

— Mamãe não está aqui. Ela disse que tinha algumas coisas para fazer esta manhã, — disse ele com ceticismo.

— Você acha que não é o caso?

— Considerando que ela apareceu aqui as 6h30 na parte da manhã e saiu as sete, eu vou dar um tiro no escuro aqui e assumir que você e ela tiveram uma recaída... de novo?

— Eu não sei por que-

— Não me venha isso, cara, — disse ele com um pequeno aceno de cabeça. — Eu conheço os sinais e você também. Por que você continua fazendo isso?

Eu me sentei pesadamente na cadeira ao lado dele e olhei para as minhas mãos. Eu retoquei a tatuagem no meu dedo algumas vezes ao longo dos anos para mantê-la viva, e eu tinha notado na noite anterior quão desbotada a da Amy tinha se tornado.

Era uma boa representação do nosso relacionamento. Eu estava segurando e ela estava desaparecendo.

— Eu a amo, — eu disse a ele simplesmente.

— Você pode amá-la. — ele moveu sua boca um pouco como se estivesse procurando as palavras certas para dizer. — Eu entendo, cara. Eu entendo. Mas cada vez que você vem, ela fica uma bagunça depois. Por meses. Isso nunca funciona do jeito que você quer e nunca fica mais fácil - para você ou para ela. Então, por que você não pode simplesmente deixar pra lá?

Passei a mão pela minha barba, arranhando meu queixo enquanto eu tentava explicar a Nix algo que ele nunca iria entender até que ele conhecesse o amor de sua vida.

— Eu estou incompleto sem ela- — eu parei, balançando a cabeça. — Enquanto eu viver, eu nunca vou desistir. Eu não posso.

— Eu acho que você precisa, — disse Nix suavemente.

— Isso nunca vai acontecer.

Passamos um pouco quietos, com nossos próprios pensamentos antes de eu me lembrar por que eu queria vê-lo em primeiro lugar. Quando eu lhe mostrei as fotos no meu telefone antes de excluí-las, ele ficou em silêncio, mas levou apenas um minuto antes de falar.

— Você não os matou, não é? — ele perguntou, entregando meu telefone de volta.

— Você me pediu para não fazer isso, então eu não fiz.

— Obrigado.

— Não tenho certeza se é algo para agradecer.

— Não - obrigado por cuidar disso. Obrigado por cuidar de mim.

— Enquanto eu respirar, eu vou cuidar de você, — eu respondi com um aceno de cabeça. — Exceto, é claro, agora, já que eu tenho uma longa viagem de volta para Eugene hoje. Os meninos disseram que assim que você se curar, é pra você vir conhecer as crianças.

— Vou ver o que posso fazer, — disse ele com um sorriso.

— Faça isso. — eu me inclinei e beijei sua testa. — Te amo, cara. Me mantenha atualizado sobre as coisas por aqui.

— Eu irei.

Quando me afastei dele, meu estômago se apertou em ansiedade. Eu odiava ir embora quando ele ainda estava tão ferido, mas eu sabia com certeza absoluta que, logo que eu tivesse ido embora, Amy se sentiria confortável ao seu lado novamente. Ela estava me evitando, de forma clara, e ela precisava estar lá mais do que eu.

Então mais uma vez, eu fui afastado.

E eu fui embora como um cachorro com o rabo entre as pernas, porque eu nunca a forçaria a fazer algo que ela não queria - mesmo se isso significasse que eu tinha que ficar longe.

Eu liguei e mandei uma mensagem para ela, mesmo me preparando para outra longa separação, mas para minha surpresa, passou apenas um par de meses antes de vê-la novamente.

Foi à noite que mudou tudo para nós... À noite em que foram respondias as perguntas que eu não tinha perguntado, e me arruinou completamente.

Capítulo cinquenta e três

BRENNA

A mão do Dragon engoliu as minhas enquanto ele me puxava para dentro do clube. Nós finalmente tínhamos mais uma noite sem as crianças, e depois do jantar e um filme, tínhamos decidido parar por um par de bebidas. Beber em casa não era tão divertido quanto beber no clube, e eu sabia que ele estava pensando em me foder pelo olhar em seus olhos.

Sexo bêbado com o meu homem. Eu mal podia esperar.

— Ei, querida, — disse Vera quando eu me inclinei para dar a ela um beijo. — O que vocês dois estão fazendo aqui?

— Rose e Cam se ofereceram para ficar as crianças a noite, e você sabe que eu não tinha como recusar, — eu respondi em tom de brincadeira, me inclinando para abraçar Slider quando Dragon foi em direção ao bar. — De quem é o Prius lá fora?

Eu não poderia imaginar qualquer um dos membros permitindo sua old lady tendo um carro chato desses. Ele era branco e se destacava em meio ao um mar de motos pretas e cromadas.

Ela começou a responder quando seus olhos de repente olharam por cima do meu ombro e se arregalaram e sua boca se fechou.

Virei a cabeça para ver o que ela estava olhando, e vi uma mulher com dreadlocks cinzentos e longos praticamente correndo pela porta do corredor de trás.

— Eu conheço ela, — eu disse lentamente, tentando lembrar onde eu tinha visto a mulher antes. Assim que as palavras saíram da minha boca, meu pai saiu atrás dela, agarrando-a pelo braço. — Que diabos?

Eu comecei a me mover para frente quando uma mão forte apertou contra o meu braço e me virei para ver Slider me segurando no lugar.

— O que-

— Não é da sua conta. Se você quer ficar, fique em silêncio, — disse ele enfaticamente, nunca olhando para longe da cena que papai estava fazendo.

— O que está acontecendo? — eu perguntei, confusa.

— Algo que deveria ter acontecido há trinta anos.

— Ela vai quebrá-lo, — Vera sussurrou, levantando a mão à boca.

— Ele a quebrou anos atrás, acho que já era hora de ela revidar, — Slider murmurou de volta ameaçadoramente.

Suas palavras estavam começando a me assustar, e a expressão no rosto de Dragon quando ele fez o seu caminho de volta para o meu lado multiplicou meu medo.

— Eu preciso-

— Você vai ficar exatamente onde está, — interrompeu Slider. — Ou eu vou fazer seu homem te arrastar para fora daqui.

— Ele não iria-

— Ele não, eu vou, — prometeu Slider, encontrando meus olhos por um momento antes de olhar na direção de papai.

— Você provavelmente não deveria estar aqui para isso, — Dragon murmurou em meu ouvido, me fazendo olhar para ele com surpresa. Ele sabia o que estava acontecendo?

Como diabos ele saberia quando eu não? E por que diabos a mulher que me vendeu meu velho Corolla estava no clube gritando com meu pai?

AMY

— Como você poderia fazer isso? — Patrick gritou comigo, levantando minha mão para que eu não tivesse escolha a não ser olhar para ele e encontrar todos os olhos na sala.

— Já era hora. Agora solte meu braço. — eu tentei manter a minha voz calma, mas eu estava lutando uma batalha perdida com o meu temperamento.

Eu tinha ido para o clube por duas razões, para agradecê-lo pelo que ele tinha feito para o meu filho e entregar a ele os papéis do divórcio que eu tinha carregado em minha bolsa por uma semana. Eu sabia que as duas razões pareciam estranhas, como se estivesse agradecendo a ele por tentar se divorciar dele - mas na minha cabeça, tinha feito todo o sentido.

Eu estava fazendo uma ruptura limpa. Finalmente.

Eu tinha coberto a minha tatuagem no dedo dois dias antes, chorando o tempo todo, e no momento que eu eventualmente me arrastei para fora da minha cama, eu sabia que era hora de terminar tudo.

Eu não podia mais fazer isso, não para qualquer um de nós. Ficar casada e vestir sua marca tinha lhe dado esperança por muito tempo, e era egoísta da minha parte deixar isso continuar. Minha incapacidade de deixar isso ir estava nos arrastando, só tinha me levado trinta anos para perceber isso.

— Eu amo você! — ele assobiou. — Eu não vou me divorciar de você.

— Eu não preciso do seu acordo.

— O caralho que não!

— Estou indo, Patrick. Solte o meu braço.

Ele me segurando não doeu, não de qualquer maneira, mas eu não conseguia me fazer sair de seu aperto. Se eu fizesse isso - se eu fizesse essa ruptura física - eu sabia que ia parecer que eu estava fugindo novamente. Ele tinha que me deixar ir por conta própria.

— Por que está fazendo isto? Eu te amei a vida inteira! Eu nunca parei de te amar e sei que você também não!

Suas palavras estavam me rasgando, arrancando minhas entranhas em pedaços e colocando no fogo dentro do meu peito. Era doloroso, mas quanto mais ele me segurava, mais irritada eu ficava.

Por que ele não podia ver isso? Por que ele tinha sido tão cego por tanto tempo?

Eu o amava! É claro que eu o amava, caralho! Mas não importa quantas vezes eu diga a mim mesma que eu tinha perdoado Patrick, eu não poderia arrancar o ressentimento que eu sentia por ele e não havia

se dissipado com passar dos anos; se alguma coisa, só tinha ficado mais forte.

— Você quer saber por quê? — eu perguntei maldosamente, minha voz subindo. — Realmente, Patrick?

Eu peguei o movimento com o canto do meu olho, e o velho rosto familiar quase me deixou de joelhos.

— Você não quer fazer isso aqui, — disse Doc suavemente com um aceno de cabeça. — Não aqui, garota.

Eu olhei para ele, a forma como a idade tinha feito a sua parte superior das costas curvarem um pouco e seu corpo estreito com perda de massa muscular, mas quando eu encontrei seus olhos, eu fui transportado de volta para a Irlanda e a pior noite da minha vida.

As palavras saíram de mim.

— Eu acordei amarrada a uma cadeira, — eu comecei, movendo a cabeça em direção a Patrick a tempo de ver seu rosto pálido. — Foi uma daquelas cadeiras de cozinha com os apoios de braço. Madeira. O encosto era real de altura, parava na base do meu pescoço.

Eu assisti Patrick engolir em seco, mas ele não me interrompeu enquanto a multidão em torno de nós ficava completamente silenciosa.

— Eu tinha um cinto na minha boca que estava reforçado em torno da parte de trás da minha cabeça. Ele disse que era para que eu não morder minha língua.

Olhei para o lado, e vi Vera me olhando com horror, mas eu não podia parar. Eu estava pondo pra fora, as palavras saindo de mim.

— Eu não sabia quem ele era - eu nunca o tinha visto antes. Mas assim que eu estava acordada, ele tirou o cinto da minha boca e explicou por que eu estava lá. Ele só queria saber onde sua noiva estava. E eu me lembro de pensar: 'Graças a Deus, isso é tudo o que ele quer. Eu vou ajudá-lo a encontrá-la'.

— Amy, — Patrick sussurrou.

— Você queria saber, certo? É o que todos queriam saber.

— Eu não-

— A primeira vez que eu não lhe dei a resposta que ele queria, ele puxou minha cabeça ao longo da borda da cadeira. Eu pensei que ele ia

cortar minha garganta, mas em vez disso ele cortou todo o meu cabelo. Tudo. Houve momentos em que eu podia sentir o metal contra o meu couro cabeludo, ele cortou curto assim. Eu chorei quando ele cortou e ele me repreendeu por isso, mas eu não percebi... eu não percebi o que viria a seguir, ou eu teria guardado as minhas lágrimas.

— Depois disso, ele foi para as minhas mãos. Ele começou com o meu dedo indicador, — eu disse claramente, levantando minha mão e mexendo o dedo torto quando Patrick começou a tremer. — Ele esmagou com um martelo quando eu não disse onde Moira estava.

Ouvi alguém gritar do lado de Vera e Patrick estendeu a mão para se apoiar contra o bar, mas eu não parei.

— O do meio foi o próximo eu me mijei toda, eu quase não notava a dor. O que é um pouco de confusão quando parecia que ele estava rasgando meus dedos, um por um?

A mão de Patrick caiu no meu braço e molemente para o lado dele quando ele começou a balançar.

— Eu não poderia dizer onde ela estava, porque eu *não* sabia onde ela estava. — eu ri sombriamente. — Os dedos menores doeram mais, provavelmente porque ele não tinha muito espaço para trabalhar, então ele quebrou os dedos.

Patrick se encolheu com cada palavra que eu falei.

— Por favor, me amor- — ele sussurrou dolorosamente.

— Felizmente, quando ele tinha alcançado o meu polegar, ele fez a pergunta *certa.* Era a diferença entre *onde ela está e* onde *ele a levou.* Eu sabia onde vocês estavam indo, então eu finalmente tinha uma resposta. Graças a Deus, eu finalmente tinha uma resposta.

— Pare, por favor, — suplicou ele asperamente.

— Ele não estava feliz com a minha resposta, — eu sussurrei de volta, me inclinando para frente. — Talvez não era o que ele queria ouvir.

— Pelo amor de Deus. — eu assisti seus lábios formarem as palavras, mas ele não fez nenhum som.

— Então, enquanto eu desmaiei de dor, ele me despiu da cintura para baixo, então ele me *estuprou,* — eu estremeci na revolta com a memória, a minha voz rouca. — E ele me estuprou no sofá da mãe dele.

— Você me deixou na Irlanda para cuidar de uma mulher que mal conhecia, e por causa disso, ele me torturou e me estuprou até que eu perdi a consciência. — eu apertei minha mandíbula contra a emoção queimando em meu peito. — Você me prometeu que nunca me deixaria novamente. Você prometeu que eu nunca teria que ter medo. *Você prometeu que você nunca iria amar mais ninguém.*

Eu observava o rosto de Patrick ir de pálido a um tom alarmante de cinza, mas eu não parei.

Eu ainda não parei.

— Você se lembra do dia em que descobri que estava grávida? Quando você cuspiu na minha cara e disse que eu era imunda? — rosnei para ele, as lágrimas finalmente caindo livremente pelo meu rosto. — Eu não disse nada de volta, porque eu não podia discordar de você. Eu me senti suja. O tipo de sujeira que você esfrega e esfrega, mas nunca sai.

— Não- — Patrick sussurrou dolorosamente, sua voz quase inaudível.

— Você me acusou de me vingar por você foder outra mulher, e eu comecei a rir, você se lembra? — eu observei seus olhos bem fechados com a memória, então assobiei por entre os dentes: — Foi *divertido,* Patrick. Porque eu não tinha me vingado por você dormir com ela. *Ele fez.*

Os olhos de Patrick abriram quando suas pernas cederam de debaixo dele, e ele caiu de joelhos com um baque alto, todo o seu corpo curvando para frente.

— Mãe? — eu ouvi sobre o meu ombro, e eu senti todo o meu corpo recuar de medo. — Mamãe?

Eu me virei para ver Nix andando na minha direção lentamente, devastação evidente em seu rosto.

— Você nunca me disse, — ele acusou, encontrando meus olhos. — E, você. — ele apontou para Patrick, mais irritado do que eu jamais vi. — Levante-se.

Assim que Patrick estava de pé, o punho de Nix o atingiu com tanta força no lado do rosto que ele desceu novamente.

— Phoenix, o que diabos você está fazendo? — eu gritei: — Pare com isso!

Patrick ficou de pé novamente, apenas para ser socado pela segunda vez, dividindo tanto o lábio que o sangue escorria pelo seu rosto. Ele não retaliou ou tentou se defender de qualquer forma. Ele apenas ficou lá, em silêncio, enquanto o meu filho bondoso continuava a bater nele uma e outra vez.

Às vezes, Patrick era derrubado no chão, mas cada vez que ele fazia, ele se levantava novamente.

Ninguém os parou, e o único som que podia ser ouvido no lugar cavernoso era o som nojento de carne batendo brutalmente com carne.

Até que, finalmente, felizmente, Patrick não se levantou de seus joelhos.

— Eu confiei em você, — Nix cuspiu finalmente, segurando sua mão sobre a cicatriz da cirurgia em sua barriga. — Porra, eu queria ela com você, e eu não conseguia entender por que ela te manteve à distância. Eu continuei a falar com você mesmo sabendo que isso a incomodava... Eu achei que ela não estava sendo razoável!

— Pare filho, — eu disse, dando um passo a frente para descansar minha mão em seu braço.

Ele me ignorou, quebrando meu coração, e eu virei meu olhar para Patrick.

Eu nunca o tinha visto tão derrotado.

— Eu sei que falhei com você, — disse ele, suas narinas dilatadas, enquanto tentava não chorar. — Meus pecados são grandes, e eu vou queimar por eles. Mas, se você não acreditar em mais nada, acredite que eu te amei mais que tudo. Você era meu santuário. Meu consolo em um mundo enlouquecido. Eu faria de tudo pra voltar no tempo e me certificar de que você não sentiria um momento de dor.

Eu estava muito ocupada olhando em seus olhos quebrados para perceber o movimento antes que fosse tarde demais. Até o momento que eu percebi o que estava acontecendo, ele já tinha entregue uma grande lâmina a Nix.

— Eu não vou parar você, — ele sussurrou para Nix, enquanto eu observava horrorizada. — De um lado a outro, filho. É mais fácil do que você imagina.

Nix levou a lâmina da mão de Patrick quando os homens correram em direção a nós, mas antes que eu pudesse piscar ou os homens pudessem chegar até nós, seu braço estava se movendo.

* * *

— Você sabia que ele não iria fazer isso? — eu disse baixinho, de pé no quarto de Patrick com os braços cruzados sobre o peito.

— Rezei para que ele fizesse.

— Ele estava fora de controle - eu nunca vi meu filho desse jeito antes. Por que você faria isso?

— A maneira fácil, eu acho, — respondeu Patrick quando ele finalmente encontrou meus olhos. — A culpa é pior do que morrer.

No momento em que a lâmina de Patrick tinha sido presa na parede atrás do bar com um baque, os homens tinham chegado onde estávamos. Grease afastou Nix, enquanto eu estava congelado, observando Slider deslizar por baixo do ombro braço de Patrick e puxá-lo de pé. Eu não tinha certeza por isso que deixei Doc me levar suavemente para o quarto de Patrick, mas meus pés instintivamente me carregaram em direção a casca do homem que eu amava sem protestar.

— Eu não tenho sido o melhor homem, — ele sussurrou, seu sotaque, como de costume, muito mais pronunciado em sua tristeza. — Eu tenho feito coisas pelas quais eu vou queimar, matei homens simplesmente porque recebi essa ordem, mas nunca na minha vida pareceu tão errado quanto te deixar na Irlanda. Eu sabia disso antes de eu ir, e eu era muito jovem e estúpido demais para seguir meu instinto para ficar com você.

— Você não poderia ter sabido-

— Não importa, — ele sussurrou entrecortado. — Eu disse a você que eu te ia proteger e não o fiz. Eu sinto muito, me amor. Sinto muito.

— Eu não entendo como você poderia ter me deixado, — eu sussurrei de volta, lágrimas começando a cair pelo meu rosto. — Eu estava tão devastada.

O som que saiu de sua garganta foi o grito mais doloroso que eu já ouvi. Não durou muito tempo, apenas um segundo, mas o som parecia ecoar no quarto.

— Foi minha culpa, tudo isso, — Patrick engasgou, deslizando de joelhos no chão. — E então eu – eu culpei você. Deus me perdoe, eu culpei você.

O observei enquanto ele tentava segurar os soluços, perdido na minha própria miséria, até que ouvi vozes do lado de fora da porta.

— Não entre, — disse Slider.

— É a minha mãe. — oh, merda. Nix estava lá fora. Virei a cabeça para a porta.

— E ela está com o homem dela, não é da sua conta.

— Ele não é o homem dela. Ele é só um idiota que continuou a torturá-la durante trinta fodidos anos. Ela veio aqui para trazer os papéis do divórcio, pelo amor de Deus.

— Ela poderia ter enviado os papéis pelos correios, porra, — Slider respondeu, seu tom indicando que ele estava perdendo a paciência. — Rapaz, você não quer me tentar. Eu vou lançar você para fora antes de perceber o que está acontecendo.

— É melhor ir com seu menino, — disse Patrick baixinho, a voz entrecortada.

Eu me virei para encará-lo, e eu fui atraída para os olhos que eu tinha amado pela maior parte da minha vida. Eu tinha certeza naquele momento que ele estava preparado para fazer exatamente o que eu tinha pedido a ele. Ele estava me deixando ir.

— Eu não sei como.

— Não sabe como o que, meu amor? — ele perguntou suavemente.

— Eu não sei como te amo.

— Amar não significa que você me perdoa, e eu não mereço seu perdão.

Me abaixei para o chão até que estávamos encarando um ao outro, e respirei, estremecendo. — Eu sei que não foi sua culpa, mas Deus, Patrick, você não foi irrepreensível, tampouco. Mas todos esses

anos, eu sabia que o que aconteceu e você não. Você levou a sua vida alegremente, fazendo uma família com Moira e criando sua filha... e eu estava presa. Eu me ressentia muito por isso, por me deixar e passar a vida com a mulher que era a razão pela qual eu estava arruinada.

— Você não está arruinada, — ele respondeu suavemente, mas com firmeza, levantando os dedos na minha bochecha. — Você *não* está arruinada. Você é a mulher mais forte que eu já conheci. Gentil e engraçada e tão linda às vezes dói olhar. Você não foi arruinada, meu amor, apenas se abriu um pouco. Demorou um pouco para você se remendar, mas você conseguiu.

Ele engoliu em seco, correndo os dedos pelo meu queixo. — Você não faz ideia o quanto estou triste por não ter estado lá para te ajudar a encontrar todas as peças suas que você perdeu.

— Eu não acho que eu posso te deixar. — eu murmurei baixinho.

— Eu não mereço que você fique.

— E o que eu mereço?

— Você merece tudo. Você merece tudo que eu te prometi e não te dei.

— Me dê agora. — eu sussurrei, mastigando o interior da minha bochecha.

— Você é a melhor parte de mim. Sabe disso? — seus olhos procuraram meu rosto. — Você é a melhor parte, e isso significa que você ficaria com as piores partes se ficar comigo.

— Você me deixaria de novo?

— Me amor, — disse ele com ternura, — Eu não posso nem imaginar te deixar fora da minha vista novamente. Mas eu vou fazer isso, eu vou assinar esses papéis, se é isso que você quer.

— Eu tenho tantas saudades sua- — minhas palavras cortaram com um soluço doloroso.

— E eu sofri por você. Eu nunca parei, esposa. Nem por um momento.

Eu caí para frente, e ele me pegou.

Ele me pegou.

— Shhh, não chore querida, — ele murmurou em meu ouvido, sua voz cheia de lágrimas. — Estou com você. Eu sei que estou atrasado, me amor, mas eu estou aqui agora.

Capítulo cinquenta e quatro

PATRICK

Me sentei com Amy no chão de cimento velho, me recusando a mover um músculo sequer quando minhas costas começaram a doer e meus pés adormeceram.

Eu não entendia por que ela ainda estava lá, por que ela tinha enrolado contra mim e gritado no meu peito.

Eu era a razão de tudo de ruim em sua vida. Cada mágoa que ela suportou em silêncio caiu *sobre* meus ombros. Eu não sabia se eu poderia suportar o peso disso.

Eu não tinha certeza de como eu iria viver comigo mesmo, sabendo que eu tinha feito e que eu não tinha.

Ela continuou a soluçar enquanto as lágrimas finalmente chegaram ao fim, mas eu tinha medo de dizer uma palavra. Eu uma vez disse a ela que eu não era um escritor porque me faltava o talento para juntar frases com qualquer tipo de eloquência. Esse fato ainda era verdade enquanto eu estava sentado silenciosamente com o amor da minha vida em meus braços, rezando para que ela não fosse me deixar, mas incapaz de pedir a ela para ficar.

— Você já se perguntou como as nossas vidas teriam sido? — ela perguntou timidamente.

— Cada dia da minha vida.

— Eu não sei se eu iria mudá-la, — ela sussurrou.

— Eu amo as nossas crianças, — eu respondi, beijando o topo de sua cabeça. — Mas se eu pudesse voltar atrás, eu nunca te deixaria na Irlanda.

— Então eu não teria Phoenix-

— Você não sabe disso, meu amor. — eu argumentei, puxando-a mais apertado contra o meu corpo. — Ele ainda pode ter existido... apenas um pouco menor e com cabelo vermelho.

— Eu tenho medo, Patrick, — ela confessou.

— De quê?

— Que você vai ir embora novamente. Que meu filho me odeie. Que sua filha me odeie. Que nunca vamos descobrir como resolver isso.

— Isso é um monte de medos.

— Essa é a versão compacta, — ela disse cansada com um encolher de ombros.

— Vamos colocar alguns desses para descansar, sim?

— Seu sotaque desaparece e volta.

— O quê? — a mudança de assunto me assustou.

— Quando você está chateado fica mais grosso, e, então meio que desaparece quando você se acalma.

— Sim. Eu tentei dominar isso por anos. Às vezes eu posso segurar, mas na verdade é mais difícil manter o sotaque de mamãe fora de mim em uma base diária.

— Por que você iria tentar se livrar dele?

— Parecia uma boa ideia quando eu cheguei aqui, e agora é ruim. Não é bom mostrar emoção quando você faz o que eu faço.

— O que exatamente você faz?

— Agora? Principalmente eu fico de olho nos meninos, vendo se está tudo correndo bem. Eu costumava fazer tudo, e nada do que você quer ouvir.

— Malcolm te chamou de algo – O Açougueiro? Algo como isso.

Meu estômago se apertou com o nome, mas eu tentei não mostrar qualquer reação, e tentei com tudo que meu sotaque não vacilasse. Ela precisava se sentir confortável falando sobre isso se isso era o que ela precisava, sem medo de que eu pirasse. — Não é nada que eu esteja orgulhoso.

— Você matou pessoas.

— Sim. Somente homens.

— Homens maus?

— Alguns deles.

— Bons homens?

— Sim.

— Você queria poder voltar atrás?

— Eu não tenho certeza.

Ela assentiu com a cabeça em compreensão, então fiquei em silêncio novamente.

— Eu não vou te deixar. Nunca, — eu disse depois de alguns instantes.

— Você promete?

— Eu não vou prometer, essa palavra tem pouco significado entre nós agora. — eu me inclinei para trás e levantei o rosto para que eu pudesse encontrar seus olhos. — Saiba que nunca deixarei de te amar. O dia que eu te deixar vai ser o dia que eu não estarei mais andando sobre a terra.

— E se eu for primeiro?

— Vou te seguir.

— Você acha que depois de tudo nós podemos realmente fazer isso funcionar?

— Sim.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque eu não vou desistir. Não importa o quanto você esteja com raiva, ou quanto tempo vai levar até que você confie em mim novamente, eu estarei bem aqui, te amando.

Seus olhos e nariz estavam vermelhos e inchados, prova de que ela passou as últimas horas chateada, mas ela sorriu timidamente.

— Eu não posso acreditar que eu disse tudo isso na frente de seus amigos, — disse ela, balançando a cabeça. — Eles devem pensar que eu sou uma lunática.

— Eles não acham nada disso, — argumentei em descrença. — Eles sabem que o que você viveu foi horrível - você falou o que muito deles vivenciaram. Nenhuma vergonha nisso.

Nós ouvimos alguém bater à porta, em seguida, e a voz abafada de Slider dizendo para ir.

Instinto tinha me feito mover Amy de cima de mim quando a porta abriu, e nós dois estávamos em nossos pés antes de eu ver quem era.

— Pai? — eu deveria ter sabido que seria Brenna. Eu não poderia imaginar qualquer outra pessoa ignorando Slider completamente.

Eu ouvi meu presidente gritando quando ele chegou ao fundo do corredor, e Brenna saltou antes de passar pela porta.

— Eu fui ao banheiro por dois fodidos minutos, — disse Slider em pedido de desculpas quando ele parou na porta aberta.

Minha boca se contorceu e eu virei em irritação com a minha filha. — O que vocês precisa, Brenna?

Eu queria ficar sozinho com minha esposa, e eu era uma mistura de frustração e preocupação enquanto eu observava minha filha. Eu sei que ela tinha ouvido tudo, e eu queria explicar, mas depois. Não quando Amy estava em silêncio atrás de mim e eu podia sentir seu nervosismo, como se fosse meu próprio.

— Isso é verdade? O que ela disse - é verdade?

— Fora, Brenna, — Slider rosnou, dando um passo à frente.

— Está bem, Charlie, — Amy argumentou, dando um passo para o lado para que ela pudesse olhar nos olhos de Brenna.

— Você estava dizendo a verdade? — perguntou Brenna, a voz embargada.

Eu estava tão triste. Minha pequena garota olhava como se ela estivesse prestes a chorar, mas a mão de Amy estava tremendo nas minhas costas onde ela agarrou minha camiseta em seu punho.

— O que você está fazendo, baby? — Dragon perguntou quando ele passou por Slider.

Jesus Cristo, todo o fodido clube estaria no meu quarto em breve.

— Eu só- — lágrimas encheram os olhos de Brenna e de repente eu estava grato que Dragon apareceu, porque ele imediatamente a puxou para seu lado e eu não tinha que me afastar de Amy.

— Você está pronta para ir, mãe? — Nix chamou, fazendo Slider jogar suas mãos no ar e ir embora.

Eu não o culpo. Eu desejei ter trancado a maldita porta.

— Eu- — Amy olhou entre Phoenix e eu, e eu sabia o instante em que ela parou de ter medo de decepcionar o menino na frente dela e se tornou sua mãe novamente.

— Sente-se, Phoenix, — disse ela com firmeza, fazendo o seu queixo cair. — Nós vamos precisar de mais cadeiras- — ela olhou ao redor do quarto, — e álcool. Eu preciso de um uísque.

— Eu vou cuidar dela, — Dragon ofereceu, levantando o rosto de Brenna para beijá-la na boca antes de caminhar para fora da porta.

Porra, eu odiava quando ele fazia isso, mas eu mantive minha boca fechada. Eu acho que jamais ficaria confortável com as mãos dele sobre ela, mas eu tinha percebido ao longo do último par de anos que ele adorava Brenna. Eu realmente não poderia pedir mais do que isso.

Nós assistimos um ao outro em silêncio até que Dragon voltou com duas cadeiras, Grease bem atrás dele carregando o uísque e quatro copos.

— Feche a porta antes de sair, — eu pedi quando Grease saiu do quarto.

— Nós sabemos que você tem perguntas, — disse Amy, se sentando cuidadosamente sobre a cama. — E eu entendo, eu faço. Mas, para entender tudo isso, temos que começar do início.

Ela olhou para mim com olhos solenes, e mais uma vez eu vi a garota que eu tinha casado todos esses anos atrás.

A mulher mais linda que eu já vi.

* * *

Amy e eu conversamos durante horas, enquanto as crianças assistiam e ouviam.

Ela falou sobre como foi para ela crescer com pais que não se importam e descreveu o dia em que ela conheceu minha mãe, uma história que eu nunca tinha ouvido antes.

Falei sobre a Irlanda, crescendo com o meu pai desaparecido, e estudar na Universidade.

Nós dois falamos sobre a noite que nos conhecemos e nos poucos meses antes de nos casarmos.

Expliquei como eu tinha sido puxado para lutar por uma causa que eu não tinha certeza se acreditava.

Nós descrevemos o nosso noivado... e nosso casamento - sobre quão jovens e cheios de sonhos tínhamos sido.

Amy descreveu a manhã que meu pai morreu... eu não podia falar após o nó na minha garganta.

Nós falamos sobre o que tinha acontecido tanto do meu ponto de vista e dela... e enquanto discutíamos os anos de diferença, eu acho que nós dois aprendemos sobre coisas que não sabíamos antes.

No momento em que terminamos, a garrafa de uísque tinha ido embora e eu estava esgotado.

— Eu pensei- — Brenna olhou para suas coxas, descansando em cima do colo de Dragon. — Eu acho que eu nunca soube que minha mãe-

— Não, — eu avisei suavemente, me inclinando para frente na borda da cama. — Eu amei sua mãe. Ela me deu você, e ela era uma boa mulher. Mas ela sabia que eu era casado - nunca houve segredos entre nós.

— Ela sabia que você estava apaixonado por outra pessoa? — ela perguntou duvidosamente, arrepiada.

— Você tinha oito anos quando ela morreu, — eu respondi, cansado, tentando encontrar as palavras para deixá-la à vontade. — Suas memórias de nós são as de uma criança. Sim, ela sabia, e ela aceitou.

— Como ela poderia apenas aceitar?

— Ela não estava apaixonada por mim também, — eu respondi, levantando as palmas para cima.

Brenna ficou em silêncio, em seguida, e eu virei meus olhos para Nix. Ele estava sentado perto da porta, com os braços cruzados sobre o peito. Seus dedos estavam crus e rasgados, e pela primeira vez desde

que ele entrou no meu quarto, eu me perguntava como meu rosto parecia.

— Você tem alguma dúvida, Phoenix? — Amy perguntou calmamente. Parecia que quanto mais falávamos, mais auto confiança ela tinha. Era uma parte tão inata dela. Eu odiava que isso ia e voltava, e eu odiava ainda mais que eu tinha sido cego demais para perceber isso. A força da mulher era incrível, mesmo quando ela ruía.

— Eu sou o produto de estupro, — ele respondeu calmamente. — Eu não tenho certeza do que eu deveria dizer a isso.

— Não se atreva a dizer isso de novo, — ela respondeu asperamente, fazendo-o parecer surpreso. — *Você* me salvou, Phoenix Robert Gallagher. Se você não tivesse aparecido, eu estaria morta.

Meu estômago se apertou até o ponto de dor em suas palavras, a memória de seus olhos assombrados e a cabeça raspada como uma faca perfurando meu intestino.

— Eu não entendo como você pode até olhar para mim, — ele murmurou, limpando a mão pelo rosto.

Amy se levantou, os ombros retos e a mandíbula apertada.

— Quando eu olho para você, — disse ela suavemente, andando para frente para pegar o rosto de Nix em suas mãos, — Eu vejo a minha salvação. Eu vejo o rapaz que olhou para mim *como* se eu fosse o milagre. Eu vejo a razão de eu ter sido capaz de continuar a viver e o único propósito da minha vida. Você, meu filho, não é um produto de qualquer coisa, além da misericórdia de Deus a uma menina quebrada que precisava de algo para segurar.

Ele chorou, então, apenas uma vez, e eu desviei o olhar para lhe dar um pouco de privacidade. Não era o meu lugar se intrometer entre eles, e quando olhei para Brenna, eu a vi chorando baixinho no pescoço de Dragon. Ele estava esfregando suas costas suavemente, mas sua mandíbula estava cerrada, enquanto olhava para a parede.

Amy e Nix sussurraram por mais alguns minutos antes que ele se levantasse e a pegasse nos braços. Ele a segurou delicadamente, e pela primeira vez eu tive um vislumbre da forma como ele a tratava quando eram apenas os dois. Eu sabia que isso veio de Amy e do jeito que ela o tinha criado - mas isso tinha muito a ver com o homem que Nix era também, amoroso. Ele realmente amava sua mãe, não só isso, ele *gostava* dela, e ele estava disposto a se levantar por ela, não importa

as consequências. Cristo, ele tinha batido no vice presidente dos Aces Motorcycle Club dentro da porra do clube.

— Eu vou voltar amanhã, — disse ele, quando ele soltou sua mãe. Ele virou para mim então, e olhou atentamente para o meu rosto em satisfação. — Eu não estou arrependido de ter batido em você, você mereceu.

— Sim, — eu respondi com um aceno de cabeça, de pé.

— Eu não entendo tudo isso. — ele acenou com o braço ao redor do quarto. — Mas eu estou disposto a manter minha boca fechada. Ela ama você. Ainda. Depois de tudo. E eu sei que você a ama, eu conheço ele desde que eu tinha dezesseis anos.

Eu abri minha boca para falar, mas ele balançou a cabeça. — Conversaremos amanhã. Eu preciso - eu só preciso sair daqui por um tempo.

— Você está bem para dirigir? — eu perguntei antes que eu pudesse me parar. Merda, ele não queria que eu me preocupasse com ele, e eu estava andando em gelo muito fino.

Sua boca se contorceu em um quase sorriso e acenou com a cabeça antes de caminhar para fora do quarto.

— Nós vamos sair também, — Dragon disse, empurrando Brenna para seus pés. Fiquei contente de ver que ela tinha posto as lágrimas sob controle porque eu estava mal como estava.

— Eu sinto muito por tudo o que você passou, — disse Brenna amavelmente para Amy, dando um passo a frente. — E eu quero que você saiba que eu me lembro do que você fez por mim.

Amy assentiu, engolindo duramente.

— Você não tinha que fazer isso, mas você fez. Você me ajudou a escapar. — Brenna balançou a cabeça. — Você nunca vai saber o quanto isso significa para mim. Eu não sei se eu teria feito o mesmo.

— Você teria, — Amy respondeu com convicção. — Se o homem que você amasse tivesse um filho, você faria qualquer coisa para protegê-lo.

— Mas eu fui a razão-

— Você não foi a razão para qualquer coisa, querida, — Amy interrompeu. — Eu não vou mentir e dizer que eu não me ressinto por

você - eu me ressenti. Mas eu percebi que culpar uma pessoa por ter nascido é estúpido. Isso é como culpar o sol por brilhar durante uma ressaca.

Brenna engasgou uma risada surpresa. — Obrigada.

— De nada.

Brenna veio para mim, e eu não podia acreditar no sentimento de alívio que senti quando eu a segurei em meus braços. Eu estava com medo de que uma vez que ela soubesse de tudo, ela me odiaria. Eu não era o herói que ela acreditou que eu era quando criança - eu era um homem, e não um bom.

— Eu sinto muito por tudo o que você passou, — disse ela novamente, desta vez em meu ouvido.

— Não, eu-

— Você pode não ter passado por isso, mas eu sei que você vai ficar com um monte de culpa... provavelmente pelo resto de sua vida. Se algo acontecesse com Dragon, eu não sei como eu iria lidar. — seus braços apertaram ao redor da minha cintura. — Eu te amo, Pai, e eu sinto muito que você teve que viver durante trinta anos sem a mulher que você ama. O pensamento de estar sem Dragon me mata, eu não posso nem imaginar o que deve ter sido pra você.

— Eu te amo também, menina, — eu sussurrei, engolindo o caroço se formando na minha garganta.

Eu senti vontade de chorar mais vezes nas últimas seis horas do que eu tinha em vinte anos.

Eu entendi que todos fizeram escolhas que eles mais tarde se arrependeram, alguns grandes e alguns pequenos. Era humano entender isso errado, não perceber, até que fosse tarde demais. Mas eu não sabia como conciliar isso com as decisões que eu tinha feito.

— Eu não vou dormir nesses lençóis, — Amy me disse em voz baixa, depois que todos tinham ido embora. — Elas cheiram a suor.

Meus ombros caíram enquanto eu me lembrava da cena que ela tinha encontrado quando ela chegou. Cristo, eu não poderia fazer nada direito.

— Eu não fodi com ela, — eu respondi, fazendo Amy recuar.

— Já passou, não é? — ela suspirou, olhando ao redor do quarto. — Mas se isso acontecer-

— É claro que não-

— Eu vou deixar você, Patrick. — ela disse solenemente. — Eu não aguento mais. Eu não posso.

Eu dei um passo para frente e empurrei os lençóis e cobertores da cama, rolando-os em uma bola e jogando no corredor. Eu pediria que um prospecto lavasse na parte da manhã... ou queimasse.

— Eu não quero ninguém além de você, — eu disse a ela, puxando duas das colchas que minha mãe tinha feito de um armário contra a parede e colocando-os estendidos na cama. Fiz uma pausa, de repente com vergonha de que eu não tinha um lugar melhor para ela dormir. — Juro por Deus, Amy! Eu não quero ninguém mais.

Ela assentiu com a cabeça e baixou a saia por seus quadris, fazendo minha respiração travar na minha garganta. Suas pernas eram longas e fortes, e ela usava as mesmas calcinhas que ela tinha usado da última vez que a vi.

— Me desculpe não ter um lugar melhor para você dormir, — eu murmurei, apertando meu queixo enquanto ela subia entre as colchas. — Eu vou encontrar um lugar-

— Está bom, baby, — ela respondeu, relaxando na cama.

Baby.

Meu peito ficou tão apertado enquanto ela me observava que eu não conseguia respirar. Ela estava na minha cama. Eu não merecia que ela sequer olhasse na minha direção na rua, e lá estava ela, na minha cama.

— Vá se limpar, Patrick, — disse ela suavemente enquanto eu estava parado lá, olhando. — Você tem sangue em cima de você.

— Sim, — eu murmurei, meu olhar vagando pelo quarto sem expressão.

— Banheiro, — ela me lembrou. — Da próxima vez, eu vou te ajudar... dessa vez você faz sozinho.

Eu tropecei para o banheiro e, finalmente, cedi à náusea que se recusava a se acalmar. Eu tinha estado engolindo repetidamente pelo

que pareceram horas, incapaz de controlar meu corpo, me recusando a reconhecer a agitação no meu estômago. Eu já não podia fazer isso.

Eu vomitei e vomitei até que nada foi deixado, e então eu vomitei um pouco mais, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Eu era tão confiante quando eu tinha deixado a Irlanda, tão incrivelmente arrogante em minha suposição de que meus pecados não iriam chegar até nós. Eu tinha assumido que eu estaria seguro, sem nunca imaginar que, nos poucos dias entre as nossas partidas, Amy seria a única a pagar pelos meus erros... eu me odiava por isso.

Os detalhes do ataque de Amy e a memória do tamanho de Malcolm em comparação com seu pequeno corpo me deixou puto, e antes que eu sequer terminasse de vomitar, eu tinha me levantado.

Meu punho atravessou o espelho e quebrou a porta do chuveiro.

Eu chutei através das portas do armário frágeis entre a pia.

Eu rasguei o assento do vaso e o joguei através da janela pequena.

— Poet! — Slider gritou através da porta, me tirando da minha neblina. — Seu estúpido filho da puta, você está incomodando todo mundo. Você vai morrer de um ataque cardíaco, se você não se acalmar, seu velho fodido!

Meu peito arfava quando eu abri a porta, e os olhos de Slider se arregalaram quando ele deu um bom olhar na destruição que eu tinha causado. — Precisava reformar, de qualquer maneira, — disse ele calmamente, estendendo a mão para agarrar meu braço e me levar para o seu quarto. — Você pode usar o nosso chuveiro. Vera nem vai perceber.

— Eu não sei o que fazer, — eu confessei, olhando para o chão quando chegamos à porta do quarto.

— Se recomponha e cuide de sua mulher, seu estúpido, — ele respondeu com firmeza. — Isto não é sobre você. Isto é sobre Amy. Então se certifique de que ela tenha o que ela precisa. O resto vai se resolver.

— Como eu sei o que ela precisa, cara? Eu fodi tanto, eu acho-

— Pare de pensar nisso, você está agindo como um idiota. — ele balançou a cabeça e se encostou à parede. — Você se lembra quando a mãe de Farrah veio e a levou para longe de nós?

— Não é-

— Não é a mesma coisa, com certeza, você está certo sobre isso. — ele coçou o queixo e olhou para longe de mim. — Minha mulher passou por um tipo diferente de dor, mas dor é dor. Pílulas e bebidas até que eu a encontrei desmaiada no corredor... Como se ela tivesse acabado de chegar ao seu limite e caiu no chão. Bati no quarto até que eu tive que arrombar a porta com um maldito machado para que ela não morresse lá sozinha. Porra, eu não sabia o que fazer. Eu finalmente percebi, porém, que eu não precisava fazer qualquer coisa, cara.

— Eu não sabia, — eu murmurei, balançando a cabeça. — Moira nunca disse nada sobre Malcolm, nenhuma palavra. Todos esses anos e eu não sabia o que ele tinha feito com Amy por minha causa. Ele a torturou, Charlie.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, irmão, — disse Slider, se afastando da parede para parar na minha frente. — Malcolm era um doente. Não é sua culpa. Você foi o catalisador, e eu sei que isso te mata - e eu entendo, eu realmente entendo. Mas você fez o que achava melhor no momento, e você não pode voltar atrás e mudar isso. É o que você fazer agora o que importa, entendeu?

— Sim, — eu respondi com um aceno de cabeça, não concordando com qualquer coisa, mas cansado demais para discutir.

— Agora, irmão, você precisa tomar um banho e voltar com sua mulher. — ele me deu um tapa nas costas e eu fiz uma careta quando minhas costelas protestaram. — olhos longe da cama, Vera está nua.

O segui em seu banheiro e pulei no chuveiro, lavando o sangue da minha barba e cabelo. Graças a Deus eu tinha uma alta tolerância para a dor ou havia uma boa chance de as últimas horas terem sido muito diferente. Era uma maravilha que eu ainda estava acordado e em funcionamento.

Eu tinha uma pequena ferida na parte de trás da minha cabeça onde eu devo ter batido em uma mesa, meus lábios estavam inchados, havia um pequeno corte na minha bochecha e um na ponta do meu nariz, e eu sabia com certeza que uma das minha costelas estavam machucadas, se não quebrada.

Phoenix tinha chutado a minha bunda.

Bom menino.

Depois que eu terminei, eu caminhei calmamente de volta para fora do quarto deles sem ver as bundas nuas de Slider ou de Vera, não que eu não tivesse visto antes em diferentes ocasiões ao longo dos anos. Viver tão perto com as pessoas, especialmente pessoas bêbadas, significava que você via com bastante regularidade coisas que você preferiria não ver.

Quando finalmente alcancei a porta para o meu quarto, eu vi que Amy tinha ido em direção à parede, me deixando o espaço no lado de cá da cama. Pelo menos, eu pensei que era isso o que ela tinha feito. Ela estava dormindo e as linhas de tensão em torno da sua boca e olhos finalmente se suavizaram.

Eu queria pegá-la e abraçá-la, me lembrando que ela estava lá comigo, que estava a salva, mas não o fiz.

Eu sabia como ela estava exausta, e se ela era capaz de dormir, eu não iria interferir. Ela reviveu os piores e melhores partes de sua vida toda em um par de horas. Ela merecia o alívio.

Vesti um par de calças de moletom que eu não tinha usado em quinze anos, e me sentei no chão com as costas contra o lado da cama. Eu não seria capaz de dormir naquela noite.

Em vez disso, minha mente derivou por mais de trinta anos de memórias. Não tinha sido de todo ruim, não mesmo, mas eu não podia ver como as boas lembranças jamais poderiam ofuscar as más.

Eu inclinei minha cabeça para trás contra a cama e olhei fixamente para o teto.

Capítulo cinquenta e cinco

AMY

Acordei desorientada, mas quente, e fiquei surpresa ao ver nada, além da cabeça de Patrick descansando ao meu lado na cama.

As últimos vinte e quatro horas tinham me testado de maneiras que eu não entendia. Eu assisti quando eu destruí Patrick com o mesmo veneno que tinha estado pulsando através de mim por anos, eu tive que dizer a meu filho a verdade de seu nascimento - algo que eu tinha planejado levar para o túmulo - e então eu observei como Patrick tinha dito a nossos filhos a sua parte em todas as coisas horríveis que aconteceram há tanto tempo, sabendo que eles poderiam odiá-lo por isso.

Era como se as coisas tivessem feito um círculo completo quando nós nos sentamos no quarto com nossos filhos na noite anterior – como se fosse lá que estávamos destinados a estar.

Eu queria que esse fosse o nosso futuro com um fervor que senti em meus ossos e uma sensação calma de aceitação. Eu estava finalmente no lugar exato que eu era suposta estar.

Eu relaxei de volta no travesseiro e estendi a mão para correr meus dedos sobre seu cabelo macio. Tinha passado tanto tempo, e ele não tinha escovado de volta em um rabo de cavalo antes de adormecer, então estava tudo ao redor de sua cabeça sobre a colcha.

— Ei, querida, — disse ele em voz baixa, mantendo a cabeça onde eu poderia alcançá-lo.

— Por que você está no chão? — perguntei, igualmente tranquila.

Era cedo, o sol mal brilhando através da cortina que cobria sua janela, e o resto do clube ainda estava dormindo, fazendo parte da manhã silenciosa em torno de nós.

— Não consegui dormir, não sabia se você me queria aí com você.

— Eu quero.

Sua cabeça balançou ligeiramente. — Não tinha como me deitar ao seu lado na noite passada. Muitos demônios para levar para a cama com você.

— Você vai ter que superar isso, — eu repreendi, arranhando minhas unhas sobre seu couro cabeludo suavemente. — Eu não vou dormir sozinha de novo.

Seu corpo, em seguida, se virou, e eu dei uma boa olhada em seu rosto. Ele nunca antes pareceu velho para mim, mas ele parecia naquele momento. Seus olhos estavam vermelhos, e suas bochechas e lábios ainda inchados, escondidos parcialmente por uma barba selvagem que ele deveria ter estado esfregando a noite inteira. Notei pela primeira vez que um pedaço do cabelo abaixo de seu lábio inferior tinha virado loiro, quase branco, e foi um lembrete gritante de quanto tempo tínhamos perdido.

— Tem certeza? — perguntou ele, procurando meus olhos. — Da última vez... Amy, você chorou, meu amor.

— Eu estava sobrecarregada e exausta, Patrick, eu prometo que não era nada mais do que isso. Eu já vivi muito tempo sem você, — eu respondi, agarrando sua mão para puxá-lo para a cama comigo. — Eu não quero ficar sem você outro dia.

— Obrigado Deus, — disse ele asperamente, me puxando contra ele e pressionando seu rosto em minha garganta.

— Me desculpe ter coberto minha tatuagem, — eu disse depois de alguns momentos de silêncio. — Foi à coisa mais difícil que eu já fiz. Eu chorei o tempo todo.

— Você viu com o que ele cobriu? — ele perguntou, sua voz cheia de diversão suprimida.

— Não até que ele terminou, — confessei timidamente: — Eu realmente não ligava para o que ele fizesse, o importante era ele cobrir.

— Seu tatuador tem um senso de humor.

— Por quê? — eu perguntei, levantando minha mão para que eu pudesse olhar para a tatuagem. Eu mal olhei para isso, uma vez que terminei, escolhendo cobrir com a pomada sem olhar.

— Ele cobriu com um anel Claddagh[6], meu amor, — ele respondeu com um grunhido. — Poderia muito bem ter ficado com a anterior.

— Filho da puta.

— Só você mesmo para cobrir uma tatuagem de amor com outra igual, — disse ele com um sorriso, se inclinando até que nossos rostos estavam no mesmo nível.

— Eu não posso acreditar que ele fez isso. Que um idiota!

— Você vai ficar muito brava com isso? — ele perguntou, surpreso.

— Não, não realmente. — meu rosto aqueceu pelo jeito que ele estava olhando para mim.

Como se eu fosse a melhor coisa que ele já tinha visto.

— Eu não quero estar longe de você, nem mesmo por um momento, — disse ele seriamente. — Se você sente o mesmo, precisamos fazer planos-

— Eu vou me mudar para cá, — eu disse imediatamente, fazendo sua cabeça se virar em surpresa.

— O quê?

— Nix é a única coisa que eu tenho em Portland, e ele já vem para cá te visitar. Ele pode fazer o mesmo por mim.

— Mas você tem a loja.

— Eu vou vender. Merda, Patrick, as pessoas fazem ioga em toda parte, não apenas em Portland.

— Você tem certeza?

— Eu não quero estar longe de você, nem mesmo por um momento. — eu ecoei suas palavras.

— Eu te amo mais do que você imagina, — ele sussurrou, deixando cair sua testa na minha com um suspiro trêmulo.

— Me beije, marido, — eu sussurrei de volta, sorrindo contra seus lábios enquanto ele gemia.

---

[6] É um anel tradicional irlandês que representa o amor, lealdade e amizade.

Epílogo

AMY

Dois meses mais tarde

— Sua bunda vai me matar, — Patrick gemeu, apertando a minha bunda em suas palmas quando ele deslizou em mim por trás. — Se agarre na cabeceira.

Eu gemia quando estendi a mão e agarrei a cabeceira da cama de carvalho pesada que eu tinha pego no dia anterior.

Patrick tinha comprado uma casa menos de uma semana depois que eu tinha concordado em me mudar para Eugene e tinha começado a transformar isso num lar enquanto eu embalava meu antigo apartamento e vendia meu negócio de ioga para Kali. Nós levamos o nosso tempo, passando as nossas noites entre ambos os lugares, até o dia antes, quando eu finalmente entreguei as chaves, tanto da loja quanto meu apartamento.

Nós não passamos sequer uma noite separados, e eu não tinha lamentado.

— Está ficando cansado, velho? — eu perguntei sem fôlego, enquanto Patrick se curvava e sua mão bateu na cabeceira da cama acima da minha.

— Eu nunca vou estar cansado demais para te foder, — ele engasgou, agarrando meu cabelo para virar suavemente meu rosto na direção dele. Seus quadris empurraram duramente e minhas costas arquearam ainda mais.

— Linda, — ele murmurou contra meus lábios antes de soltar e deslizar a mão pelo meu torso. — Vai ficar ainda mais bonita em apenas um momento...

Seus dedos encontraram meu clitóris suavemente, quase esfregando contra os nervos que estavam tão além do ponto de

sensibilidade que era quase doloroso. Depois de alguns golpes, no entanto, eles dispararam de volta à vida, e eu estava rolando meus quadris contra sua mão.

Não demorou muito antes do meu corpo ficar tenso, então estremeci quando eu gozei ao redor dele.

— Linda, — ele sussurrou em meu ouvido, passando a mão pelo meu corpo de volta até que seus dois dedos encontraram os meus lábios. — Chupe.

Ele rosnou quando eu levei os dedos na minha boca, e seus quadris começaram a empurrar quando ele me seguiu.

Nós desabamos sobre a cama em um monte suado, e eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. Mesmo depois de todos esses anos.

— Eu posso não estar velho demais para te foder, mas você ai ter que fazer todo o trabalho a partir de agora, — ele engasgou e começou a rir.

— Boa sorte com isso, — retruquei, batendo no seu peito com a palma da minha mão antes de me arrastar para fora da cama.

— Aonde você vai?

— Eu preciso limpar e me preparar. Todo mundo vai estar aqui em duas horas. — eu entrei no banheiro conectado ao nosso quarto e me olhei no espelho.

— Nix ainda está pensando em vir? — ele perguntou com cautela.

Meu coração se apertou no tom de sua voz, e eu respirei fundo contra a minha irritação com o meu filho. Mesmo meses depois, Nix ainda estava tendo dificuldade com tudo o que tinha ouvido. Ele me visitou e tentou agir como se tudo estivesse bem, mas não estava. Ele havia rompido com Mat por algum motivo ridículo, ele estava malhando tanto que parecia que ele iria explodir cada camisa que ele usava, e ele ainda tinha dificuldade de estar na mesma sala que Patrick.

Me matou ver como os olhos de Patrick se iluminavam com a visão de meu filho, então lentamente esmaecia quanto mais tempo eles estavam juntos.

Eu tinha que ter fé que iria ficar melhor. Eu precisava.

— Ele disse que ele vai estar aqui, — eu confirmei, olhando para mim mesmo no espelho.

Meus dreadlocks tinham crescido e eu precisava ajustar, mas quanto mais eu olhava para eles, menos que eu queria continuar com eles. As mãos de Patrick estavam sempre em meu cabelo, e ele não parecia se importar com o fato de que ele não podia correr os dedos por ele, mas de repente *eu me importava.*

— O que você fazendo tão quieta aí? — perguntou o meu marido, dando um passo atrás de mim.

— Você sabia que Leo colocou um destes, — eu peguei um e balancei, — na boca no outro dia e eu nem sequer percebi até que estava encharcado?

— Essa menino coloca qualquer coisa na boca, — ele respondeu com uma risada, envolvendo os braços em volta da minha cintura

— Eu quero cortar, — eu anunciei, encontrando seus olhos no espelho.

— O quê?

— Você tem máquina?

— O quê?

— Patrick, preste atenção! — ele estava olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— Sim, eu tenho - não que eu já tenha usado.

— Nós vamos ter que cortar primeiro, — eu disse calmamente, mastigando o interior da minha bochecha.

— Eu tenho aqueles cortadores de jardinagem para as rosas lá da frente[7], — ele me informou calmamente. Ele sabia sobre a minha aversão à tesoura e tinha jogado fora cada uma que ele tinha.

— Pegue ela.



[7] Gente, é isso mesmo. Kkkk

Me sentei no banheiro enquanto ele trazia tudo, tentando acalmar meus nervos. Era apenas cabelo. Era apenas cabelo e eu tinha começado a odiar o quão pesado era. Eu queria que ele desaparecesse.

— Você tem certeza? — Patrick perguntou quando ele colocou o aparador de barba elétrico e o cortador no balcão.

— Sim, eu tenho certeza, — eu respondi com mais confiança do que eu sentia. — Consegue fazer isso?

— Eu não sei-

— Por favor, Patrick.

Ele balançou a cabeça, sua mandíbula apertada, quando ele se inclinou para me beijar.

— Eu só vou cortar primeiro, tudo bem? — ele perguntou nervosamente, — Depois usaremos o barbeador.

Seu nervosismo teve o efeito oposto em mim, acalmando os meus próprios nervos. — Faça isso, — eu pedi.

Me sentei reta enquanto ele cortava os dreadlocks, não encostando na minha cabeça. O fato de que ele era muito cuidadoso para não trazer de volta algumas memórias me acalmaram ainda mais quando ele se moveu sobre a minha cabeça.

— Pronto, você quer dar uma olhada antes de eu-

— Não, — eu interrompi, segurando minhas mãos firmemente no meu colo. — Não, apenas faça isso.

Ele se inclinou e puxou meu queixo para cima com os dedos, me beijando com uma intensidade que fez o coração disparar no peito. — Quase pronto, meu amor, — ele murmurou em minha boca.

O aparador de barba fez um zumbido quando ele ligou, e eu fechei os olhos com força quando eu senti tocar meu cabelo curto. Depois disso, o ruído se tornou quase calmante, e meu corpo relaxou antes dele terminar.

— Pronto, — Patrick me disse com a voz rouca, limpando a garganta.

Olhei para cima para ver lágrimas em seus olhos, mas eu não as mencionei. Ele estava tentando agir normal, e se eu dissesse alguma coisa sobre isso, eu sabia que iria tornar isso pior.

Me levantei do banheiro e entrei na frente do espelho. A visão que encontrou meus olhos fizeram um soluço sair da minha garganta.

— Sinto muito, — disse Patrick calmamente.

— Eu pedi para você fazer isso, — eu respondi, sentindo os fios curtos na minha cabeça. — Eu deveria ter esperado até depois do churrasco... todo mundo vai olhar.

O barulho começou de novo, e eu me virei em surpresa quando ele passou o aparador em sua mandíbula, estremecendo quando acertou o cabelo longo, mas não parou até que ele tirou todo o cabelo.

— Que porra é essa? — perguntei, meu queixo caído.

— Você vai ter que fazer o meu agora, não é? — ele respondeu com um pequeno sorriso.

— Você é doido.

— Aonde você vai, eu vou, — ele respondeu sério.

* * *

— Puta merda, pai! Que diabos você fez com seu cabelo? — Brenna gritou enquanto ela trazia sua família para a casa.

— Vovó também! — Trix gritou. — Eu quero *cortar* meu cabelo!

— Não vai acontecer, — disse Dragon rispidamente quando ele passou por Brenna para me dar um abraço. — Parece bom, — ele murmurou em meu ouvido antes de soltar.

— Uau, vocês dois, — disse Brenna, olhando entre nós.

— Foi sem querer, — disse Patrick com um sorriso, sua sugestão fazer Brenna fingir surpresa.

— Vovó, eu quero ir para a piscina, — Trix disse, envolvendo seu braço em volta da minha perna. — Podemos ir na piscina?

— Vamos comer primeiro, certo?

Todo o seu corpo caiu até que minha perna estava segurando seu peso e eu não poderia evitar a risada que me escapou.

— Vovó, hein? — perguntei a Brenna quando ela se inclinou para me abraçar.

— Espero que esteja tudo bem.

— Está perfeito.

— Não se preocupem, a festa chegou! — Farrah gritou à medida que mais pessoas entravam na casa. Seu rosto mostrou surpresa quando ela deu uma boa olhada em mim, então ela inclinou a cabeça. — Maneiro.

— Obrigada.

— Puta merda, Poet! — ela engasgou quando ela olhou pra ele.

— Desculpe, nós ainda estamos trabalhando em palavras apropriadas, — Casper resmungou, cobrindo a boca de Farrah com a mão. — Cuidado com as crianças, Joaninha. Cam! Cuide de sua irmã, cara, ela está tentando comer a planta!

— Eu vou pegar ela, — Callie respondeu, pegando Cecilia com o braço livre, a outra segurando um bebê em um cobertor verde claro.

— Toda a comida está lá fora, — eu gritei por causa do barulho de crianças e adultos falando sobre uns aos outros como se eles não se vissem em anos em vez de horas.

Eles andaram como uma horda em direção a parte de trás da casa, exceto por uma pessoa que eu vim a conhecer muito bem nos últimos dois meses.

— Obrigada por ter vindo, Rose, — eu disse com um sorriso quando ela chegou até mim, segurando uma bandeja com algum tipo de salada em suas mãos. — Você não precisava trazer nada.

— É rude comer sua comida e não contribuir, — disse ela com um sorriso antes de seu rosto ficar sério novamente. — Você está bonita.

— Obrigada, — eu respondi, auto consciente, correndo minha mão sobre meu cabelo.

— Não é o cabelo, — disse ela, estendendo a mão para agarrar a minha mão e apertar. — É seu rosto.

Ela passou por mim com um sorriso, e eu me virei de volta para a porta da frente onde o meu filho tinha acabado de passar.

— Ei, garoto, — eu chamei, caminhando em direção a ele.

— Ei, mamãe. O lugar parece bom, — disse ele com um sorriso, se inclinando para me abraçar. — Trouxe uma coisa.

Ele me entregou um presente embrulhado, e eu olhei para ele com surpresa. — Você não tem que me trazer nada.

— Eu acho que você vai gostar, — respondeu ele com um sorriso. — Ei, Trick, bom te ver.

Eu os observei apertar as mãos, e senti uma enorme sensação de alívio ao ver a expressão aberta de Nix. Não era a mesma de antes, mas eles chegariam lá um dia.

— E aí? — perguntou Nix, se virando para mim. — Abra.

Eu abri o embrulho, então se atrapalhou, quase soltando quando eu percebi o que ele segurava.

— Eu acho que é único, — explicou Nix. — Eu o encontrei nas coisas de Vovó cerca de um ano depois que ela morreu e eu guardei. Você sabe, apenas no caso de você o encontrar e-

— Você fez bem, cara, — disse Patrick suavemente, estendendo a mão para abraçar Nix firmemente. — Muito bem.

Fiquei olhando para a foto minha e de Patrick no dia do nosso casamento, e eu não conseguia parar as lágrimas que atingiram meus olhos.

Éramos tão jovens.

Felizes.

— Obrigada, meu filho, — disse eu, finalmente desviando o olhar da foto. — Isso é incrível.

— De nada, — ele respondeu com um sorriso largo, obviamente orgulhoso de si mesmo. — Grease está aqui? Eu queria ver se ele podia dar uma olhada na minha moto enquanto eu estou aqui.

— Sim, ele está lá atrás. Você vai ficar a noite?

— Provavelmente na casa de Grease e Callie.

— Oh, tudo bem.

Com outro sorriso, ele nos deixou, e eu andei até a janela de frente para o quintal para vê-lo dizer olá a todos. Ele estava tão confortável no grupo, como se ele conhece todos eles desde que nasceu.

— Boa foto, — Patrick murmurou, parando atrás de mim e envolvendo os braços em volta da minha cintura.

— Boa foto, — eu concordei.

— Vamos comer alguma coisa?

— Não, vamos ficar aqui por um segundo, tudo bem, baby?

— Tudo bem, meu amor.

Ficamos ali e assisti a nossa família por mais algum tempo, conversando e rindo e provocando um ao outro. As crianças corriam como loucas, gritando, e Rose se sentou ao lado, um pequeno sorriso em seu rosto.

Sem pensar, ele me deu exatamente o que ele tinha prometido.

Quatro meninos.

Uma pequena casa com um jardim.

Tudo que eu sempre quis.